

Concurso Literário
Felippe D' Oliveira

CONTO, CRÔNICA E POESIA

XXXVI
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA
CONTO, CRÔNICA E POESIA

SMC/Biblioteca Pública Municipal Henrique Bastide, 2016

Coordenadora de Eventos: Rosangela Beatriz Rechia
Bibliotecária: Fernanda da Silva Santos

Comissão Organizadora do Concurso

Secretaria de Município da Cultura
Secretária Marília Chartune Teixeira

Projeto Gráfico e diagramação

Jorge Ubiratã da Silva Lopes – Byrata

Capa

Ilustração: Marília Chartune Teixeira/ Arte final:Byrata

Revisão

Aristilda Rechia e Ana Rita Bandeira Marchesan

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C744 Concurso Literário Felipe D'Oliveira : conto, crônica e poesia - Premiados 2013, 2014, 2015 e 2016 / Organizadora Rosângela Beatriz Rechia. – Santa Maria : Imprensa Universitária / UFSM, 2017.

394 p. ; 14 x 21cm: il.

ISBN : 978-85-66929-07-2

1. Literatura Brasileira. 2 . Conto. 3 . Crônica. 4. Poesia. I. Rechia, Rosângela Beatriz. II.Título.

CDU 821.134.3(81)

CDD 869.9

Ficha Catalográfica elaborada por Fernanda da Silva Santos CRB10/2189
Biblioteca Pública Municipal Henrique Bastide - Santa Maria

Edição e Impressão
Imprensa Universitária - UFSM

Rosangela Beatriz Rechia
(Org.)

Concurso Literário
Felippe D'Oliveira

CONTO, CRÔNICA E POESIA

PREMIADOS
2013-2014-2015-2016

Prefeitura Municipal de Santa Maria
Biblioteca Pública Municipal Henrique Bastide
Santa Maria - RS - 2017



CICATRIZES NAS ÁRVORES

_ Não importa o que foi.
Não importa o que será.
Fixa a imagem do teu instante
na superfície ou no coração da vida
e esquece o tempo.
Embora ao nascer contenha todo o teu universo,
a tua verdade desta hora
não corresponde à tua verdade da hora
vindoura.

Ele fez uma pausa
e continuou:

Vive a tua hora
como se gravasses o teu nome
na epiderme de um tronco novo.
Mas não voltes mais tarde para junto dessa
árvore,
porque podes não reconhecer o teu nome
nas cicatrizes das velhas letras.

Ele calou, com ar sublime dos que ainda
definem e aconselham
e eu não falei,
por achar inútil revelar-lhe
que a culpa é apenas da árvore.

Felippe D'Oliveira

Sumário

Prefácio/Rosângela Beatriz Rechia	11
Um novo mundo pede passagem	13
Os 40 anos do Concurso Felipe D'Oliveira	15
Agradecimento aos participantes	16
2013 - 36ª Edição/Poesia	19
Julia Parreira Zuza Andrade - Diário Selvagem da Beleza - Belo Horizonte / MG/ 1º Lugar	23
Eder Rodrigues - Caixa de Costuras - Pouso Alegre / MG/ 2º Lugar	25
Jorge Luiz Lewzi de Souza - Desertos - Juiz de Fora / MG/ 3º Lugar	26
Marcelo Melo Soriano - Noite Adentro - Santa Maria/ RS/ Incentivo local	28
André Telucazu Kondo - Pequenas Poesias - Jundiáí / SP/ 1ª Menção	29
Marco Antonio Furtado Gemaque - A Fome como método interminável dentro da gente - Belém/ PA/ -2ª Menção	30
Flávio Augusto Lanzarini de Carvalho - Ah, Essa Felicidade - Rio de Janeiro/ RJ/ 3ª Menção	31
36ª Edição Crônica	33
Doralino Souza da Rosa - O Sono dos Anjos - Igreja/RS/ 1º Lugar	35
Elias Araujo - Felicidade Transgressora - Américo Bras/ SP/ 2º Lugar	38
André Telucazu Kondo - Ler América - Jundiáí/SP/ 3º Lugar	41
Paulo Ney Chaves Horvath - Eterna Chocadeira - Santa Maria / RS/ Incentivo Local	45
Alessandro Soares - Morrer de Amor -Florianópolis/SC/ 1ª Menção	47
Mauro Martiniano de Oliveira - Trem de Passageiros - São Paulo/ SP/ 2ª Menção	49
Lilian Almeida de Oliveira Lima - Lamento pelo Elogio da Força - Porto Alegre/ RS/ 3ª Menção	53
36ª Edição Conto	57
Marcelo Melo Soriano - A Morte Alquímica do Senhor X - Santa Maria/ RS - 1º Lugar	59
Jair Lisboa dos Santos - Olho por Olho, Dente por Dente - Rio de Janeiro/RJ- 2º Lugar	70
Clarisse Ferreira de Souza - Sinfonia de Silêncio - Santa Izabel /PA - 3º Lugar ..	74
Fábio Antônio Dias Leal - O Orbe Sobre a Grama - Canoas /RS - 1ª Menção ..	84
Edileuza Bezerra de Lima Longo - Catarse - São Paulo/SP - 2ª Menção	91
Jacqueline Lopes Salgado Soares - O Abrigo - Bauru/ SP - 3ª Menção	99

2014 - 37ª Edição/Poesia	105
Marcos Vinícius Teixeira Quiroga Pereira - A Última bicicleta - Rio de Janeiro/RJ/ 1º Lugar	107
Eder Rodrigues - Veleiro - Pouso Alegre /MG/ 2º Lugar	109
Marcio Davie Claudino da Cruz - As Segundas Coisas - Curitiba /PR/ 3º Lugar ...	111
Vitor Otavio Fernandes Biasoli - Madeiras da Infância - Santa Maria /RS / Incentivo Local	114
Paulo Franco - Os Ventos - Ribeirão Pires/SP/ 1ª Menção	116
Darcy Ribeiro da Cruz - Quietude - Rio de Janeiro/RJ / 2ª Menção	119
Daniel Retamoso Palma - A Cidade - Passo Fundo/RS/ 3ª Menção	120
2014 - 37ª Edição/Crônica	121
Tatiana Alves Soares Caldas - Encontros e desencontros - Rio de Janeiro/ RJ / 1º Lugar	123
Guilherme Pinto da Silveira - Seja o Cara - Pelotas/ RS/ 2º Lugar	125
Maria Aparecida S. Coquemala - Do Amor - Itararé/ SP/ 3º Lugar	127
Carlos Rodolfo Bopp - O Perau - Santa Maria/ RS/ Incentivo Local	131
Edileuza Bezerra de Lima Longo - A Vida Tem Sempre Razão - São Paulo/ SP/ 1ª Menção	134
Marlene da Silva Leal - Meus e-mails - Rio de Janeiro/RJ/ 2ª Menção	137
Crispina Soares Pedreira - Diálogo Com Deus - Cotia/ SP / 3ª Menção ...	141
2014 - 37ª Edição/Conto	145
Edileuza Bezerra de Lima Longo - Com as Mãos Vazias - São Paulo - SP/ 1º Lugar	147
Fábio Antônio Dias Leal - Austral - Canoas - RS/ 2º Lugar	159
Francisco Falabella Rocha - Aposentadoria- Belo Horizonte – MG/ 3º Lugar ...	168
Diego Trindade Hahn - O Último Rei Do Rock - Santa Maria/ RS/ Incentivo Local	175
Gilberto Etchaluz Villela - Meu Amigo Aidan Mac'lean - Porto Alegre/ RS/ 1ª Menção	182
Lúcia de Oliveira Mendana - O Sábio Popular - Rio de Janeiro/ RJ/ 2ª Menção ...	193
Maria das Dores Oliveira - Folhas Secas e Versos Livres - Ipatinga/MG/ 3ª Menção	200
2015 - 38ª Edição/Poesia	209
Jacqueline Lopes Salgado Soares - Se eu fosse um poema - Bauru/SP/ 1º Lugar ...	211
Henriette Effenberger De Horizontes e Navios - Bragança Paulista/ 2º Lugar ...	214
Natan José Muniz Barreto - Um Quarto em Quatro Luas - Londres/Inglaterra / 3º Lugar	215
Lauro Martins Neto - Gotejo - Bauru/S P/ 1ª Menção	218

Ricardo Mainieri - Vôo - Porto Alegre/RS/ 2ª Menção	219
Julio Correa - Super Herói em Quadrinhos – Rio de Janeiro /RJ/ 3ª menção ...	220
Angela Nascimento Da Silva - Sobre Ele - Santa Maria/RS/Incentivo Local	221
2015- 38ª Edição/Crônica	223
André Telucazu Kondo Machado de Assis está? - Jundiá/SP/ 1º Lugar ...	225
Marcus Vinicius Teixeira Quiroga Pereira - Passo o Ponto - Rio de Janeiro / RJ/ 2º Lugar	228
Edileuza Bezerra De Lima Longo - Agonia Moderna - São Paulo/SP/ 3º Lugar ...	230
Luiza Moura Tavares da Silva - Triste fim da Integridade– Santa Maria /RS/ Incentivo Local	233
Maria Das Dores Oliveira - Sexta -feira da Remissão - Ipatinga /MG/ 1ª Menção	235
Sérgio Da Silva Agra - O Epitáfio - Capão da Canoa/RS / 2ª Menção	238
Paulo Cesar Pascholoni - A Sorte mora no fim do Mundo - Piracicaba/SP / 3ª Menção	241
2015- 38ª Edição/Conto	245
Mariana Salomão Carrara - Segredos Coletivos - São Paulo/SP / 1º Lugar ...	247
Eder Rodrigues - Orquestra de Enxadas - Belo Horizonte/ MG / 2º Lugar ...	251
Angelo Pessoa Martins - 21 gramas - Nova Friburgo/RJ / 3º Lugar	263
Athos Ronaldo Miralha da Cunha - Velho Taura - Santa Maria/RS / Incentivo Local	266
Anderson Farias Borba - Corredor Seis - Camaquã /RS/ 1ª Menção	268
Paulo Cesar Pascoalini - Escultores de Sombras - - Piracicaba/SP/ 2ª Menção ...	270
Paulo Sérgio dos Santos Sena - Matilda e o Vento - Vitória /ES / 3ª Menção	274
2016- 39ª Edição/Poesia	279
José Carlos Santos Peres - Testamento - Avaré/SP/ 1º Lugar	281
Denise Beatriz da Silva Reis - O Cego - Santa Maria/RS/ 2º Lugar/ Incentivo Local	283
Adriano Wintter Sobrosa - Lição Flórea - Porto Alegre/RS / 3º Lugar	284
Éder Rodrigues - Despedida de Amélia - Belo Horizonte/MG/ 1ª Menção	285
Marcelo da Silva Rocha - Retrato em Dó Maior - São Borja/RS / 2ª Menção	287
Gabriel Santos de Araújo - Escrevo Meu Pai - Santa Maria /RS / 3ª Menção	288
2016- 39ª Edição/Crônica	291
Mariana Salomão Carrara - Se eu pudesse escrever como nosso cão - São Paulo/SP/ 1º Lugar	293
Lygia Roncel de Rodrigues - O Menino de Lá - São Paulo/SP/ 2º Lugar	295
José Ronaldo Siqueira Mendes - Meu Universo numa Nodosa de Café - Mutum /MG / 3ºLugar	298

Rafael Rossano Esmério Chiobatto Ferreira – Sabe - Santa Maria/RS/ Incentivo Local	301
Loreci Teresinha Demeneghi Batista - Gerânio na Janela - Cuiabá/MT/ 1ª Menção	303
Maria Amélia de Amaral e Elói - Calipígia - Águas Claras /DF/ 2ª Menção Honrosa	305
Ana Luiza de Figueredo Souza - Manual de Sobrevivência Contemporânea, Item 1-Niterói /RJ / 3ª Menção	307
2016 - 39ª Edição/ Conto	311
Francisco Ricardo Brugni Cruz - Milena - Salvador/BA / 1º Lugar	313
Éder Rodrigues - Último Domingo ao Mar - Belo Horizonte/MG/ 2º Lugar	322
Celso Antonio Lopes da Silva - Operação D. Quixote - São Paulo/SP/ 3º Lugar	331
Mariana Garghetti Buss - Dez e Cinquenta e Sete - Santa Maria/RS/ Incentivo local	340
Fábio Ritter - Barcelona- Santo Angelo /RS / 1ª Menção	349
Eduardo de Paula Nascimento - Juriti do Sertão - Franca/SP/ 2ª Menção	364
José El- Jaick - Às Uvas e à Vida - Nova Friburgo /RJ / 3ª Menção	373

Prefácio

É com renovada satisfação que a Coordenação do Concurso Literário Felipe D'Oliveira entrega ao público leitor a presente obra, que contém os trabalhos classificados nas edições de 2013 – 35ª edição a 2016, 39ª edição nas categorias de crônicas, contos e poesias.

Para mim, que coordeno esse evento há mais de uma década, é gratificante constatar a evolução do evento, cujo número de concorrentes, a cada ano, é sempre maior. Não apenas no aspecto quantitativo, mas no que tange à qualidade, os trabalhos têm-se apresentado um índice crescente, quer pelo conteúdo, quer pela elegância da palavra.

Sem dúvida, é prazeroso verificar que em todos os recantos desse país, a literatura tem um lugar de destaque, e novos grandes valores se revelam em cada concurso. A característica nacional do Concurso Felipe D'Oliveira, abrangendo todas as regiões do Brasil, presenteia os leitores com páginas de um sentimento que expressa o gosto pela arte da escrita, sublinhando a diversidade que contempla os hábitos, os falares e a cultura deste país.

Sou grata pela oportunidade que possuo em conviver com a criação literária que as fases do concurso me proporcionam: desde as inscrições dos concorrentes, a seleção dos gêneros, a entrega à comissão que seleciona os trabalhos, os contatos telefônicos, os resultados, ao momento da entrega da premiação.

O trabalho, entretanto, não se realiza isoladamente. O trabalho é realizado com parceria, sem a qual não teria sido possível chegar onde chegamos. E há a quem agradecer: à Prefeitura Municipal de Santa Maria que através da Secretaria de Municí-

pio da Cultura que viabiliza este concurso com a Premiação; à Secretaria de Município da Cultura que confia no nosso trabalho para na coordenação do evento; à Câmara de Vereadores de Santa Maria pelo apoio com a elaboração dos certificados e cerimonial de Premiação; à equipe da Biblioteca que atua junto, desde a divulgação do concurso, inscrição e organização dos textos; a colaboração das Comissões Julgadoras, profissionais da arte da palavra das instituições locais como: (UFSM, UNIFRA, FAMES, ASL, CAPOSM), que emprestam o seu ofício para o resultado final do evento; aos participantes que somando-se os anos contemplados foram mais de três mil textos inscritos, de onde saíram 83 trabalhos aqui publicados; o apoio da UFSM para edição deste livro; a todos os colaboradores, que graciosamente, integram o processo do Concurso Felipe D'Oliveira.

Agradecer a todos quanto tornaram possível a produção deste livro o meu expressivo reconhecimento.

À disposição dos leitores desta obra: 27 crônicas, 26 contos e 27 poemas de autores de norte a sul do Brasil. E assim o Concurso Literário Felipe D'Oliveira entrega aos autores agraciados, o prêmio maior que pode receber alguém que escreve: ver seu texto circulando em forma de livro.

Boa leitura!

Rosângela Beatriz Rechia

Coordenadora do Concurso Literário Felipe D'Oliveira

Um Novo mundo pede passagem

O mundo está mudando a partir das cidades. Vivemos um momento de transformação. Esta transformação é provocada pelos cidadãos, pois, as civilizações, na história do mundo, surgem, se desenvolvem, chegam ao seu apogeu e entram em decadência. E surgem outras e depois outras.

E assim a humanidade avança, chegando agora à civilização planetária, global, imperativa, complexa, multicultural.

Certa feita, disse: “Nos últimos tempos, na mesma medida em que se revela crise e decadência, começam aparecer sinais aqui e acolá que nova civilização que se avizinha estabelece novas realidades, onde a participação, a criatividade, a visão holística, a inovação, a cooperação, a receptividade a novas e boas ideias, a cidadania imponderada e conectada em redes sociais, e a sustentabilidade indicam que estamos num linear de um novo mundo, a partir das cidades.”

Passados alguns meses desde que proferi tais palavras assistimos movimentos, protestos e reivindicações pelo país afora. Cidadãos de diferentes classes sociais, etnias crenças e religiões foram às ruas por um país mais justo, mais igualitário, mais digno e com melhor qualidade de vida. Este é o “limiar” deste parto civilizatório que esta surgindo. Parto este que se mostra, por vezes, contraditório, difícil, instável, efervescente e complexo.

Neste contexto de mudanças, sobressai o papel das cidades. E, nas cidades, destaca-se o papel da cultura como instrumento de inovação, de transformação, de crescimento pessoal, de afirmação de valores éticos, da criatividade que pode surgir na arte, no talento, na vocação, e nas muitas manifestações culturais e populares. E, mais ainda, em tudo isto, ressalta-se a literatura como viabilizador da manifestação escrita do cotidiano

da vida das pessoas, da beleza da poesia, da inteligência humana, da cultura local e universal, dos valores de cidadania, do local e global, do caráter, da formação.

Registro o meu agradecimento e reconhecimento ao qualificado grupo de servidores da Secretaria de Município da Cultura que fazem deste um dos maiores e mais importantes concursos literários do Estado; aos escritores e professores que integram o grupo dos jurados; aos concorrentes, vencedores ou não; aos apoiadores e parceiros deste notável e tradicional concurso literário; e a tantos quantos, de uma forma ou de outra, matem viva a literatura em nossa cidade.

Cezar Augusto Schirmer
Prefeito Municipal de Santa Maria

Os 40 anos do Concurso Felipe D'Oliveira

O Poder Legislativo orgulha-se de fazer parte desta parceria que evidencia os talentos de Santa Maria, do Rio Grande do Sul e do Brasil em cada uma das categorias do concurso, fomentando o gosto pela escrita e literatura.

Aproximando-se dos 40 anos de concurso, a Câmara de Vereadores reverencia a memória de um dos mais importantes poetas de Santa Maria, desejando que a cada novo ano, talentos sejam revelados e despertados em crianças e jovens, aproximando escolas, famílias e a comunidade da leitura, para que concursos como o Felipe D'Oliveira se perpetuem como instrumento de mobilização sócio-cultural.

Luiz Carlos Avila da Silva
Presidente da Câmara Municipal
de Vereadores de Santa Maria

Agradecimento aos participantes

É com satisfação que apresentamos a edição das obras vencedoras dos Concursos Literários Felipe D'Oliveira referentes aos anos de 2013, 2014, 2015 e 2016. A compilação dos 83 textos presentes nesta edição é resultado de um trabalho de seleção de comissões avaliadoras altamente especializadas em categorias como Conto, Poesia e Crônica. Cuidadosamente organizada pela Equipe da Biblioteca Municipal Henrique Bastide, que divulgou, recebeu inscrições e reuniu em sua sede as Comissões de jurados que, de 3.068 textos inscritos de vários estados brasileiros, após leitura e avaliação, selecionou os textos aqui apresentados, tornando essa, uma importante publicação de escritores premiados.

A Prefeitura Municipal de Santa Maria, através da Secretaria de Município da Cultura, agradece a todos os que participaram desta seleção como, organizadores, escritores, comissões avaliadoras e principalmente à Editora da UFSM através de seu diretor, Daniel Arruda Coronel, seu Reitor Prof. Paulo Afonso Burmann e Vice Reitor Prof. Paulo Bayard Dias Gonçalves que possibilitaram a edição e impressão do livro que será distribuído com gratuidade a Escolas, bibliotecas e instituições.

Marilia Chartune Teixeira
Secretária de Município da Cultura
2013 / 2016

**XXXVI
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

CONTO, CRÔNICA E POESIA

36ª edição

**Santa Maria
2013**

**XXXVI
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

Edição 2013

Cezar Augusto Schirmer
Prefeito Municipal

José Haidar Farret
Vice-Prefeito

Marcelo Zappe Bisogno
Presidente da Câmara de Vereadores

Marilia Chartune Teixeira
Secretária de Município da Cultura
Coordenadora Geral do Concurso

Josias Ribeiro
Secretario Adjunto da Cultura

Rosangela Beatriz Rechia
Coordenadora de Eventos da Biblioteca Pública Henrique Bastide
Coordenadora Executiva do Concurso

Fernanda da Silva Santos
Bibliotecária

Equipe de Apoio:
Carlos Cavalheiro, Elizandra Quevedo

Participaram da XXXVI Edição do Concurso Literário Felipe D'Oliveira um total de **674** trabalhos provenientes de cerca quinze estados brasileiros: RS; SC; PR; SP; RJ; BA; SE; MG; PE; AM; PA; AL; TO; MT e DF, assim distribuídos: **248** Contos, **178** Crônicas, **248** Poesias e o países Hungria e Inglaterra.

**XXXVI
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

POESIA

COMISSÃO JULGADORA:

Amanda Scherer - UFSM
Marta Lia Genro Appel - UNIFRA
José Vanderlei Prestes de Oliveira - ASL

Premiados

1º Lugar

Diário Selvagem da Beleza
Julia Parreira Zuza Andrade - Belo Horizonte /MG

2º Lugar

Caixa de Costuras
Eder Rodrigues - Pouso Alegre / MG

3º Lugar

Desertos
Jorge Luiz Lewzi de Souza - Juiz de Fora / MG

Incentivo Local

Noite Adentro
Marcelo Melo Soriano - Santa Maria/ RS

Menções Honrosas

1ª Menção

Pequenas Poesias
André Telucazu Kondo - Jundiaí / SP

2ª Menção

- A Fome Como Método Interminável Dentro da Gente
Marco Antonio Furtado Gemaque - Belém/ PA

3ª Menção

Ah, Essa Felicidade
Flávio Augusto Lanzarini de Carvalho - Rio de Janeiro/ RJ

Diário selvagem da beleza

- 02 de março - Domingo

As unhas crescem sem medo. É fato.
Semana após semana, eu as corto. Inútil
As unhas continuam a crescer, sem medo.

- 17 de julho - Segunda (depois de sábado)

Idas ao sacolões no dia certo para se comprar verdura fresca, tenra.
Toda quinta é dia de feira. Toda quinta precede e antecipa uma
terça-feira.
O calendário segue impune. Ocaso das couves.

- Hoje

- Onde o dia que eu não via?

- 21 de dezembro - sexta

Pago contas e estaciono nos lugares permitidos.
Mas esqueço sempre meu guarda-chuva num canto de sala. Já não
se fazem chuvas como antigamente.
Não frequento salões de beleza: as unhas crescem, Aníbal. Mesmo
que eu não permita.

- 30 de outubro - ontem

Desbotadas lembranças do casamento. Aníbal na foto me abraça
debaixo do guarda-chuva.
Eu usava óculos fundo de garrafa para poder guardar aquela tem-
pestade.
- Uma taça de vinho do Porto, por favor. Ele quis dizer alguma
coisa, eu sei, sei que quis. Mas o quê, meu Deus.

- 04 de julho - férias

Entro no mar como quem guarda os pratos na estante. Apenas
entro, apenas estou.
Quero ser logo.
- Tudo já sempre foi assim?

O mar é salgado como um beijo.

- 07 de julho- quinta-feira

Dia de sacolão.

Escolho couves sem constrangimento de tatear aquela beleza ordinária que só a natureza sabe ter. Prefiro as amareladas.

- 19 de março- segunda.

Compro gaiolas cheias de vento. Posso escutar.

Vejo bem com meus antigos óculos fundo de garrafa os pássaros de hoje. Saberão eles onde pousar, Aníbal? Aníbal não responde. Mas ele fala. Ecoa.

- 06 de janeiro- aniversário

- Peguei um cigarro escondido do papai. Vamos fumar?

- Mas onde? Tem que ser antes da tia Sandra voltar do açougue.

- Tem o beco aqui do lado. Mas você vai fumar mesmo, né?

O beco era verde-lodo e úmido. Eu tossi muito e achei o cigarro com gosto horrível.

Mas trouxe melhor que atriz de hollywood. Meu pai nunca desconfiou. Da minha irmã, lembranças.

- 27 de agosto- terça-feira

Estourei uma bolha na mão, queimei com o fósforo.

Hipnotizada seguindo a linha vermelha consumir lentamente o escuro do palito.

Luzir fugaz. A superfície da vida é vermelha, penso eu.

Derrama o leite fervido.

13 de setembro- hoje

Comprei lindas botas de camurça, verde-escuras.

Aníbal não entende porque botas tão grandes. - Assim as unhas crescem livres e eu não preciso cortá-las, Aníbal.

Polir a aspereza dos dias numa bota cor de couve.

CAIXA DE COSTURAS

"Eu quero uma licença de dormir, perdão pra descansar horas a fio, sem ao menos sonhar a leve palha de um pequeno sonho."

Adélia Prado

O tempo acaricia o rosto suavizado pelos cremes de fruta até o olho fechar, encadeado pela superfície onde o sabor desconhece a própria essência.

Endossado pelos atalhos da pose, o sentimento descansa de imediato.

Como se a noite não doesse e ele então se livrasse dos traumas de acordar retrato.

Quer coisa mais sagrada que o toque, quando alivia os séculos no pontiagudo dos dedos e ainda inventa um rumo onde direção não há?

Só desconfio da palavra porque todos os dias recolho o pó carunchado de seus sentidos.

Talvez um dia essa minha mania de insignificâncias despenque da altura que nunca sei ao certo.

Enquanto isso, é no vazio dos olhos que brinco de espelho, quando a morte bate na porta e faço hora para me pentear.

Ainda confundo, se lágrima é rastro que a imagem deixa ou se o que vemos só existe de fato, depois da nitidez das coisas lacrimar pelo tecido.

Antes colecionava retalhos e achava que poesia era a arte de coser um a um, até o domingo amanhecer coberto por uma colcha distraída de rendas.

Mas a vida só se emaranha num novelo indecifrável quando percebe que a gente já perdeu a ponta.

Talvez escrever seja desfiar essa mesma colcha até a costura desnudar o leito e o poema se descobrir dormindo. Com a moleira desprotegida e o milagre da palavra cicatrizado na ponta da língua.

Tesoura e linha para fechar o olho antes do mar sumir no reflexo da agulha.

DESERTO

Sozinho
Traço
Meu singular caminho.
Abraço
Meus destroços,
Junto cada pedaço
E me reorganizo
Conciso
Todo dia.
Materializo derrotas
Impensadas
Encontradas
Nas tantas curvas
Desta minúscula estrada
Conhecida
Como vida.
Não há deuses que me auxiliam
Nem demônios que me atrapalham.
Todo plano é
Só esboço,
Todo desenho
A borracha do destino
Apaga.
O tempo esgarça
Minhas vontades,
Esfacela
Minha mente
E passa.
Desconjunta meus ossos
Desidrata minha pele.
E mais rápido que o vento
Leva meus cabelos
E embranquece
Todos os meus outros pêlos.

Sozinho
Danço no descompasso,
Tropeço
Mas sigo ereto
Sol a pino
Sobre as infinitas
Dunas
Desse meu deserto.

Noite Adentro

Um boêmio cantarola.
A madrugada passa e nem olha.
A luz e o poste... Ilha luz no mar escuro.
Tudo, ali, está universo.
Distante, o farol é uma estrela de
atrair sonhos.

Velha máquina de escrever.
Hastes de aço metralhando presentes
(em 1980).
Ritual da desapareência.
Disparam-se verdades,
mas o mundo é um dinossauro
que não deseja despertar.

Ouçam! Ouçam!
Aqui e ali, as madrugadas
combinam cafés.

O sono, um barco.
Fecho os olhos e me deixo levar.
Descanso na carona da morte,
porque só quem morre deve ser
digno de, amanhã, ressuscitar.

Estrelas... Sementes de amanhecer.

Amanhã, diremos:
O sereno da hora alta escreveu
gotas no jasmim.

Pequenas Poesias

uma folha
brinca sozinha
dando cambalhotas
de outono

um caramujo
deixa um rastro de atrasos
sem se preocupar
com a pressa do mundo

atrás
do arame farpado
uma farpada rosa
esperando para se tornar afago

uma semente de dente-de-leão
plana
paraquedista da vida
sem planos

chinelos meu
outro da esposa
eu rio do erro e sinto
meus passos mais certos

um riacho de silêncios
murmura respostas
para perguntas
não feitas

uma gaiola
vazia
guarda
voos

o reflexo
da lua
em uma poça d'água
sonho de marés

A fome como método interminável dentro da gente

Ou se morre
De fome, ou se morre
De amor, ou de fome de amor.
Porém, perigosamente o mais, o mais
Gostoso.....dos amores de morte: a paixão
- de uma fome reincidente:.....todo desejo
A fome que é prima.... da.... morte...e... da vida
E da morte pecadora. Ainda que a neguemos,
O desejo continua, nua e crua, a cada...instante
- De gula ou de paixão; De amor....ou...de fome
Se vive, se morre,.....se mata pela boca (...)
Pois, a volúpia é um desejo de morte:..
Tudo que é sólido se dissolve
e queima como um fogo corre
como um rio em sangue
com um cocheiro
sem ouvidos
sem olfato
sem visão
sem fala.
Ou se morre
de gula;
ou se morre
de amor,
a paixão
me espremeu
em finas fatias
pra gula cortante
de meus olhos
erectos: voo águia ...
fá-lo ereto de rapina.
Desejo enfurecido
De viver a dor da fome
que comeu meu nome,
minha identidade,
minha vontade,
e meu ser.

Bon Appetit !

Ah, Essa Felicidade Universal!

A MASSA, A MASSA

AMASSA O PÃO
ESMIGALHA O ROSTO
FERMENTA A FOME

A MASSA, A MASSA

AMASSA O ROSTO
ESMIGALHA O PÃO
A FOME AMASSA

A MASSA, A MASSA

AMASSA A FOME
ESMIGALHA O ROSTO
FERMENTA O PÃO

A MASSA, A MASSA

AMASSA A BOCA
ARRANCA OS OLHOS
FURO O OUVIDO VAZIO VAZADO

XXXVI
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA

CRÔNICA

COMISSÃO JULGADORA:

Aristilda Rechia - ASL
Mariangela Recchia Correa - UNIFRA
Andrea Reginatto - FAMES

Premiados

1º Lugar

O Sono dos Anjos
Doralino Souza da Rosa - Igrejinha/RS

2º Lugar

Felicidade Transgressora
Elias Araujo - Américo Bras/ SP

3º Lugar

Ler América
André Telucazu Kondo - Jundiaí – SP

Incentivo Local

Eterna Chocadeira
Paulo Ney Chaves Horvath- Santa Maria / RS

Menções Honrosas

1ª Menção

Morrer de Amor
Alessandro Soares - Florianópolis/SC

2ª Menção

Trem de Passageiros
Mauro Martiniano de Oliveira - São Paulo/ SP

3ª Menção

Lamento pelo Elogio da Força
Lilian Almeida de Oliveira Lima - Porto Alegre/ RS

Sono dos Anjos

Fosse esse, um outro dia, talvez se deixasse ficar em pensamentos de adivinhação. Quem sabe uma vela acesa e uma reza ocupariam um pequeno pedaço daquela tristeza tão normal. Se fosse um desses dias, de pensamentos e rezas, poderia nem mesmo ter olhado praquela lado. Passaria ao largo. Um sinal da cruz, no máximo. Em dias de idas apressadas pra escola, onde estudou até a 4ª série, em vindas com as compras da venda; cachaça, fumo de corda e pedra de sabão, ou nas aguardadas visitas à casa das irmãs Saldanha, ela nem olharia à esquerda da estrada de chão batido que leva à vila de José Velho. O carcomido portão de ferro, todo retorcido e caído em dois. As estátuas de anjos e querubins, mutiladas pelas pedradas de fundas. O matagal, numa mistura de verde e marrom, desse marrom de secura, são coisas que não chamariam a atenção. A falta de flores vivas, os cipós sobre a cerca e mourões apodrecidos. E depois das goiabeiras, em meio ao capim elefante, o antigo cemitério abandonado, em seu repouso deprimente, era lugar que passaria sem temores maiores.

Mas hoje não é um dia desses.

Ouvia o próprio coração em galope aturdido, e isso era ruim, não gostava. Os passos largos abrindo caminho no capinzal. A Criança recém nascida bem junto ao corpo. A ordem, vinda de dentro, dizia pra olhar pra trás, para os lados, acima, pra baixo. O chão era braseiro sob os pés descalços, o andar cuidadoso naquela parte do lugar de tantos pequenos amontoados de terra. Somente a cruz de madeira, demarcando a morada daqueles anjos.

Largou a criança, ainda enrolada no velho cobertor, cuidadosamente no solo tomado de folhas secas e grama rala. A res-

piração ofegante em desalinho com suspiros. Os ombros caídos pelo cansaço das últimas horas. Se mãe ela tivesse, quem sabe as dores seriam outras. Quem sabe agora estaria tomando a canja de galinha que sempre ouvira falar, “quando mulher tem filho fica de quarentena”, dizia dona Idalina, avó das amigas Saldanha, lembrança boa se esfumaçando. Não! Isso é que não. Se mãe ela tivesse, decerto ainda tava na escola; as lições de moral e cívica, comunicação e expressão, tabuada. Seria ela a criança, e não a pequenininha sem nome, amontoada no chão. Agacha-se sobre a recém-nascida. As mãos tão pequenas, pele enrugada, pouco cabelo, ela admira, num silêncio dolorido.

Então uma espécie de grunhido lhe escapa das vísceras, e um choro, sem pausa e sem culpa, se apresenta em seguida. Ela se arrasta pelo chão, tateando sobre os pequenos túmulos, há tempos esquecidos, os túmulos de crianças. Túmulos dum tempo que as doenças vinham e as rezas e benzeduras não as mandavam embora. E nesse choro ela cavouca na terra com as próprias mãos. Tem pressa. Tem raiva. Tem medo. Tem dor. De joelhos sobre a terra preta, cavouca e cavouca. Um buraco se formando em sua frente. Com as mãos sujas, retira o suor no rosto, deixando sua face enegrecida, a boca com o gosto da terra. Mas não para. Não pode parar. O buraco será morada segura. Sem frio, nem fome, nem dor. Sua criança, anjo de Deus, há de não sentir suas dores. Criança sem pai. Porque pai não há de ser quem só sabe judiar. Ela volta o olhar para sua criança em sono profundo, pequeno anjo em panos velhos. Cavouca mais e mais.

Inda ontem era só barriga. Era vergonha. Era dor. Era solidão. A mãe fazia falta. Mãe tão bonita, pelo pouco que lembra. Foi morrer de tristeza, seu pai dizia, e vai garrafa de cachaça. Quando ficou sem a mãe, teve que ficar sem colégio, depois sem as amigas. Era só ela e o pai. O cavalo, a vaca, as galinhas, as foices do pai, as enxadas. O roçado de cana, empreitada com seu

Alvício. Ela ia junto, capinava, colhia bergamota e laranja para o pai. Riam. Depois o pai ia ficando mais sério. Mais cachaça. Queria banho de rio com ela. Queria ela lavando ele.

O buraco tá feito, é tamanho bom. Chega de cavoucar. Aqui não vai ficar sozinha, tem tantos anjinhos, só brincando e dormindo. Anjinhos sem dor pra conhecer nem pra sentir. Aproxima-se do neném. Sentada no chão, faz dos braços um ninho onde repousa a criança, e a embala suavemente. Beija o minúsculo rosto, sente um calor aconchegante. Como pode um pai que só faz filha chorar. A noite de dor desconhecida ela não esquece. O hálito de cachaça do pai. Os braços grandes e magros, mas ainda fortes, segurando apertado. Roupas arrancadas. Os gemidos do pai. Uma dor. Um rasgão. Os gritos.

Depois a vergonha sem fim.

O pai nunca mais sorriu pra ela. É só xingamento. Nome feio. E vai cachaça mais e mais. Ela, de casa, não pode sair. Nem estudos, nem ir na venda, nem desenhar e pintar pano de prato, que era pra enxoval da Olga e da Lorena Saldanha. E a barriga crescendo sempre. Não cabendo na cama, nem nas roupas, nem nas mãos.

Ela levanta do chão, já esfriando sem o calor do sol, que se esvai detrás das grandes árvores. Com muito cuidado, repousa a filha no fundo do buraco, “anjinho da guarda meu bom amiguinho, me leva sempre pelo bom caminho”. Com as mãos, começa a puxar a terra de volta ao buraco, cobrindo a criança lentamente.

FELICIDADE TRANSGRESSORA

“E você fica com o livro por quanto tempo quiser.”
Entendem? Valia mais do que me dar o livro: “pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

(Clarice Lispector – Felicidade Clandestina)

Dia desses estava lendo uma matéria sobre leitura que focava especialmente no preço dos livros, como são caros e como é difícil uma pessoa comprá-los. Então me lembrei de um episódio marcante da adolescência, que, felizmente, não foi o determinante de minha personalidade e de meu caráter.

Aos primeiros sintomas da alfabetização, tornei-me membro assíduo da biblioteca municipal. Como podiam ter inventado algo tão extraordinário e ao mesmo tempo decepcionante, eu não entendia. Que fantástico entrar ali, pegar amizade interna com tantos livros, mas que tristeza não poder tê-los, não poder levá-los sem que se precisasse devolver.

A devolução doía em mim, como agulhas de injeção na minha magreza.

Percebi que não havia jeito de ficar com os livros que levava. Então resolvi tomar contato com o maior número possível deles. Como eu era pequeno, precisava de livros pequenos. Levava-o para casa, protegido ao peito, como quem resguarda dos perigos o irmãozinho caçula. Lia, relia e relia... E no dia seguinte voltava à biblioteca para pegar outro. E depois outro. E mais um.

Até que a bibliotecária, provavelmente de mau humor, agarrou o livro que eu devolvia e resmungou:

— Você tem uma semana pra devolver. Não precisa vir aqui todo dia. A gente enjoa de ver sua cara todo dia.

Achei aquilo muito grosseiro, mas eu era tão inocente

que apenas ri, peguei meu novo livro e só voltei lá uma semana depois.

Com o tempo, comecei a pensar numa maneira de não devolver os livros, de ficar com eles para mim, para que centenas de mãos de meninos e meninas não mais os conspurcassem. Nunca usei a palavra “roubar”, porque eu ainda não havia avançado por esse degrau.

Poderia enveredar pelos corredores das estantes, enfiar um livro na bermuda e sair com outro que eu menos gostasse na mão. Mas tinha certeza de que a moça veria algo estranho ou mais gordo no meu corpo magricelo. Provavelmente, ouviria meu pensamento que gritava através dos olhos. Então eu seria preso e minha mãe ficaria triste comigo. E o que era pior: nunca mais poderia pisar na biblioteca.

Quando a Ruth Rocha, a Ana Maria Machado, o Ziraldo, abandonaram-me, fui raptado pelos outros. Não pude resistir ao assédio e entreguei minha inocência a Jorge Amado, ao Nelsom Rodrigues. Porém, foi com o Érico Veríssimo que a minha paixão pelos livros amadureceu.

No auge da adolescência, descobri que uma editora estava relançando os livros do Veríssimo em uma coleção bonita, de capa dura a um preço razoável. Infelizmente, o preço razoável para mim já estava além das possibilidades.

Por duas semanas namorei O Continente, primeiro volume de O Tempo e o Vento, na vitrine da banca de jornal. Pedia dinheiro para meu pai, depois para minha mãe, guardava tudo, mas estava longe de conseguir o total. E logo já seria lançado o segundo volume da coleção.

Até que a ideia nasceu e atormentou-me durante alguns dias. Mas para pô-la em prática esperei por um dia frio. Vesti uma jaqueta jeans larga, peguei meus únicos trocados e fui para a banca. Havia algumas pessoas por ali, comprando, conversan-

do, vendo jornais. Fingi me interessar por umas revistas de jogos. Peguei algumas para escolher qual delas levar. Precisava ser ve-rossímil.

— Moço — chamei e esperei, porque ele atendia alguém

— você sabe qual destas tem aquele jogo de zumbi?

— Não sei... — respondeu com má vontade para um menino que só levaria uma revista na promoção de um real. — Deve estar escrito na capa.

Continuei procurando. Do lado, aquela preciosidade encadernada em capa dura, cheirando a mundos distantes, papel novo mesclado com terra, com Ana e tropel de cavalos em pelegas.

Peguei-o. Coloquei-o por baixo das revistas.

— Todas essas aqui são de um real? — tornei a perguntar.

O monossílabo dele, seguido do desdém que levou seus olhos para longe de mim, proporcionou-me aquele instante trêmulo e de coração acelerado que introduz à queda.

Devolvi as revistas, peguei uma qualquer e me dirigi ao moço. O segundo em que me olhou no rosto durou o tempo de um promotor no julgamento. Já estava preparando minha defesa, lágrimas cínicas vieram-me antecipadamente, quando ele pegou meu real, simulou um “obrigado” entredentes e esqueceu-me.

Saí. As pernas desencontravam-se, os joelhos agrediam-se mutuamente. Coloquei a revista sob o braço e as mãos nos bolsos. Enquanto caminhava para longe da banca sentia uma felicidade imensa na ponta dos meus dedos, que, ocultos, acariciavam a capa dura do Veríssimo. Certamente ele me perdoaria por tê-lo enfiado às pressas e de ponta cabeça no bolso interno da jaqueta.

Seria felicidade mesmo, aquilo que sentia por possuir o primeiro volume da coleção?

LER AMÉRICA

Muitas pessoas vivenciam viagens incríveis, realizadas graças a um livro. Mas até onde um livro pode realmente te levar? Pode parecer ficção, mas fiz uma viagem de milhares de quilômetros apenas com um livro de poesia e um poema. Seria apenas uma licença poética, viajar só com poesia?

No final do ano de 2011, eu morava em um quarto desativado de um asilo para idosos. Ainda sou jovem, então, como fui parar lá? Em parte, por ter compartilhado um livro. Conheci o tataraneto do Visconde de Mauá, ao ajudar um grupo de cinquenta tailandeses, que buscavam um local temporário para ficar no Brasil. Não vou narrar aqui (pois seria muito extenso) como uma série de acontecimentos inusitados me levaram a dar um livro, de minha autoria, para o tataraneto do visconde.

O fato é que ele me cedeu um quarto tranquilo para que eu pudesse me dedicar ao ofício da escrita, sem ter que me preocupar com contas de água, luz, aluguel... Apenas pela simples generosidade, para que, mais tarde, eu pudesse compartilhar novas histórias com ele e com meus leitores. É o que faço agora.

Claro que o ofício de escritor iniciante só é possível porque vivo uma vida simples. Há anos não compro sequer uma peça de roupa para mim. Vivo apenas com o que ganho da literatura. Para muitos, é pouco. Para mim, é muito mais do que o necessário, pois não sou afeito a luxos.

Quer dizer, o único luxo a que me permito nesta vida é viajar. Mas o problema é que eu não tinha dinheiro para viajar, naquele final de 2011. Foi quando descobri um concurso literário da Universidade de Fortaleza, cujo prêmio para o melhor livro inédito de poesia seria uma passagem aérea, para conhecer

a Biblioteca do Congresso em Washington, a maior biblioteca do mundo! Para quem gosta de ler e viajar, haveria prêmio maior?

Enquanto vivia o cotidiano do asilo, escrevi “Cem pequenas poesias do dia a dia”. Ganhei a passagem para os Estados Unidos. Mas, e o dinheiro para a viagem? Fácil, era só pagar com mais poesia. Escrevi o poema “Lavar”, pelo qual fui premiado pela Universidade Federal de São João del-Rei, com a quantia que daria aproximadamente 500 dólares. Comprei um passe da Greyhound, que me permitia viajar por 15 dias para qualquer ponto servido por esta empresa de ônibus nos Estados Unidos. Custo: US\$ 360,00 para transporte e... hospedagem. Dormiria no ônibus. Restariam cerca de dez dólares por dia para que eu pudesse comer e fazer outras coisas. Para viver por este tempo. Ok.

Parti no último dia da primavera e cheguei no primeiro dia de outono. Como isso é possível? Com poesia, tudo é possível. Bem, bastava viajar entre hemisférios... Fui visitar a Biblioteca do Congresso, onde estava sendo exibida a exposição: Books that shaped America. Lá estavam os livros que moldaram os Estados Unidos. Os livros que em parte também me moldaram. Também estava sendo realizada uma feira de livros na capital americana. Uma faixa proclamava: “Let’s read America”. Foi o que fiz.

Pé na estrada, visitei primeiro o túmulo de Jack Kerouac. Segui para Concord e tomei banho na lagoa de Walden. Uma placa dizia: “Proibido nadar”. Senti que estivesse vivendo a Desobediência Civil de Thoreau. Depois, visitei Ralph Waldo Emerson, Louisa May Alcott e Nathaniel Hawthorne. Na fronteira entre Vermont e New Hampshire, cacei J. D. Salinger. Não encontrei ninguém no Campo de Centeio.

Em Boston, me despedi do oceano e naveguei em um ônibus para Pittsfield, em uma insana busca por Moby Dick. E lá estava ela, no quarto em que Herman Melville avistava o monte Greylock. As palavras do guia da Arrow Head, residência-museu

de Melville, preenchiam o oceano. Ele lia um trecho de Moby Dick, onde ela havia nascido...

Que experiência de leitura partilhada é esta, em que o que se compartilha é muito mais do que meras palavras? O que é ver um fio de lágrima correndo pelo rosto de alguém, tornando-se um oceano em que uma grande baleia branca nada? Foi o que vivenciei...

Em Baltimore, perguntei pela casa de Edgar Allan Poe. Disseram-me para correr, pois o museu estava prestes a fechar. Não a fechar para aquele dia, mas para fechar em definitivo, se é que existe tal coisa na literatura: nunca mais.

A porta já estava fechada. Porém, juro que um corvo grasnou no instante em que praguejei pelas portas fechadas deste mundo. E o corvo, mais do que o abrir de uma porta, me permitiu entrar com suas asas no lar de Allan Poe. Ainda tive tempo de visitar Benjamin Button, no local em que morou F. Scott Fitzgerald. O tempo sempre se esgota, seja para qual direção ele caminha.

Cruzei os Estados Unidos de leste a oeste e lá estava eu atravessando a Golden Gate. Do outro lado, Jack London. Peguei uma carona. Corri pelas ruínas da Wolf House. Envolto pelas árvores da Jack London State Park, ouvi o chamado da floresta...

Não tinha tempo para explorar os domínios de Jack, apenas me despedi dele em seu túmulo, uma pedra no meio do bosque.

– Não vai visitar a casa em que Jack morou? – uma simpática voluntária do parque me perguntou.

Respondi que não teria tempo, pois do contrário perderia o último ônibus para voltar a San Francisco. Falei sobre o motivo de estar ali, a minha jornada literária, e finalizei, comentando que achava que não teria sorte de obter outra carona...

– Quer ir a San Francisco? Meu filho vai para lá hoje, depois do jantar.

Minha segunda carona no mesmo dia? Assim, na casa em que Jack morou, pude desfrutar da leitura realizada por dois gentis voluntários, que compartilharam aventuras que ecoavam desde o Alasca aos mares do sul...

Jantei na casa de Renate, a gentil voluntária do parque. Sua sala repleta de livros e leituras partilhadas... Pela noite, seu filho me levou a San Francisco. Passamos em frente à livraria City Lights. Ao ver as luzes iluminando os livros, passando de carona, ouvi toda uma geração de poetas em um uivo que me arrepiou a alma.

Ainda leria Hemingway em Chicago, Mark Twain e Wallace Stevens em Hartford, Tennessee Williams e Khalil Gibran em Nova Iorque...

A minha jornada literária, iniciada na infância graças aos meus pais, me levou a acreditar em sonhos. É possível viajar com livros. Eu estava vivendo um destes sonhos. Ao final de mais um capítulo desta viagem de paixão pelos livros, enquanto o avião deixava um rastro de saudades pelos céus da América, feliz por tê-la lido, ainda tive o prazer de ouvir a voz da infância, poeticamente, antes de apagar a luz de leitura sobre a minha cabeça:

– Mãe, leia mais um pouquinho para mim?

ETERNA CHOCADEIRA

Matilde não é nenhum tipo de ave, muito menos coelhinha da Páscoa, mas vive em um ninho boa parte do tempo. Nele, pousa bem cedinho, vinda não se sabe de onde. Surgindo do nada, parece que brota instantaneamente ali.

Traz sempre consigo seu inseparável saco de bugigangas: um pote de comida, uma caneca de plástico, uma capa de chuva amarela e algumas peças de roupa para dias mais frios. Ela sempre está prevenida. Por falar nisso, não importa a estação. Verão ou inverno. Chuva ou seca. Nada impede Matilde de fazer seu ninho. Jornais velhos, pedaços de espuma, restos de papelão, sacos plásticos, trapos; qualquer coisa serve. Entretanto, nunca ninguém conseguiu ver como ela o constrói.

Um dia, porém, meio por acaso, foi possível observá-la. Astuta, ela escolhe o local sempre próximo à grande porta de vidro, bem debaixo da marquise. Além de se proteger do sol forte ou da chuva, ali ela consegue ficar bem no meio do vaivém frenético dos pedestres. Chocando seus desejos prosaicos, durante o passar do dia, Matilde se mantém sentada incomodamente sobre as próprias pernas como uma avestruz desengonçada.

São 11 horas. Há um alvoroço no ninho. O banco, finalmente abre suas portas ao público. A fila, desde muito cedo, já se formara na sala de auto-atendimento e, agora, em meio ao movimento de funcionários, vigilantes, faxineiros, clientes e todo o tipo de gente que entra e sai, Matilde se coloca a grunhir como um filhote de gralha, pedindo sem parar: _Tem um troquinho? Assim, sua canequinha vai enchendo de moedas. E ela, mais do que depressa, sem que ninguém perceba, trata de esvaziá-la, despejando tudo num saco que leva escondido, amarrado na cintura. E logo vai repetindo o refrão: _Tem um troquinho? Com

dó de ver a caneca “vazia”, alguém sempre deposita mais moedinhas. Esperta, tal qual uma galinácea, ela vai enchendo o papo. Na verdade, Matilde é só uma pobre velhota. Desdentada, corcunda, sofrida. Anônima e ao mesmo tempo tão conhecida. Seria uma louca? Teria família? Desde quando ela estaria ali? Meses, anos, décadas. Sabe-se lá, há quanto tempo aquela tartaruga anciã habita aquele ninho? Além disso, sobre Matilde contam-se muitas histórias. Lendárias? Verídicas? Exageradas? Fantasiosas? Histórias como: “velha safada, não quer trabalhar...vive de rendas, tem mais de cem mil aplicados em poupança”; ou ainda: “ela tem mais de dez casas de aluguel”. Fato é que nunca ninguém conseguiu comprovar absolutamente nada.

A única certeza é que Matilde está sempre lá, soberana em seu ninho, onde nada eclode. Nele, a velha chocadeira observa o dia-a-dia, o corre-corre, o revoar incessante de pessoas que têm contas a pagar ou a receber; frustradas ou realizadas. Pessoas de todo o tipo, apressadas, sem tempo ou lugar para pousar ou repousar.

Ali em seu ninho, Matilde vê um mundo a girar ao redor de si. Matilde que não bota ovos, não voa nem pia, mas choca, como ninguém, a dura realidade de sobreviver.

MORRER DE AMOR

Foi na longínqua década de 1980, quando eu ainda jogava bola descalço na rua com os meus amigos, que fui vizinho de um casal muito interessante. Interessante não, curioso. Era um casal curioso. Peculiar, na verdade. Isso, peculiar é a palavra. Moravam na casa em frente à que eu morava com meus pais. Ele se chamava Alceu, aposentado da Aeronáutica, e ela se chamava Luzia, dona de casa; ambos na faixa dos cinquenta anos de idade. Tinham três filhos crescidos, duas meninas e um menino, que apareciam de vez em quando, geralmente nos feriados e nas datas comemorativas. Na maior parte do tempo (era o que eu podia observar da nossa varanda) faziam companhia um ao outro.

Diariamente, no meio da manhã, seu Alceu levava o curió para passear, enquanto dona Luzia começava a preparar o almoço. Na volta, além do passarinho na gaiola, ele, às vezes, trazia o pão para o lanche da tarde. Depois da sesta, o homem ia jogar dominó com os outros velhos na praça; já a mulher esperava o marido sair e, dependendo das condições climáticas, escolhia remexer os canteiros no fundo do quintal ou fazer tricô em frente à televisão. Fechavam as janelas bem cedo, fosse qual fosse a estação do ano, logo que o sol se punha. E mais não se sabia sobre os dois.

Ah, faltou contar que as partidas vespertinas de dominó na praça eram regadas a Velho Barreiro. Talvez por isso, eventualmente, seu Alceu custava a acertar a chave na fechadura da porta de entrada e precisava que dona Luzia o acudisse. Somente nessas ocasiões ela alterava um pouco a voz, ralhava com o esposo, mas logo corria a lhe fazer um café. Agora sim, era tudo o que se sabia sobre os dois.

A vizinhança não se surpreendeu quando ele caiu de cama por causa de uma cirrose. Os filhos começaram a aparecer com mais frequência, preocupados com a mãe, que não arredava pé do quarto onde o pai estava confinado. O pobre curió nunca mais foi levado a dar uma volta e o mato tomou conta dos canteiros no fundo do quintal. Dona Luzia, bastante abatida, cada vez mais fraca, apenas sussurrava para si, repetidamente: “Se lewares o Alceu, me leva junto, Senhor”.

E o Senhor o levou mesmo, em menos de duas semanas. Nas conversas dos adultos, uns diziam que ela não duraria muito tempo, pois o amor havia se acabado nesta vida, mas precisava continuar em algum lugar; outros garantiam que a viúva resistiria, já que tinha boa saúde e encontraria nos netos a motivação para continuar vivendo.

Dona Luzia surpreendeu a todos cuidando pessoalmente do velório, do enterro e até da missa de sétimo dia. Dispensou a solidariedade dos parentes e conhecidos do bairro, pediu aos filhos que não se preocupassem tanto, voltou a fazer tricô e a cuidar das plantas. Não fosse pelo fato de conversar com o falecido em voz alta nas horas vagas, parecia mesmo que as coisas tinham voltado ao normal. Era começo de primavera, numa quinta-feira do mês de setembro, se não me falha a memória. Eu e os meus amigos do futebol ouvimos dizer que ela dormiu perto das 22 horas, como fazia sempre, e não acordou na manhã seguinte. O curió também não resistiu.

TREM DE PASSAGEIROS

Por mais que eu tento, não consigo tirar da cabeça aquelas viagens de trens que fazia de Araraquara a São Paulo quando ainda era garoto. Lembro-me dos preparativos no dia anterior àquelas viagens à Capital. Ajudava minha mãe a preparar as malas de viagem. Ela se preocupava com todos os detalhes. As coisas tinham que ser arrumadas com antecedência, ou seja, na véspera, geralmente na parte da tarde: roupas, sapatos, lanches... Ah! Os lanches!... Não podiam faltar os pães recheados com mortadela (Que delícia!) e nem as laranjas previamente descascadas e parcialmente partidas ao meio para facilitar na hora de chupá-las durante o passeio. Sim, um passeio! O percurso pela linha férrea era fantástico! Você podia ver de perto a natureza, os gados nos pastos por sítios e fazendas, os rios, as serras, as casinhas caboclas emolduradas na janelinha do trem, enfeitando ainda mais as lindas paisagens daquele trajeto pelos belos campos do interior paulista.

O trem “nascia” em Araraquara. Saía às sete da manhã em ponto. Era coisa de primeiro mundo. Aliás, nos Estados Unidos e na Europa esses trens de passageiros são muito valorizados pelo governo e sua população. No Brasil, infelizmente, os nossos falsos políticos conseguiram acabar com os trens de passageiros. Também né... Uma viagem dessas era tão barata e, desta forma, qual o “lucro para o governo?” E a população...? Essa...!? Coitada! Não teve sequer chance de escolher. Teve mesmo é que ficar com as altas taxas e o número cada vez maior dos pontos de pedágios e da “indústria” das multas pelas estradas paulistas. Num país “democrático” como o nosso, ao menos poderia ter tido um plebiscito decidindo-se ou não pela permanência desse valoroso meio de transporte.

Mas tudo bem, vamos voltar a nossa viagem de trem a qual servia tanto para passeios quanto a negócios.

Ainda lembro aquele agente ferroviário, o “guarda-trem”, com uniforme azul-ferrete, tipo terno, camisa branca por baixo, quepe e gravata, sinalizando com uma bandeirinha verde-musgo e um breve apito, a autorização para que o maquinista pudesse acionar a máquina de ferro para iniciar viagem. E após este sinal e do breve adeus de meu pai, que sempre nos acompanhava até a plataforma, a composição partia lentamente emitindo um longo apito que ecoava por quase toda a cidade.

Viajava sempre de primeira-classe, ora nos carros pullman standard, ora nos carros de aço inox. As malas eram acondicionadas em um maleiro de metal fixado ao teto do trem, cuja extensão ia de fora a fora dos dois lados internos de cada vagão e por sobre as poltronas. As poltronas, além de confortáveis, eram altas e reclináveis.

A cada estação que se aproximava, aquele mesmo “guarda-trem”, passava anunciando pelos vagões, em voz alta e em bom tom, o nome da cidade que estava chegando, isso para que as pessoas ficassem informadas quanto à próxima parada.

Eu já sabia de cor a sequência das cidades, e até quanto tempo o trem iria ficar parado em cada uma de suas estações: Saudosas passagens e suas maravilhosas paradas: Ibaté; São Carlos; Itirapina; Rio Claro; Santa Gertrudes; Cordeirópolis; Limeira; Americana; Nova Odessa; Sumaré; Campinas; Valinhos; Vinhedo; Louveira; Jundiaí; Várzea Paulista; Campo Limpo... Era interessante ver as pessoas com suas diversas vestimentas e maneiras, e os diferentes tipos que embarcavam e desciam a cada estação.

Não posso me esquecer daquela outra função do “guarda-trem”, que era o de picotar os bilhetes das passagens, verificando sua validade e qual a cidade onde cada passageiro deveria

descer. Ah, e tinha também aquele outro agente ferroviário que vez ou outra passava empurrando um carrinho com refrigerantes (E eram guaranás da marca antártica com garrafinhas de vidro!) e lanches com frios, tipo bauru, alternando suas passagens vendendo jornais e revistas. Até me recordo de algumas daquelas revistas: Contigo; Manchete; O Cruzeiro...; as fotonovelas: Capricho; Grande Hotel; Sétimo Céu...

Outra passagem saudosa era a hora de saborearmos aqueles lanches trazidos de casa. E isso se dava mais ou menos no meio do percurso, nas proximidades de Cordeirópolis..., Limeira..., por ali. Assim que passava novamente o carrinho dos refrigerantes e lanches, minha mãe comprava os guaranás e a gente podia até escolher as cores das listras dos canudinhos dos quais utilizaríamos para tomá-los.

Independente dos lanches trazidos de casa, às vezes pedia para minha mãe comprar aquele lanche (pãozinho recheado apenas com fatias de queijo), que inclusive até os dias de hoje quando os saboreio em conjunto com o guaraná antártica, lembro o sabor daqueles dias felizes.

Para quem não quisesse lanchar durante a viagem e preferisse um “almocinho”, aquele mesmo agente do carrinho, por volta das nove horas, passava perguntado e anotando num bloquinho de papel, para fins de previsão, a quantidade de passageiros que iriam almoçar, almoço esse a ser servido no carro-restaurante do trem. Mais ou menos umas onze e meia, o agente voltava avisando àqueles passageiros que eles já poderiam se dirigir até o “refeitório” que o almoço estava pronto.

E assim a viagem ia prosseguindo, com o trem trilhando seu destino emoldurado entre cidades e vilas, entre serras e fazendas e entre rios e vales.

Gostava muito quando passava pelo túnel de Botujuru, entre os municípios de Campo Limpo Paulista e Francisco Mo-

rato. Ficava “noite” e as luzes do interior do trem tinham que ser acesas. E era uma pena quando o trem terminava de passar pelo túnel, pois se sabia que a viagem já estava chegando ao seu final. Mas para consolar, ainda restavam algumas estações até chegar a São Paulo, as quais também eram motivos de alegria de se ver passar: Francisco Morato; Baltazar Fidélis; Franco da Rocha; Caieiras... E já no município de São Paulo: Perus; Jaraguá; Vila Clarisse; Pirituba; Piqueri; Lapa; Água Branca; Matarazzo; Barra Funda...

E nessas passagens, ia curtindo cada plataforma em contraste com as chaminés fumegantes em suas proximidades, bem como os toques das sirenes das fábricas anunciando aos seus operários a hora do almoço, e isso me abria o apetite ao tentar saber qual o prato do dia que minha tia estaria preparando para a nossa chegada.

Ao meio-dia e meia em ponto (quando não ocorria algum atraso), o trem chegava a São Paulo onde desembarcávamos na Estação da Luz, olhando e procurando ansiosos por entre sua imponente arquitetura, a figura do meu tio que sempre nos esperava...

Atualmente, quando assisto a filmes americanos ou europeus, e vejo em muitos deles o seu povo viajando de trens, a passeio ou a negócios, fico pensando até quanto tempo ainda nosso governo haverá de ter esse “preconceito” de investir em ferrovias, a fim de poder baratear o transporte para o nosso povo, em detrimento aos altíssimos valores dos combustíveis, multas e pedágios que nós, brasileiros, temos que hoje suportar sem ao menos ter tido a chance de ter escolhido, como um país “democrático” em que vivemos, analisando-se a viabilidade econômico-financeira, qual o nosso preferido meio de transporte.

Lamento pelo elogio da força

Em algum momento da vida me disseram que eu deveria ser forte. Disseram que os homens não choram, que eles são fortes. Disseram que eu, ao contrário do meu irmão, podia chorar, mas deveria ser forte.

No reflexo da minha memória minha mãe afirmava em gestos e palavras a fortaleza implantada nela: sobreviver à vida severina, criar as vidas geradas. Eu, menina, apreendia mas não sabia o que seria. A primeira batalha era independência econômica. Os dedos condutores do tecido na máquina de costura afirmavam, em riste, o valor do suor do rosto transformado em dinheiro: não depender de marido para ter o pão.

Quantas vezes o estudo era plataforma para conquistas feministas? Não sei. Era preciso estudar, trabalhar e não depender de homem. A conquista da autonomia era gritada em todas as janelas, em meus dois ouvidos, em todos os anos de vida dentro da casa dos meus pais. Mas, e onde ficaram o choro e a força? Eles vinham como argamassa desse revestimento bonito chamado autonomia financeira. Construir a autonomia era uma forma de ser forte. Podia-se chorar, mas era preciso levantar, sacudir a poeira, dar a volta por cima. Era preciso ser forte e persistente aos ventos intensos da vida.

Não, os tropeços que a vida impõe ao longo do tempo não eram negados ou esquecidos. A história dos meus pais, cheia de tropeços e quedas, era exaltada. Ela exemplificava o ideal onde eu devia mirar para me tornar uma pessoa vitoriosa. Não me lembro de qualquer fala, voz, sussurro, que me dissesse que eu podia chorar quando a vida me oferecesse um tropeção. Era simples: a vida impõe obstáculos, você pode cair, mas tem que

ser forte para se re-erguer e vencê-los. Mais simples era a parte do choro: como eu era menina, podia chorar. Simples afirmação retórica. Rapidamente esmagada pela exigência de tanta força. Chorar como? A força para levantar-se em prontidão secava qualquer gota que ousasse marejar meus olhos. O choro era a própria fraqueza escorrendo pelo rosto. É preciso ser uma mulher forte!

Eu apreendia e reproduzia todos os comandos dessa força e autonomia impingidas em mim. Volta e meia alguns ventos fortes me levavam ao chão. Resoluta da postura adquirida eu me re-erguia, forte. Certa feita a ventania zuniu e eu, prostrada, escutei a cantiga ancestral. Quantas dores caladas na garganta, mãe? Quantas chagas marcadas na alma, vó? Quantas perseguições atravessadas nos saberes antepassados, bisa? Quantos filhos desfeitos no ventre? Quantas mulheres e gerações calaram seu sofrer com um gole grosso e rijo de força, goela abaixo? O esforço secou as lágrimas. Os sofrimentos também. Planta sem água, seca, rígida. A canção de aquém e além molhou meus olhos esquecidos de lacrimejar. A cabeleira dos bambuzais dançava molhado sob a intempérie. Eu doía e via o bailado de planta verde e úmida e flexível. O saber ancestral se desvelava nas hastes dos bambus. Quantas mulheres, mãe, secaram no labirinto da sobrevivência? Na premência de resistir às tempestades? Acaso você também faz parte desse exército de mulheres? Eu, mãe, desertei. A cada ventania a canção antiga renova-se nos meus olhos. Alio-me aos ventos e nuvens pesadas e chovo por dentro e por fora. Não disseram que as meninas podiam chorar? Ponho a força, hoje minha companheira, herdada da esteira de mulheres que me antecederam, na cadeira de espera. Choro com todas as forças, deságua as dores todas. Alimento-me com essa seiva que brota daquilo que me fere. Toco o solo com a reverência do bambu em sua dança malemolente, me permito oscilar entre o chão e os ga-

lhos verdes, elevando-se. E quando, convicta de que o tempo das águas já não é profusão, eu sentar-me na cadeira do recomeço, abraçarei levemente a companheira que me aguarda. De braços dados sorriremos flores vermelhas, a se espalharem quando os ventos do inverno outra vez me visitarem.

**XXXVI
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

CONTO

Comissão Julgadora
Eni De Paiva Celidônio - UFSM
Rodrigo Jappe- UNIFRA
Evandro Caldeira - ASL

Premiados

1º Lugar

A Morte Alquímica do Senhor X
Marcelo Melo Soriano - Santa Maria/ RS

2º Lugar

Olho por Olho, Dente por Dente
Jair Lisboa dos Santos - Rio de Janeiro/RJ

3º Lugar

Sinfonia de Silêncio
Clarisse Ferreira de Souza - Santa Izabel /PA

Menções Honrosas

1ª Menção

O Orbe Sobre a Grama
Fábio Antônio Dias Leal - Canoas /RS

2ª Menção

Catarse
Edileuza Bezerra de Lima Longo - São Paulo/SP

3ª Menção

O Abrigo
Jacqueline Lopes Salgado Soares Bauru/ SP

A Morte Alquímica do Senhor X

“Aos meus amigos! O meu trabalho está feito. Por que esperar?”

George Eastman, em sua carta de suicídio.

Um homem, que aqui denominarei Senhor X para que sua memória e identidade sejam preservadas, foi durante quarenta e cinco anos um aficionado sobre o tema suicídio.

De Sócrates - que ingeriu cicuta morrendo dignamente a proclamar a imortalidade da alma diante de seus discípulos - à cena de suicídio de Vlado Herzog evidentemente forjada no DOI-CODI em São Paulo, o Senhor X colecionava recortes de jornais e revistas, livros, artigos científicos, imagens e objetos dos mais variados tipos, todos, de alguma forma, direta ou indiretamente, ligados a suicídios e suicidas.

Cordas dos mais variados materiais e dimensões, todas trabalhadas com o elaborado nó de força, gravatas, lenços, cintos e echarpes (utilizados em enforcamentos), lâminas de todas as agudezas e tamanhos, inclusive navalhas e giletes, revólveres, espingarda calibre doze, comprimidos tarja preta, frascos multicoloridos de venenos medievais como mandrágora, meimendo e beladona, bem como filetes mortais desidratados de baiacu, tudo organizado de modo metódico numa estante que era, sempre, mantida impecavelmente limpa, ou melhor, esterilizada e com uma placa de advertência na sua parte superior, onde se inscrevia a frase *“Pra trás, profano!”*, ainda que ele, Senhor X, morasse sozinho e ninguém o visitasse há vários anos.

Uma réplica da Carta de Getúlio Vargas moldada em bronze era mantida numa espécie de pedestal, da mesma forma como se vê em alguns museus.

O suicídio, para o Senhor X, representava o livre arbítrio levado a sua mais alta instância; o ápice da excitação hu-

mana rodeada de sentimentos e comoções profundas, e requeria mais que determinação de por um fim no desespero, requeria desprendimento físico, um certo ímpeto heróico e, mais do que qualquer outra coisa, uma esperança motivadora transcendental ou espiritual, enfim, um marco existencial que, de repente, torna claro, óbvio e inevitável o fim consciente que um ser decide imputar a si mesmo.

O tema é inesgotável e envolve, na visão do Senhor X, praticamente todas as faculdades e contingências da natureza humana. Da música ao cinema, passando pela literatura e, até mesmo, pelo jornalismo sensacionalista dos tablóides britânicos, tudo, simplesmente tudo, sugeria e visitava este assunto sob óticas multifacetadas; um assunto delicadíssimo, envolto em mistérios e tabus e, inclusive, quase intocável para a grande maioria dos mortais.

Dentre tantos itens adquiridos e colecionados através dos anos pelo Senhor X, o arquivo mais valioso, guardado a sete chaves, era um volume autoral que ele próprio intitulara O Livro de Ouro da Morte Voluntária (era assim que ele se referia ao suicídio). Nele, escreviam-se os episódios, com riqueza de detalhes, com os quais o Senhor X havia se deparado ao longo de sua vida, desde os dez anos de idade até a noite que ele estabeleceu como (a sua) derradeira. O Livro de Ouro dividia-se em três partes: “Relatos Sobre Mortes Voluntárias”; “Biografias dos Mortos Voluntários”; e “Métodos Eficazes e Ineficazes de Auto Extinção”. Embora já tivesse gerado conteúdo próprio há mais de duas décadas, no ano de 1993, o Senhor X descobriu “O Manual Completo de Suicídio”, que era um livro japonês escrito por Wataru Tsurumi, porém, após ler gulosamente tudo o que ali constava, ao final percebeu que o autor não fora profundo e abrangente o suficiente. Posteriormente, Tsurumi publicou um segundo livro: “Nosso Completo Manual de Suicídio”. Neste segundo livro, ele

publicou cartas de fã e de ódio que recebeu após o lançamento do primeiro volume, entre as quais, uma pequena passagem de uma suposta troca de correspondências com um especialista sul americano em Morte Voluntária e Auto Extinção, que preferiu permanecer anônimo. A grande contribuição do livro de Tsurumi para as pesquisas do Senhor X foi a sistematização dos métodos de suicídio em onze categorias: Overdose; Enforcamento; Auto defenestração; Corte de pulso e carótida; Colisão de carro; Envenenamento por gás; Choque elétrico; Afogamento; Auto-imolação; Congelamento; Outros.

A mesma editora, mas com um outro autor, publicou também “O Manual Completo do Desaparecimento”, em 1994, porém, o Senhor X considerou-a uma obra sensacionalista.

Outra obra (1991) muito apreciada pelo Senhor X foi “Saída Final: Aspecto Prático da morte por Auto-Libertação e Suicídio Assistido”, que era um polêmico livro escrito por Derek Humphry, repórter de jornal e autor, cuja esposa Jean terminou a vida com uma overdose intencional de medicação, depois de um longo e penoso declínio de um câncer terminal. Humphry era ex-presidente da Sociedade Federação Mundial do Direito de Morrer, à qual o Senhor X era vinculado e mantinha permanentes contatos.

Nas paredes do apartamento do Senhor X evidenciavam-se curiosidades decorativas como, por exemplo, as palavras japonesas seppuku (popularmente conhecida como haraquiri) inscrita na porta da cozinha (que sugeria o esventramento) e “kamikaze” na forma de decalque na vidraça da janela da sala (sugerindo auto defenestração). Pôsteres de esquadrões de homens bomba e de personagens reais ou mitológicos que passaram ou habitam as páginas da história (antiga e recente), também eram ostentados em foto colagens, porta retratos, obras de arte... Absolutamente tudo sobre o fim voluntário, de algum modo, estava contido e ilustrava o universo pessoal do Senhor X.

No Livro de Ouro da Morte Voluntária figuravam, o traidor de Jesus, Judas Iscariotes (que enforcou-se), Adolf Hitler, que teria, ao fim da Segunda Guerra, tirado a própria vida com um tiro antes que pudesse ser capturado; e também perfilavam-se os nomes e biografias daqueles que, através dos tempos, foram dando corpo, nome, número e notoriedade ao aposento dos suicidas na Mansão dos Mortos, ou, como alguns preferem imaginar, ao Segundo Recinto do Sétimo Círculo onde acham-se os suicidas transformados em árvores no Inferno de Dante Alighieri, ou seja, um sem fim de ídolos e personalidades se acumulavam e se acotovelavam como num encontro horrendo e ao mesmo tempo clássico de cadáveres famosos presentes de modo quase religioso na mente, no dia a dia e nas páginas do Livro do Senhor X, entre os quais, encontram-se: Marilyn Monroe (overdose), Elis Regina (overdose), Kurt Cobain (tiro), Virgínia Wolf (afogamento), Salvador Allende (tiro), Cleópatra VII (envenenamento por picada de cobra), Gilles Deleuze (auto defenestração); Florbela Espanca (envenenamento), Alberto Santos Dumont (tiro), Ernest Hemingway (tiro), Sêneca (cortou os pulsos), Jack London (overdose), Torquato Neto (intoxicação), Vincent Van Gogh (tiro), Carlota Joaquina (envenenamento), Jim Morrison (overdose), Mario de Sá Carneiro (envenenamento), entre tantos outros... E ainda havia aqueles que, não se sabe ao certo, teriam morrido por opção ou como vítimas da própria sina: Elvis Presley e Michael Jackson, por exemplo.

Havia, ainda, o registro de eventos coletivos, como o suicídio em massa da comunidade de Jonestown, na Guiana, em 18 de novembro de 1978, com o resultado de 918 mortes, em sua maioria por envenenamento.

Convicto de que somente o suicídio seria capaz de abreviar o fim natural - geralmente miserável, patológico e inconsciente - o Senhor X cria que a Morte Voluntária era algo apo-

teótico e sempre ocorria no clímax de um dilema pessoal; um período insuportavelmente conturbado e que requereria imediata e radical intervenção do indivíduo de modo que, a partir do ato extremo, passaria de maneira abrupta, porém lúcida, pela ação da própria vontade, para o “o lado de lá” existencial, fosse por pressupostos morais, emotivos, patológicos, legais ou ideológicos.

Autor de teses inquietantes sobre os porquês e os métodos falíveis e infalíveis de auto morte, Senhor X já havia, desde os anos oitenta, agendado data, hora e local para o seu desenlace. Seria às vinte e duas horas de uma Black Friday (Sexta feira Negra, em português) - após a quarta Quinta Feira de novembro do ano de 1999, no banheiro de sua própria casa.

O episódio seria arrojado. Arquitetado há quase vinte anos, a “Hora H do Dia D” não teria como deixar de acontecer ou falhar por motivos torpes ou por algum detalhe impensado e imprevisto.

E foi assim que aconteceu: uma semana antes da data marcada, ele instalou com parafusos chumbadores uma argola de ferro fundido no teto do banheiro e escolheu um cabo de aço de meia polegada para fixar o seu corpo que seria suspenso por um laço em torno do tornozelo esquerdo, de modo que o corpo ficaria pendurado de cabeça para baixo. A argola foi instalada exatamente acima de uma banheira de porcelana branca que, na “Hora H do Dia D”, estaria cheia com uma mistura de água e soda cáustica. O tornozelo direito estaria amarrado à parte de trás da perna esquerda, na altura do joelho, como que formando um número quatro com as pernas. O Senhor X idealizara a sua última pose como a imagem do Enforcado, que é o décimo segundo Arcano Maior do tarô de Marselha¹. A saber, o décimo

¹ Na figura da carta de tarô número doze aparece um homem suspenso pela perna esquerda numa forca. O seu semblante é triste e vago. Os seus braços cruzam-se às costas, como se ele não quisesse resistir ou lutar contra sua condição.

segundo arcano - O Enforcado - antecede o décimo terceiro, que representa A Morte. Com um colete de feitiço medieval costurado em couro cru, uma espécie de algemas de sisal seria fixada às costas para que se garantisse que, após a suspensão corporal, as mãos que estariam ainda livres fossem levadas para trás e fixadas em ato contínuo, com o intuito de garantir a posição tradicional do Enforcado. Porém, diferente do que se observa na carta do tarô, o Enforcado Senhor X não estaria de sapatos, pois ele bem sabe, por observações anteriores, que todo aquele que opta pela morte por enforcamento, não se sabe ao certo o porquê, fica descalço e deixa os sapatos metodicamente depositados no chão, próximo ao local do auto sacrifício.

A ideia da banheira era a seguinte: à medida que o Senhor X fosse perdendo as forças, com o seu corpo suspenso pelos pés, a sua cabeça mergulharia até a altura do pescoço na banheira. Mas a morte, ou o princípio dela, viria a partir de uma navalha com cabo de madrepérola com a qual ele riscaria os pulsos, antes de prendê-los às costas na alga do colete. Senhor X sangraria até desfalecer, mas a morte premeditada, a auto libertação, seria relativamente lenta e ele poderia, assim, concluir as suas análises de modo empírico, alcançando a iluminação, o esclarecimento, e chegaria à conclusão final de seus estudos e hipóteses sobre a motivação suicida, antes que viesse a apagar-se de modo derradeiro mergulhando o crânio na solução aquosa corrosiva que, por certo, após algumas horas, o desfiguraria e, depois de dias, quiçá, teria dissolvido totalmente a sua cabeça.

Um suicídio sem carta, porém, é incompleto, imperfeito. Assim, na parede diante de si, o Senhor X fixou um retângulo em pergaminho virgem, onde escreveu a nanquim, não um texto longo e explicativo, mas uma frase sucinta: “Aqui jaz um homem que decidiu morrer com convicção científica, por conta própria.

Um homem que deixou de ser alguém medíocre para se transformar no mártir, na hóstia filosófica de sua própria existência”.

Tudo perfeitamente calculado e milimetrado, cronometricamente ensaiado.

Faltando um dia para a Sexta Feira Negra fatídica, o Senhor X assistiu o seu televisor de tubo catódico, sentado em sua poltrona de vinil marrom. O Senhor X ostentava os seus óculos fundo de garrafa que tinha a haste reparada com esparadrapo e o “vidro dos olhos”, diante da tela, refletia o brilho da programação de TV aberta com sintonia falha. A bem da verdade, o Senhor X não assistia efetivamente televisão. Ele apenas aguardava, esperava com certo grau de ansiedade pelo dia de amanhã. As últimas horas de uma vida entediante. Há menos de vinte e quatro horas do clímax, do êxtase tão planejado da hora fatal.

A última ceia: macarrão pré pronto. Um cálice de sangria para acordar o paladar e enrubescer a língua.

Nudez total, inclusive de pensamentos e recordações.

O jejum dali para a frente era indispensável e determinante, pois “assim estava escrito” e assim haveria de ser.

A noite evoluiu... A madrugada chegou... A insônia teimosa insistiu em transformar o quarto de quatro paredes brancas em um cubo mágico de projetar divagações... A sonolência... O sono... Sonho nenhum, porque o amanhã termina em breve... Deus, o diabo, as crenças e superstições são um nada quando a lógica dos fatos é inquestionável e premeditada com base na ciência. A soberania de saber morrer na hora escolhida; na hora exata em que a vontade intelectual havia determinado.

O Senhor X abriu os olhos e despertou para aquele que seria o seu último dia. Nenhuma palavra (dita ou escrita). O banho prolongado... O desodorante roll-on sem perfume... Barbear impecável e loção de pinho... O perambular do fantasma de carne inspecionando palmo a palmo os vértices do apartamento. Nada haveria de acontecer fora dos planos.

Onze horas da manhã. Treze horas. Meia tarde...
Encheu a banheira e temperou a água com soda.

Vinte e uma e cinquenta. Hora de vestir o traje e subir ao palco da (des)existência, ou seria “desistência”? No caso do Senhor X, com certeza, conforme ele próprio planejara, era chegada, enfim, a Hora H do Dia D.

O par de sapatos acondicionados caprichosamente no chão, próximo à pia do banheiro. Com a ajuda de uma escada doméstica, o pé esquerdo se prende no cabo de aço ficando preso na altura do tornozelo. A navalha de cabo de madrepérola ao alcance da mão direita. O tornozelo direito enlaçado na perna esquerda, parte de trás, na altura do joelho.

Ofegância...

Senhor X riscou profundamente com a lâmina afiada o pulso esquerdo, que permaneceu por alguns segundos, com firmeza, sustentando o peso do corpo “invertido” sobre a borda da banheira.

O sangue a escorrer. A água ruim a se transformar em vinho letal. A mão direita larga a navalha que afunda no líquido. O dorso curva-se e o abdome se contrai... E ambas as mãos se enfiam e enleiam na algeia fixa às costas do colete de couro. Enquanto o corpo balança, a hemorragia escorre pelas costas e um filete de sangue vivo escorre pelo dorso e verte pela nuca, misturando-se à solução aquosa da banheira. O abdome contraído, pelo acúmulo de ácido láctico, começa a cansar. O corpo enfraquece. A visão começa a turvar.

Um momento áureo, mágico. Pequenas alucinações sobre a sua vida pregressa, desde a infância, até aquele momento extremo, invadem a mente do Senhor X e o reconduzem, através das décadas, até a Hora H do tão sonhado e esperado Dia D, que acontecia exatamente como projetado por sua mente engenhosa.

O abdome cede. O dorso exausto se solta um pouco e o topo do crânio cabeludo mergulha no vinho cáustico... O Senhor X sente a acidez do ataque químico a fervilhar e carcomer sua pele. Diante dos olhos, o pergaminho virgem com sua frase autoral de despedida.

Já com a cabeça totalmente imersa na solução corrosiva, o Senhor X, inerte por alguns minutos, abre os olhos e vê uma carpa vermelha nadando em círculos em torno de sua cabeça. O peixe emitia uma musicalidade ambiental como se fosse uma sutil sinfonia contemporânea, uma espécie de Lento à Górecki.

Falando por borbulhas inaudíveis, da boca do Senhor X fluíram mantras em língua humanamente ininteligível. E aquilo parecia compreensível ao peixe que respondia com movimentos esbeltos e perfeitos.

E o Senhor X perguntou, então, àquele ser de natureza e origem fantásticas:

- Eu fiz meu passamento? Consegui alcançar o grande propósito da minha vida, a Morte Voluntária?

E o peixe, respondeu:

- Não. Nada disso. Não é uma questão de propósito. Estou me apresentando a ti antes da tua hora. Eu sou a imagem do teu Anjo Guardião. Tentei avisar-te por influência telepática em meio ao teu transe onírico, mas não alcançaste. É lição aprendida entre os sábios deste mundo que nunca as coisas saem exatamente conforme o que o homem imperfeito planeja. Já disse o Profeta: “Idealiza algo dez vezes; o resultado prático da tua idealização será aquela de número onze”. É assim a essência naturada da imperfeição humana.

- Mas estou aqui, mergulhado em meu próprio caldo, morto, falando contigo, um peixe?!

- Errado. Estás deitado em teu leito e se não levantares agora, pegares tuas anotações e correres, serás consumido pelas

chamas de um incêndio que teve início ainda a pouco no apartamento logo abaixo do teu pavimento. Daí sim, obrigar-me-ás a te alijar deste plano terrestre.

O Senhor X, então, instintivamente, levantou-se em sobressalto e percebeu que tudo não passara de um delírio; uma espécie de sonho incomum. Um triste e frustrante devaneio. Pegou seus apontamentos - o Livro de Ouro - e correu atabalhoado porta a fora. Ele haveria de morrer, mas não de morte implanejada.

O prédio incendiou, foi totalmente consumido pelo sinistro. Ninguém morreu. Comentaram que a vizinha tentara cometer suicídio ligando o gás e enfiando a cara no forno do fogão, porém, o botijão estava no fim e ela apenas desmaiou. O incêndio, na verdade, começou na tábua de passar roupas, onde ela havia deixado o ferro elétrico ligado.

Depois daquilo, o Senhor X passou a sentir um ímpeto diferente, afinal, perdera um dos pontos cruciais de seu planejamento: o local. E recompor todo o cenário, conforme planejado por décadas, custaria, ao menos, algumas semanas. Assim, o Senhor X obrigou-se a retornar ao princípio. Ele continuou a escrever e a estudar casos de suicídio, mas, por outro lado, começou a considerar e analisar, também, a vida daqueles que, perdidos e transtornados, cometeram tentativas mal sucedidas de Morte Voluntária, também conhecida por parassuicídio, então, ele retomou suas reflexões e principiou suas análises a respeito da Sobrevivência Involuntária e todas as suas revoluções e reespeanças na vida daqueles que, sem querer, receberam a graça de uma segunda chance.

O Senhor X reiniciou os estudos acadêmicos e se tornou, após alguns anos, um distinto e notório psicanalista junguiano, solicitadíssimo autor de títulos consagrados pela crítica e pelo público, todos abordando temas de interesse social contemporâ-

neo, assim como na comunidade científica, tais como: “A Mística das Tristezas Urbanas”, “Depressões Desvendadas”, “As Tendências Suicidas e o Mecanismo dos Sonhos”, entre outros.

Hoje, na Sexta Feira Negra do ano de dois mil e doze (um dia após a Ação de Graças que sempre é celebrada na quarta Quinta Feira de novembro), o Senhor X chegou em casa acabado, largou a valise no hall de entrada, caminhou como um zumbi na direção do banheiro, preparou e temperou a água na banheira com fluxos quentes e frios intermitentes, acondicionou cuidadosamente o seu par de mocassins no chão, próximo ao balcão da pia, despiu-se das roupas e dos metais, imergiu até o pescoço, olhou para o alto e deparou-se com uma argola de ferro fundido chumbada no teto, exatamente igual àquela que idealizara tempos atrás - um símbolo representativo de seu passado inglório - objeto que fez questão de manter presente e materializado naquele ponto estratégico de seu cotidiano. Num clique, em ato semi automático, acendeu com o isqueiro inoxidável, requintado com detalhes em ouro, um charuto Gran Corona Montecristo e, finalmente, relaxou as tensões no seu banho inebriante com sais perfumados de lavanda. E, assim, fechou os olhos e adormeceu com o cubano prensado entre os dentes... Afinal, estava exausto. Não. Em verdade, em verdade vos digo: o Senhor X, naquele dia, naquela hora, encontrava-se há quase treze anos ideológica e clinicamente morto.

O cadáver do Senhor X jamais foi encontrado. A única evidência inusitada e inexplicável no cenário de seu desaparecimento: uma carpa vermelha, que boiava sem vida, de barriga para cima, na sopa química aromatizada, servida dentro da luxuosa banheira de porcelana.

Olho por Olho, Dente por Dente !

Cá estou eu confortavelmente instalado na cadeira da morte onde se dará início a sessão de tortura. O clima revela-se solene, muito siso e pouco riso, dia e hora marcado, uma hora de atraso. Uma fraca luz ilumina o ambiente.

Vem-me a mente os meus crimes, fui imprudente eu sei, sob minha liderança eram 32 elementos, um grupo pequeno e fechado todos bem formados e polidos. Foram treinados ao meu comando, organizados em linha indiana, perfilados em dois arcos de 180 graus, cada um posicionado em pontos estratégicos para suas funções designadas. Um comandante e sua tropa organizada: bastava um movimento dos meus lábios para que eles se mostrassem ali em posição e a disposição, armados até os dentes. E o meu silêncio era suficiente para que eles ficassem de tocaia, escondidos, aguardando meu comando para entrar em ação. E sem piedade nos olhos, com fome animal e obedecendo a uma rigorosa coreografia eles instintivamente dilaceravam, trituravam, esmagavam o que ousasse passar por eles, de forma nua e crua.

Agora estou preso a essa cadeira medieval e uma música orquestrada ecoa no ar. No vestuário de meu algoz um capuz, luvas nas mãos e na boca dele uma mordaca, talvez para que eu não possa ver seu sorriso sádico. Inoxidáveis e esterilizados objetos de tortura (esterilizados Senhor?) de forma desafiadora são meticulosamente expostos a minha frente com a frieza profissional que o compete.

De repente um susto: um holofote com uma luz amarelada de alta potência é a mim direcionado quase cegando meus olhos, embaçando a visão. Ainda sim consigo vê-lo, quando com ares de crueldade, na mão uma seringa cuja agulha reluz na pon-

ta, ele me aplica uma injeção, uma dose letal de um entorpecente tóxico. Anestesiado, quero mas não consigo gritar os direitos humanos, nem sequer um último pedido consigo mais articular. Todavia ainda sinto que estou vivo, pois nessa atmosfera desconcertante ainda posso ouvir aquela irritante música, que agora descubro fazer parte do suplício (meinn Gott será Wagner?).

O registro nas mãos frias do torturador me delata: em 18 destes duros e fortes componentes, por anos a fio, consta crueldade e maus tratos perpetrados por mim e lastimavelmente saibam vocês 2 mortes em ação: o 11 e o 24. Sinto a falta do 11, mas não sinto remorsos pela perda, pois era um dos que seguiam a frente do grupo, portanto bastante vulnerável. O caso se deu num confronto direto contra o inimigo no qual não tive tempo de reação ao golpe frontal, e num instante, lá estava o 11 caído ao solo, ensanguentado e sem vida. Perdas irreparáveis que me deixaram um vazio, um osso duro de doer. Volto à atroz realidade que me encontro...

Ele está pensativo e eu apreensivo, percebo que ele tem um fio desencapado nas mãos, mas deixa-o de lado, quem sabe vai utilizar depois. Não satisfeito com o resultado da insanidade anteriormente praticada o carrasco se utiliza da técnica da desidratação e impiedosamente introduz uma sonda através da minha garganta, extraindo minha água corporal. Estupefato a essa investida, me sinto asfixiado. Contudo resisto brava e heroicamente, me soando um paradoxo diante das covardias do meu passado.

Ah! o meu passado... Muitas vezes usei-os ora como autodefesa, ora como adestrados cães de ataque. Como consequência à perda do 11 e do 24, numa tentativa de fechar os espaços criados pelas perdas dos elementos, desvios e desordem por parte dos mais chegados começaram a acontecer. Uma sobrecarga abalou o grupo como um todo. Ainda assim, jamais usei o aparelho fornecido pelo Estado.

Percebendo que ainda tenho respiração, o desumano agora me atordoa com jatos de ar de acachapante pressão, que me faz tremer e afundar na cadeira, tudo em vão. Suspense no ar. O sanguinário se desespera, olhos sádicos, fico horrorizado quando vejo que ele parte pra cima de mim com uma... não pode ser... não... nãããã!!!.

A última coisa que queria seria neste momento era reviver o passado, mas essa aflição me permite o exame de consciência, momentos de reflexão que duram frações de segundos. Tenho o maior orgulho de que nenhum dos meus bravos elementos nunca amarelou, ao contrário. Por tudo que já passou por eles, as inúmeras vezes estiveram presentes em boca de fumo. Todo cuidado é pouco, dia e noite, é uma higiene: se o elemento do grupo for descuidado, babau, acaba se desintegrando, amolecendo e no final cai de podre. Tudo isso com muito sofrimento. É meu amigo, muito verniz e pouca raiz. Mas o que eu vejo a minha frente me traz de volta a realidade.

Ele parte pra cima de mim com uma furadeira, - o mal se corta pela raiz. Brocas em altíssima rotação me abrem orifícios com precisão cirúrgica. Nem a minha desesperada tentativa de falar com os olhos o impede da selvageria e agudos e insuportáveis decibéis me ensurdecem, atormentam meu sistema nervoso e desencadeiam um terremoto em meu cérebro. Sinto no ar um cheiro de queimado e um sabor de sangue quente que desce pela minha garganta. Provas cabais de que mesmo vencido pelo atordoamento, ainda continuo pertencendo a essa vida. E me pergunto: quando e como será que vai acabar essa tortura?

Meu Deus, apesar das advertências que eu recebia dos meus superiores, quantas balas de pequeno e grande calibre, balas perdidas atravessaram as fronteiras em ação? Existem registros de outros grupos onde todos, eu disse todos, os integrantes foram alvejados! No entanto após anos em ação sob meu coman-

do apenas o 21, incisivo e descuidado que era, foi obrigado a receber prótese, sendo condecorado com ouro. Nessa agonia entre a loucura e a realidade me pergunto se isso é um delírio! Esta pena está prescrita no Código Penal ou no regimento disciplinar corporal? Vem-me a lembrança Tiradentes, um mártir executado e esquartejado, que inocentou seus companheiros inconfidentes e cujo sangue se lavrou a certidão do cumprimento da sentença.

Desfalecido, sem saber o que me espera, não mexo um fio de cabelo. Numa derradeira tentativa, pé-ante-pé o truculento se afasta da cadeira para se proteger e um pesado silêncio paira no ar. Sinto apenas que uma gota de suor desce friamente pela minha espinha dorsal. Boquiaberto com a barbárie imposta, sou exposto de forma monstruosa a níveis incalculáveis de radioatividade. Não foi dessa, com as forças praticamente extinguidas, mais uma vez sobrevivi.

Então, lentamente levanto da cadeira, faço um cheque nominal, pago a conta do meu dentista e vou embora.

Sinfonia de Silêncio

Nossa casa era uma mansão vasta, repleta de janelas que exibiam um sem fim de árvores. Fileiras de corredores ornados por quadros e cortinas que dançavam junto a essas mesmas janelas, criados passando com vassouras, roupas ou tinas de água, trocando as velas dos candelabros ou abastecendo as lâmpadas com querosene. Quando tinha menos de dez anos, passei a achar aquilo tudo sobrenaturalmente repetitivo, como se estivéssemos presos a uma pintura a óleo que exibisse aquela única imagem, que se repetia e repetia a cada novo dia.

Atrás de nós, toda uma cidade podia ser vista abaixo da colina, onde as pessoas acordavam cedo e dormiam tarde, formando todo o movimento do dia a dia. Eles suavam e se esforçavam muito, comiam pouco e olhavam para nós, lá de baixo, com inveja no olhar. Talvez se passassem alguns dias vivendo naquele vazio formal, no silêncio elegante, mudassem de idéia. Trabalhando e com seus rostos sujos de carvão, pareciam-me vivos como jamais me sentiria.

Nossa família era grande, com pessoas diferentes em vários sentidos, apesar de que na aparência éramos todos bem parecidos. Os cabelos loiros marcavam bem nossa linhagem, fios que se moldavam em cachos, ornando nossas faces claras. Profundos olhos azuis eram incrustados em muitos de nossos rostos, como no meu, e na opacidade desses mesmos olhos os dias se passavam, distantes.

Cresci rodeado de pessoas, e desde o nascimento recebia olhares e cumprimentos de rostos cujo nome jamais decoraria. Havia primos que eu mal conhecia, além do momento dos jantares ou alguma reunião familiar mais formal. Passavam temporadas conosco, meses e até anos, ou então moravam ali famílias amigas, conhecidos importantes. A questão era que as dezenas de quartos da mansão estavam quase sempre ocupados e isso fez

com que eu me acostumassem às pessoas, preferindo não tê-las tão perto. Sempre tão sérios, eu nunca soube o que foi correr pelo jardim, sujar o corpo na terra ou comer alguma coisa fora de hora, apenas por comer. Metódicos, cada pessoa naquela casa sempre precisou seguir regras, horários, obrigações que eram justificadas pelo amor e preocupação com o amanhã. Eu via meus irmãos mais velhos, primos e tios. Eles eram adultos e bem sucedidos no sentido que foram criados para sê-lo, porém mesmo na plena conquista desse amanhã, seus olhos permaneciam com aquele mesmo vazio que existia em cada um de nós.

Cruzava com muitos rostos pelos corredores, novas crianças nasciam a cada ano e a imensa família com seu grande círculo de amigos residentes crescia, com suas reuniões ditas importantes, seus homens de negócio, grandes casamentos, longas viagens pelo mundo.

No meio de toda aquela aristocracia nobre e nublada, meu mundo sempre esteve no piano. Era diante de suas teclas que eu renascia, fechava os olhos e me sentia livre. Talvez tenha sido por isso que ela me chamou tanto a atenção. Quando a vi pela primeira vez, eu ouvi música.

Estava sentado em uma das varandas estudando algum livro de filosofia e treinando o alemão. Dedilhava as páginas enquanto o sol brincava de desenhar sombras em minha mão. Baixei a vista quando ouvi o som da carruagem ao longe, aproximando-se da mansão. Observando seu movimento, pude vê-la descer. Foi como se uma composição se formasse através de seus movimentos, quando ela desceu os degraus de madeira e tocou o solo, os cabelos negros compridos e ondulados, alcançando a cintura, a forma como usou os dedos para afastá-los do rosto, que segurou o vestido para não pisar em sua batinha. Toda uma sinfonia de anseios e desejos nasceu suavemente, misturando-se aos seus passos. Passos que a levaram para dentro da minha casa. Nunca fui atento a quaisquer dos amigos de família que iam passar algum tempo conosco, mas particularmente ali, todo o foco

de minha atenção se fixou na entrada dela. Viera sozinha, apenas duas criadas carregando suas bagagens e eu segui pela lateral da casa, circundando-a para ver quais seriam os aposentos de nossa nova convidada. Esqueci-me do livro que lia, das aulas que logo teria. Esqueci-me mesmo do mundo por um instante, ávido por aqueles olhos castanhos, escuros como uma noite misteriosa. Observei enquanto subia as escadas e memorizei a porta pela qual entrou e onde se fechou. Fiquei parado ali, naquele corredor, como se as pernas não tivessem mais energia para o retorno. Havia uma espécie de perfume na atmosfera, algo suave, mas poderoso. Era como se houvesse vida pela primeira vez naquela mansão.

Alguns instantes se passaram e foi quando minha mãe cruzou por mim com um semblante tão fechado que eu não me lembrava de já ter visto antes. Um olhar sombrio, as mãos segurando com força o vestido comprido enquanto andava com passos pesados e ruidosos. Para minha surpresa, ela me olhou feio e seguiu direto para o quarto de nossa hospede, batendo a porta com certo ruído de grosseria.

Aproximei-me alguns passos, cauteloso, ávido por saber qual assunto às envolvia, quais palavras seriam trocadas ali.

- Eduardo.

Retesei a coluna ao som do timbre grave e virei de costa, na direção da voz.

- Estou esperando a ti há quase uma hora. Acaso esqueceste novamente sobre nossa reunião? – Ele continuou.

Era meu pai. Com a aproximação de meu décimo oitavo aniversário, ele insistia que já era o momento de eu aprender sobre os negócios da família, assumir algum cargo em sua empresa e seguir com o nome dele, que era nosso principal legado. Eu queria apenas ler e tocar piano, mas era uma tarefa difícil dizer não ao meu pai, principalmente quando seus irmãos mais velhos já haviam dito sim, e ele era sempre cheio de argumentos que provavam – somente para si mesmo – o quanto tudo o que fazia

era o bom e o certo para todos nós. E assim minha mãe sumiu no quarto daquela jovem e eu tive que seguir para o lado oposto, mesmo que minha atenção e meus pensamentos permanecessem ali, rondando aquele corredor.

Eu ainda estava excitado demais pela presença daquela jovem em nossa casa e naquela tarde a reunião foi uma das piores. Quem poderia querer passar a vida inteira sentado atrás de uma mesa, assinando papéis e acumulando dinheiro? O mundo era imenso, e deitar na grama olhando para a dança das nuvens no céu era viver muito mais do que lidar com indústrias e importadores. Quando os anos se passassem e a juventude se fosse, eu não queria olhar para trás e dizer que fui apenas mais um homem em nossa família que aumentou o status do sobrenome e os dígitos da conta bancária. Mesmo que eu conseguisse conquistar nada, queria poder fechar os olhos e saber que vivi plenamente, mesmo que essa plenitude se resumisse a notas musicais.

Maëlle era o nome dela e nada me pareceu mais conveniente, pois o significado dele era princesa. Não demorou a que eu conseguisse encontrá-la a sós, mesmo que a menina sempre estivesse ao lado de sua criada pessoal, uma ama já com certa idade e que continha uma brandura suave no olhar. Maëlle estava na varanda naquele dia, as pequenas mãos pousadas na sacada, aproximei-me silencioso e fiquei por alguns momentos, mudo, observando a forma como o vento acariciava seus cabelos compridos, os cílios longos, negros e curvados, que moviam-se a cada vez que ela piscava.

Foi quando a voz dela me retirou do mundo da contemplação.

- Já tenho problemas demais. – Ela disse sem se mover, ainda de costas para mim. – Por favor, não venha crescer mais um.

Seu timbre era firme e direto e naturalmente surpreendi-me com o comentário, colocando-me ao seu lado e finalmente encarando diretamente seu rosto. Quando os olhos dela se finca-

ram nos meus, novamente aquela sinfonia tomou forma e todas as agonias da minha juventude tornaram-se irrisórias, uma sombra ofuscada quando o amanhecer surge. E ela era tal qual um eterno amanhecer. - Meu desejo não é provocar-lhe qualquer desgosto. Apenas vim me apresentar, não me lembro de seu rosto em minha infância. - Estendi a mão a ela com um sorriso. - Sou Eduardo Rochester e a senhora é...? - Deixei as palavras, em indagação, no ar.

Ela estreitou a vista por um segundo, como que surpresa com aquela pergunta, mas logo sorriu também. - Senhora? - Riu. - Não sou uma senhora, sou mais nova do que tu. E ninguém me chama de senhora de onde venho, no máximo de criança desastrada enquanto brigavam para que eu fizesse as tarefas com mais agilidade. - Eu senti que ela fez questão de deixar clara sua origem pobre como um desafio, talvez para me afastar. Virou-se então para mim, segurou a saia e se inclinou como uma dama o faria. Só que um inclinar visivelmente inexperiente. - Sou Maëlle Drumont.

Não me lembrava de já ter beijado a mão de muitas moças porque sempre evitava as reuniões sociais, mas demorei-me com os lábios em sua pele em demasia, sentindo o perfume suave que vinha de seus dedos sem anéis. - É um imenso prazer conhecê-la.

- Mas não me conheces. - Ela remendou. - Apenas sabes meu nome.

Ao ouvir aquela frase, assumi o compromisso de que a conheceria como ninguém jamais conheceu, de que saberia o ritmo no qual fluíam suas ideias e pensamentos, o tambor de seus medos e a constelação de seus sonhos. A mim bastaria focar em seus olhos para entender que a conhecia tão bem, como se nos víssemos desde um tempo antigo, ancestral. Mas desdobraria cada nuance de tudo aquilo que era ela, e aprenderia sua história bem como seus traços belos haviam se fincado em mim.

* * *

Maëlle era sempre arredia.

Passava a maior parte do tempo trancada em seu quarto, e dizia estar lendo ou bordando. Mas quando eu perguntava sobre o livro ou pedia para ver o bordado, ela fugia do assunto. Era visível que não estava satisfeita por estar ali, por mais que nossa família fosse boa anfitriã de maneira nata. Ela não participava dos jantares ou estava presente com as damas na hora do chá, e as vezes que tentei indagar sobre isso com minha mãe, ela apenas desconversava.

- Não gosto de chás. - Era a resposta simples que obtinha de Maëlle. - Prefiro um bom copo de café para poder molhar um grande pedaço de pão.

Eu a via cavalgar com a criada, mas nunca consegui compartilhar do esporte, porque subitamente ela se sentia cansada quando eu me aproximava e oferecia-me para acompanhá-las. Somente quando estávamos completamente a sós, ela dava-me a atenção que eu tanto desejava, e aqueles momentos eram o pilar sobre o qual eu erigia todo o meu castelo de expectativas.

Havia uma vida nela que eu desconhecia, e justamente por desconhecer, queria para mim. Ela tocava as flores como quem brinca com as cores da vida, ria alto como se dialogasse com o invisível e deixava-se molhar na chuva, pisando em poças de lama e encharcando o vestido. Parecia viver em um mundo a parte. Um mundo livre.

Seus lábios róseos eram como contornos de pétalas, suaves e coloridos, e a forma como se curvavam quando ela sorria era digna de uma pintura. Nossos únicos momentos só nossos costumavam ser quando eu tocava. Tarde da noite, eu dedilhava as teclas pensando nela, e como que conjurada por meus pensamentos, ela surgia em uma das portas da sala de música e ali ficava, observando-me de longe, perdida naquele som.

Naquela noite, quando ouvi seus delicados passos pou-
sando no chão, quando senti que ela estava uma vez mais na por-
ta, estanquei a música e levantei-me depressa. Como sempre, ela
deu meia volta e pôs-se a andar em retorno. Mas daquela vez eu
não a deixaria ir. – Espere. – Sussurrei, apressando-me e segu-
rando seu braço. – Não fuja assim, se vem me ver quase sempre
que toco, porque não pode ficar um pouco a mais?

Ela encarou-me em silêncio por alguns instantes como se
pensasse em qual resposta deveria dar. – Temo que nos vejamos.

- Não há problema. Todos dormem, e não fazemos nada
demais. Fica. – Pedi.

Maëlle respirou fundo, baixando a vista, o roupão de seda
clara que usava contrastava com os cabelos negros, que estavam
trançados e caindo por seu ombro. – Gosto de ti, Eduardo. Talvez
de uma maneira diferente do que deveria gostar.

Meu coração se aqueceu com o ressoar daquelas palavras,
cada batida se tornando pesada, empurrando meu peito. Tomei
suas mãos em um misto de ansiedade e ternura. – É somente nos
teus olhos que penso desde que pisaste aqui pela primeira vez.

Ao contrário do que supus, ela pareceu angustiada com
aquilo. – Eu... não sou quem pensas que sou. – Com aspereza,
puxou as mãos das minhas.

- Sei que viestes de uma família mais humilde, que não
estás acostumada aos requintes desta mansão e que na verdade
gostarias de não ter vindo ficar aqui.

Ela ergueu os olhos surpresa com minha observação. –
Como sabes?

- Porque olho-te. Olho-te todos os dias, escuto-te recla-
mar com tua criada sobre a falta que sentes de tua antiga casa,
de tua mãe. Ouço que não foste tu que escolheste vir, que foi ela
quem lhe pediu. Mas nossa casa não é de todo ruim. Têm muitas
pessoas, eu bem sei, mas a maioria apenas cuida da própria vida.
Maëlle sorriu ternamente e seus dedos tocaram meu rosto. – É só
isso que sabes sobre mim?

Balancei a cabeça afirmativamente. A mim não impor-
tava se antes ela era uma lavadeira, criada ou costureira. Pouco
queria saber sobre qual favor a família dela prestou a minha para
lhe conferir o status de poder estar ali. Importava-me apenas
continuar a ver aquele sorriso. – É só isso que me interessa sa-
ber. – Inclinei-me para baixo e tomei seu rosto com as mãos, to-
mando sua boca em seguida. Eram lábios suaves, delicados como
uma fruta madura e doce, os quais eu suguei como quem respi-
ra o hálito da própria existência. Quentes, moviam-se contra os
meus em uma maciez sem medida, e eu queria apossar-me deles
indefinidamente.

Foram os mais longos e mais rápidos minutos de minha
vida.

Quando me afastei, nos encaramos tão de perto que pude
me sentir engolido por aqueles grandes olhos dela, aquele uni-
verso castanho salpicado de luz e sombra, tão vivo que dava mais
sentido a mim mesmo. Não importava mais todo o vazio que eu
sempre senti com as pessoas, havia uma, aquela única, que por si
mesma era capaz de preencher a tudo.

Não dormi aquela madrugada. Toquei horas a fio, mú-
sicas mil fluindo através de mim, de meus dígitos, meus pensa-
mentos. Quando a manhã veio, meus dedos estavam doloridos
e dormentes, mas isso era muito pouco para afetar meu humor.
Era como se tudo se tornasse mais vivo por causa dela, e talvez
por isso mesmo eu não tenha percebido ou levado em conta o
olhar sombrio de minha mãe quando chamou aos meus irmãos
e a mim para uma conversa. Eu pensava no gosto dos lábios dela
quando comecei a ouvir a voz de nossa genitora, todos nós sen-
tados nas cadeiras e divã, diante de uma grande janela. Aquilo
era um fato raro, porque nós oito raramente nos reuníamos,
cada qual sempre concentrado em suas próprias ocupações. Po-
rém mesmo o caçula que ainda possuía menos de uma década
de idade estava ali, sentado a balançar as perninhas enquanto
aguardava o teor do assunto.

Mas meu pai não estava presente.

- Todos bem sabem que ser anfitriã é uma característica nata de nossa família, que recebemos a todos e demonstramos a maior cordialidade que nossa educação nos permite, ampliando nossos laços e vínculos com muitas pessoas. – Ela suspirou pesadamente, um certo veneno na voz que tornava o ar que respirávamos, azedo. – Mas creio que devo contar aos meus filhos o que se passa, para que não julguem mal minha decisão. – Uma pausa. – Vou expulsar de nossa casa uma visitante recém-chegada, porque me é insuportável conviver com as faltas de meu marido.

Meu olhar se focou no dela, pois nunca havia ouvido aquele tipo de assunto vindo de minha mãe. Foi então que ela entrou, olhos vermelhos, lábios comprimidos. Maëlle caminhou até nós, parando no centro da sala e fitando minha mãe. Parecia uma fera que sangrava, rancorosa e magoada e naquele momento meu peito já dava seu alarde, confuso e nervoso. Não imaginava o tipo de falta que ela poderia ter cometido para poder ser expulsa, mas mesmo que tivesse roubado as joias de minha mãe, eu pagaria por elas e a absolveria de seus pecados. Levantei-me em um rompante.

- O que é isso, minha mãe? – Usei um tom severo e de desafio. – É assim que trata alguém acolhido sob nosso teto, é esse o exemplo que dás aos menores?

Os olhos azuis da matriarca se focaram nos meus como um relâmpago. – Antes de vir julgar-me, Eduardo, atente para as verdades que teu pai prefere manter ocultas da verdadeira família.

- Mas ela não faz nada que atormente a nossa família, minha mãe! – Bradei, o que fez todos os meus irmãos me encararem surpresos. Eu era calado por natureza, e ali contradizia toda a imagem que possuíam de mim. – E se meu pai decidiu acolher alguém de origem mais humilde, isso não é uma falta e sim um mérito!

Minha mãe me fitou séria por alguns instantes, magoada

com meu comentário, mas mais uma vez suspirou, baixando a vista para reerguê-la fitando o céu distante através de uma das janelas largas. - A falta de teu pai não foi acolher alguém mal nascido, Eduardo. É algo muito além disso. – Tentei dizer algo, mas ela me interrompeu. - Eduardo. – Repetiu meu nome e apontou para Maëlle. - Essa moça não é uma simples jovem acolhida aqui. Ela é sua irmã. – Olhou-me nos olhos, falando com raiva, cuspidando as piores palavras que minha audição poderia encontrar. – Irmã de vós todos. – Complementou olhando para todos.

Foi como se a sinfonia que ouvi quando a vi pela primeira vez ruísse em um mar de instrumentos quebrados e notas erradas. O gosto da boca dela ainda estava na minha, quando o mesmo sangue que corria em minhas veias havia nas dela.

Um soluço dela me fez encarar seus olhos escuros que agora estavam molhados. Meus irmãos estavam perplexos, minha mãe traída, meu pai, ausente. Eu não sabia a história dela, mas o que eu tinha ali não era uma bastarda, uma cria que meu pai gerara em uma de suas viagens perdidas e que agora, talvez por remorso, trouxera para ser acolhida entre nós.

Ela era a minha canção de silêncio que soprava vida nas paredes opacas e vazias daquele mundo que era a mansão sobre a colina.

- Mas agora já chega disso. Se meu marido quer ter bastardos, que o faça, mas sob meu teto, não irei admiti-los. – Minha mãe rosou, segurando o vestido e partindo dali com passos que massacravam o chão sonoramente.

Em meu coração se instalou um ritmo dolorido que me lacrou em uma masmorra de desespero. E o que eu não sabia, era que aquele era apenas o primeiro dia de meus tormentos.

FIM

O Orbe sobre a grama

Era uma confusão babilônica em quatro cores. Os anéis, inferior e superior, apinhavam-se de gente que os pintava em azul, preto, branco e vermelho; a última cor, em menor número, fechando o círculo atrás da goleira que dá para o lado da Carlos Barbosa. No ápice do verão porto-alegrense, não faltava quem dissesse que aquele já era o dia mais quente da década.

Nas arquibancadas, os rostos urgentes se esquivavam na tentativa de avistar o campo, onde seus representantes corriam como loucos, neste segundo tempo de jogo, para honrar as cores estampadas no entorno. O placar: zero a zero.

- Picolé! Coco, uva e fura-bolo!

Os tricolores encurralam pelas laterais os adversários que se encolhem. O jovem camisa sete dispara pelo canto, mas acaba saindo com bola e tudo, próximo à bandeira. A criança pergunta ao pai quem tem a posse da bola.

- A bola é deles, meu filho, a bola é deles.

Chutão para o meio. Batista escora de cabeça e lá vem contra-ataque tricolor. Rádio no ouvido e o homem grisalho de bigodes espessos ouve, com atraso, a narração daquilo que, segundos antes, os olhos já viram, numa confirmação que lhe assegura a constância do existir.

- Cerveja e água! Está acabando... Cerveja e água!

Vem de novo o Renato, tropeça, sai do primeiro, tromba com o segundo, perde a bola.

- Foi falta, seu juiz! - Grita o moço loiro – Assim não tem como a gente vencer!

- Olha o picolé! Coco, uva e fura-bolo!

- Não, Renato, não faz assim que tu toma cartão! Vem cá, picolé, tem de quê?

O rádio confirma: a falta favorece o time visitante. Na cobrança rápida, os jogadores de camisa vermelha escapam pela lateral direita e pegam o time da casa desarmado. Chutão da entrada da área e a bola passa rente à trave. Frio na barriga dos torcedores que soltam o ar, num uh, aliviado.

- Ei, magrão! cuidado com esse picolé nos meus cabelos! O goleiro bate as travas da chuteira no poste esquerdo para desprender as placas de grama, dá um chutão e a torcida empurra o time.

- Cerveja e água!

As camisas de lã azul, branca e preta apegavam-se à pele como milhões de pequenas agulhas. Subia do gramado um vapor que distorcia a imagem do campo. Os torcedores de pele mais clara, com o buço coberto de gotículas de suor, sentiam a pressão baixar.

- Vai Renato, vai Renato!

- Ei, abaixa a cabeça, tchê! assim eu não consigo ver o jogo.

Tonho avançou pela lateral, os tricolores correram pelo meio. Uma moça de ancas largas passou, com o cabelo dourado a contrastar com a camisa azul e preta, abrindo caminho pela multidão. O homem sardento, que tinha a bandeira atada ao pescoço, ficou dividido entre a jogada de perigo e as pernas da moça.

- Picolé! Coco, uva e fura-bolo!

- Mas é bem ruim, esse Tonho! pisou na bola e caiu sozinho! - A torcida se irritava.

Nova reposição do goleiro visitante.

- Pai, tô me mijando.

- Aguenta aí, guri! Aguenta aí que não tem como chegar ao banheiro agora.

Novamente o meio campo tricolor corta e vem para o ataque. Dessa vez, Tonho consegue passar e recebe uma entrada forte do defensor de camisa vermelha. A torcida, irritada, grita; o

Juiz se aproxima e mostra o cartão. O rapaz, indignado, junta os dedos da mão em frente ao peito, num gesto clemente, insistindo que não fez nada; só mirava a bola.

- Se deu mal, Mauro! Na próxima tu vai para o chuveiro!
- Picolé, coco e fura-bolo!
- Tem de quê, picolé?
- Agora tem coco e fura-bolo.

Bola na área, acertaram o Renato, início de confusão em campo. O castelhano de barbas puxa o Renato pelo braço, afastando-o da confusão.

- Não faz isso, Renato! Não faz isso que tu é expulso!

No meio do bolo surge um homem de amarelo: é o juiz - mais um cartão para cada lado e os ânimos se esfriam. Nova reposição, jogo embolado no meio. Na torcida, a loira continua tentando passar.

- Mas ah, Carlão, tu viu aquela alemoazinha ali?

Falta no meio, marcação apertada em campo. Os jogadores tricolores tentam sair, mas não conseguem passar pelos adversários de camisas vermelhas.

- Picolé! Picolé! Coco e fura-bolo! Quer picolé, moça?

O rapaz de gorro azul se ofereceu para pagar, mas a loira recusou a oferta. O capitão do time da casa tem a bola no meio. Levanta a cabeça, olha de um lado e de outro, mas não encontra ninguém livre para passar a bola.

- Pelo amor de Deus, Tonho! Mas é bem ruim, esse Tonho... Corre pela lateral para receber, tchê!

Movimento no banco de reservas do time da casa. O rádio confirma a substituição.

- Odair vem aí; - conta o tio do radinho - ele vai tirar o Tonho.

- Ô Picolé, me troca esses cinco pila, para eu dar o troco da cerveja do gringo ali.

- Um, dois, três, quatro, cinco pila: feito. Picolé, coco e

fura-bolo!

Jogo preso no meio. Os tricolores tentam; os colorados se seguram.

- Odair, tu vais jogar com o Renato - avisa o técnico. - Libera a marcação para ele entrar pela lateral.
- Pai, eu vou me mijar!
- Segura, guri, segura que a peleia ta dura.

Os visitantes roubam a pelota e tentam armar a jogada. O castelhano esbraveja com o colega que perdeu a bola. Com pouco trabalho no jogo, a defesa tricolor não está bem posta. Valdomiro escapa pelo canto e o capitão o para com falta.

- Ai, ai, ai... vai tomar cartão.

- Picolé, picolé!

O temor do torcedor se confirma: cartão amarelo para o uruguaio. Os vinte e dois jogadores discutem em campo. A bola, deixada de lado, na grama, repousa sobre uma bola maior ainda, que gira em torno de si e circunda uma terceira, gigantesca, incandescente. E quantas outras há? No meio do burburinho, alguém mais atento poderia ver o tempo a se desfazer como um novelo, num silêncio que perpassava tantos corações pulsantes; sangue a fluir, bocas a se abrir e se fechar, poros a dilatar. Apita o juiz. Na arquibancada uma luz intensa cintilou repentina. O jogador que se aquecia na lateral de campo olhou a luz; a criança olhou dentro das calças, conferindo se havia se molhado; o pai olhou a bunda da loira; a loira voltou-se para a lateral do campo, onde estava o Tonho; o Renato discutia com o marcador; o tio de bigodes ajustou a sintonia do rádio; o sujeito das sardas arrumava o nó da bandeira ao pescoço; o gringo conferia o troco; o vendedor de cerveja se abaixou para pegar uma moeda que caíra; o Juiz fitou o cronômetro quando, no improvável segundo de silêncio, o estádio inteiro escutou o grito do vendedor de picolés a ecoar pelos anéis:

- Gol!

Silêncio absoluto, perplexidade: a bola repousava entre as redes do time da casa. Todos olhavam, sem entender.

- Foi gol? Foi gol?

- Não sei!

O vendedor de picolé continuava a berrar:

- Gol, gol, gol!

- Eu falhei no lance? – perguntou, constrangido, o goleiro para o Newmar.

- Fui eu que chutei essa bola? - indagou um atacante.

- Não sei, Silvio, eu não vi!

A pequena torcida colorada esboçava uma comemoração tímida. O juiz, apavorado, olhava para o bandeira que lhe devolvevia o olhar perplexo. Mais vozes:

- O que aconteceu?

- Acho que nós fizemos um gol...

O Juiz se aproxima do bandeira, aguarda que ele fale, mas o homem não diz nada.

- Ô Wilson... tu sabes me dizer o que aconteceu?

- Eu acho que foi gol do colorado...

- Tu acha? Tu és bandeirinha e me diz que acha que foi gol?

- Ô Eugênio... será que tu não te destes conta do que aconteceu? Tirando aquele maluco da caixa de isopor, que está gritando, parece que ninguém viu essa bola entrar: ninguém! Nem o Emerson está entendendo como a bola foi parar dentro da goleira dele!

Os jogadores olham para os dois, sem entender. Alguns tricolores caminham para o centro do campo. Os colorados querem comemorar o gol, mas não sabem a quem festejar. E quem tem coragem de perguntar?

- E agora, o que a gente faz? - Pergunta o juiz.

- Opa, Genoca! O que tu vais fazer! – Esquivou-se - Mas eu, no teu lugar, validaria o gol...

- Ta louco, Wilson? E para quem eu ponho o gol na súmula? Eu vou dar é bola ao alto!

O bandeira empalideceu...

- Eugênio, por favor, seu eu fosse tu não faria isso!... Já pensaste nas consequências que uma atitude dessas pode trazer?

- Do que tu estás falando, Wilson?

O assistente permanecia calado, com uma expressão que deixava o juiz apavorado; os jogadores não entendiam nada.

- Por favor, Wilson, que cara é essa? Do que tu estás falando?

- Eugênio, pensa bem... acabaram de fazer um gol e ninguém viu, nem eu, nem tu, nem o goleiro, nem quem chutou! Vai que tu lanças a bola ao alto e ela vai subindo, subindo, subindo e não cai nunca mais? Ia ser uma tragédia, toda a torcida fugindo desta cena apocalíptica...

O juiz sentiu o sangue lhe fugir do rosto, deu um passo atrás e disse entre dentes:

- Levanta a bandeira, Wilson... Levanta a bandeira!

O bandeira obedeceu, o juiz se afastou e apontou um lugar qualquer da grande área: impedimento.

Os jogadores colorados não reclamaram muito; a torcida, pouco a pouco, foi se aquietando.

- Mas foi gol do colorado!

- Tá louco, picolé? Tá com vontade de apanhar? Te some daqui que já sabemos, todos, que tu és colorado!

O restante do jogo seguiu estranho, até o apito final (e aliviado) do juiz. Os repórteres entraram no gramado com seus fones e aquela confusão de cabos e fios. Debatiam o zero a zero em um jogo tão disputado. Ninguém ousou mencionar o ocorrido, nem fazer qualquer pergunta sobre ele.

Veza por outra, em Porto Alegre, nas mesas dos bares, durante as transmissões de jogos, pela TV, ainda se encontra quem se disponha a narrar essa história fantástica e acrescê-la de novos

detalhes. Para contá-la, reuni o que julguei mais confiável, dentre os muitos depoimentos que colhi nos últimos anos. Os relatos de cinco ou seis pessoas, do meu convívio, que estavam no estádio, fazem-me acreditar que, no mínimo, algo de muito estranho aconteceu àquela tarde. Muitos são os disparates que, de forma velada, se afirmam sobre a partida, como a lenda de que o gandula furtara a bola e, a duas quadras do campo, fora interceptado por um carro preto, de onde descera um homem armado requebrando o objeto. As explicações de caráter esotérico são inumeráveis. Mas, de todas essas lendas, uma preservo com especial desvelo e suspeitas de veracidade: a história de que o vendedor de picolé tornou-se triste e pouco falou daquela tarde até o dia da sua morte. Disseram-me também que o pobre homem foi tomado de uma obsessão por contemplar os astros e conseguiu fazê-lo, no observatório astronômico da cidade, poucos dias antes de silenciar definitivamente. Às vezes reflito sobre a verossimilhança das coisas. Como chamar fantasioso algo que, de um modo ou de outro, permeia a existência de um homem? De minha parte, confesso que não fiquei imune ao mistério e admito que, durante um jogo de futebol, – não, não é qualquer jogo! Falo daqueles que, por alguns minutos, nos elevam a um patamar mais alto na existência e nos fazem sentir o coração pulsar na garganta, como deve ter sido o daquele domingo – a cada lance genial, a cada vez que um jogador se exaspera por não ter conseguido ir além do seu limite humano, a cada passe perfeito, desvio por um instante os olhos para o céu, confiro a posição dos astros, na esperança de que no zênite, ou sob qualquer alinhamento incomum dos orbes celestes, outra luz brilhe em campo e se dê uma jogada inesquecível, que justifique toda a nossa existência.

CATARSE

Ainda se fazia dia, quando o telefone tocou. Bernardo atendeu de má vontade, pois estava no meio de um amontoado de papéis, incluindo uma proposta que não conseguia terminar.

Alô? Vilma, pelo amor de Deus, estou no meio de uma... Me liga daqui há pouco, por favor. Não posso interromper...

Nunca mandei você para a puta que o pariu, mas se desligar esse telefone ou não interromper o que está fazendo, hoje você vai com todas as honras, entendeu? E apenas me escute. Se disser uma sílaba, desligo esse telefone e vou até aí. Isso, quieto. Pelo menos uma vez na porra da sua vida, escute-me. Isso é uma despedida e é pra sempre. Ida sem volta.

Cansei de tudo: cansei de você sempre me olhando por cima do jornal, nunca nos olhos, como se eu fosse um móvel apenas na sala. Cansei dos nossos filhos sempre me sugando; como se eu fosse obrigada; depois de tanto trabalhar para ajudar você a sustentá-los, ainda estar com disposição para ajudar nas lições de casa, sem dar a mínima para o fato de já estar defasada dos tempos colegiais.

Ah! E ainda me cobram: não é assim, mãe, você não sabe de nada. Depois crescem; vivem as próprias vidas e nos esquecem pelos cantos; ou quando não, jogam-nos em asilos; que para acalmarem o remorso, costumam chamar de “Clínicas de Repouso”.

Chega. Cansei de ser a administradora do lar que você acha sempre que está tudo fora de lugar, mas joga suas coisas quando chega em qualquer lugar, como se fosse um lugar qualquer e não o lugar que o recolhe e protege.

Cansei de ser a motorista que você sempre acha que vai bater na próxima curva, mas que vai buscá-lo nos aeroportos. Cansei de ser a enfermeira que você sempre acha que está dando o remédio errado e que a hora não é exatamente aquela: imagine, faltam cinco segundos.

Cansei de ser a sua muleta, quando algum problema emocional o ataca, ampara-se muito à vontade; mas quando preciso de ouvidos: os seus, ora não são penicos.

Quando uma pequenina gripe o surpreende, joga-se na cama, mete-se num pijama e pede para ligar ao escritório, inventando mil desculpas; enquanto as minhas cólicas: ora, são dores de mulher, você anda muito preguiçosa, Vilma, vamos, vá trabalhar.

E quando eu estava parindo os seus filhos, você mal me olhava e ia lambe as suas crias. Até enquanto não chorassem, claro.

E como reclamava da quarentena: nossa, vamos ficar todo esse tempo sem... Como se fosse um garanhão. Imagine, então, se eu iria me atrever a ter a tal da depressão pós-parto? Eu, hein!

Imagine se eu ousaria reclamar dos peitos rachados e doloridos ou dos pontos vaginais? Tinha que levantar no meio da madrugada, arrastando-me até o berço e chorando junto com o bebê. Mesmo se eu o chamasse não adiantaria, o seu ronco encobria o nosso choro. Aquilo era frescura, coisa de mulher moderna, como me disse várias vezes.

No tempo de minha mãe; as mulheres pariam em casa e eram de aço; um dia depois já estavam no tanque lavando a própria roupa, sem precisar de vizinhos e nós temos que aguentar a porra da sua mãe por uma semana?

Ah, cuidado, Vilma, senão vai ficar fora de forma. Faça ginástica urgente para voltar ao corpo antigo, sim? Como se o meu corpo fosse propriedade sua, legalizada naquele papel passado daquele maldito Cartório.

Cansei de esperar a sua aprovação, depois de horas no cabeleireiro e, depois seguir o seu olhar de admiração para outra, aliás, cansei de comprar uma linda roupa e você nem perceber.

Cansei de ser a dondoca e estar sempre linda nas reuniões enfadonhas com aqueles filhos das putas dos seus amiguinhos do escritório; quando na verdade, adoraria estar assistindo um lindo filme com um velho pijama de florzinhas, na companhia apenas de uma cervejinha gelada e um sacão de pipocas. Talvez, namorássemos um pouco, como nos velhos tempos, quem sabe.

Dar uma transada no quarto da empregada, sei lá, uma aventura besta, mas uma quebrada da rotina. Ao invés do lindo filme até um filminho de sacanagem para esquentar o ambiente. Mas não, você é convencional. Depois da famosa promessa no altar, adeus motéis, quando não saíamos deles quando solteiros. Hipócrita!

Cansei de sua mãe sempre me corrigindo e se considerando a melhor cozinheira do mundo. Aliás, dê-lhe um recado: adoro ter uma cozinheira particular.

Por isso, fiz questão de nunca aprender a fazer aqueles bolinhos ridículos de bacalhau que você tanto gosta, seu trouxa. E quer saber? Aquela comida maravilhosa que eu levava para a praia era tudo encomendado.

E como todo idiota que não gosta de comida congelada, você se lambuzava todo, e algumas vezes, chegava até a me elogiar para os panacas que iam se empanturrar e deixavam aquele montão de louças sujas. Se queria uma cozinheira, por que não se casou com a sua mãe?

Quer saber de outra? Lembra-se aquela conta do eletricitista que você achou enorme? Pois fui eu quem consertou, porque você morre de medo de não ligar os fiozinhos nos lugares certos e levar um choque, para depois levá-lo diante da conta.

Ah, o armário da Nina também não foi o marceneiro quem consertou, não, fui euzinha, sacou? Adorava cobrar só pra lhe sacanear, já fazia tanto serviço de graça, pô! E depois ia feliz

da vida comprar qualquer coisa, nem que fosse um alfinete, mas que agradasse a mim, só a mim. Só consegue fazer a mesma coisa, sempre. Nem curiosidade tem diante de algo que não conhece.

Quer saber de mais uma? Nas minhas rodas de amigas, um dia me perguntaram se eu tinha um cachorro. Como?! Todo mundo tem que ter, ainda mais quem tem criança, apesar do trabalho.

Pois eu disse que tinha sim e que não dava o mínimo trabalho: um bravíssimo São Bernardo que além de defender a casa; protegia e brincava com as crianças; ia sozinho ao banheiro, saía todo dia de manhã para trabalhar e ainda trazia um salário no fim do mês, gostou?

Não, não estou de fogo. Quietos, apenas escute. O quê que eu tenho?

Ora, vontade de vomitar o osso da galinha choca que acha que eu sou e que está enalacrado na minha garganta, seu pulha.

Ah, está ocupado? Coitadinho! Louca eu? Se desligar, vou dizer tudo isso aí no seu escritório, mais que pessoalmente, estou avisando! E, aproveito pra contar pra todo mundo que esse tarado que senta perto de você e que você chama, amavelmente, de Chefe me deu a maior cantada.

Cansei de ver seu pai sempre me espreitando da janela para checar o horário que eu chego do trabalho, com aquela cara de cachorro chinês, em cima de um pilar. Nossa, Vilma, o ônibus das crianças já chegou há um tempão.

Será que ele pensa que sou uma daquelas personagens do “Jornada nas Estrelas” que se materializa em outro lugar e que ele tanto adora? Que merda é essa?

Tenho a vida fiscalizada; analisada, espezinhada e além de tudo: chegar; providenciar o jantar; pontualmente, para que, na hora que você chegar (depois de sua ginástica, claro!), olhar com a cara de pouco caso e dizer: só isso?

E gostaria de saber qual a força cósmica que o impede sempre de tampar a privada; fechar as gavetas e armários; não guardar os jornais lidos; não respingar pasta de dentes no espelho e deixar as toalhas molhadas sempre em cima da cama.

Aliás, cansei de você nunca respeitar os meus compromissos e achar que só quem os tem é você e, claro, tenho que os cumprir junto, apenas para mostrar que somos o casal perfeito. Cansei desse lado da máscara de teatro: só a que ri, a que chora... Nunca.

Cansei de não ser respeitada nas minhas vontades. Quantas trepadas eu não simulei orgasmo, e você se achando o máximo. Nossa, sou bom pra cacete! Dorme nesse barulho, meu filho, por isso é que a Liz não aceitou a sua cantada, seu cretino.

Ela sabia a merda que você é na cama, pois disse isso alto e bom som pra todas as minhas amigas. A velha história de “a propaganda é a alma do negócio”, manja? Só me faltava ser chamada de cornuda!

Aliás, acho que eu deveria apelar para a Lei do Consumidor por ter sido enganada e ter comprado gato por lebre. Ao invés de uma bela Brastemp, você não passa de um tanquinho meia boca. Sinto-me a tampa de uma panela torta que nunca se encaixa ou o pé com joanete que não se conforma nem num sapato usado.

Ah, e as viagens? Sempre íamos onde o mapa-mamãe indicava. Claro que adorei Veneza, claro que adorei a Grécia, mas puta que pariu, ela tinha que ir junto? Só faltava ficar no mesmo quarto, por medida de economia. A única a que não foi... Foi na lua-de-mel, mas mesmo assim, tivemos que ir aonde ela e seu pai foram. Era como se os dois estivessem conosco na cama. Que droga!

Vou embora agora com a alma expurgada, mas não se esqueça de pagar as contas em dia, viu? Não se esqueça de tomar o remédio para a sinusite e muito menos esqueça o remédio do Júnior: são vinte gotas todas as noites, entendeu? Aproveite pra

anotar tudinho aí na droga de proposta que está fazendo e que não podia interromper. Aproveite essas dicas e essas propostas, não cobro nadinha.

Bernardo, você não está me levando a sério?

Ah, os ternos deverão ser pegos na lavanderia na próxima quinta. Já estão pagos. O recibo está no espelho do banheiro. A despensa está cheia, dá para uns dois meses, mas não deixe de comprar algumas coisas de geladeira e frutas, semanalmente.

O Supermercado da esquina recebe verduras, frutas e legumes fresquinhos todas as terças, mas tem que chegar bem cedo, senão acaba e olhe que é o melhor preço da praça.

O Junior não gosta de cenoura, mas compre, pois a Nina adora. A Nina não suporta abacaxi, mas o Junior não fica sem. Ambos detestam abacate por causa do filme “O exorcista”; que você como sempre se esqueceu de guardar; mas não esqueça nunca do melão que ambos adoram e que deve ser escolhido sempre se apertando a bundinha; se afundar está maduro.

Como a maioria das crianças, nem pensar em: jiló, chuchu e quiabo. Não se esqueça de dizer para a empregada colocar beterraba no feijão, pois ambos não gostam, mas precisam da vitamina. Pare de me interromper, seu estúpido!

Louca eu fui quando me deixei sufocar assim. Aproveite a oportunidade e escreva, vamos! Sou a sua secretária mais que particular. Já antecipei para a empregada três meses de salário, anotou? E do meu dinheiro. Anote, senão, desligado como é vai pagar novamente e sabida como ela é receberá duplamente. Mas não a maltrate, senão faz bico e bate panelas, mas é de confiança e conhece as crianças desde que nasceram.

A Nina tem consulta ao dentista na próxima semana e o Junior na semana seguinte para mais uma aplicação de flúor e não esqueça que ambos devem apertar os aparelhos uma vez por mês.

O quê?! Bernardo, o Junior parou de usar as botas ortopédicas há dois anos. Ah, eu não te avisei. As reuniões de Pais

e Mestres só acontecem nos finais de semestre, mas não deixe de pedir o boletim para assinar, todos os bimestres. Claro que, dependendo das notas, eles nunca se lembram de entregar.

Dona Vanda tem cardiologista no dia quinze e o seu pai não pode deixar de fazer a visita ao geriatra. Já tentei levá-lo, mas ele acha que não precisa. Insista, por favor. Não se esqueça de dizer ao médico que ele é alérgico à dipirona. Lembra aquela vez lá na praia? Quase morreu.

Nossa! Já ia me esquecendo: nem por sonho deixe a Nina comer chocolate, mesmo que berre, senão a alergia ...Você não sabia? Ah, sim, claro.

Não deixe de mandar flores no aniversário da Liz, no próximo sábado, apesar do que eu disse a ela, sei lá...De repente, rola alguma coisa, não é?

Não, Bernardo, não estou brincando. As crianças gostam muito da tia Liz.

Ai, acho que não me esqueci de mais nada.

Ah, o seu carro precisa trocar uma tal de cebolinha, mandei o mecânico para a puta que o pariu, mas ele reafirmou o diagnóstico e como não estou com saco para pensar em cebolas fora da cozinha, vá você mesmo resolver o problema.

Escreva aí, na sua executiva proposta idiota: se um dia nos encontrarmos; nem ouse me fazer outra proposta que não seja a de amante, pois suas cuecas borradas, meu bem, estão todas na calçada da rua como bandeirinhas sujas de uma partida de futebol que acabou no zero a zero.

As demais coisas... Chega, agora estou cansada tanto quanto a minha orelha. Aliás, estou exausta. Cansei de falar ao vento. Cansei de falar aos cantos. Cansei de falar sozinha. Cansei de me cansar. Hoje quero um dia cheio de horas coloridas só pra mim. Sem agenda, sem cobranças. E só quero me fartar até ficar exaurida de mim mesma. Cansei...Adeus!

Vilma, o que foi isso? Alô, alô, alô! Filha da puta! Não acredito. Desligou na minha cara, mas quando eu chegar em casa ela vai ver, ora se vai. São Bernardo, é? Cadela! E vai embora com quem? Mas qual será o vagabundo que ousou ser melhor do que eu? Frouxo? Eu?!

Ai, meu Deus! Largando as crianças?! Nossa, minha mãe já com aquela idade.

Bem que me diziam que casamento era coisa para otário. E mulher um bicho complicado. Companheira do homem...Costela de Adão, tá bom. Meeerdaaa!

Numa coisa ela tem razão: sou um cretino. Aqui, com esta merda de gravata me sufocando e me matando para sustentar essa...essa...essa...

Meu Deus, a Vilma vai embora?!

Alô, Nina? Nina? Que gritaria é essa? Nina, chame a ...

Pai venha correndo. A mamãe beijou a gente e acabou de se jogar pela janela.

Pai? Pai? O que foi, ficou mudo? O quê?!

Não, claro que não, você também se esqueceu de que estamos na casa da praia?

Só quebrou uma costela e se arranhou nos espinhos da roseira, coitada!

FIM

O Abrigo

A cidade estava arrasada. As ruas viraram lama e a maioria das casas era um amontoado de tijolos. Nina se mudara com a mãe e dois irmãos menores para o abrigo improvisado na escola municipal. Levava só a roupa do corpo, um pequeno embornal de papel e muita dor do coração. As famílias eram ajeitadas conforme iam chegando. As salas de aula abrigavam de vinte a trinta pessoas, entre elas muitas crianças, algumas tão novas que não sabiam ao certo que espécie de “casa cheia” era aquela.

Muitos eram os donativos que vinham de várias partes do país, voluntários indignados com a tragédia, faziam de tudo para deixar aqueles dias menos sofridos às famílias que lá estavam, desprovidos de sonhos e fartos de dor e perda. Entre os muitos voluntários do abrigo, apareceu uma jovem de semblante calmo, cabelos longos, voz mansa e olhar atento, que desde que chegara, tomara as crianças pelas mãos e sentara-se no pátio para contar histórias. Todas as crianças queriam ouvir a jovem, sentar-se perto dela e deixar-se levar pelos encantos dos livros. Todas, menos Nina. Ficava de longe a triste e pequena Nina, não brincava com nenhuma criança do abrigo, apenas observava o vai e vem das pessoas, dos donativos, o amontoado de gente e tudo o mais que aquele episódio acarretava. Nina era parte daquele transtorno, parecia trazer consigo a dor de toda aquela gente, e de fato trazia. Perdera seu pai quando ele saiu de casa de madrugada para ajudar os soterrados da “rua de baixo”, onde acabou por ser tomado pela terra do barranco que avançara fortemente na direção das casas. A jovem voluntária leitora de histórias percebeu que a menina estava longe num canto do pátio, só e encolhida. Deu uma pausa da leitura e seguiu em sua direção. Nina correu

e se escondeu debaixo da cama onde seus irmãos menores dormiam o sono da tarde. A jovem voltou então a ler as histórias de Pinóquio, para deleite das crianças do abrigo.

Era noite, quando uma senhora anunciou que todos deveriam ir para os seus quartos improvisados, um a um, as crianças e seus familiares se acomodavam nas camas, colchões, esteiras e até pilhas de jornais. Para espanto dos meninos, lá estava a jovem moça que lia para eles. Ela entrou em um dos quartos, puxou uma cadeira e sentou-se com um livro nas mãos. Uma das crianças perguntou se ela também havia perdido sua casa na enchente, mas a moça não respondeu, apenas sorriu e convocou às crianças daquele quarto para as últimas histórias do dia. Ela abriu o livro de contos e começou a libertar o encantamento de suas palavras por toda a sala de aula, que havia se transformado num quarto coletivo. Crianças e adultos voltavam a sorrir, cada trecho lido era como flecha de luz no coração daquelas pessoas, que também participavam da leitura, contando causos e pequenas histórias que iam sendo lembradas. Nina, que já estava deitada no quarto ao lado, saiu pelo corredor externo até se aconchegar debaixo da janela, e ficou ali até que as histórias findassem. Ouvira a tudo, depois se deitou e sonhou como há muito tempo não sonhava.

No dia seguinte, ainda antes do café da manhã servido na cantina da escola, Nina pegou seu embornal de papel e saiu com ele nas mãos andando pelos corredores. Quando encontrou a jovem que lia as histórias, entregou-lhe o embornal e disse:

- Meu pai quem me deu. Ele catava papel e um dia encontrou isso no lixo.

E para surpresa da moça, no embornal havia um livro, ainda úmido e sujo pela enxurrada que desmanchara a casa. Era um livro de contos indígenas para crianças, como ele foi parar no lixo ninguém sabia, mas ele renasceu duas vezes: uma, quando

foi tirado do lixo, e outra, quando foi salvo das águas lamacentas pelas mãos trêmulas e assustadas de uma menina.

- Qual é seu nome? – perguntou a moça.

- Nina.

- E você já sabe ler, Nina?

- Sei sim, e já li esse livro um tanto de vezes. – disse Nina.

Meu pai não sabia ler, todas as noites era eu quem contava histórias pra ele e para meus irmãos, esse era o único livro da minha casa, já o li um tanto de vezes.

A moça estava com um brilho enorme nos olhos, perplexa e esperançosa ela perguntou:

- Você gostaria de partilhar a leitura do seu livro conosco, Nina?

- Ahã. Eu queria ser como você, queria ler para as outras crianças, mas eu só tenho esse livro, ele tá sujo e molhado, tenho medo de que os outros zombem de mim. – disse Nina.

- Ninguém vai zombar de você, Nina! As pessoas desse lugar precisam de você, leia seu livro quantas vezes for preciso, e deixe que outras crianças leiam também. Você verá como os dias vão ficar melhores, mais coloridos e quando você menos esperar, a vida na cidade vai retomar seu lugar.

Nina sorriu, olhou para o céu e falou:

- Meu pai vai me ouvir contar outra vez as histórias que ele tanto gostava!...

A jovem a abraçou e disse:

- Adeus, Nina! Agora é com você, encha o abrigo de palavras!

Depois saiu pelo portão da escola, abriu suas asas escondidas por entre os cabelos longos e sumiu no azul do céu.

XXXVII
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA

CONTO, CRÔNICA E POESIA

37ª edição

SANTA MARIA
2014

**XXXVII
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

Edição 2014

Cezar Augusto Schirmer
Prefeito Municipal

José Haidar Farret
Vice-Prefeito

Dra. Deili Silva
Presidente da Câmara de Vereadores

Marilia Chartune Teixeira
Secretária de Município da Cultura
Coordenadora Geral do Concurso

Josias Ribeiro
Secretário Adjunto da Cultura

Rosangela Beatriz Rechia
Coordenadora de Eventos da Biblioteca Pública Henrique Bastide
Coordenadora Executiva do Concurso

Fernanda Silva dos Santos
Bibliotecária

Equipe de Apoio:
Carlos Cavalheiro, Elizandra Quevedo, Ana Rita Bandeira Marchesan
Roxane Angela Machado Erro

Participaram da XXXVII Edição do Concurso Literário Felipe D'Oliveira um total de 758 trabalhos provenientes de cerca Treze estados brasileiros: RS, SC, PR, SP, RJ, MG, ES, BA, AL, PI, CE, DF, GO assim distribuídos 259 Contos, 186 Crônicas, 313 Poesias. País - Saitana - Japão

**XXXVII
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

POESIA

COMISSÃO JULGADORA:

Odemir Tex Junior - ASL
Maria Barbiero Venite - ASL
Denise Reis - CAPOSM

Premiados

1º Lugar

A Última Bicicleta

Marcos Vinícius Teixeira Quiroga Pereira - Rio de Janeiro/ RJ

2º Lugar

Veleiro

Eder Rodrigues - Pouso Alegre/ MG

3º Lugar

As Segundas Coisas

Marcio Davie Claudino da Cruz - Curitiba/ PR

Incentivo Local

Madeiras da Infância

Vitor Otavio Fernandes Biasoli - Santa Maria/ RS

Menções Honrosas

1ª Menção

Os Ventos

Paulo Franco - Ribeirão Pires /SP

2ª Menção

Quietude

Darcy Ribeiro da Cruz - Rio de Janeiro/ RJ

3ª Menção

A Cidade

Daniel Retamoso Palma - Passo Fundo/ RS

A ÚLTIMA BICICLETA

Nem toda vida é uma pista
Nem todo ciclista é um alvo
salvo se estiver com o coração tão leve
que não pese na paisagem
Nem toda esquina é abismo
mas muitos corpos caem na faixa preferencial da morte
e são levados para a sala de estatística
e fotografados com a fisionomia de espanto

Lavado o sangue a pista é reaberta
a outros corpos que se movimentam
sobre as rodas da utopia

Nem todo depoimento tem medo
Nem toda investigação é falha
No cedo da manhã ciclistas exercitam
a solidariedade e aprendem com o vento
o itinerário do devir

Nem toda freada é brusca
Nem toda indiferença é presa em flagrante
Um borrão de ferro interrompe
a busca o ciclo do desejo
a 500 metros da faixa do encontro
Um vulto se projeta longe suspenso no ar
como um pássaro permanente

Nem toda perícia identifica
a esperança desfeita no rasto do pneu que se rasgou

O sertão sem veias naquela lonjura de embaçar
a vista, ditava o raso da fundura dele.
Velho esquecia dos lenços
e sedava desejos aos que nunca iam
como se já não tivesse cura.
Um dia cansou de ser barco
Sabia que dentro do batel, homens velejam feito
ilhas, e se cercam de silêncio por todos os lados.
Nesse dia não avisou. Nesse dia fazia anos
e no costume de nada acontecer nem se lembrou.
Nunca doeu de paixão.
Nem teve juízo para despregar deus da parede
e pedir um desses sonhos de gente grande.
Partiu se despedindo de ninguém
Como palavra a afogar poemas
onde a água por tamanho rasa,
enche ouvidos e a boca de areia.
Regressou naquele corpo sem praia boiando
e anônimo ao mar que nunca surgiu no horizonte dele.
Voltou o homem deitado como barco
Viveu o barco atracado como homem.

Naquele dia de anos
Nenhuma vela soprou por ele.

AS SEGUNDAS COISAS

1

É tarde demais para On the road
cedo ainda para Doutor Fausto
ainda em tempo para Big Sur e as laranjas de
Hieronymus Bosch...

Mas tarde demais para ser Rimbaud
cedo ainda para Goethe em Weimar
ainda em tempo para Henry Miller em Paris...?

2

As segundas coisas,
belas como os olhos do piedoso
e o tremor das mãos do alcoólatra.

Sou homem adiado
de sonhos e esperanças desbotadas
como um índigo surrado que um dia foi alegre.

Os tênis carcomidos
(os tênis velhos que pisaram o chão
de tua casa estão até hoje guardados)

a calça velha rasgada no joelho
as meias de pares trocados e as ceroulas escrotas
rotas para este longo inverno...

3

Quando a vida vem e diz:
“- Vai, agora é a sua vez!”
Você corre de braços abertos

mas tem alguém atrás de você,
você nem percebeu
que o convite era para o outro.

Tenho andado olhando para baixo.
Curva-me às costas um arco-íris, este feixe de memórias,
algumas são saudades, outras, sombras.

4

As ruas dos primeiros amores
as mesmas dos primeiros fracassos
as mesmas dos primeiros sofrimentos

emergem baças no fundo da neblina
onde já não vejo mais
aquele menino quieto brincar no quintal.
(São agora segundas coisas...)

5

Sou homem adiado
de sonhos e esperanças desbotadas

como um índigo surrado que um dia foi alegre.
Sou homem adiado
moro no meio do mundo
na periferia dos sentidos

sem ninguém
sem ninguém
sem ninguém.

Tarde demais para On the road
tarde demais para ser Rimbaud,
jamais Goethe, jamais Miller...

Nesta longa periferia,
Entre as segundas coisas,
o frágil adejo das páginas deste poema em vossas
mãos,

uma curta estadia.

Madeiras da infância

Súbito descubro que tenho pressa,
caminho pela Calle Florida
e procuro o jovem que fui
em antiga viagem a Buenos Aires.
(Eu tinha vinte e um anos na época.)

Encontro ecos desse rapaz
e pergunto quem ele era.
O guri comprava livros de Sabato, Octávio Paz,
e observava o mundo portenho
recém submerso
em ditadura militar.

Era um rapaz latino-americano, quem sabe,
e mandara um cartão postal aos pais
com uma lacônica informação:
“Tô bem. Não se preocupem.”

O rapaz virou homem,
o Pai morreu
(eu tinha vinte e dois anos na época)
e a Mãe permaneceu como um porto
construído com as madeiras da infância.
Só ontem a Mãe envelheceu
(eu tenho cinquenta e oito anos agora)
e súbito tenho pressa.

Então acelero meus passos
(a Calle Florida perdeu o charme)

e chego atordoado a Plaza San Martin.
Jorge Luiz Borges morava nas imediações,
me contou um amigo na época.
(Era 1977 e Borges apoiava a ditadura.)
Não anotei o nome da rua, o número do prédio
e nem adianta agora procurar.

Tenho medo, Poeta, de me perder.
Cruzaste essa praça sem ver o espetáculo das árvores,
mas sabias o caminho.
Fecho os olhos para viver a tua escuridão
e me sinto penetrar num labirinto
onde encontro o rosto do Pai,
escuto as palavras da Mãe
(ainda ontem falamos ao telefone)
e sou guri novamente.

Bem poderia escrever um cartão postal para a Mãe:
“Estou bem, não te preocupe comigo.
Sou vacinado, eleitor,
quites com o Serviço Militar
e vou dar jeito na vida.”

Mas tenho pressa, medo.
Sinto que desmorona meu porto
e vão-se as madeiras da infância
carcomidas pelo tempo.
Um último abraço, Mãe.

OS VENTOS

Lembro-me dos ventos
nos agostos
da minha infância.

Na inexatidão
dos sonhos de criança,
involuntária,
a esperança
era uma marcha de fé.

Os cheiros, as manhãs, os orvalhos
eram as partes de um eterno
presente futuro
como se o tempo não tivesse muro
e a vida caminhasse de marcha ré.

O infinito não passava
da primeira esquina,
o universo estava na ponta da linha
em desenhos leves
nas rabiolas das pipas
que se mesclavam ao balé das aves de rapina.

A galinha no quintal
era como um deus ciscando o mundo
à caça de felicidades
sob um sol não refletido
já que a lamparina era a luz possível
a amenizar a escuridão.

A bola, o estilingue, a mãe,
a bica de águas cristalinas,
alimentavam o poeta de calças curtas
que ainda não sabia
a razão de quase nada
mas que se assustava com as crenças sobre o fim do mundo.

Lembro-me dos ventos dos agostos
porque os sentia com mais contundência.

Lembro-me da fome
e de quem, como em santa ceia
sem multiplicação de pães,
repartia-nos o pouco que havia
como a manter-se pela Providência
de um amor imensurável.

O tempo era o passageiro instantâneo
a trepidar nos galhos das árvores
que derramavam folhas amarelas
sobre as trilhas das arapucas mal armadas
meio a arachas em um quintal desconhecido de grande,
mas aquecido por brincadeiras de roda.

Mas o tempo nos ventos
esvaiu-se. Assim como os agostos e as décadas.
Na lembrança
a criança guardada em algum ponto
do cinquentenário passando.

Criança e homem que brincam
em tempos distintos
no mesmo corpo
que por instinto
vê no vento um horizonte
de intentos e pipas que tremulam.

Frágeis linhas
de um belo a bailar no olhar
na arte de sentir
o que o tempo como vento
na lembrança nos permite eternizar.

Quietude

Nada a acrescentar ao lago sereno,
lago que já reverberou vozes
agora caladas sobre a planície
vítrea que cheira a peixes de prata.
O luar fere as águas com a certeza
de arpão. A mudez persiste, resiste
nesse deserto líquido sem ondas
nem intermitências das marés.

(Ficam ondas sonoras de silêncios)

A voz não dita corre a superfície
gasta nos milênios de vida afora.
Bem faz o vento que não fala nada
só sussurra sem aguardar respostas.
O vento está bondoso, por enquanto,
entregue a uma calmaria de brisa.

O vendaval que vai descabelar
cabelos feitos do sol que esmaece
está ausente. O lago sabe esperar,
sentindo as andorinhas mordiscando
sua pele no aconchego de cócegas.

(Há libélulas pairando com suas asas de vidro)

A CIDADE

Uma cidade começa a morrer com muitas chaves cravadas em suas portas.

Com seus desejos tremendo por dentro, vigiados pelo Medo e seus tenentes.

Uma cidade começa a morrer ao vestir-se de lápides, conchas aplanadas e esquecidas da voz do mar, afeitas aos ecos vetustos da Velha Senhora que tudo [governa.

Uma cidade começa a morrer no definhar de suas asas em corpos que constroem arranha-céus para a venda sacrossanta de horizontes derradeiros. Uma cidade morre em mim quando me calo. Em ti se me ignoras quando meu uivo é um hino pela nossa fome.

Crescem-me as unhas como luas para que eu escreva escravo e as crave na carne de algum céu sem nome. (Arriscar estrelas nas ruas escondidas pelas tuas vestes. Constelar na noite do teu corpo uma carta de viagens e vertigens) Verbo arruaçar: onde uma inexistente raça urra galerias para que a lua passe por dentro dos erros. Amarrar matilhas ao pescoço dos cordeiros que perderam suas vozes num só ruído de desistências. Vociferar pela lâmina-lua de cada dedo. Dedilhar com a foice somada às mãos uma fome infinda para ceifar-te os medos, cidade minha. Para medrar punhais de plenilúcio saber sangrar as sombras, feito apicultor de dulcíssimos sussurros.

XXXVII CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA

CRÔNICA

COMISSÃO JULGADORA:

Andrea Reginatto - FAMES

Celina Fleig Mayer - ASL

Tatiana Keller - UFSM

Premiados

1º Lugar

Encontros e Desencontros

Tatiana Alves Soares Caldas - Rio de Janeiro/ RJ

2º Lugar

Seja o Cara

Guilherme Pinto da Silveira - Pelotas/ RS

3º Lugar

Do Amor

Maria Aparecida S. Coquemala - Itararé/ SP

Prêmio Incentivo Local

O Perau

Carlos Rodolfo Bopp - Santa Maria/ RS

Menções Honrosas

1ª Menção

A Vida Tem Sempre Razão

Edileuza Bezerra de Lima Longo - São Paulo/ SP

2ª Menção

Meus e-malis

Marlene da Silva Leal - Rio de Janeiro/RJ

3ª Menção

Diálogo Com Deus

Crispina Soares Pedreira – Cotia/ SP

Encontros e Desencontros

A Vida é a arte do encontro, já dizia o poetinha. O difícil é, no momento atual, descobrir qual o mistério desse encontro, marcado ou não. As mulheres são induzidas, desde cedo, a associar o amor afigura de um homem que, à semelhança de um príncipe dos contos de fadas ou de filmes de Hollywood, a carregará em seu cavalo branco para bem longe da solidão. Tenho uma amiga que até hoje fica olhando por cima do ombro de cada namorado. Em potencial para ver se consegue enxergar a tal estrelinha que, segundo um livro lido por ela, sinalizaria a marca da alma gêmea, visível somente para a outra parte.

A Vida real, infelizmente, não tem magia programada nos filmes. Não se ouve a filarmônica durante o primeiro beijo, nem estrelinhas ou coraçõezinhos brilham em rodopio em torno do casal apaixonado. E aí começam os desencontros, frutos do descompasso entre idéia veiculada pelos filmes e a realidade, um cotidiano tão amargo de tragar, segundo outro trovador. Calamó-nos diante da rotina, desejando que o inesperado surja apenas em uma face positiva, conformando-nos com a mesquinha de uma existência à meia-bomba, sentido-nos afortunados por não sermos devastados por tsunamis que levam para longe até as esperanças.

Contas a pagar, rotina enfadonha, mau humor e estresse, eis os venenos do amor.

Seus antídotos? Pequenos truques para fugir dos problemas mencionados, paliativos da enfermidade, sem perspectiva de cura real.

Diante de tudo isso, pode até parecer que não sou uma pessoa romântica. Sou sim.

E muito. Acredito em almas gêmeas, em destino, em amor para sempre... Mas acredito que o pra sempre tenha que ser construído a cada dia, sob pena de se esvaziar e criar estranhos

Que mal se olham pela manhã. Mais do que a arte do encontro, talvez se deva buscar a de se encontrar. Conhecendo-se, realizando o verdadeiro encontro consigo, o indivíduo torna-se apto a buscar no outro não aquilo que lhe falta, mas o que o torna ainda melhor. Os grandes amores não são aqueles no estilo não vivo sem você – idéia fortemente difundida no imaginário amoroso -, mas sim os que congregam seres que estão tão sozinhos que se permitem ser ainda mais felizes ao lado do outro. Por paradoxal que pareça – e é-, a melhor forma de ser feliz com alguém consiste justamente em não precisar desse alguém. Isso, convenhamos, tira um fardo enorme das costas do pobre amado, que até então carregava consigo a responsabilidade pela felicidade alheia.

Um encontro que se faça entre seres maduros, conscientes dos próprios limites e potenciais, que saibam exatamente o que esperam um do outro e o que toleram ou não nele, estabelece as bases solidas de um encontro que, se não tem os holofotes dos amores do cinema, brilha a cada noite, em pequenas coisas.

Tal encontro, embora raro, permite que o indivíduo se reinvente, mantendo a inconfundível aura do princípio, ou, como já disse outro poeta em conhecida canção, a beleza cristalina do começo. Talvez o segredo consista em buscar essa beleza, a do eterno recomeço, na renitente obstinação dos que buscam o verdadeiro encontro, um parceiro na aventura de existir.

Seja o cara

Amor pode ser tipo tu te levantar às 2h da manhã para comprar um MC só porque tua guria está com fome de comer MC. Levá-la ao inferno dizendo que é o paraíso. E, se ela realmente estiver na tua, será o paraíso. O amor é a ilusão da mente, a fuga por um lar melhor. Elas só querem um cara que seja parceiro, as escute e demonstre que buscamos qualidade, durabilidade e encantamento contínuo. Anotou aí? Meu avô disse que não teve só minha avó. Minha avó disse que só teve meu avô. O velho fala que é impossível, para nós homens, comermos da mesma comida por muito tempo. Lidar com duas cabeças falando ao mesmo tempo não é para qualquer vivente. Há pessoas que se alimentam de momentos, outras de estabilidade. Comer fora mata a fome, mas não cria história, só aumenta números. No final das contas, números não contabilizam laços, não perduram pela eternidade. É como a brisa: acaricia o rosto, dança pelo corpo e vai se indo, partindo, já foi.

Se tu notares, elas só querem um cara que as façam ser elas mesmas, que possam sorrir de mesmo modo quando sorriem com as amigas. Alguém que seja seu melhor amigo antes de ser seu companheiro. Que seja íntimo de suas manias e compreensível diante de suas imperfeições suportáveis. Amor quando é amor, é amor pelo interior, pela alma e não pela foto do Facebook. Corpo bonito chama, mas não segura. Não mantém. Valorize! Pratique o conserto antes de efetuar a troca. Tu mal deves saber, mas enquanto tu estás discutindo as chances do teu time ir para a próxima fase, ela está usando o tempo falando em ti para as amigas, detalhando os teus jeitos e entrando no site do João Bidu, para descobrir como te conquistar da melhor forma, se baseando no teu signo. Se ela perguntar o número do teu pé,

poderá te presentear com uma meia ou com um celular. A gente nunca sabe. Gurias são imprevisíveis. Caso ela venha te chamar para tomar um chimarrão na praça da cidade, leve-a ao campo. Se ela te ligar na madrugada dizendo que está com saudades, vá antes que o sol nasça. Tens que ser o cara, o diferente, deixar marcas, fazer dela a tua Megan Fox. O normal é lembrança, o atípico é lembrado. Mulher não fala, deixa entender. Mulher não diz, quer ser entendida. O segredo reside em regar o encantamento todo o dia, podá-lo de vez em quando, enfeitá-lo com flores pela manhã. Entendeu? O que é nosso a gente cuida, planta e acolhe. Aprendi a amar em casa, a ser homem com uma mulher com pseudonome de mãe. Valorize quem fecha a porta e gira a mesma maçaneta para voltar. Afinal, a comida de casa é sempre mais gostosa.

Do Amor

A flor do amor tem muitos nomes.

(Guimarães Rosa)

Tomada a palavra em sentido geral, AMOR é laço afetivo entre familiares, entre amigos, até mesmo voltado às plantas e aos animais. É amor o que se vê na mãe afagando o filho, nos amigos desfrutando momentos de camaradagem, no gesto do jardineiro colhendo cuidadoso a flor, no agricultor lavrando com alegria a terra; na mão que alisa carinhosa um animal de estimação; no artista criando sua obra de arte... Enfim, é amor o que vemos em todos aqueles que, independente do grau de instrução, idade, tempo ou lugar, põem naquilo que fazem um pouco da alma sob a forma de dedicação, ternura, cuidado. É o nosso amante, nos termos de Jorge Ducal, o que tomou conta da nossa vida. O que nos apaixona, que nos mostra o sentido e a motivação da vida.

Mas, é do amor romântico, do que mais se fala, *um não sei quê, que nasce não sei onde*, no dizer de Camões. Vem-se tentando desde há muito, explicar sua natureza: afinidade química? Programação da natureza para perpetuação da espécie através de mecanismos geneticamente transmitidos? Necessidade psicológica de reconstituição da unidade perdida com a mãe pelo nascimento, conforme defende Gikovate, numa linha freudiana? Destino? Combinação ao acaso de forças bio-cósmico-sociais? Não há respostas conclusivas, a Ciência engatinha quando se trata de explicar o amor romântico. Existe, é fonte de alegria, de sofrimento, inspiração nas Artes... O amor de Drummond na maturidade inspirou Campo de Flores, um dos mais belos poemas da língua portuguesa.

Quer no estilo romântico, com personagens de ações e

sentimentos previsíveis, quer em outros estilos de época, como no Realismo/Naturalismo e no Modernismo, com personagens mais realizáveis e imprevisíveis, o amor é o grande tema da literatura de todos os tempos. Foi o amor que desencadeia os conflitos de Isaura, de Moreninha, de Iracema, de Bentinho, de José de Arimateia, de Riobaldo, entre tantos outros, na literatura brasileira.

Amor acontece na vida, diz uma canção popular. *O coração tem razões que a Razão desconhece*, afirmava Pascal. Todos estamos sujeitos a ele, até mesmo ao amor extremado, a paixão, essa estranha supra realidade onde vemos o que não existe e existe o que não vemos, onde tudo se enviesa, bem e mal se confundem, todo o potencial do ser humano se canaliza no objeto da paixão. Paixão que transforma a vida, glorifica, mas também destrói; que ora eleva, ora rebaixa, podendo levar ao desespero e à morte. Como em Romeu e Julieta, símbolos do amor eterno. Porém, eterno porque paradoxalmente irrealizado plenamente, amor que a rotina não erodiu, ou não matou de vez. Considerada doença por alguns pesquisadores, a paixão resultaria do excesso de serotonina no corpo, o neurotransmissor que dá a sensação de prazer. Um desequilíbrio funcional. Característica marcante da paixão é a transitoriedade, principalmente quando se vincula mais ao sexo. Mas, não se deve confundir amor com sexo. Podem associar-se, uma feliz associação. Mas, não necessariamente, pois há sexo sem amor e amor sem sexo.

Há falta de maiores esclarecimentos sobre a natureza do amor, surgem diferentes posturas, havendo os que reivindicam hoje um relacionamento amoroso sem maiores compromissos: amor sem passado, só presente, sem futuro, sem cobrança, sem trato nem contrato, amor pelo amor. E há os que se posicionam pela volta ou manutenção das responsabilidades dos relacionamentos amorosos: casamento com prazo de validade (até que a

morte os separe), fidelidade, dedicação exclusiva... Os vieses negativos e os positivos se alinham nas duas modalidades, mas se há vantagens para o casamento tradicional, há também desvantagens, o mesmo acontecendo nos relacionamentos informais.

Outras explicações sobre o Amor surgem a cada dia. Numa linha mais espiritualista, há os que postulam que a criança, num primeiro momento, sadia e perfeita, tem, desde a concepção, grande potencial de recepção afetiva e a dicotomia amor/desamor, por parte dos pais, seria o princípio regedor de todos os fatos inconscientes, mas que irão direcionar sua vida. A falta de amor dos pais levaria ao desamor primordial, fonte de conflitos emocionais, das deficiências físicas, doenças e desequilíbrios. Origem provável até mesmo da esquizofrenia, do homossexualismo, do autismo, pendor para as drogas, entre outros distúrbios graves do comportamento. Assim como o amor dos pais, desde o primeiro momento, seria a fonte de harmonia, o desamor levaria às afecções, ao desequilíbrio, a sérias implicações na vida psíquica e física.

Por fim, o amor virtual, em tempos de Internet. Hoje, a solidão tornou-se opcional quando se dispõe de um micro, dizem os internautas. Aí se fazem amigos, namorados, noivos e casamentos sem algumas das desvantagens- e das vantagens- do real. E podendo extrapolar para o real, onde os relacionamentos ficam sujeitos às mesmas imprevisibilidades. Amor virtual é amor sem consistência, volátil, segundo alguns. Amor tão intenso e emocionante quanto o real; uma alternativa aos carentes casados; um fator de estabilidade do casamento, segundo outros. *O essencial é invisível para os olhos*, disse Exupéry em *O Pequeno Príncipe*. Um ponto de encontro, sobre o qual o poeta José Asunción talvez escrevesse também:

Oh, as sombras enlaçadas! Oh! as sombras que se buscam pelas noites...

Concluindo, o que se pode dizer é que os fatores que levam ao Amor, sob todas as formas, não estão devidamente explicados, embora alguma coisa se saiba. Nas mães, haveria algum mecanismo cerebral, que explicaria o amor materno, conforme mostram algumas experiências científicas. Nos apaixonados, se poderia ver a natureza operando para a perpetuação da espécie, através de mecanismos genéticos. Com o avanço da Ciência, da Física Quântica em especial, supõe-se que sentimentos e emoções são também partículas, mesmo porque, se não fossem, seriam o quê? Conhecida a estrutura das referidas partículas, quem sabe se chegue a uma explicação do que leva o homem e a mulher ao amor romântico. O certo é que o Amor move o ser humano, move o mundo, *move o céu e as estrelas*, como disse Dante.

O Perau

Subindo ou descendo, o perau tem seus encantos e misticismo. Não é por acaso que por lá abundam as oferendas aos “santos”. Para unir ou separar, amor e ódio, riqueza e pobreza, fartura e privações, vida ou morte. Os pedidos são sempre diversos, testemunhados pelas frondosas árvores, integrantes do imenso cinturão verde de nossa Santa Maria.

Mas o trajeto que data de 1840, conhecido como Picada do Pinhal, encurtou a distância com a Serra, causando um declínio nas atividades comerciais de São Martinho, passou por várias etapas, atingindo por fim seu atual estatus. Nestes anos a Colonização Alemã no Pinhal estava em franca expansão.

Em 1856, foi melhorado e alargado, permitindo a passagem de carretas e carroças.

Até 1885 se cobrava pedágio dos transeuntes. Um dos primeiros pagamentos pelo uso da via pública no Estado. Cobrança revogada por ato da Assembléia Provincial.

Seu calçamento ocorreu durante os anos da 2ª Guerra Mundial, por ser considerado como ponto estratégico para deslocamento de tropas..

A marcha inexorável dos acontecimentos a nada poupa. Tudo nasce, prospera e morre... A sentença do perau foi assinada em dois atos: pelo oeste com a pujança da ferrovia e pelo leste com a abertura da “BR-14”, hoje BR 158, vencendo a geografia adversa do Vale do Menino Deus, antes “Vale dos Diabos”.

Demorou quase cem anos para chegar às condições hoje existentes, vencendo uma diferença de altitude de cerca de 430 metros e para transformar-se hodiernamente num ponto turístico, ou como uma opção razoável de ligação rápida e emergencial entre Itaara e Santa Maria. Esta é sua história.

Dele se contam muitas estórias. Não só dos sacrifícios dos carroceiros e carreteiros, dos proprietários dos antológicos carros motorizados com sistemas de freios precários, como também dos passageiros de ônibus obrigados a subirem a pé, enquanto o esbaforido e sobrecarregado veículo subia vazio.

Foram no passado, atores de páginas épicas, aqueles que se aventuraram a vencer sua declividade/aclividade, isolamento e atoleiros. Todo fluxo comercial para abastecimento de Santa Maria e no retorno levando gêneros de subsistência, se fazia numa marcha infundável de juntas de bois ou parselhas de cavalos. Com o surgimento dos primeiros automotores, não foi diferente. Só mais tarde, após seu calçamento as coisas mudaram um pouco. Mas o desafio permanecia. Quantos motoristas foram auxiliados pelo “salva vidas”, bem na curva mais acentuada e íngreme. Exemplo do destemor dos motoristas de outrora, podemos encontrar naqueles possuidores de “reboques”, – um parente jurásico dos possantes bitrens –, oriundos da Serra, trazendo madeira para construção civil. Como seu eixo não tinha freio nas rodas, antes da descida, faziam-nas subirem sobre pneus velhos, acorrentados ao conjunto. O atrito causado pelo arrastamento sobre o pavimento fazia às vezes de “breque”. Ao chegarem às imediações do riacho Vacai, estes estavam em ponto de ingnição. Ali eram abandonados e alguns incendiados, não como forma de protesto, usual em nossa atualidade, mas como atestado da superação de mais um desafio.

São fatos contados e transmitidos pela cultura popular, abrangendo uma enorme gama, desde o aparecimento da mula sem cabeça, almas pedindo oração, chegando ao surgimento de discos voadores e possíveis abduções. Uns verídicos outros nem tanto.

Entre os reais, não pode ficar fora da narrativa o incidente sofrido por um carro fúnebre, transportando sua “mer-

cadoria” para sepultamento em Itaara, quando certamente por estar mal preso, o caixão escorrega, cai no pavimento abrindo-se e permitindo ao “infortunado” rolar ladeira abaixo. Imagino a confusão!

Sem medo das “sombrias”, por lá em entradas secundárias ou construção abandonada, aventuram-se casais apaixonados, aproveitando o silêncio reinante e um aparente isolamento, para idílios amorosos, sob os raios do luar ou até mesmo em plena luz do dia. Com os pilas escassos o “moitel” é solução, quando a sofreguidão não permite a busca de outras opções, até mesmo mais seguras.

Nosso perau, embora os esforços de urbanização: calçadas, mirantes, totens, iluminação, quando não depredados, pixados ou até mesmo alvo de furto, continua abandonado, excluído dos preceitos mínimos de educação, onde se abandonam animais domésticos: cães e gatos, ao lado do lixo domiciliar e móveis não mais utilizáveis..

Mas nem tudo perdido está. Beneméritos por lá de quando em vez aparecem, alimentam os irmãos inferiores na escala evolutiva, recolhem os detritos e até plantam árvores, arbustos e flores, tentando preservar e reparar o mau feito pelos animais nada “racionais” e embelezar ainda mais um dos belos cartões postais da Região Central do Rio Grande de São Pedro.

A VIDA TEM SEMPRE RAZÃO (*)

Estávamos em Campos do Jordão quando a TV anunciou algo, pelo menos pra mim, impossível de ter acontecido: Vinícius de Moraes, o poetinha querido tinha acabado de falecer.

Por que os artistas morrem? O mundo fica mais feio. Deviam ser imortais. Os cantores, compositores, os plásticos, os escritores, os músicos, os atores. Todos que cultuam as sensações e empanam a realidade.

Olhei para o meu marido e ele não disse nada, apenas, como eu...Chorou. Mas, assim? Sem mais nem menos, disse já com vergonha de comentário tão idiota.

Meu marido me olhou com uma interrogação tão grande entre as sobrancelhas que eu entendi o recado e imediatamente me calei, falando mentalmente uma oração.

Claro que se os artistas fossem imortais o mundo realmente seria mais bonito, pois todos iriam se empenhar em apreender sensibilidade ao invés de maldade. Haveria poucos malfeitores.

Mas, lembrei-me a tempo. Vinícius não foi assim sem mais nem menos, foi com muito uísque engarrafado. Ele jamais se entregaria impunemente à fatídica caveirinha popular. Foi acompanhado com seu cachorro dos bons, pois não late, não morde, só anestesia a dor.

Ouvimos mais um pouco a notícia e...

Bem, como dizia o poeta: o buraco é mais embaixo (*) e, infelizmente, a morte é absoluta e igual pra todos. E é o ato mais solitário do ser humano. Mesmo coletivamente, cada um vive a sua morte muito só. Não temos como negociar, não temos como parcelar, não temos como sonegar.

Alguns apenas a precipita quando se suicidam; outros

tentam enganá-la com mil proteções, mas quando ela quer realmente a nossa carcaça, não tem pra ninguém. É...As mulheres são muito estranhas, muito estranhas... (*)

Desligamos a TV e colocamos a maravilhosa “Testamento”. Quem sabe ele não teria deixado mais alguma coisa escondida nas gavetas pra gente como herança?

E ele piscando malandramente na imagem de minha indignação, apregoa.

- Você que não gosta de gostar, pra não sofrer, não viver e não amar, você vai ver um dia em que fria você vai entrar. Por cima uma laje, embaixo a escuridão. É fogo, irmão. É fogo, irmão. (*)

Que conselho, poeta!

Segurei a mão de meu companheiro, afaguei a minha barriga grávida de humanidade e afaguei o rostinho de minha filha que dormia com um sorriso inocente como a música da Dolores Duran.

Agora a voz dele era insistente:

- É bom, passar uma tarde em Itapoã, ao sol que nasce em Itapoã, ouvindo o mar de Itapoã, falar de amor em Itapoã. (*)

Mais um conselho fantástico. Além de diplomata; poeta; compositor e cantor, ainda era um grande conselheiro. Cheguei a vê-lo sorrindo pra mim com seu velho calção de banho.

Minha filha acordou e percebendo os meus olhos molhados, beijou-me carinhosamente querendo saber o que tinha acontecido. Ela ainda não entendia essas questões humanas. Apenas a beijei, murmurando baixinho:

- Não é nada não. Só o mundo que ficou um pouquinho mais feio e pobre.

Hoje, é com o maior orgulho que vejo meus filhos reverenciando Vinícius de Moraes. Acho que ele fica feliz com isso. Fiz o meu papel de admiradora, fazendo com que meus filhos

vejam um mundo mais bonito através de seus poemas e de sua obra musical.

Mas...

Vamos continuar vivendo enquanto aqui estamos. Olhei para a minha imagem refletida nas águas do Rio Paraíba do Sul, e uma lágrima quente aumentou a vazão de água.

Depois de todos esses anos sempre que venho para a região do Vale, lembro-me com carinho do poeta e do dia de sua morte. Meu filho nasceu quinze dias depois e se chama Vinícius.

Com medo do transbordamento do rio causado pelas minhas lágrimas (quando quero sou teatral!), joguei um beijo para o meu poeta preferido e cantei junto com ele, pois...

Apesar de tudo...A vida tem sempre razão. (*)

FIM

(*) - citações de músicas de Vinícius de Moraes.

Meus e-mails

O celular toca para despertar às sete. Ainda sonolenta pergunto para mim mesma que dia é hoje. Depois de tomar consciência de tudo que devo fazer durante o dia salto da cama e a coluna vertebral reclama.

Chego ao banheiro e olho meu rosto amassado e os cabelos em desalinho. Nossa! Que é isso? Desvio o olhar para a escova de dentes. Tiro do pensamento a reclamação contra o tempo. Faz tanto estrago na nossa pele! São muitos afazeres me esperando. Não dá para fazer caras e bocas e ensaiar o melhor sorriso para o dia, mas não abro mão do bloqueador solar. É bom evitar câncer de pele.

Visto a roupa própria para aula de *pilates*, recomendação médica. Tomo meu desjejum enquanto dou uma olhada em volta. Muita coisa fora do lugar. Brinquedos do neto jornal do dia anterior, que não foi lido... Fica para depois arrumação.

A chave, o cartão do banco e os documentos na mão lá vou eu. Dou uma conferida no espelho da sala. De um lado, do outro, confiro o bumbum. Tá no lugar ainda. Tá bom pra minha idade.

Ligo o carro e penso como é bom ter um. Após 40 anos de trabalho consegui o primeiro zero km para pagar em três anos. Também tá bom. Outros nunca vão conseguir.

Chego à academia. As companheiras estão lá sorridentes. Alto astral. Perguntam se vi meus e-mails. Vou ver quando chegar em casa, respondo.

Na volta passo no mercado. Promoções do dia convidativas. Não tem carrinho disponível. Procuo próximo aos caixas e consigo uma cestinha. Pequena demais para o que pretendo levar, mas não tem outro jeito. De repente a cesta começa a transbordar

e alguns item caem no chão. Abaixo para pegar. Derrubo alguns tomates que rolam. Não posso catá-los. A coluna dói. Empurro com os pés para debaixo da banca. Ao menos não serão esmagados. A cesta pesa e coloco-a no chão. Entro na fila para pagar. Vou empurrando com os pés para fazer menos esforço. Chega minha vez a caixa vai fazer sangria. O papel da bobina acaba. Um senhor pede pra entrar na frente com apenas um item. Não posso negar. Amanhã pode ser eu a precisar. Finalmente chega minha vez.

Entrego o cartão para o pagamento. A moça pede para eu acompanhar a supervisora até outro local porque o sistema dela não está respondendo. Carrego as compras na sacola.

Finalmente consigo sair do mercado e chegar em casa. Os e-mails ficam para mais tarde. Preparo o almoço para meus filhos e netos. Eles têm horário para chegar e sair. O telefone toca. É uma operadora de telemarketing oferecendo mais cartão. Tento dispensá-la é claro. Já tenho uns dez que não uso. Ela insiste em mostrar a vantagem desse novo cartão e os diferenciais que este possui. Insiste. Tenho que desligar. O feijão quase queima. Falo uns palavrões baixinho culpando-a por isso.

Meio dia. Um a um vem chegando. Almoçam e vão para a escola ou trabalho. Moram no apartamento da frente. Sozinha novamente vou almoçar. Todos juntos à mesa, só nos fins de semana. Lembro-me dos e-mails. Preciso arrumar um tempo para vê-los. Depois vou ligar o computador, penso.

Ajeito a casa, guardo brinquedos, higienizo o banheiro, coloco as chaves nos ganchos. Isso é importante criar uma rotina e não ter que procurá-la em caso de emergência.

Os e-mails depois. A roupa precisa ser cuidada. A máquina já está trabalhando. O varal precisa ser esvaziado. A roupa seca, dobrada e separada para passar. Os e-mails, depois.

A tarde está no meio. pego o telefone. Vejo saldo bancário, pago contas, reclamo de produto que não chegou, de cobranças indevidas no telefone e no cartão, ligo para filha, para amiga doente. Olho o relógio. Gastei quase uma hora dos minutos disponíveis do pacote. O aparelho esta morno e minhas orelhas quentes. Por hoje chega. Coloco no gancho. Ele toca. Outra vez telemarketing. Mal se apresenta respondo a ele que “estarei re-passando” a ligação para pessoa responsável. Deixo o coitado na linha para me vingar.

A máquina de lavar já cumpriu sua tarefa há algum tempo. Preciso pendurar as roupas para não ficarem com mau cheiro. Penduro-as. Os pregadores pulam para minhas mãos e caem na calha do telhado da vizinha do apartamento de baixo. Olho. Já se acumularam uns trinta. A calha qualquer dia não vai mais cumprir o seu papel. Os e-mails... depois.

Hora de pegar o netinho na creche. Novamente ligo o carro e saio apressada. Criança não gosta de esperar. Pensa que vai ser abandonada. Converso com ela na volta. Dou risada. São três anos de pura graça. Doçura de criança, quando não dá “pity” e embirra com alguma coisa. Haja paciência. Os e-mails... depois.

Amanhã é sexta-feira. Preciso cuidar um pouco da aparência. Vai ter o chá da vovó na creche. Preciso estar bem. Programo uma ida ao salão para cuidar das unhas e cabelos. Além disso, sábado tem noite de Flash Back no clube. Preciso de um sapato novo e confortável para danças. Dançar faz bem ao corpo e ao espírito.

O neto pede um “dotche”. Não tenho doce em casa. Pego uma lata de leite condensado e faço um brigadeiro no micro-ondas para ele. Os e-mails... depois.

A noitinha todos jantam. Panelas na pia não podem ficar pra amanhã. Tiro do freezer a carne do almoço. Sexta é dia de

peixe. O banho do netinho, o pijama, escovar os dentes, historinha ou o desenho não podem faltar. É rotina obrigatória para o bom desenvolvimento da criança.

É hora do repórter. Não dá pra ficar por fora dos acontecimentos. Preciso estar “antenada”. Passeata de reivindicações são necessárias para um Brasil melhor. Os políticos estão roubando o dinheiro do povo. A impunidade reina à larga. A novela é o momento do relax. Os e-mails... depois.

Dormir é preciso. Deito. Viro pra lá e pra cá. Penso no dia seguinte. Vou comprar meu sapato, vou ao salão e ver meus e-mails. Se der tempo.

Diálogo com Deus

Olá, senhor Deus. Tudo bem? Eu sou a M

Desculpe se estou lhe incomodando, essa hora da noite. Mas é que estou precisando conversar com o senhor! Será que tem um tempinho para mim! Desculpe também por não ter percebido antes, que só o senhor e ninguém, mais que o senhor pode atender o meu clamor.

Mas o senhor que tudo sabe e tudo vê, conhece meu coração e o quanto sou grata pelas bênçãos que mesmo sem pedir o senhor me deu. Deus eu não sei bem como falar contigo, sabes que não sou boa com as palavras, mas, vamos lá! Nesse momento estou desesperada, aflita e não sei qual direção seguir parece que o mundo inteiro está contra mim. O senhor sabe que não gosto de lhe ocupar com meus problemas, que perante os demais são banais.

Sei que tem muita coisa para fazer e eu aqui a lhe incomodar. Se estiver com pressa pode falar já estou acostumada a ninguém me ouvir! Todos estão tão ocupados com seus problemas, suas angústias e aflições que não tem tempo para ouvir minhas lamentações.

Imagine o senhor que é o criado, portanto não ficarei chateada se não puder ouvi-me.

Se tiver uma senha sobrando pego e aguardo na fila a minha vez!

Diante de Deus eu simplesmente estava falando e chorando, chorando sem parar. Deus não falou uma só palavra, apenas ouvia-me e finalmente quando meu discurso acabou e minhas lágrimas secaram, aos poucos fui ficando calma suficiente para conseguir ouvir outra voz que não fosse a minha, então olhei em sua direção e percebi que ele chorava comigo.

Em seguida abraçou-me e disse: filha, eu sempre tenho

tempo para cada um dos meus filhos, sempre os ouço e atendo os seus pedidos, desde que seja o melhor para eles.

Vocês filhos amados é que estão esquecendo-se de mim, tem muito tempo para as coisas do mundo, mas para mim sempre tem uma desculpa bem elaborada e foge de mim como se eu fosse um inimigo. Não me chama para conversar e partilhar a vida de vocês comigo. Somos pais e filhos, mas, vocês agem como se eu fosse um estranho e muitas vezes tem medo de mim! Eu não reclamo e pacientemente espero que vocês olhem e me enxergue do lado de vocês, que é onde sempre estou seja, caminhando com vocês seja segurando vocês para não caírem ou ajudando o a levantar.

Não se preocupe com seu jeito de falar o importante é que seus olhos se abriram e você finalmente me notou. Eu sempre estive com você e conheço todas as suas dores, mas não podia entrar em sua vida sem ser convidado.

Eu a amo, mas, não posso obrigar você ou qualquer um dos meus filhos a amar-me! Você tem livre arbítrio e isso eu respeito muito bem. Porém estou sempre por perto aguardando o momento oportuno de que uma porta se abra e alguém me convide para entrar. E hoje essa porta se abriu em seu coração, portanto, aqui estou para lhe ouvir, ou melhor, para conversarmos de pai para filha! Meus filhos sem exceção são todas preferências não precisam de senha para falar comigo estou sempre à disposição. Agora abra seu coração que o pai está a te ouvir.

Eu respondi ó pai eu só quero alguém que me ame verdadeiramente e se importe com o que penso, sinto, falo e vivo. Mas em suas palavras percebi que meu maior erro foi ficar anos da minha vida tentando encontrar no mundo o que eu só encontro em ti.

Pai amor supremo, incondicional e verdadeiro! A dor que sentia quando dobrei meus joelhos no chão, enquanto falava

e ouvia sua declaração de amor por mim evaporou foi embora com a solidão que afligia meu coração e atormentava minha vida.

Agora depois de conversa com Deus abro olhos e percebo que estou sozinha em meu quarto frio e escuro, mas com o coração repleto de alegria. Então, olho para alto e falo: obrigada senhor por falar comigo! Obrigada por ser meu pai e meu melhor amigo! Até nossa próxima conversa que será em breve, pois, reservarei um tempo para jogar conversa fora com meu pai meu amigo Deus.

**XXXVII
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

CONTO

COMISSÃO JULGADORA:
Cristiano Veçossi - UFSM,
Helena Selbach - UNIFRA
Larissa Montagner Cervo - UFSM

Premiados

1º Lugar

Com as Mãos Vazias
Edileuza Bezerra de Lima Longo - São Paulo/SP

2º Lugar

Austral
Fábio Antônio Dias Leal - Canoas/RS

3º Lugar

Aposentadoria
Francisco Falabella Rocha - Belo Horizonte/MG

Prêmio Incentivo Local

O Último Rei do Rock
Diego Trindade Hahn - Santa Maria/ RS

Menções Honrosas

1ª Menção

Meu Amigo Aidan Mac'lean
Gilberto Etchaluz Villela - Porto Alegre/ RS

2ª Menção

O Sábio Popular
Lúcia de Oliveira Mendana - Teresópolis/ RJ

3ª Menção

Folhas Secas e Versos Livres
Maria das Dores Oliveira - Ipatinga / MG

COM AS MÃOS VAZIAS

Já passava das duas horas e era a décima vez que Zita saía à porta. Voltava, olhava para os irmãos e dizia enfaticamente:

- Eles já vêm. Se avexem não, eles vêm já.

O sol causticante; o chão seco e partido, as árvores pedradas de folhas e de vida não geravam nem um pedacinho de sombra para as crianças brincarem embaixo para matar o tempo infalível.

Chico chorava. Zequinha apenas a olhava, sem dizer nada. Aquele olhar a feria mais que mil lamúrias.

Zita tinha que ser forte. Era a mais velha e tinha que segurar a fome dos dois e a dela própria. De repente, lembrava-se de uma cantiga. Começava a cantar, mas o ronco do bucho era mais alto e encobria a voz fina e fraca.

Chico ensaiava uns pequenos passos vacilantes na sala de chão batido; caía, além da pouca idade, as perninhas eram magras e não aguentavam segurar o peso do corpo entupido de vermes. Tinha só um ano e já sentia as primeiras pancadas de uma existência árida, mas pelo menos não era consciente nem tinha os olhos tristes e secos de Zequinha.

Zita já estava se transformando numa moça bonita, apesar da ossada apontando sobre o seu corpo jovem. Tinha doze anos e a mãe tinha dito que logo; ela já podia se casar e ter uma casa caiada; com bastante comida; um roçado prolífero; um jardim com bastante flor, vestidos de chita e nunca mais de saco.

Ah! O seu noivo ia ser um cabra forte; seus cabelos iam ser mais claros do que a água lá do açude quando cheio; seus olhos negros e serenos iam ser mais vivos do que os olhos da piaba e, carinhosamente, ia chegar num dia de muita luz e dizer, segurando sua mão:

- Dona Madalena, tenho orgulho em pedir sua filha em casamento.

Ia ser lindo, lindo! E, ela risonha e rosada ia esconder a cara no ombro como toda donzela das redondezas fazia; e, de cabeça baixa, ia esperar o consentimento da mãe.

Seu vestido de noiva ia ser mais branco que a lua cheia e, ela com os olhos brilhantes de felicidade, ia parecer com a estrela que vira cair por cima dos montes lá distante. Como ia ser bom!

Infelizmente, a realidade existia no puxão de saia de Zequinha:

- E se foram embora que nem painho?

Ela estremece levemente, retrucando rápido:

- Tu tá doido? Acha que mainha ia fazer uma safadeza dessas? Talvez já esteja na lida. Tu vai vê, gorinha mesmo, Tião aponta lá na ponta do caminho com as mãos cheias das coisas. Parece que tô inté vendo: macaxeira; farinha; feijão de corda; carne-seca, até um taco de queijo de coalho.

Zequinha escutava com a baba escorrendo pelo canto da boca, comendo avidamente, na imaginação, a comida que a irmã inventara. De repente, seus olhos inquisidores se alegram com uma ideia:

- E se a gente pedisse um pouco de açúcar pra Dona Sofia? A situação dela é melhor que a nossa. O marido volta, painho não. E, depois, ela não é madrinha de Chico? Pois é, então é que nem mãe, não vai negar nunca.

Zita não espera outro pedido. Sai num pinote louco; os cabelos negros nadando ao vento, os olhos excitados e o pensamento implorando para o Padim Ciço ajudar a convencer a vizinha.

A casa era quase ao lado da sua, mas chegou tão cansada, que parecia ter corrido mil léguas. Falou mais rápido do que o próprio desejo, como se a mulher, sem o devido tempo para pensar, fosse se convencer mais depressa:

- Será que a senhora não podia emprestar um tiquinho, bem tiquinho mesmo, de açúcar?

Esperou dois intermináveis segundos, infinitos. Dona Sofia pigarreou e seu coração acelerou as batidas. Quando alguém pigarreava diante de um pedido, era porque o negócio não ia dar certo. Já tinha experiência.

Sempre era ela quem pedia para os vizinhos, pois a mãe todo dia saía com o sol despontando para ver se conseguia algum lugar para trabalhar, desde que o pai fora embora.

As pernas bambolearam; o frio na barriga vazia aumentou; a esperança atrofiada se escondeu por entre os dentes cerrados e o peito calou um grito de raiva, quando escutou aquela voz triste:

- Tenho não, acabou.

Insistiu, apesar do resultado previsto:

- Aca...bou? Tudinho, foi?

E a maldita sentença foi mais uma vez confirmada, seca, dura:

- Tudinho. Quando Severino chegar à noitinha, eu arranjo.

À noitinha? Estava com fome agora, não podia adiar a fome. Estava cansada de esperar. Esperá-los que não voltavam. Esperar o pai que não voltava nunca mais. Esperar até o vizinho que só voltava à noitinha.

Queria que o céu escurecesse já, mas pra mandar chuva, não para esperar um vizinho que nem sabia se ia lhe dar qualquer migalha.

Pensava na mãe. Como a mãe sabia das coisas. E ela se orgulhava da sabedoria da mãe. Dizia coisas tão lindas, contava histórias doces, mas...

Eram histórias, não era açúcar que adoçava água. A mãe dizia que ela era seu braço direito. Na ausência dela, era ela quem cuidava dos menores; cozinhava, quando tinha; lavava, quando tinha... Água.

Bem, era só uma “meio” dona-de-casa. Só não era inteira porque só fazia as coisas... Quando tinha. Mas era muito importante.

Encheu o peito de orgulho, estufou-o inteirinho, jogou a bunda pra trás e ereta, voltou pra casa.

Zequinha esperava sentado no batente da porta. Ela entrou absolutamente séria, evitando, como sempre, o seu olhar. Ao ver as mãos vazias da irmã, dava soco na parede indignado.

- Merda, num arrumou nadinha? É esse o braço direito de mainha, é?

Zita nem respondeu. Dizer o quê? Fica apenas olhando triste para o irmão que sai em disparada.

A camisa rota e desfraldada, totalmente aberta no peito magro, parecia galopar fora do corpo. Ele tinha visto seu Pedro passar perto da casa com um pacote na mão. Ele trabalha pra seu Anastácio e isso significa dinheiro, que significa comida. Isso era mais do que certo.

Enquanto ia mastigando essas ideias, mastigava antecipadamente o conteúdo do pacote. Devia ser macaxeira, farinha, feijão de corda, queijo de coalho, nossa mãe, quanta coisa!

Pelo menos a macaxeira já dava um jeito. Mas...Macaxeira sem o sal? Virgem Santa! Ia ter que praticar dois pecados juntos, tinha que roubar também o sal.

Mas não carecia ficar tão preocupado. Quando fosse dia de procissão lá no Sítio de seu Anastácio, ele ia pedir pra Padim Ciço perdoar. Ele ia compreender. Não era nada tão grave assim. Só dois pecados bem baratos.

Talvez valessem duas ave-marias, dois pais-nossos e um dia sem brincar no açude quando estivesse cheio. Cheio?! Óxente, só no dia de São Nunca. Então, tudo bem.

E depois, a mãe sempre dizia que Padim Ciço era amigo das crianças como Jesus. Afinal, só tinha dez anos, devia ser criança ainda. Ou será que não?

Engraçado, não se sentia criança. Não sabia bem porque, mas se sentia homem. Macho. Cabra muito do macho. Pensava até em dar um jeito, se bem que roubar não é coisa de gente de bem, como a mãe dizia. Roubar e matar.

Mas ele achava o Lampião um baita cabra macho, um herói. Ele matava e roubava, mas era um herói. Ave Maria, se a mãe pudesse entrar nos seus pensamentos ia ser uma surra daquelas. Credo em Cruz! É bom nem pensar nisso. Lampião herói. Imaginem! Padim Ciço ia pedir mais penitências.

Melhor desviar esses pensamentos. Aliás, pra que praticar um terceiro pecado assim à toa, só por causa do merda do Lampião? Não, está decidido: só praticava pecados que valessem à pena, como a comida.

Não via a hora de chegar em casa e mostrar para Zita a macaxeira e o sal. Ela ia se orgulhar dele e nunca mais ia chamá-lo de criança.

Pronto. A casa do seu Pedro estava ali na sua frente. Agora tinha que ter peito e provar para Zita que era um homem.

Deu a volta pelos fundos do quintal; analisou a cerca de avelãs e arame farpado, mediu o salto pra não cair esbodegado em cima dela e tomou distância. Jesus, se não desse certo, avelã ardia que nem ferida braba quando caía na pele.

Seu Pedro tinha cachorro? Não, claro que não. Como iria sustentar? Então, o caminho estava livre. Não se via ninguém por perto.

Preparou o salto e as pernas lhe faltavam na hora, envergando-se quase sem forças. Diabo de fraqueza, não estava nem podendo se erguer, quanto mais pular uns dois metros de altura. Bem, pensando bem, a cerca não podia ser tão alta assim. Arame farpado é caro. Era ilusão da vontade.

Preparou o último e definitivo salto, quando sentiu que a terra faltava aos seus pés. Estava no alto. Virou devagarzinho o cangote e seu Pedro, em carne e literalmente osso, suspendia-

-o pela gola da camisa. As pernas balançando no ar. Sentiu um medo tão grande que se tivesse algo por dentro, fazia ali mesmo.

Mas, mais ágil que o velho homem, desvencilhava-se rapidamente, deixando nas mãos dele apenas uma manga surrada de camisa. A carreira de volta foi mais rápida e mais penosa. As lágrimas corriam sem que quisesse. Um ódio surdo se acumulava na goela, doendo. Odiava chorar. Achava desperdício de água.

O que ia dizer para Zita? Homem, quem dera! Ele era um grandessíssimo jumento, tinha mais é que andar de quatro, olhando sempre para o chão.

Enxugou as lágrimas com raiva e ficou esperando por um momento, com o cheiro da macaxeira nas ventas. Zita não podia vê-lo chorar, isso é que não.

E a mãe? O que estaria fazendo? Gostaria tanto de ajudar, mas era muito franzino e os empreiteiros não gostavam de homem franzino. A mãe disse que mais uns dois anos e ele já estava pronto para enfrentar a vida.

Doze anos, que merda, não chega nunca. Quando tivesse doze anos...Ah! Ia se emburacar pelo mundo afora. Ia para Sum-paulo, num pau-de-arara ou mesmo na rabeira de um caminhão de carga.

Ia trabalhar; juntar bastante dinheiro; comprar uma casa, bastante comida e vinha buscar a mãe e os irmãos. E nunca mais ia esperar aquele velho barbudo e muito do mentiroso que no Natal nunca vinha.

Ele mesmo ia comprar uma viola e um radinho de pilhas para ele; uma saia bem rodada de chita para Zita; uma bola para o Chico e um terno com gravata para o Tião. E para mainha? Nossa, botara a coitada em último lugar. Mas, ela sabe como é importante e ia comprar uma máquina de costura e um véu preto igual aos das beatas.

Ah, e todos iam ter que estudar. Até mainha. Para desenharem as letras no papel. Suspirou de orgulho de seus futuros

feitos. Acordou com a realidade batendo firme na sua cara. Deu uma pigarreada, endureceu o corpo e entrou de cara amarrada na sala já escurecendo.

Zita somente o olhou de rabo do olho, sem perguntar nada, porque não tinha nada para perguntar. Encolheu-se num canto com Chico no colo e ficou esperando por eles que não voltavam.

O caminho parecia um bolo retalhado. Era um córrego seco, coisa comum de se ver naquele sertão ardente. A terra ardia debaixo dos sapatos furados.

Madalena ia mais à frente, seguida por Tião que andava cabisbaixo e devagar. De vez em quando, ela parava para esperá-lo, levando-o, às vezes, montado nas próprias costas. O sítio de seu Anastácio dava mais de duas léguas e a fome e a sede dificultavam ainda mais a caminhada.

Madalena tinha o rosto ainda jovem, mas já franzido de pequenas rugas. A testa transparecia os pensamentos múltiplos e desencontrados. Ora pensava nos filhos que ficaram em casa; ora pensava no emprego que precisava, ora pensava com mágoa na fuga do marido.

Homem não aguenta o tranco, acha mais fácil fugir do choro de criança e evitar os problemas. Tentava ainda desculpar a falha de caráter do marido.

Enquanto ia pensando, as mãos esqueléticas e cheias de calos iam desfiando as contas do rosário de pedras que ganhara de Januário no dia do noivado, há treze anos. Ela só tinha treze anos. Então, só tem vinte e seis e por que parecem tantos?

Lembrou-se do dia que ele chegou em sua casa e disso para o pai:

- Quero me casar com essa cabrita, como tá bonita, parece até uma calunga!

E o pai respondeu orgulhosamente:

- É tua, Januário, é só marcar a data e nós acertamos tudo.

Fora feliz, apesar dos sofrimentos, dos maltratos, mas para ela, felicidade era ter os filhos para cuidar e o que comer todo dia. Só isso. Agora, Januário sumira com cinquenta por cento da sua felicidade, deixando só o outro cinquenta para ela cuidar. Não deixara nem o modo de fazer isso.

Como vai ser, se o homem souber que ela é mulher dele? O excomungado fugira com o dinheiro da última safra do Sítio. Mas seu Anastácio ia compreender. Lá isso ia. Ela não tinha culpa.

Como ia ser bom. Ia trabalhar; receber o pagamento no final do dia e toda tardinha; ia levar macaxeira; carne-seca, enfim, a outra parte de sua felicidade. Já via a filha correndo e gritando ao seu encontro.

- Mainha vem vindo, tá com as mãos cheinhas de coisas.

E não via a hora de fazer uma surpresa no Natal para os meninos. Ia comprar uma saia bem rodada de chita para Zita; uma viola e um radinho de pilhas para o Zequinha; um terno para o Tião e uma bola bem grande para o Chico. E para mim? Ah, se sobrar, vou comprar um véu bem bonito para receber Jesus Cristo como uma senhora respeitável, na hora da comunhão.

Um suspiro enorme rompe do seu peito, volta à realidade e apressa os passos. Abaixa humildemente as costas e manda o filho montar para diminuírem a distância que parecia infinita.

Senhor Deus, ajuda que nós cheguemos. Há que se ter fé, muita fé mesmo. E esperança. Suspira mais longamente, toma coragem, bate à porta e espera.

O capataz manda esperar numa sala semiescura; que deixa entrever apenas o retrato de um homem bem vestido, sorrindo; com um chapéu branco e com uma boca grande, cheia de dentes de ouro.

Virgem Maria, o homem é rico mesmo, mas se ele rindo

é assim, como será quando fica brabo? Pior ainda, como será quando a gente vem pedir alguma coisa?

Valha-me, Nossa Senhora! Tremia como vara verde, sentia todos os ossos do corpo chocalhando, as mãos se apertavam como se quisessem se atracar.

Depois de quase uma hora que parecera um século, surgiu o tal homem da boca de ouro.

Ele nem respondeu ao seu frágil “boa tarde”; sentou-se à mesa grande e ficou cutucando os dentes com os dedos, arrotando e olhando simplesmente.

A voz calou, murchou, morreu. O arrote dele se confundindo com o ronco do seu bucho. Por que será que me olha assim? Talvez esteja me avaliando pra saber que tipo de trabalho pode me dar. Bem, a roupa era velha, mas limpa. Mas...Com essa ossada toda aparecendo...Bem, é melhor esperar.

Esperou milênios. De repente, assustada, ouviu aquela voz que mais parecia um trovão perguntando:

- Quantos anos tem? Quantos buchos? Vive mais teu cabra?

Ave, isso tudo e de uma só vez.

Fez o que podia fazer. Respondeu também a tudo de uma só vez; com medo de perder totalmente aquele fio de voz e, principalmente, por estar feliz de ele não saber quem ela era.

E ele:

- Se teu cabra foi embora, boa coisa tu num dá. Pode ir que não tenho serviço pra tu não.

Uma descarga elétrica parecia tê-la fulminado.

Num segundo, pensou em mil argumentos para convencer ao homem que era trabalhadeira; que não tinha culpa se o marido fugira com o dinheiro dele; não tinha culpa se ela e os filhos eram gente e, mesmo sem ter, tinham que comer; não tinha culpa se não nascia o que plantava; não tinha culpa se não chovia, e principalmente, se não a deixavam encontrar uma oportunidade para viver.

Queria dizer tudo isso mais uma vez de uma só vez, mas perdeu o fôlego até no pensamento atropelado e só conseguiu balbuciar:

- Senhor, seu Sítio é o único das redondezas, onde vou encontrar trabalho? Posso lavar; capinar; limpar suas botas; fazer a comida dos peões, sei lá, posso até costurar e...

Parou diante daquele olhar de pedra. Não sabia mais o que prometer em troca de um simples trabalho e ficou olhando aquele homem que tudo podia, jogar na sua cara que estava precisando de mulher para os seus peões. Que os rapazes solteiros estavam meio arredios por falta de vadiagem e, o pior, já andavam rondando as donzelas dele.

Mais uma vez, Madalena sentiu um gosto amargo de fel na boca; o bucho roncou mais forte; o ódio subiu na goela seca; a raiva contida estava querendo explodir no peito tísico e a imagem dos filhos com fome dançava na sua frente com as mãos esticadas, pedindo, mendigando migalhas.

Não podia fraquejar, voltar com as mãos vazias, não, isso não podia. Engoliu a seco a saliva escassa e o pudor ultrajado e, tentou argumentar mais uma vez:

- Senhor, isso é duro pra uma mãe de família, o senhor sabe. Valho mais do que dois de seus peões para qualquer trabalho pesado, deixe-me mostrar que posso. Não há homem nesse mundo que tenha mais força e vontade do que eu. Garanto.

O homem nem lhe respondeu, virou as costas e ia saindo quando, de repente, perguntou:

- A não ser que tu tenha uma filha, tu não tem não? Mais moça, dá melhor pro ofício.

Pálida, como se tivesse levado um soco na boca do estômago, Madalena gemeu um palavrão indecodificável. As mãos arreventaram o pequeno rosário. Zita. Sua Zita para os peões. Não, não ouvira errado. O safado ainda repetiu.

Que vontade de dar um soco na cara desse filho de uma

égua e quebrar todos esses dentes de ouro que mangam de sua mágoa. Não fosse o desvario do marido, teria até orgulho do que ele fizera àquele excomungado.

Januário, filho de uma quenga! Que vontade de lhe encontrar e lhe obrigar a servir de mulher para os peões enfileirados. Sentia-se um animal embrutecido; um subumano; vazia por dentro; agora, até de sentimentos.

Com a cabeça enfiada no próprio íntimo, olhou mais uma vez para o retrato sisudo do riso cheio de ouro; fulminou-o com o olhar enlouquecido e retirou-se, tropeçando nos próprios pensamentos desvairados.

Como num filme, só via os filhos à sua frente. Zita chorando embaixo de um brutamonte; Chico implorando com as mãozinhas inutilmente estendidas; Zequinha com aqueles olhos negros e indignados e, Tião chupando o dedo fino e coçando o umbigo.

E aquele filho de uma égua do Padim Ciço tinha dito que Deus olhava para os pobres. Aonde? Quando? Deus não estava ligando para o seu sofrimento, devia ser um safado como os outros.

Era tão safado que não nascera mulher só pra não ter o trabalho de parir, de criar e dar de comer para os filhos. Era um homem também. E como todos ainda era preguiçoso que precisou descansar no sétimo dia.

Mulher não, só descansa quando morre. Se Ele não dava trabalho, por que é que não dava chuva pra nascer o que plantava? Não estava querendo nada de graça. E pensar que estava com os joelhos que eram um calo só de tanto ajoelhar para rezar e pedir, pra pedir, sempre pedir, pedir sempre...

Para quem? Será que tinha alguém ouvindo?

Se ouvia...Por que não ajudava nunca?

Já estava escurecendo quando avistou a pequena casinha de sapé e seus olhos fincaram-se no chão, quando avistou os filhos que vinham correndo em sua direção.

 Ia correr ao encontro, mas estancou quando ouviu:

 - Zita, mãe está com as mãos vazias, não traz nada não.

 Zequinha tropeçava nas palavras. Machucava sua visão as mãos vazias da mãe.

 Madalena cambaleando nem entrou em casa, falando rápido para que os filhos não retrucassem:

 - Mainha vai em todos os vizinhos; na casa das mulé dama, até nos quintos dos infernos negociar com o próprio Diabo, mas não volta com as mãos vazias, viram? Depois acerto minhas contas com Deus.

 Com as pernas doloridas; as costas envergadas; as vistas ressecadas de tanto chorar e; principalmente, sem ter coragem de olhar de frente para os filhos que arregalavam os olhos tristes e esperançosos olhando-a se afastar; saiu mais uma vez, com a vida rastejando nos calcanhares.

FIM

Austral

Na cabeça de quem, cabe uma coisa dessas? O povo que chega da banda do Rio Grande diz que o Brasil é imenso, muito maior do que a corte. Dizem também que não há outro lugar no mundo que vente como aqui. Na cara dos marinheiros nunca falta uma risada. As pessoas daqui são diferentes - vai ver que é o vento que espicha essas campinas e afia a mágoa no peito da gente; essa saudade que nem se sabe ao certo de quê. Vai ver também é ele, o vento, que enfeza o tempo, que sucede, dobra e deixa a gente velho e deslembado; logo eu que sempre me preocupei com o meu quinhão de labor nesse mundo. De que vale um homem sem serventia? Hoje eu abandono o portão - desisti dos pedidos para o governador, da tentativa de convencer os homens ilustres da importância de repará-lo.

 - A vila está crescendo demais, Agenor - disse-me o chefe da alfândega -, não podemos passar a vida reconstruindo muros, levando a paliçada para mais adiante.

 E quando pouse os olhos em toda essa novidade, lembro-me daquele mensageiro Vergel Dias, de apelido *Melodia*; foi ele, naquele tempo, quem me falou do progresso, numa época em que tudo era tão impossível que mais parecia uma profecia de bêbado. Quem contou isso para o Melodia? Se ele fosse da corte, amigo do rei, eu até podia por tento na conversa, mas o dito era homem sem sobrenome, criado mesmo por essas paragens tristes da capitania.

 Foram os cuscos que acusaram a presença do homem. Não vi nada quando relanceei a vista antes de fechar o portão. Já ia passar a tranca quando ouvi a latiçãõ encarniçada dos bichos; voltei lá fora e vi o cavaleiro, longe, pequenininho; vinha da banda do Viamão, parecia trotar apressado e acenava com o braço.

Senti os pelos se arrepiando na nuca, firmei a mão no arcabuz; mas o homem já havia se distanciado da linha do horizonte e pude ver que ele vinha sozinho; decidi não chamar ajuda.

- Boas tardes, governador – disse o cavaleiro – vossa senhoria tenha a bondade de me dizer se esta freguesia é o Porto dos Casais?

Não sei se o viajante percebeu, mas apertei forte o cabo da arma, acerquei-a mais do peito antes de responder:

- Estás no portão de entrada da freguesia de Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre, patrício – respondi a seco -, e saiba a vossa senhoria que mal governo a minha casa: sou apenas o guardião do portão que, a esta hora, já deveria estar fechado.

Não posso dizer que temi, mas preparei-me para o pior. Aguardei a reação bruta do homem que me parecia um bugre e fui surpreendido pelo enorme sorriso que rasgou a sua face, de ponta a ponta.

- O senhor me perdoe o motejo e o inconveniente da hora, mas vim judiando do pingo para chegar aqui antes de anoitecer...

Atentei então para o cavalo que arfava; condoí-me do animal. À frente do pelego, o pelo escurecia, empapado de suor.

- Trago uma carta do meu senhor Antônio Gomes Ornellas para a sua esposa que mora aqui – continuou -, me chamo Vergel Dias, ao seu serviço.

Senti-me desconfortado; mirei o homem; voltei-me para olhar a povoação às minhas costas, estudei a posição do sol que baixava no horizonte.

- O moço ponha sentido que é tarde... Eu lhe arranjo água para lavar o cavalo e o senhor faz fogueira aqui, ao pé do portão. Amanhã o senhor entrega a sua carta.

- O senhor me perdoe, pela segunda vez, mas careço de

entregar esta carta hoje. Volto comendo a poeira que deixei erguida no caminho: meu senhor aguarda meu retorno para antes da grande viagem que há de fazer.

Mal pude acreditar na resolução do forasteiro de voltar galopando noite adentro. Hoje creio que foi a minha curiosidade de vê-lo cumprir seu voto o que me fez decidir ajudá-lo.

- Qual é a graça da sua senhora? – Perguntei.

Percebi que Vergel Dias expirou aliviado antes de responder:

- Maria da Conceição Gomes Ornellas; e que nosso senhor lhe pague a bondade.

Dei ordem a um dos meninos curiosos que se ajuntavam às minhas costas para que avisasse a mulher, mandei buscar uma talha d'água para o cavalo. O viajante então apeou; ajudei-o a remover os arreios, lavamos o lombo do animal, soltamo-lo para pastar nos arredores do portão. Percebi então o cuidado do homem com sua montaria, na forma como lhe alisava o pelo, no seu olhar embevecido. Devia ter-lhe custado, castigar o animal em viagem tão bruta.

- Esse é o *Arizono*, cavalo inteligente... Parece que só no sentido do toque do meu garrão o bicho já sabe o que tem de fazer!

Mirei-o de soslaio. Perguntei-me se o sujeito não era alienado.

- E lá isso é nome de cavalo?

- É, sim senhor! – Gargalhava o Vergel -. Foi um marinho lá de Rio Grande quem me deu o intento. Disse que é o nome de uma terra, pra lá do mar, onde há os cavalos mais bonitos do mundo.

Olhei-o desconfiado; estaria o homem a divertir-se às minhas custas? Não pude ficar atrás:

- Fica perto do Portugal, essa tal terra?

- Olhe, seu moço, pela lonjura deve de ficar!

Mas minha desconfiança não dava vencimento: comecei a simpatizar com o homem. Não tive coragem de perguntar de onde vinha, mas, pelo estado do animal e pelo avançado da hora, compreendi que vinha de muito longe. Surpreendia-me o seu estado de ânimo – Vergel Dias girava sobre os tornozelos e apresentava o sorriso escancarado a tudo quanto visse; mirava o casario, voltava-se para o lado do rio, conferia seu cavalo. Não demonstrava cansaço pela jornada; sorria.

- E isso aqui vai crescer tanto...

- Como? – Perguntei-lhe -. Aí está uma coisa em que eu não concordo com o senhor!

- Mas, como, patrício! Daqui a um tempo, se o nosso bom Deus nos der a graça de ficarmos velhos, não vamos nem reconhecer essa freguesia. Vai ser tanta rua, tanta casa, tanto comércio e tanta igreja que vai até sufocar a gente...

- O senhor ponha perdão no que vou dizer, mas isso é coisa até de rir... O senhor acha mesmo que o rei vai se lembrar da gente, aqui onde o mundo acaba?

Vergel então se mostrou contemplativo. Traçou com a mão uma linha no ar, apontando desde a banda do rio até o casario e completou o giro reencontrando o rio, do outro lado.

- O senhor mesmo há de ver – falou -, se o rei não se lembrar, a gente lembra pra ele...

Senti um calafrio com o tom que o homem adquiriu. De onde ele tirava aquelas ideias esquisitas?

- É o progresso! – Continuou -. Esse Porto Alegre vai se espichar tanto por essas paragens que até o rio vai ter que se encolher para caber a cidade!

Tive que me rir do homem. Envergonhei-me com um sentimento de querer bem que me crescia e foi com muita relutância contra minha macheza que deixei escapar:

- O senhor não quer pousar aqui, hoje, *seu* Vergel? É tarde e tem muito índio e castelhano bravo por essas cercanias...

Tolhido pelo embaraço, li gratidão nos olhos daquele homem estranho. Parecia-me que ele não teria qualquer acanhamento por demonstrar amizade ou revelar os sentimentos que levava no peito maltratado pela vida no pampa.

- Deus lhe pague a boa palavra, seu moço, mas minha viagem é de urgência. Tenho de levar a resposta para o meu senhor antes do navio sair, ao romper do dia. E, se o senhor quiser – continuou -, pode me chamar de *Melodia*. É assim que me tratam por esses descampados da capitania...

Indaguei-me sobre aquela resposta. Quereria o forasteiro que a carta fosse lida e que o pároco redigisse uma resposta ditada pela mulher do seu senhor? Voltei-me para o casario; uma pequena comitiva se aproximava com a mulher acompanhada do padre. Apressado, sussurrei:

- O senhor tem matambre?

- Até tenho, seu moço, mas não enjeito se o senhor tiver algo para me ofertar – sorriu-me o forasteiro.

O grupo se acercou. Instruí um rapazote para que corresse até a minha casa e retornasse com um farnel. À vista da dama, Vergel encenou uma vênia:

- Minha senhora Gomes Ornellas? Vergel Dias a seu dispor – meteu a mão no interior do casaco, retirou um envelope que segurou com reverência -. Trago uma missiva do meu senhor Antônio Gomes, endereçada à senhora.

Com mais uma mesura passou a carta à mulher que parecia assustada.

- É caso de morte? – perguntou, aflita.

O padre adiantou-se; tomou o envelope; principiou a abri-lo.

- Eu não li a carta, minha senhora – respondeu Vergel

Dias -, mas me atrevo a dizer que o meu senhor goza de muito boa saúde.

Atentei para o padre que se afastara com a mulher uns poucos metros. Com o dedo acompanhava a escrita à medida que lia, em voz baixa. A mulher tinha o olhar perdido; entrelaçara os dedos, as mãos espremidas contra o peito, e anuía com a cabeça. Pude ouvir quando, assustado, o padre elevou a voz e encarou a mulher, confirmando o que já havia lido:

- Ele vai para o Rio de Janeiro!

A mulher rompeu num choro manso; os curiosos se constrangeram, desviaram olhos; Vergel Dias aguardava em silêncio, cabeça baixa, sustendo o chapéu sobre a barriga. Ao fim da leitura ergueu os olhos para a dama. Foi o padre quem falou:

- O marido diz na carta que recomenda que o senhor leve algo...

Vergel, pela primeira vez, mostrou acanhamento; desviou o olhar do padre e limpou a garganta antes de falar. Revelava-se então a coisa mais misteriosa, mais estranha que vi em todos esses meus anos de solidão e tristeza na capitania de São Pedro do Rio Grande:

- É para eu levar a aparência do menino...

Eu quase pude ouvir a respiração do grupo.

- Como? – Quebrou o silêncio, o padre.

- A aparência do menino, *seu* padre, eu tenho que levar a aparência dele para o meu patrão...

Formou-se um rebuliço. As pessoas, mesmo sem entender o intento do homem, benziam-se, persignavam-se.

- E como vosmecê pretende fazer isso, filho?

- Eu levo ela aqui, seu padre – dizia o homem tocando a têmpora com a ponta dos dedos indicador e médio -, aqui, ó!

O padre estava perplexo; parecia não acreditar no que ouvia.

- Isso é loucura, filho! Por mais que você guarde a fisionomia do menino, como poderá revelá-la ao pai?

Vergel não se intimidou. De pronto respondeu ao sacerdote:

- Eu gravo direitinho o feitio da carinha dele aqui dentro e, quando chegar lá, eu desenho os modos do menino, sinal por sinal, feição por feição, cada parte na sua cor, para o meu patrão ver o filho antes de viajar.

O burburinho cresceu. O padre tentava conter as pessoas; demonstrava má vontade para com o Vergel. No meio da confusão de vozes, o homem falou, desta vez, mais forte:

- Minha senhora, tenha a bondade de me trazer o menino?

- O senhor, por acaso, é louco? – Vociferou o padre – Não vê que é quase noite? Como pode esta senhora trazer aqui aos portões um bebê de colo?

Vergel Dias, firme em seu intento, parecia ignorar o padre. A mulher mostrava-se relutante; discutia com o sacerdote; e, quando virou-se num repente e dirigiu-se ao casario, compreendi que ela daria fé àquele disparate.

Foi então que o Vergel se delatou alvoroçado. Numa corrida tomou seu cavalo, encilhou-o, ofereceu o restante da água ao bicho. Compreendi que ele partiria tão logo completasse o seu intento. À nossa volta as pessoas continuavam as benzeduras; em meio aos cochichos, algumas palavras furtavam-se ao silêncio: feitiço, diabo, *creindeuspai*. E o mensageiro, inquieto, aguardava.

A mulher não tardou; poucos minutos se passaram e ela retornou com uma trouxinha de panos aninhada junto ao peito. Parou, apreensiva, em frente ao Vergel.

- A senhora destampe a carinha do menino, dona...

Os últimos raios do sol avermelhavam o firmamento e os ventos outonais já espicaçavam a carne dos curiosos. A mulher

descobriu o rostinho da criança que logo chorou, incomodada pelo frio; voltou-a para aquele estranho Vergel Dias.

- Ajunta as lamparinas, gente! – gritou para o grupo – ajunta as lamparinas!

Jamais me esquecerei das maneiras do homem: reverente, deu meio passo atrás. Olhos arregalados, ergueu as mãos com suavidade; inclinou a cabeça; entre o polegar e o indicador de cada mão enquadrava o rostinho do menino; balbuciava. Depois, com o dedo, começou a desenhar no ar as feições da criança: olhos, o narizinho, a boca; vincava-lhe o rosto com zelo. Senti um engasgamento a me doer na garganta; mais uma vez tive que lutar contra a emoção. A *dona*, Maria da Conceição, chorava mansinho. O desavergonhado do Vergel também limpou uma lágrima do olho.

- Pronto – sentenciou o forasteiro.

Vergel Dias deu mostras de cansaço. Caminhou para o cavalo; montou. E o engasgo me doía... Entreguei-lhe a panela de barro, atada com um pano, cuidando evitar-lhe os olhos.

- O senhor leve, para confortar-lhe um pouco a dureza do caminho.

- O bom Deus que lhe pague por tanta caridade, seu moço – respondeu-me.

Mas algo havia mudado no homem que parecia haver se dividido em dois, como se uma parte dele conversasse conosco e a outra lutasse para resguardar a inteireza das feições do menino; como se metade de si estivesse ali, mas a outra metade já tivesse disparado estrada afora com a lembrança do filho do patrão guardada na alma, qual sinal de ferro quente. Zelei pela minha honra – eu não era o guardião do portão da freguesia? – dei as costas, afastei-me da multidão. Mais adiante, pude voltar-me e acompanhar a sombra daquele homem galopando num desvario pela campina.

Quando consegui firmar a voz, pedi às pessoas para que entrassem; a noite havia caído quase que por completo; cerrei os portões; passei a tranca. Em casa, àquela noite, estive em silêncio.

- Viu assombração, homem? – Perguntava-me a minha mulher.

Durante a noite inteira sonhei com aquele Vergel Dias, galopando, galopando, galopando... Por toda a madrugada cavalguei com ele, em silêncio – o desenho do menino não podia se lhe escapar. Nunca mais tive notícias suas. Também, não é de se estranhar - aqui nessa Capitania de São Pedro os homens não vingam e o que mais prospera são as viúvas. Aos que é dado envelhecer, como eu, os dias trazem a sua porção de angústia que pouco a pouco nos vai corroendo, sufocando de tanta saudade. O menino, esse, hoje mesmo eu vi; homem feito! Dizem que no fim do ano vai embora para o Rio de Janeiro, estudar para médico. Nessas horas também dou risada ao lembrar do Vergel. Gostaria que ele visse como ficou a freguesia. Não é que ele estava certo? Já nem conheço mais este lugar – esse Porto Alegre cresceu tanto que arrombou o meu portão, deixou-o escancarado para quem quiser sair e para quem quiser entrar. Também queria que ele visse como ficou o menino! Quase posso ouvi-lo dizer que, daqui a um tempo, vai haver escola aqui mesmo e os nossos filhos não precisarão mais sair de Porto Alegre para se formarem doutores. “É o progresso!” – diria o Melodia. Só esse céu vermelho, do fim de tarde, que não muda; e o vento, que insiste em lembrar-nos algo, de lá do outro lado, que não vemos, mas de que sentimos um cheiro fugidio em suas rajadas. Será que lá no Brasil eles também têm saudade da gente? É só a maluquice do Vergel que me conforta: *e se eles nos esquecerem, um dia a gente faz eles se lembrarem da gente.*

Aposentadoria

Paul não gostava de usar aquelas luvas. Achava cafona. Julgava não combinar com o seu visual de mafiosos dos anos 30. Ele vestia um terno cinza, bem alinhado. Assim, as pessoas o respeitavam e não atrapalhava o seu trabalho. Pelo menos, era como ele pensava. Alguns de seus amigos matadores diziam que isso tudo já estava fora de moda. Nos dias de hoje, vestiam-se blusas largas e calças jeans.

No fundo, aquilo pouco importava. Depois de vários anos e centenas de pessoas mortas, Paul decidiu parar. Havia feito uma promessa. Tinha jurado para Nancy que aquela era a última pessoa que ele iria matar. Depois de dois anos, ela finalmente estava grávida.

Ele entrou em uma sala no centro da cidade, pegou o telefone e apertou o botão de discagem automática.

– Bill, para mim já chega... – disse Paul.

– Perdão?

– Eu estou fora.

– Como assim, está fora? Você é o nosso melhor homem.

Você cresceu com a nossa organização... e o nosso pacto?

– Não me venha com sentimentalismo. Agora teremos um outro pacto.

– O que você pretende fazer?

– Uma criança. Tenho que cuidar de uma criança.

– Um matador que vira babá... uma boa história para os jornais.

– Nancy está grávida. Eu prometi a ela que eu iria me aposentar.

– Depois de todo esse tempo, ela ficou grávida? Achei que o problema fosse aquele tiro que você levou nas bolas... – disse Bill, com uma risada. – Já sabem o sexo do bebe?

– Não.

– Você sabe o que acontece com os aposentados? – disse Bill cortando a risada e engrossando a voz.

– Uma hora ou outra, eles abrem o bico. Eu mesmo já matei três...

– Então?

– Quero te propor um acordo.

– Sou todo ouvidos...

– Uma morte por conta da casa. Por essa, você não precisa me pagar. Depois disso, eu cuidarei do meu filho. Juro que não abro o bico...

– Eu aceito o acordo. Seu envelope vai chegar daqui uma hora.

– Tudo bem. Ei Bill, eu sei que é estranho falar isso, mas acho que em pouco tempo eu vou sentir falta...

– Não me venha com esse papo de aposentado. Você ainda tem um serviço a fazer. – disse Bill, que bateu o telefone.

Paul foi para o lugar marcado. O seu envelope já havia chegado. Ele abriu o pacote com o seu canivete e olhou com atenção para a ficha.

Nome: Judy Fult - **Sexo:** Feminino - **Idade:** 58 anos - **Ocupação:** Professora do primário na escola Polk High. Dá aulas de piano e rege o coral infantil da Igreja. Ensaios todas as segundas, quartas, e sextas. **Endereço:** Rua 75 com 42.

No final, havia algumas fotos de uma mulher pequena, com uma franja grisalha e óculos de grau.

Paul apertou a discagem automática.

– Bill falando...

– Acho que você me mandou o envelope errado.

– Em dezesseis anos de trabalho, eu alguma vez te mandei o envelope errado? – disse Bill, com uma voz séria.

– Judy Fult, professora do primário?

– Sim. Execute a missão.

– Qual é o objetivo de matar essa velhinha?

– Não é do seu interesse.
– Vamos, me diga...
– Uma questão pessoal.
– Não deixe o pessoal atrapalhar no profissional. Esse foi o primeiro conselho que você me deu.
– Assim diz o cara que está pulando do barco por causa de um bebê.
– O que Judy Fult tem a ver com isso?
– Tudo bem, eu vou te dizer. Eu mesmo iria realizar esse serviço, mas já que você me deu uma morte de lambuja... A professora Judy sempre implicou com o meu filho. Nunca deixou ele ser o primeiro a jogar a bola. Ela sempre o deixava de castigo, olhando para o quadro.
– Meu Deus... – disse Paul, sem acreditar no que ouvia. – Isso vai contra os próprios princípios da própria or...
Antes de terminar a frase, Bill o interrompeu:
– Você não quer se aposentar? Mate a velha! – gritou Bill, dando um fim a conversa.
– Tudo pela Nancy – pensou Paul, caminhando em direção à escola.
O homem entrou no colégio, mas soube que a professora Judy ainda demoraria. O porteiro disse que Judy Fult ensaiava com o coral infantil na igreja. Paul, pensativo, encaminhou-se naquela direção. Justo no seu último dia de trabalho, ele começava a ficar distraído. Era preciso foco.
– Sentimentalismo só atrapalha o trabalho. – pensou Paul, em frente à igreja.
Ele não entrava na igreja há um longo tempo. Desde a época em que ele começou a matar pessoas por dinheiro. Paul tentou afastar esses pensamentos da mente. Ele entrou na igreja. Uma velhinha tocava o piano e regia algumas crianças que cantavam. Paul concluiu que não pegaria muito bem sair atirando por ali. Logo teria o batizado do seu filho. Não queria deixar uma

má impressão. Concluiu que deveria ser discreto. Mataria a velha fora dali.
– Senhorita Judy?
– Em um minuto, meu jovem... – disse a senhora, que tocava o piano.
Quando terminou, falou com uma voz terna:
– Johann Sebastian Bach. Uma criatura divina, não acha?
– Não conheço tanto assim de música clássica para poder afirmar...
– Não? Olhe isso.
Ela começou a tocar Jesus, Alegria dos homens.
– Acho que ele era bom no que fazia.
– E você? – ela perguntou.
– Sou o melhor no que faço.
– E o que você faz?
– Sou revendedor de carros antigos... – disse Paul, improvisando. Não esperava tanto diálogo e não havia se preparado como deveria. O trabalho exigia muito mais que apenas puxar o gatilho. Era uma espécie de sedução, até chegar ao momento maior.
– A pergunta é: o que te traz aqui, meu filho?
– Gostaria de conversar com você, em particular. Fora daqui, de preferência.
A mulher, de forma educada, aceitou a proposta. Judy tinha uma tranquilidade no rosto. Parecia ser uma boa pessoa, feliz com ela mesma. Sem grande peso na consciência. Ao contrário do homem que a observava.
Paul refletia sobre isso enquanto assistia os últimos minutos de ensaio do coral. Ele fumava um cigarro na lateral da igreja e tentava bolar um plano.
Quando acabou, a mulher aproximou-se e com uma voz calma perguntou:
– O que posso fazer por você, meu filho?

– Eu gostaria de fazer uma doação para sua igreja. Será que você poderia me dar uma carona até o acampamento? O carro que será doado está lá. Durante o trajeto nós conversamos. – disse Paul, tentando improvisar com o que tinha.

– Será uma graça de Jesus Cristo. – disse a mulher, animada com a inusitada oferta.

Eles caminharam até o estacionamento da igreja. Paul sentia-se mal. Era mais uma pessoa inocente que iria morrer. Na sua carreira na organização, tinha sido tantas, que ele já havia perdido a conta. Dentro dele ainda havia uma parte humana. Com a notícia da chegada do seu filho, essa parte começava a ganhar força. Talvez fosse ela que dizia que era errado matar a velhinha do coral da igreja.

– Tudo pela Nancy – pensou o homem, ao sentar-se no banco do passageiro.

Judy Fult guiava o carro com um sorriso no rosto. Ela escutava a rádio cristã e cantava as músicas de louvação a Deus. A coisa se encaminhava de uma forma tranquila. A sua última execução seria a mais fácil de todas.

– Você não adora o cheiro do campo? – dizia a mulher bem humorada.

Paul não era de muita conversa, mas entrou no jogo e disse que era mesmo muito agradável. A mulher conduzia lentamente o carro na rodovia em direção às montanhas.

Paul ajeitou a sua arma na cintura. Julgou que era melhor não atirar com o carro andando. A estrada estava movimentada. Mesmo sendo um alvo fácil, a velhinha poderia cair com o corpo no volante e o carro poderia colidir com um caminhão. Vários anos no trabalho lhe davam esse tipo de expertise.

Paul já sabia o que iria fazer, mas não estava, de qualquer forma, contente. Matar uma professora do primário não lhe agradava. Ele continuava a ter esses devaneios.

– E se eu deixasse essa passar? E se eu fingisse que matei a velha e sumisse daqui? Eu, a Nancy e o nosso bebê...

Paul, que andava pensativo, mal percebeu que a velha tinha parado o carro na entrada para as montanhas.

– Preciso de uma ajuda para trocar o pneu... – disse a simpática mulher.

Paul saiu do carro, ainda pensativo. Ele curvou-se para ver o pneu. Judy disparou um tiro direto no seu joelho esquerdo. Ele não teve nem mesmo tempo de reagir. A mulher disparou outro tiro, no seu ombro direito. Paul caiu no chão.

A velha Judy mostrou saber manejar aquela arma como uma profissional. Paul sangrava enquanto a velhinha ainda apontava para ele.

– A arma na sua cintura. Jogue ela para longe! – ordenou a velha.

Paul tentou trapacear, mas a mulher conseguiu acertar um tiro no seu braço. A arma foi arremessada para longe. O sangue se espalhava pelo seu terno cinza italiano.

A mulher permanecia atenta e conduzia a situação sem desespero.

– Entra no porta-malas. – disse ela.

Durante todos aqueles anos, Paul não se lembrava de quantas dezenas de vezes falou essa mesma frase. Agora, era ele quem se rastejava para entrar ali. Ele sabia bem o que isso significava.

– Vamos logo! – disse a mulher, que para ameaçá-lo, ainda disparou mais um tiro.

Ela não estava brincando. Paul arrastou o corpo ferido até entrar dentro do carro. Justo ele, que se julgava um cara frio, chorava e suplicava pela própria vida.

– Pelo amor de Deus. A minha mulher está grávida. Meu primeiro filho logo vai nascer. Eu te dou tudo. Qualquer valor que você quiser. Eu trabalho para o Bill. Ele é o maior... – gritava Paul, desesperado.

Ele fazia um relato emocionado. Muito parecido com o discurso de cada uma de suas vítimas deitadas no porta-malas. Ele, que sempre achava aquilo desnecessário, agora via a coisa pelo outro lado.

– Tudo bem, eu não vou te matar. – disse a velhinha abaixando a arma.

– Não... não diga isso! Eu sei o que isso significa.

Durante todo esse tempo de matador de aluguel, Paul sabia muito bem o que essa frase significava. Já a havia dito à exaustão. Quando um matador dizia “eu não vou te matar” era apenas para tranquilizar a vítima. Em poucos minutos, seria feito o disparo final.

Paul, aflito, tentava se mexer no porta-malas. Como um peixe tirado da água, o homem se debatia. Uma luta em vão. Paul havia caído nas suas próprias armadilhas.

Judy mantinha uma distância considerável. Sabia que, aos poucos, ele se cansaria. Foi o que aconteceu. Depois de alguns minutos, o homem se acalmou. Judy aproximou-se e deu um tiro certeiro. Paul estava morto.

A velha pegou o seu telefone e apertou apenas um número. Devia ser a discagem automática do aparelho.

– Bill? Judy Fult na linha...

– Recebeu meu envelope? – perguntou Bill.

– Serviço cumprido. – ela disse, de forma indiferente.

– Não sei o que seria da nossa organização sem você... – disse Bill, orgulhoso.

– Já estou ficando velha para essas coisas. Eu deveria me aposentar.

Ambos deram risadas. Bill agradeceu e falou que o seu dinheiro chegaria em uma hora, em um envelope pardo. A mulher se livrou do corpo e correu até a escola. Ela tinha uma aula para lecionar e não podia se atrasar.

O último rei do rock

ONE-TWO-THREE-FOUR!!!!...

É, naquele tempo havia ainda uma meia dúzia deles vagando por aí. Estavam confinados em botecos fuleiros, onde tocavam para minúsculas platéias, que se concentravam especialmente no balcão do bar e eram formadas por uns tiozões de olhos caídos e alguns outros esquisitões. A pista, vazia. Nos cantos dela, ao lado dos pilares, ainda havia umas três ou quatro meninas, cabelos coloridos, *piercing* e tatuagem em alguma parte da anatomia, vagos resquícios das antigas *roadies*. Mas elas não emprestavam sua beleza ao lugar por muito tempo e, assim que terminava o show, partiam para alguma outra casa de espetáculos, para assistir geralmente algum pagode ou sertanejo da vida. Ninguém conseguia mais tirar uma casquinha e restavam lá realmente só os malucos. O rock estava definhando. A cada dia que passava um roqueiro sumia e ressurgia no dia seguinte de chapelão de caubói, formando geralmente uma nova dupla sertaneja. Mas uma meia dúzia ainda resistia.

E, entre eles, Otávio, a lenda.

Pagodeiros e sertanejos não eram vistos exatamente como inimigos. Era “cada um na sua”, simplesmente. Os pagodeiros eram uma realidade com a qual se convivia já há tempos, era algo estabelecido. Mas o fenômeno sertanejo era algo relativamente novo e estava no seu auge, praticamente monopolizando as atenções do grande público. E assim Otávio os via à distância com seus salões e pistas abarrotados e não podia deixar de sentir uma pontada de inveja.

- Lembro sempre daquela vez que toquei pra 30 mil pessoas... – era uma história recorrente sua, de uma ocasião na qual, segundo ele, junto com outras bandas, tocara em um festival musical para um grande público numa cidadezinha do Mato Gros-

so, em meio a uma *tour* que fazia pelo país – veja você, no Mato Grosso!, um tradicional reduto *deles...* – dava ares épicos ao nostálgico relato na mesa do bar quase vazio após o show, rodeado por três bêbados e pelo barman, que aguardava impaciente a partida do derradeiro grupo.

Não havia nenhum registro impresso ou em áudio ou vídeo do tal evento. Ninguém lembrava de ter ouvido falar dele, também. “Era lá pelos anos 70”, tentava situar Otávio. Muitos suspeitavam da veracidade do fato. Anos 70, ainda por cima... Otávio podia estar doidão e ter imaginado tudo... enfim..

Mas, no fim das contas, vai saber: nos contos de rock, assim como nos de fadas, tudo é possível.

Já nos tempos nos quais se passa esta nossa história, Otávio costumava tocar para públicos de trinta ou quarenta pessoas. Em um outro recente festival no litoral, conseguira a fantástica audiência de 300 cabeças.

Mas Otávio não desistia, seguia na estrada. Ia já para os seus sessenta anos de idade. Via-se como uma referência para os roqueiros mais jovens que ainda tentavam. “Dinossauro do rock”, imaginava sempre, orgulhoso, que se referissem a ele por aí. “O rei do rock”, era mais frequente, que, entre realmente reverente e ao mesmo tempo um tanto quanto sarcástico, voltasse sua atenção a ele o pessoal da geração mais nova. “O último rei do rock”.

E pensar que um personagem folclórico daqueles parecia extinguir-se pouco a pouco no escuro daqueles bares e ninguém percebia aquela perda! – àquelas alturas, ninguém lembrava a trajetória de Otávio; era como se ele tivesse começado nos dias de então, era como se fosse apenas mais um novato, ninguém tinha noção de tudo pelo que passara, as loucuras, aventuras e desventuras da sua vida de roqueiro... parecia que havia começado já no ocaso... era praticamente uma lenda perdida.

Aliás, ninguém, exceto um estranho sujeito, meio *nerd*, em outro ponto distante da cidade, um sujeito que tinha há tem-

pos um projeto de um documentário a respeito da vida de Otávio, embora este nunca tenha ficado sabendo da idéia. O projeto, porém, por motivos dos mais variados, nunca saía do papel e, até o fechamento deste texto não se tem notícia que tenha acontecido e, o mais provável, é imaginar que ele tenha ficado engavetado para todo o sempre, condenando assim a história de Otávio a se perder nas brumas do tempo, entre resquícios de memórias bêbadas e “Aquela vez, no Mato Grosso...”, como seguia ele com aquela história. Parecia que era o que lhe dava forças para seguir adiante, aquela simples lembrança, e o passado um dia viraria futuro.

Mas a verdade é que o rock minguava nos bares e nos clubes. Mesmo os esquisitões, com suas camisas do Led, do Motorhead, do Nirvana, do Pink, e, claro, dos Ramones, pareciam estar desaparecendo. Bem, talvez alguns, que eram mais velhos – realmente, alguns eram até bem mais velhos que Otávio – tivessem mesmo passado desta para a melhor, cogitavam os *bar-men* e as *bartenders* atrás dos balcões e os músicos em cima do palco, o que os angustiava ainda mais, pois aquelas camisas, pendendo no escuro enquanto o local vibrava com a distorção das guitarras, aquelas camisas eram como estandartes de guerra, eram como um símbolo da resistência, eram como uma fonte de energia e inspiração para os caras em cima do palco, assim como a lembrança do Mato Grosso talvez fosse particularmente para Otávio.

Eis que um belo dia, quando já não havia talvez mais do que três ou quatro bandas de rock na cidade, Otávio foi convidado para tocar novamente em um festival.

- Cara, demais! Lembro, inclusive, daquela vez, no Mato Grosso...

A coisa seria grande. Vários estilos misturados – revezados, contudo, em palcos distintos: seriam dois, um menor, onde tocaria Otávio, entre outros da antiga e iniciantes, e o maior, onde se apresentariam os artistas em evidência no momento. Não se-

riam trinta mil, como supostamente no Mato Grosso aquela vez, mas previa-se um público de cerca de cinco mil pessoas, o que já era um público e tanto para a cidade, coisa que há tempos não se via mesmo nas imediações.

Pois chegara o grande dia e Otávio apareceu com antecedência ao local onde aconteceria o espetáculo. Não havia ainda ninguém além dele lá. O sol ainda brilhava no céu, o que acentuava as rugas e olheiras do roqueiro, seu longo cabelo desgredado em contraste com suas ligeiras entradas no topo da testa, as tatuagens desbotadas no braço. Ele caminhava devagar. Estava cansado. Havia dormido mal. Sentia-se realmente velho então. Sentia, certo, um desgaste físico de uma vida. De uma vida de rock. Mas, mais do que físico também, sentiu-se velho mentalmente ao olhar para aquele palco onde se apresentariam os bambambans e imaginou toda aquela gente ali, aquela juventude gritando, pulando, os caras sorrindo seus sorrisos perfeitos e jovens também no palco, com suas camisas bem passadas e seus chapelões na cabeça. Sentiu-se, mais do que velho, pela primeira vez deslocado, em um ambiente daqueles. Sentiu que sua carreira estava realmente no fim – se é que já não havia acabado. “Dinossauro do rock”. Ora bolas, os dinossauros estavam extintos há eras!...

Entrou no espaço dos camarins, deslocou-se até o seu, uma simples salinha sete por cinco com paredes de madeira, uma mesa e quatro cadeiras no meio, um sofá no canto. Jogou-se no sofá e apagou.

Acordou com os rapazes da banda invadindo o recinto e, empolgados, chamando-o. Dormira. Dormira por horas. Acordava então zozzo. Custou a princípio a dar-se conta de onde estava. Bocejou. Havia agora águas e cervejas em cima da mesa. Puxou uma mineral no gut-gut, enquanto esfregava os olhos. Os rapazes o olhavam, rindo, e um pouco constrangidos.

- Pô, tá com sono, Otávio?

- Logo hoje, cara?

Otávio olhou para eles. Pareceu voltar então a real; voltar ao seu velho mundo.

- Não... – balbuciou, e, em seguida, firmando a voz, complementou, já mais confiante – Não... Não! vamos dar um show do c#%("&* pra eles lá embaixo, rapaziada!! – e, após respirar fundo e pegar fôlego, urrou um urro gutural, olhos esbugalhados, como algum guerreiro celta diante da possibilidade de uma boa morte em batalha diante do império romano que avançava imponente.

Os rapazes vibraram, o abraçaram, e foram acabar de se vestir e afinar os instrumentos.

“Se vai começar, vá fundo, vá até o fim...”, pensava consigo mesmo, parafraseando certo velho poeta roqueiro que lhe vinha à mente então.

Desceram ao seu palco e fizeram um baita show. Tocaram para minguadas cinquenta pessoas, mas não importava. Lá embaixo a galera curtia, sim, o show, via-se: balançavam as cabeças, e sorriam contentes, e um que outro levantava o mindinho e o indicador, segurando os outros dedos, e erguia o braço, como a aprovar o som e fazer uma solitária ode ao rock’n roll, e a certa altura uns cinco ou seis começaram a se bater amigavelmente uns contra os outros no meio da pista naquela outra espécie de curioso ritual roqueiro. Em seguida, um inclusive sobe ao palco e joga-se de peito lá embaixo, sendo seguro por outros três, e começando a surfar sobre a galera, não obstante a falta de maiores ondas, enquanto o baixista bradava “Sertanejos não surfam! Sertanejos não surfam!!” – e tudo aquilo era a verdadeira felicidade para Otávio.

Mas parecia faltar algo ainda.

Sim, haviam feito mesmo um ótimo show. Sim, a galera jogou junto. Mas faltava algo para o velho roqueiro. Faltava cruzar alguma fronteira.

Brindaram no camarim, tomaram algumas bebidas e ficaram papeando e rindo juntos e foi divertido, mas depois que

os rapazes foram embora, Otávio permaneceu lá, jogado no sofá, pensando na vida. Ou, simplesmente, não pensando.

Voltou sua atenção à realidade quando, no palco maior, uma dupla de sertanejos despedia-se do ruidoso público. Os tais cinco mil deviam estar lá. Aqui somos os trezentos de Esparta, pensou, rindo. Começou a ouvir o som da banda que se apresentava então no palco pequeno. Mais alguns integrantes da resistência. Alguns garotos roqueiros. Idealistas. Tsc, tsc, tsc. Não durarão muito. Ninguém dura muito hoje em dia, pensava Otávio. Mas sentia um extremo orgulho deles ali naquele momento. Sentia um orgulho paternal. Sim, sentia-se mesmo como uma espécie de pai deles.

E, como pai deles, precisava oferecer-lhes proteção. Estava velho, sim, mas, não, não estava acabado. Recém havia mostrado aquilo, exatamente naquele mesmo palco, alguns minutos atrás.

Foi então que vislumbrou tudo. Havia um intervalo no palco maior. O público, ensandecido, permanecia lá, em pé, vibrando, gritando, chamando pela próxima atração – sertaneja, provavelmente; ele não sabia ao certo, mas, sim, devia ser...

Cinco mil pessoas. Aquele enorme palco. Sim, agora ele entendia:

Aquela era a fronteira a cruzar.

Ajeitou-se no sofá. Suas energias se renovavam. Viu-se saindo do camarim, guitarra em punho, cruzando o corredor escuro e entrando, solitariamente, naquele palco iluminado.

Aquele mar de chapéus de caubói lá embaixo. Olhares petrificados nele. Era como o forasteiro cavaleiro solitário invadindo o *saloon* nos faroestes de antigamente. Mas, gostem ou não gostem, eu estou aqui. Essa era a mensagem.

Arrancaria um solo distorcido de sua velha parceira – não, não tocaria *No rancho fundo* em homenagem aos “inimigos” da sua época, bradando “Vocês querem sertanejo? Pois ISTO é sertanejo, meus amigos!!”, como você pensou – e, olhos

fechados, dedicaria aquele seu sacrifício aos deuses do rock. Haveria, a princípio, um silêncio respeitoso na platéia. Depois a mesma se dividiria. Alguns reclamariam, talvez, que não era o que esperavam. Outros, contudo, começariam a se sentir bem com aquela vibração, com aquela energia...

Logo ele visualizaria, entre surpreso e divertido, uma meia dúzia de chapéus de caubói se chocando amistosamente no meio da pista, algumas mãos erguidas aqui e ali com seus mindinhos e indicadores imponente e desafiadoramente eretos, alguém levantaria também a camisa xadrez e mostraria embaixo dela a camisa preta do Metallica, e, enquanto ele ainda solava como hipnotizado, o ápice, com um sertanejo subindo ao palco e voando para ser seguro pela multidão e contrariar o baixista da banda de Otávio.

Você sabe, nos contos de rock tudo pode acontecer...

Ou, claro, podia dar tudo errado e ele ser implacavelmente vaiado, a maior vaia de sua vida, e ter garrafinhas de plástico de água jogadas aos montes na sua cabeça... fazia parte correr os riscos...

Fosse como fosse, Otávio, elétrico, como num choque, levantou-se do sofá e catou sua velha guitarra vermelha.

Era sua tão aguardada cruzada final – e, no fim das contas, depois de todo sofrimento, todas as privações, será como roubar o fogo dos deuses, e é a única boa briga que existe, disse para si mesmo, novamente parafraseando aquele velho poeta roqueiro de outrora, que insistia em lhe vir à mente naquele momento.

Afinal, como se diz, rock não é só um estilo musical... rock não é só pancadaria na *batera* e guitarras distorcidas...

Rock, meu amigo... rock é atitude!

Oh, yeeeeeeaaah!

MEU AMIGO AIDAN MAC'LEA

O ano letivo começava.

- Aidan Mac'Lean – chamou o professor Batalha.

- Presente – respondeu o guri sentado na classe ao lado da minha.

O professor Batalha continuou a chamada. Eu aguardei pelo meu nome, um dos últimos.

Murmurei para o colega:

- Nome esquisito, o teu ...

- Meu pai é irlandês. E o teu nome, qual é? – perguntou.

- Telêmaco Vianna.

E foram estas, as palavras que deram início a uma das mais belas amizades que tive nestes meus alongados setenta anos. Começávamos o primeiro ano do clássico no Ginásio Municipal das Saladeiras. Eu já era aluno antigo, desde o curso ginásial; já o Aidan era um recém-chegado.

Viera com seus pais, e uma irmã de uns dez anos, de Curitiba. O velho Arthur Mac'Lean era um corretor de seguros da Sulamérica, transferido como chefe para o escritório de Saladeiras.

Aidan era um tipo curioso que chamava a atenção: altura média, muito magro, meio encurvado – um tanto desconjuntado, até – com uma basta cabeleira ruiva encaracolada, sardento e espinhento, olhos azuis que fuzilavam malícias, nariz adunco, pés enormes, orelhas de abano.

Até o vestir o diferenciava: as roupas eram muito coloridas e largas, parecendo que o “*defunto fora maior*”. Na época das espinhas e do florescer das barbas, Aidan não tinha nenhuma e nem outras.

O garrido das roupas e a alegria gritada com que falava granjeou-lhe, inicialmente, entre os colegas, o apelido de ‘arara’. Como, entretanto, Aidan pouco se ligava aos comentários desai-

rosos dos demais, tanto quanto a este, como quanto aos vários outros apodos que sua curiosa figura provocava, o tal ‘arara’ pouco durou.

Era muito inteligente e habilidoso. Praticamente não estudava: apenas assistia às aulas, assimilando as lições com muito mais proveito do que eu, e outros, que nos aplicávamos nos estudos em casa.

Fazia rimas com uma facilidade espantosa. Embora não se dedicasse à arte, era um poeta nato. Tinha na ponta da língua os mais lindos sonetos da língua portuguesa – e até mesmo alguns do repertório gauchesco – e, não poucas vezes brilhou em festinhas de aniversário das gurias da época – as ‘*brincadeiras*’ – declamando-os com grande segurança e um voz doce e melodiosa que dizíamos ser de ‘*sabiá faceiro*’. E não era raro que dissesse versos de sua própria lavra.

Religioso, comparecia com os pais e a irmã a todos os cultos dominicais da ‘*Igreja Cabeluda*’, como ele mesmo chamava o templo protestante do Cristo Redentor, totalmente tapado de linda hera, na Rua Quinze.

E ficamos amigos. Daquele tipo de amizade que só fazem crianças e adolescentes. Infelizmente, passada tal época, na fase adulta, só fazemos ‘*conhecidos*’, embora, às vezes, os chamemos de ‘*amigos*’.

Eu frequentava a casa de Aidan e, ele, a minha. Nossas mães praticamente passaram a ter mais um filho, o emprestado. Eu amava D^a. Ana como à minha própria mãe. E tinha na Terzinha Mac'Lean – a Tetê – a irmãzinha que não dispunha em casa.

Cansei de ajudá-la nas duras lições de matemática que lhe passavam no Ginásio Santa Margarida.

Aos domingos, eu ia esperar o Aidan às nove horas – quando terminava o culto – à porta da “*Igreja Cabeluda*”. Dalí, partíamos para a frente da Capela São José, às dez, ou da Catedral, às onze, para namorar as gurias que lá iam rezar com seus pais.

Verdade que sempre fui mais ‘*atirado*’ aos namoricos que o Aidan. Ele pouco se ligava às muitas garotas que, entretanto, pareciam apreciar bastante a sua estampa diferente.

Com o tempo terminei por ficar um confidente de meu amigo e era incrível como ele respeitava, sem sentimentalismos, a nossa relação. O Aidan nunca mentiu para mim.

Tinha um apreço desmesurado pela verdade. Até me lembro de tê-lo chamado de *veritômano*, uma invenção léxica que – inexistente nos dicionários – fui buscar como antônimo de mitômano. Realmente Aidan tinha a mania de dizer a verdade.

E recordo dois episódios dos tempos de colégio. Certa vez, julgando que o professor ‘*Qui Mico!*’ – como ele, eu, e outros, chamávamos o Dr. Baltazar, da Química Inorgânica – não lhe valera a nota máxima que esperava tirar na sabatina, vingou-se, num dia posterior, colocando batatas no cano de descargas do seu Austin A-8. Sem se dar conta da possibilidade e não sabendo a que atribuir a pane do motor, que não pegava, o professor terminou por ir para casa à pé, tendo de descobrir, com o auxílio de um mecânico e apenas no dia seguinte, que fora vítima de uma brincadeira de mau gosto. A diretoria tratou de procurar o ‘*delinquentê*’.

Sem qualquer pressão dos inspetores de disciplina, meu amigo foi logo confessando. Tomou um gancho de três dias e uma severa reprimenda do pai.

Depois que a fervura abrandou, o Aidan contou-me:

- Fui eu! Vinguei-me! Ele merecia por ter-me roubado na nota da sabatina.

Doutra feita, o professor Marcelino, de Latim, deixou escrito no quadro negro, pouco antes do intervalo, que estudaríamos, na aula seguinte, uma fábula de Esopo. E lá ficara, na pedra, “*Vacca et capella, ovis, et leo*” que o latinista traduzira por “*A vaca, a cabrita, a ovelha, e o leão*”. Quando voltamos do recreio alguém escrevera, a giz, sob o título latino do fabulista grego, “*A vaca na capela com os ovos do leão*”. Não houve como serem

evitadas as risadas da turma, para desespero do professor.

Uma simples pergunta do latinista de quem fora a ‘*arte*’, recebeu pronta resposta de Aidan:

- Fui eu, professor.

E, posto para fora de aula, tomou mais uma suspensão.

Naquele mesmo dia, antes de enfrentar o Diretor, Aidan me disse:

- Fui eu! ‘*Catiline!*’ o latinista nojento! O Marcelino não me quis dar presença na última aula em que cheguei um pouco atrasado, na semana passada, apesar de ter-lhe dito que tinha ido – como fui, mesmo, e apressado – ao banheiro. Mereceu a chocalhada... o ‘*Cícero*’ idiota!

Era de se ver: o Aidan não tinha segredos para mim., e nem para os outros....

Mas toquemos o tempo... Num dia estávamos ambos, festejando, na *Taverna do Willy*, o sucesso no vestibular da Faculdade de Direito; num outro, recebendo o diploma de bacharel.

Aidan fizera um curso muito bem feito. Ele mesmo dizia: “*Direito há que se fazer direito!*” Eu mesmo, apesar dos esforços, nunca consegui acompanhá-lo nas notas.

E foi, por isso, que todos os formandos se surpreenderam quando, ainda à frente da Faculdade, viram, horrorizados, o Aidan rasgar o diploma recém recebido.

- Não quero advogar e me tornar um palavreador verboso, astuto, amarelado na sombra dos códigos, seco, vazio, corruptor de meirinhos e sabujador de juízes. Não poderia.... Purgações, curatelas, infringentes, paulianas, nunciações, agravos... *eca!* Eu, no Direito, só como professor.

Sempre pensara que iríamos, ambos, para a Capital, afim de que nos preparássemos para um concurso da magistratura. Meu amigo nunca me disse que seu rumo no Direito não seria outro senão aquele que tantas vezes programáramos.

E, um dia, abraçados – eu, com lágrimas nos olhos; ele

apenas sorrindo com aquela alegria que lhe dera Deus – despedimo-nos na Rodoviária de Saladeiras. Lembro que, carregado na tristeza, levei muito tempo para prestar atenção nas árvores e campos que passavam correndo na minha janela.

Meu amigo, diferentemente de mim, não era dado às pieguices que me arrasavam a alma. Quem sabe pela descendência irlandesa, desconhecesse o sentido de nossa tão lusitana palavra ‘*saudade*’. Assim, muito mais lhe escrevia eu, do que ele a mim. E há de ser mais pela falta das atenções dele que nossas cartas foram rareando, rareando...

E foi com notícias minguadas que se puderam contar, agora, doze anos, doze longos anos, em que estivemos separados. Entrementes casei com a Letícia, filha única de um fazendeiro de Salto Grande, minha primeira comarca. Lembro que lhe mandei um convite para o casamento o qual meu grande amigo ignorou olímpicamente.

Um dia, fiquei sabendo por terceiros que também ele, Aidan, casara com uma ex-colega que eu conhecera no Ginásio, a Estelita Antunes, uma moça maravilhosa, filha de família tradicional. Só não compreendi como uma Filha de Maria - e sua família profundamente católica - possam ter concordado no casamento com um protestante... Mas, enfim... Terá sido por certo, uma daquelas circunstâncias em que “*o coração tem razões que a própria razão desconhece*”, como dizia o Blaise Pascal.

Foi já em Ourinhos que recebi a notícia da minha transferência para Saladeiras. Um importante passo na minha carreira de Juiz. Seria a minha última comarca, agora de melhor entrada, antes da Capital, e antes que me tornasse o Desembargador que hoje, embora aposentado, eu sou.

Foi com imensa alegria que cheguei à minha terra natal. Infelizmente já sem minha Letícia que falecera ao tentar dar-me o primeiro filho.

Fui designado para os serviços do cível e do trabalho. Todos os outros ramos do Direito eram da responsabilidade de

meu colega, o Juiz Antônio Saraiva, que se dedicava principalmente ao direito penal e ao eleitoral. E era, também, o Diretor do Foro.

Quando ainda durante minha permanência no Grande Hotel e enquanto estava procurando um pequeno apartamento para morar – como convinha a um viúvo - tratei de achar o Aidan. O hotel me fora necessário já que eu não tinha mais meus pais para me acolherem em nossa velha casa. Suas missões infelizmente haviam terminado há tempo.

E, lá no Forum, perguntei ao Dr. Saraiva:

- Doutor, conhece o professor Aidan Mac’Lean, professor da Faculdade de Direito?

- Bastante... Ultimamente tive, com ele, várias audiências. Ele até é meu ‘*cliente*’ num processo penal terrível.

- Réu? – perguntei surpreso.

- Não. Um pouco de testemunha e muito de vítima. Suspeita-se que há um ano e pouco atrás um celerado apelidado de Piolho, aproveitando-se da ausência do professor que havia ido a Jaguarão fazer uma palestra, entrou à noite na residência do casal para roubar. Como a mulher do Dr. Aidan acordou, ele a teria matado com um tiro e também atirado mortalmente num garoto de dois anos, filho do professor.

- Meu Deus... que tragédia!

- O bandido foi preso logo a seguir, mas o professor, dias depois, ficou meu inimigo. Jamais concordou que eu houvesse relaxado a prisão temporária do Piolho e que tivesse permitido que respondesse ao processo em liberdade. Eu até o compreendo, mas lei é lei... como o doutor bem sabe. O réu nega, peremptoriamente, a autoria dos fatos e até tem um álibi crível. Não haviam pressupostos, nos autos, nem mesmo para uma preventiva. Na época, o próprio Ministério Público não se insurgiu contra o relaxamento da prisão. O Piolho tem residência fixa na Galatéia e trabalha como maleiro no Hotel Paris.

- E o Aidan, por onde anda?

- O professor, transtornado pela tragédia, pediu licença da cadeira de Direito Internacional e comprou uma chácara no Morro Alto. Acho que eu tenho sido uma das poucas pessoas que o tem visto. Acho, também, que ele só vem ao centro da cidade quando o mando intimar para falar no processo. Vou pedir ao Terêncio, do cartório, que lhe forneça o endereço do Dr. Aidan. No domingo seguinte fui até a Rua Duque de Caxias onde moravam os pais de Aidan. Queria saber mais sobre ele, antes de revê-lo.

Quem me recebeu à porta foi D^a. Ana. Quando teve aquela crise de choro convulso ao me abraçar, fiquei-lhe com uma enorme pena e praticamente paralisado, mudo, já também com lágrimas nos olhos. De lá de dentro da casa, chegou-se a Tetê, acorrendo ao choro da mãe.

Quando um copo d'água a acalmou, fomos para a sala e sentei-me num mesmo sofá onde tantas vezes dormira na minha adolescência. Olhei a casa... Havia sinais de uma decadência lamentável. Fiz que não a percebera.

D^a Ana crivou-me de todas as perguntas sobre minha vida desde os empós em que não mais eu tinha visto a família. Quis saber sobre meus pais; sobre a Letícia, minha mulher – numa constatação triste de que o Aidan tinha recebido o convite de casamento. Conte-lhe as circunstâncias da sua morte; falei sobre a fazenda que me tocara como herança; sobre minhas paragens em Salto Grande e Ourinhos... E foi somente depois, quando já saciada na sua curiosidade, que me falou dos Mac'Lean. O velho corretor havia falecido há tempos e, depois disso, praticamente quem sustentara a família fora o Aidan. A Tetê era professora primária na Escola Mariano Nascimento e ganhava pouco; ela, D^a. Ana, ajudava no orçamento, fazendo doces para fora. Mas confessou que tinham, agora, depois da tragédia, uma vida difícil.

E foi quando instada sobre a tragédia que D^a Ana teve mais dificuldades em falar. Soluçava a cada momento.

Lembrava o Andres, o netinho assassinado; a coragem da Estelita ao enfrentar o Piolho para proteger o filho e a casa; o desespero do Aidan ao voltar de Jaguarão; o ódio dele ao criminoso; o ódio dele ao Juiz que soltara o facínora.

- Está lá no Hotel Paris, lépido e faceiro, vivendo solto e gastando o dinheiro da venda das joias que roubou na casa de meu filho. A Justiça de nosso país é lamentável!

- ...e o Aidan?

- Meu filho – coitado! – nunca mais foi o mesmo. Deixou a Faculdade e meteu-se numa chácara no Morro Alto, a criar e vender galinhas e cabras. Pouco aparece por aqui. Tu não o conhecerias se passasses por ele na rua. Envelheceu... perdeu cabelos... dentes... Largou-se da vida. É um pobre traste, agora. Vive para os ódios à Justiça brasileira, ao Dr. Saraiva que soltou o Piolho, e a este criminoso que estragou sua vida.

- E tu, Terezinha? Que fazes da vida?- perguntei.

- Eu dou aula no Mariano Nascimento e ajudo a mamãe nos doces...

- E... casamento?

- Ninguém me quis – respondeu ela rindo.

Calei-me surpreso. A Tetê estaria agora com uns trinta e tantos anos. Era uma ruiva muito bonita, séria, agradável, com uma boa cultura... Certamente não lhe faltariam namorados...

Fiquei ruminando: quem sabe eu mesmo, se ela um dia concordasse em preencher minha vida pessoal vazia. Quem sabe...

Eu sempre gostara da Tetê,

E por alguns instantes fiquei com o olhar parado, distraído, voltado para uma foto na parede, da família irlandesa nos bons tempos.

Resolvi deixar a visita ao Aidan para o fim de semana seguinte. Havia muito que fazer: a adaptação ao novo serviço, o conhecimento dos colegas do Foro, a tentativa de por em dia as ações atrasadas, e, além disso, a procura do apartamento.

Num daqueles dias seguintes encontrei o Dr. Saraiva arreliado e aborrecido.

- Que aconteceu? – perguntei.

- É o Galeão, o Delegado... Esteve a conjecturar comigo que há uma relação entre as quatro mortes destes dois últimos meses, que vêm sendo atribuídas a um mascarado que usa uma meia no rosto. Ele acha que as vítimas são pretensos assassinos que eu soltei das prisões temporárias ou preventivas. Disse-me que é um elo importante verificado nos quatro fatos. E, naturalmente, está a me culpar... Veja só!

- Mas como morreram?

- Os quatro foram tiroteados nas ruas por um mascarado que, aparentemente, fugiu de motociclo. Ninguém sabe quem é e não há testemunhas sobre quaisquer das ocorrências. Os crimes ocorreram à noite em ruas desertas. O criminoso há de ter estudado cuidadosamente as circunstâncias dos assassinatos pretendidos.

- E o que pretende o Delegado?

- Imagine... ele quer que eu evite as solturas de assassinos ou que, em não havendo outro jeito, lhe comunique com antecedência as providências que eu determinar para que possa dar proteção aos bandidos soltos. Está convencido que as mortes se deram por que eu mandei soltar os bandidos agora assassinados. Que maçada! Só a mim, mesmo! Não demora muito, o “*Foco*”, ou a “*Voz das Saladeiras*”, se ouvem o Delegado, estarão me acusando de beneficiador de bandidos ou de urdidor de assassinatos.

- Ônus da profissão... – falei, esperando consolá-lo.

Não consegui ir até o Morro Alto no domingo seguinte, como pretendia. Aproveitei o fim daquela semana para mudar-me para o apartamento que alugara na Barroso.

E foi com grande alegria que vi a Tetê chegando, para me ajudar nas arrumações.

Quando a semana começou, dei com o Dr. Saraiva furioso:

- Pasmé, doutor Telêmaco, o Piolho, aquele que matou o filho e a mulher do seu amigo, foi assassinado na frente do Mercado, sábado à noite. Da mesma forma que os outros quatro: com um tiro aparentemente dado por um mascarado, de motocicleta, que usava uma meia de mulher no rosto. O Delegado insiste que o elo é o mesmo: estão matando os assassinos que eu solto das prisões temporárias ou preventivas.

Foi só no domingo seguinte que aluguei um carro de praça para me levar ao Morro Alto.

No endereço que me haviam dado, havia uma quase-ta-pera, pequena casa de madeira bruta em péssimas condições. E, efetivamente, ali, morava aquele que fora – e que eu assim ainda considerava – o meu maior amigo.

Do lado de fora da chácara, uma construção de pedra antiga cercava as galinhas e as cabritas do Aidan.

Bati. Ele atendeu a porta e mostrou-se surpreso com a minha presença

- Meu Deus! Tu por aqui! Que fazes em Saladeiras? – E quem me perguntava era um retrato da decadência do que fora o prestigiado poeta e professor Aidan Mac’Lean: quase careca, desdentado, sujo, cheio de perebas no rosto e nas mãos, muito magro, tossindo a todo o instante, morando numa casa atirada e malcheirosa...

- Pois agora moro novamente aqui. Sou Juiz no Foro local. Há uns dias atrás visitei tua mãe e a Tetê e elas me deram notícias tuas. Tua irmã, aliás, ajudou-me na mudança para o apartamento que aluguei na Barroso. E tu, como vais?

- Podes ver que... mal. Nem eu mesmo quero ir bem... Tudo quanto quero agora é desembarcar desta vida desgraçada.

- Mas Aidan, pelo amor de Deus! Que é isso?

- Essas galinhas e essas cabritas que hás de ter visto aí fora, foram o que necessitei para manter minha vida enquanto me vingava da Justiça de teu país. Espero que tu não sejas um juiz iníquo como o teu colega Saraiva, - aquele libertador de as-

sassinos – que teve a coragem de mandar soltar o desgraçado que matou minha família. Enfim, este já foi... Uma limpeza cósmica! Como outras...

As palavras de meu amigo preocuparam-me muito. Pareceu-me terem relação com as apreensões do Delegado e do Dr. Saraiva. E perguntei-lhe:

- Sabes que mataram o assassino de tua mulher e de teu filho?

E o pobre Aidan era, ainda, depois de tantos anos, capaz de não mentir para o seu amigo Telêmaco:

- Sei... fui eu!

Certamente ele notou a aflição que se apoderou de mim.

- Fica tranquilo, amigo, sinceramente eu não espero que faltes com teu dever de denunciar-me. É tua obrigação.

Deixei aquela tapera num enorme desespero. Tinha uma enorme vontade de calar. Foi uma das piores noites de minha vida.

Mas, enfim, não havia hesitar: no dia seguinte chamei o Delegado e dei-lhe o endereço do Aidan. Pensei que assim procedendo, cumpria meu dever, e fazia uma sentida homenagem ao meu amigo “*veritômano*”

E, foi com tristeza, depois, que fiquei sabendo ter sido, aquele domingo, o último dia em que Aidan Mac’Lean fora visto em Saladeiras.

O SÁBIO POPULAR

- “O essencial é invisível para os olhos”. – ele dizia, com os olhos fechados, a cabeça voltada para o alto, como se buscasse inspiração.

Estava de pé, sobre um caixote de madeira, a um canto da calçada. Vestia camisa e calça, de um branco impecável, o que só acentuava a sua aparência saudável. Excelente. Tinha olhos castanhos e cabelo comprido. O bigode e a barba davam, a ele, um ar de mistério. Era, sem dúvida, uma figura carismática. Impressionante. À primeira vista, parecia ser um vendedor ambulante excêntrico naquele seu visual pouco comum. Não estava ali, no entanto, para vender o que quer que fosse, mas, sim, para ofertar orientações, trazidas pelos nossos provérbios, ou ditos populares, que, em seu conteúdo simples, transmitiam apenas o essencial, ainda que fossem ostensivamente negligenciados. Perseverante, cumpria aquela sua tarefa dia após dia. Chovesse ou fizesse sol. Falava num tom de voz firme e agradável, com um português corretíssimo. Curiosamente, não se dirigia a todos ao mesmo tempo. Parecia perceber quando e a quem deveria transmitir aqueles breves e significativos alertas.

Um comerciante, por exemplo, que havia passado por ele, certa vez, preocupado por ter tido um sério prejuízo, ficou surpreso ao ouvir esse homem dizer: “O olho do dono engorda o gado”. Os que demonstravam agir, sem refletir, e corriam o risco de errar nas suas decisões, acabavam ouvindo: “o seguro morreu de velho”. Podia, também, despertar a persistência, adormecida em alguns, ao afirmar: “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”. Chegava a advertir sobre “direitos e deveres”, se referindo às “escolhas mal-intencionadas”, que proliferavam a olhos vistos: “quem com ferro fere, com ferro será ferido” ou

mesmo “aqui se faz, aqui se paga”. Recorria, inclusive, àquelas conhecidas frases, que pediam, a cada um, o reconhecimento das próprias falhas. Uma delas, a teimosia: “é preciso ‘dar a mão à palmatória’”. Outros eram incentivados, por ele, a “dar nó em pingo d’água”, se preciso, para sair das dificuldades em que se encontravam.

Eis como se comunicava com aqueles que ali passavam ou mesmo com os que não resistiam em parar, na intenção de ouvi-lo. Era como se conduzisse à reflexão sobre a necessidade de recorrer à “capacidade de percepção”, como forma de identificar a melhor forma de agir, ou a decisão mais acertada. Assim, dia após dia, sem nada pedir, ia plantando suas “sementes de consciência”.

Na opinião da maioria, ele nada mais era do que alguém que não tinha o que fazer. Outros, porém, achavam que podia ser uma espécie de “adivinho”, capaz de captar o íntimo de quem dele se aproximasse. A verdade é que a fama desse homem, de comportamento invulgar, inexplicável, vinha crescendo e muito. Todos comentavam sobre ele. Diziam até que alguns chegavam a se aproximar dele, vez ou outra, para obter conselhos.

Um dia, um rapaz vinha atravessando a rua, às pressas, enquanto usava o celular. Ao chegar na calçada, onde o homem estava, tropeçou e o aparelho caiu da sua mão, indo parar dentro de um bueiro.

- Mas que droga! Droga! – ele repetia, sem parar, inconformado.

Sem olhar na direção dele, o homem falou:

- “Vão-se os anéis, mas ficam os dedos”.

Aquilo foi o bastante para fazer o outro explodir:

- É mesmo? E o que mais o “senhor sábio” tem a dizer?

- o rapaz gritou, furioso, obviamente descontando no homem o que tinha acabado de acontecer.

Uma mulher, que passava por ali, não se conteve:

- O que você pensa que está fazendo? – ela perguntou.

- É esse sujeito aqui. Ele se meteu onde não foi chamado.

- o rapaz começou a dizer, se justificando, mas foi interrompido por ela.

- “Esse sujeito” é um ser humano, como eu, como você!

Ele é um conhecido meu, e não vai ser ofendido ou ameaçado na minha frente! – foi a resposta veemente dela.

O rapaz, que não esperava por aquilo, começou a se afastar, desconcertado, reclamando. Ela olhava para os que presenciavam tudo aquilo passivamente.

- E vocês deviam ter vergonha de ficar aí, vendo tudo isso, sem ajudar!

As pessoas iam se afastando também. Só ela permanecia ali, observando o homem, que mantinha a mesma expressão inalterada. Completamente alheio ao que acontecia, ele continuou empenhado em se doar àqueles que passavam, como se cumprisse uma espécie de missão.

Dias depois, ao passar por aquele mesmo lugar, viu que ele ia chegando, calmo, como sempre, vestido com a sua roupa imaculadamente branca. Ela se aproximou dele, e disse:

- Bom dia...

Ao ouvir a voz dela, ele parou, com o pé direito sobre o caixote, onde estava prestes a subir.

- Eu passo sempre por aqui, para ouvir o que o senhor tem a dizer... – ela falou.

O homem não fazia o menor movimento.

- É que eu ando precisando muito que o senhor me diga alguma coisa. – ela falou, sem jeito.

Ele se mantinha imóvel, na mesma posição, sem olhar para ela.

- Achei que o senhor poderia me ajudar. – ela desabafou,

angustiada, como se estivesse lidando com algum problema sério.

Ele respirou fundo e fechou os olhos, como se estivesse voltado para o próprio interior. Ela permanecia quieta, aguardando. Os minutos se passavam, e ele nada dizia. Achando que não ia receber qualquer resposta, ela falou, sem conseguir disfarçar o seu desapontamento:

- Tudo bem. Acho que me enganei. Eu vou embora. Não quero atrapalhar mais ...

Mal começou a se afastar, quando ouviu a voz dele.

- “As aparências enganam”... – ele disse, num tom de voz imperioso, mas baixo, de forma que só ela escutasse.

Surpresa, a mulher se voltou. O que o homem havia acabado de dizer parecia significar que a situação, que ela vinha vivendo, poderia se reverter.

- O senhor está mesmo falando comigo, não está? - ela perguntou, sentindo o coração acelerar.

Poucos segundos se passaram até que ele continuou, em voz baixa:

- “Se você chorar por ter perdido o sol, as lágrimas vão impedir você de ver as estrelas”.

Ela custava a acreditar no que ouvia. Nos últimos tempos, o que ela mais vinha fazendo era chorar, quando estava sozinha, exausta de tanto desejar, mas sem conseguir. Ele parecia “adivinhar” o que se passava dentro dela.

- Eu sei que o senhor está falando comigo! Eu posso sentir que está! – ela falou, envolvida pelo carisma que a presença dele emanava.

Podia perceber, também, que a cada palavra, dita por ele, a dor da angústia, que vinha sentindo, há tempos, ia diminuindo dentro dela.

- Por favor, me diga: o senhor acha que eu vou ter outra chance?

Acha que isso pode acontecer? – ela não hesitou em perguntar.

A voz dele soou repleta de convicção:

- “A fé remove montanhas”. “Quando uma porta se fecha, a outra se abre”.

Aquilo foi o bastante para desfazer, na mulher esclarecida, que ela era, qualquer dúvida em relação ao dom que ele demonstrava ter. Estava convencida de que aquele homem falava, através da “voz da intuição”, como somente poucos privilegiados faziam.

- Eu quero ter fé. Eu quero e preciso acreditar que outra porta vai se abrir! – ela afirmou, como se sentisse que devia “imprimir”, com todas as forças, dentro de si mesma, aquele desejo justo.

- “Quem tiver olhos para ver, verá”. – ele sentenciou, com voz firme.

Ela sentiu, então, que resgatava algo, que não experimentava há tempos: a esperança. Aquela de que tanto precisava para voltar a acreditar e se manter acreditando.

- Que bom! Eu acredito no que o senhor diz. – ela afirmou, emocionada.

Ele permanecia sem fazer qualquer movimento. Apenas escutava, de modo educado.

- Não sabe como o que acabou de dizer é importante para mim! - ela falou.

La sendo envolvida por um alívio e uma leveza que há muito não sentia.

- Eu preciso trabalhar agora. Ligue para mim, se precisar de alguma coisa, qualquer coisa está bem? – ela pediu, escrevendo o número do seu telefone, num pedaço de papel, que colocou cuidadosamente no bolso da camisa dele.

Depois daquele episódio, a primeira coisa que fazia, - antes de seguir para o escritório, a poucas quadras dali -, era ir até

ele, não importando se ele falasse com ela ou não. Bastava que pudesse ficar perto dele. Era como se ambos tivessem um acordo silencioso, que compreendiam e respeitavam.

Certa manhã, muito cedo, foi lá, como sempre. Coincidentemente, como no dia em que havia falado com ela, ele ia subindo no caixote, pronto a começar a sua doação de mensagens, mas parou, ao ouvir a voz dela.

- Acho que o senhor sabe o que eu tenho para contar, não sabe? – ela perguntou, com um brilho diferente no olhar.

O homem parecia refletir até que falou, voltando os olhos para ela, pela primeira vez.

- “Para quem acredita, todo milagre é possível”.

O espanto dela era visível.

- “Todo milagre é possível para quem acredita”. – ele repetiu, enfatizando cada palavra, sem tirar os olhos dela.

- É verdade! E como é verdade! – ela falava, sorrindo. E o meu “pequeno-grande milagre” vai nascer daqui a alguns meses. Eu achei que o senhor merecia saber disso.

O olhar dele se iluminou. Em seguida, a mulher se aproximou mais, envolvendo-o num abraço. Quem passava, naquele instante, e via os dois, juntos, não poderia imaginar que aquela, que, há anos, tentava engravidar, mas sem êxito, trazia, dentro de si, uma nova vida. Justamente após ter sido generosa, o bastante, para se importar com um homem humilde e desconhecido, dando valor às suas percepções.

Ambos permaneciam ali, abraçados, como dois seres humanos que falavam a “linguagem das almas afins”. A mesma que era compreendida pelos que estavam em sintonia uns com os outros. Acima de toda e qualquer opinião alheia. De todas e quaisquer diferenças. Inclusive a social.

- Obrigada, meu amigo! Muito obrigada! Não sabe o quanto sou agradecida pelo que fez por mim – ela disse.

Estava absolutamente convicta de que aquele homem enigmático havia tido papel fundamental naquela sua conquista, já que, depois das primeiras palavras dele, ela tinha sido levada a mudar de atitude, permanecendo num estado interior de espera, confiança, e calma.

Ele mantinha os olhos nos olhos dela. A mulher podia ver que eles estavam cheios de compreensão e ternura.

- E dizer que eu nem sei o seu nome. – ela comentou. O meu, o senhor já sabe. Ele está escrito naquele papel, que eu escrevi, junto com o meu telefone.

Para surpresa dela, ele disse, num murmúrio.

- Helena...

A conexão, que ambos estabeleciam, era rara.

- Isso mesmo. Quem bom que o senhor não se esqueceu do meu nome e nem de mim.

Em resposta, o homem colocou a mão direita sobre o coração. Imediatamente, ela fez o mesmo. Ele permanecia calado, mas, o seu olhar, incrivelmente penetrante, profundo, transmitia algo maior.

“Paz”. – a mulher concluiu, decidida a retribuir àquele ser, tão especial, o que ele tinha feito por ela.

FOLHAS SECAS E VERSOS LIVRES

A poetisa termina o poema e sai de alma límpida e sublimada. Em estado de graça, com a obra concluída. Nascido feito, num fôlego, quase sem rabiscos e emendas, o poema fica sobre a mesa, perto do computador, dos inumeráveis livros, do telefone... E todas as coisas pertinentes aos poetas. Poetas têm muitos papéis, mesmo os adeptos às inovações tecnológicas. E como juntam papéis! O poema fica, a poetisa vai se espairecer. Passa uma ventania dessas que prenunciam as chuvas de verão, entra acintosamente pela janela e carrega o poema sem nenhum constrangimento. Vai longe... Lá se vai a folha de papel branco, com as bem traçadas linhas de caneta Bic azul, arrastada em meio às verdes folhas das palmeiras, castanheiras, amendoeiras e outras árvores da avenida. Embora discrepantes na aparência atual, reconhecem-se irmãs, oriundas do mesmo reino.

A madrugada traz a poetisa de volta ao lar, extasiada e feliz. Desfrutou de companhias estimadas, degustou vinhos e cervejas estonteantes. Recolhe-se ao leito, reservando-se ao direito de momentos de solidão, que as poetisas modernas ainda cultivam. Olha para a mesa, a luz vermelha interna acende. Não entende o sinal. Não sabe o motivo do alerta, só sente comprimir o peito. Deita-se e adormece. O poema fica no meio da rua, exposto aos primeiros pingos da chuva que começa. Alguns rapazes correm para pegarem o ônibus, acabaram de sair da balada. Um deles apanha o papel no chão, começa a ler. Não entende e nem faz questão de entender. Vai andando e lendo. Não se interessa, ah...! Joga o papel no chão com desdém e entra rapidamente no coletivo. Fica o poema debaixo do abrigo de ônibus, a salvo da chuva torrencial que desaba sobre a cidade, amenizando o calor causticante.

Desperta com as derradeiras horas da manhã. Já são dez horas! Sabe, pela posição do sol no quarto e neste momento, ele bate sobre a mesa de trabalho. Olhando para a mesa, estremece. A luz vermelha acende mais forte, agora entende. O poema não está lá! Procura entre os livros, debaixo do micro, da impressora... Onde foi parar? Volta aos livros, abre-os, vira as páginas. Não pode estar ali, não tem hábito de guardar coisas dentro de livros, só cartões, papéis perfumados, ou marcadores. Nada de dinheiro, documentos e coisas importantes. Olha debaixo da mesa. A dúvida de ter deixado o papel ali começa a ganhar força. A poetisa vai tomar café, deve estar aí mesmo, haverá de encontrá-lo. Tenta driblar a preocupação.

Sentada no banco do abrigo, a senhora resolve contar de novo o dinheiro para o exame. Toda semana, aquela tortura de ir à clínica fazer a quimioterapia. Exames, náuseas, mal estar, vontade de desistir... Quanto sofrimento, por que justamente com ela? Se tivesse posses, o calvário seria menos penoso. Pensa, que abaixo de Deus, só o dinheiro. Encontra uma folha de papel úmida e suja de areia embaixo do banco. Serve, é só para enrolar o dinheiro do exame, quer deixá-lo separado. Corre, para entrar pela porta da frente do ônibus que chega. Tropeça, quase cai. Apresenta a carteira de idoso ao motorista, que olha sem ver. Esse homem não deve ter mãe e pensa que jamais envelhecerá. Velho só dá despesas. Quanto perde a empresa com as viagens desses inúteis, certamente, ele está pensando. Consegue uma poltrona para assentar. Pura sorte. Na maioria das vezes, viaja em pé, com muitos marmanjos ocupando os lugares. Tira o embrulho de dinheiro do bolso da saia para nova recontagem. Começa a correr os olhos pelas letrinhas redondinhas e azuis do papel, para matar o tempo ocioso no coletivo cheio, que atravessa veloz, o trânsito desvairado da cidade. Vai lendo. A princípio sem sentido, vai respirando algo mais, que os odores das pessoas e do combustível. O que insufla em seus pulmões é leve e sublime, mais forte que

o vento quente que entra pelas janelas. Belo, feito os dias de sua juventude longínqua. A esperança transborda de seu peito, como o suor que escorre da testa. A poetisa retoma a busca no quarto. A sensação de perda se avoluma. Por que não digitou o poema? Mas, poemas não costumam sumir de sua mesa! Procura nas gavetas, até naquela onde guarda tudo, mesmo com a certeza de que não está ali. A memória não costuma traí-la. Com o chinelo, sacrifica a barata que sai atordoada da gaveta.

A senhora da melhor idade volta a enrolar o dinheiro, no papel das letrinhas redondinhas, paciente e carinhosamente, feito relíquia sagrada. Desce do ônibus revigorada. Alheia aos entraves no atendimento da clínica, suporta os tratamentos dolorosos com coragem até então, desconhecida por ela. Paga à recepcionista e joga o papel na portaria. Vai tomar o ônibus de volta para casa, com a convicção de que viver é resolver problemas. Ainda é capaz, ainda está viva, viva!

Onde foi parar aquele poema tão elevado, que poderia redimir a humanidade? A poetisa tem o peito comprimido, é quase uma dor, um sufoco. Percorre o aposento, de um lado a outro, rói as unhas. Tudo em vão! Ficaria na história da literatura mundial. Seria editado nos livros de português, para os estudantes interpretarem e aprenderem muito com ele. A obra immortaliza o criador. Vão-se os poetas e ficam os poemas, assim, deve ser. Seria reverenciada com aqueles versos, quiçá chegaria à Academia!

A folha de papel A4 manuscrita e bastante amassada é empurrada com os pés. Muitos pés vagando ligeiros, calçados com sapatos, chinelos, tênis e até descalços. Vão pisando inclementes e arrastando os versos pelas ruas, junto com lixos, papéis de sorvetes e balas. Os versos conseguem se desvencilhar. Encontram as folhas das árvores, algumas secas, caídas em abundância. Vão a esmo, livres, numa aventura inédita, cidade afora... Como pôde perder o poema? Inadmissível para uma poetisa do seu gabarito, coisa de principiante! Revira o colchão, entra debaixo da cama,

olha em cima do guarda-roupa, mesmo sabendo que a procura é inútil. Surge outra barata, habitante discreto dos lares, que foge ilesa. Que pena, conseguiu abortar um poema, mãe desnaturada que é! O coitado não cumprirá a missão da poesia, que é eternizar sentimentos.

A moça de passos apressados e ânimo lento, segue para um lanche rápido, em seu horário de almoço. Sua vida rotineira de trabalho-estudo-casa mão contém nada de especial. Maldiz o fato de nascer pobre, sem grandes talentos e assistir como espectadora, aos outros serem felizes. A vida passa feito um desfile alegre e inacessível a ela. Pagar aluguel, ajudar nas despesas de casa, contar as moedas e deixar de comprar as roupas da moda que vê nas vitrines, só acontece com ela. Os outros são privilegiados, não têm esses problemas. Um dia, é mais um dia e pronto. Irrita-se tentando se livrar do lixo que embaraça em suas pernas. Pega com nojo, um papel sujo e dobrado, preso em seu tênis. As letras cursivas e bem feitas a atraem. Põe-se a ler aquilo com avidez. Vai-se iluminando por dentro, acendendo cada luzinha que desconhecia. Como não soube disto antes? É tão claro como o sol! É cheio de graça e ri, ri, ri...! Não consegue parar de rir... A vida é muito engraçada, não é feita para ser levada a sério. Prossegue rindo e balançando o papel imundo, feito uma bandeira de exultação. Interrompe a caminhada e com a paciência dos iluminados, copia a poesia na agenda, citando “autor desconhecido”. Pretende mostrá-la às amigas e enviá-la por e-mail para os quatro cantos do mundo. Avista um rapaz sentado em uma passarela, com o semblante tristonho. Suas intenções parecem funestas e o que se passa em seu íntimo, só Deus parece conhecer.

– Ei, olha o que achei! – a moça arremessa o papel em sua direção e segue seu destino. Precisa almoçar e trabalhar. Precisa cultivar ideias construtivas, batalhar por tempos melhores... Precisa, precisa...

O homem pega o papel e passa os olhos displicentemente:

“Por que não jogam dinheiro, ou cheque, invés desta porcaria?” No beco escuro da miséria e precariedade em que se encontra, não vê saída. Não poder oferecer um copo de leite aos os filhos, nem encher as latas de mantimentos, o faz sentir-se um verme E bebe, bebe, bebe muito. Cachaça há sempre quem pague. Briga com a esposa. E bate, bate e bate muito. Caçado pela polícia, o homem-verme encontra-se sem saída. O que fará, desempregado e preso? Os filhos famintos, o beco escuro da vida, sem saída...

Já em estado desesperador, a poetisa procura o poema pela casa. Revira a lixeira, pergunta a todos, ninguém dá notícias. Ninguém mexe em suas coisas, é expressamente proibido. Ajoelha-se, roga a São Francisco de Assis, o protetor dos poetas. Pede a Santo Antônio, que tem fama de ajudar a encontrar objetos perdidos. Lembra-se vagamente de uma oração... Implora a São Judas Tadeu, o das causas impossíveis. Que todos os santos se mobilizem para livrá-la de tortuosa aflição. Aqueles versos haveriam de calar fundo à alma e estão perdidos, impelidos a um destino obscuro e medíocre.

O homem passa os olhos pelos versos, sem saber que são versos. Sua mente vai-se abrindo, vai ganhando nova forma e “quando a mente se abre às novas idéias, ela jamais voltará ao tamanho original.” Pensava Albert Einstein, recorda-se bem. Ouviu alguém falar sobre o gênio na tevê. Abrem-se portas, portões e portinholas, aquele papel mostra a saída. Vasculhará a cidade de norte a sul, algum lugar terá para ele! Envergonha-se do gesto covarde, almeja ser homem-criatura-de-Deus. Segue apressado e deixa o papel cair sobre o capô de um carro estacionado.

Com uma vaga lembrança da poesia, a poetisa tenta fazer outra. A inspiração não vem. Inspiração às três horas da tarde, não tem como! O ambiente e o clima são adversos. Faz outros versos, sente que são similares. Aqueles voaram como pássaros. Vêm outros, de plumagens e matizes parecidos, iguais, jamais.

Sentado no banco de trás do BMW, o nobre vereador lê um pedaço de papel, que encontrou casualmente, ao entrar no carro. A princípio, aquilo lhe causa aborrecimento. Com o decorrer da leitura, vai-se incomodando. Aquelas letras de caneta esferográfica azul, borradas pela água, encharcam sua mente. Vai ruminando os pensamentos. A caminho da reunião com os fornecedores, traça estratégias para superfaturar a merenda das escolas da periferia. Todos vão ganhar. Aquelas letras azuis borradas dizem que alguém vai perder. Aquilo mancha o seu nome. Decide retornar à Câmara e atender o povo. Por enquanto, deixa a criança merendar, quem sabe, outro dia...

O novo poema atenua o vazio daquele que sumiu. A poetisa renuncia à procura, resignada e ponderada. Poetas têm o ego volátil. Nem tudo que se escreve é sagrado como pensam. Tudo pode ser mexido, revisado e até mudado. Ah, os poetas precisam tomar lições de humildade com os operários! Poemas são construções relativas, que precisam de reciclagens e até demolições. E contradizendo-se, ou mudando de ideia, vão-se os poemas e ficam os poetas. Com uma dorzinha persistindo no peito, ela dá aqueles versos como perdidos. Melhor é não sofrer mais. Do outro lado da cidade, o rapaz entrega um lindo buquê de flores à namorada, acompanhado de um cartão com versos encantadores. Ele acrescentou às flores compradas, uma rosa vermelha, que roubou no jardim da Câmara Municipal, onde achou o papel com aqueles versos quase apagados. Como tem talento para amar e não para falar de amor, copiou-os no cartão. Dizem que roubar flor dá sorte no amor e mantém a tradição do romantismo. O jardineiro recolhe as flores murchas, as folhas secas e joga sobre os canteiros. O papel, agora já rasgado e com o poema ilegível, vai junto. As roseiras precisam de adubo.

XXXVIII
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA

CONTO, CRÔNICA E POESIA

38ª edição

SANTA MARIA
2015

**XXXVIII
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

Edição 2015

Cezar Augusto Schirmer
Prefeito Municipal

José Haidar Farret
Vice-Prefeito

Sergio Cechin
Presidente da Câmara de Vereadores

Marilia Chartune Teixeira
Secretária de Município da Cultura
Coordenadora Geral do Concurso

Josias Ribeiro
Secretario Adjunto da Cultura

Rosangela Beatriz Rechia
Coordenadora de Eventos da Biblioteca Pública Municipal Henrique Bastide
e Coordenadora Executiva do Concurso

Fernanda Silva dos Santos
Bibliotecária

Equipe de Apoio:

Ana Rita Marchesan, Carlos Cavalheiro, Elizandra Quevedo,
Tânia Costa Avila, Roxane Erro, Tânia Bomachar

Participaram da XXXVIII Edição do Concurso Literário Felipe D'Oliveira um total de 708 trabalhos provenientes de cerca dezesseis estados brasileiros: RS, SC, PR, PB, TO, SP, RJ, MG, ES, BA, AL, PI, CE, DF, GO assim distribuídos: 257 Contos, 176 Crônicas, 275 e de três Países: Japão - Itália e Inglaterra

**XXXVIII
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

POESIA

COMISSÃO JULGADORA:

Valéria de Castro Fabricio - UFSM
Evandro Weigert Caldeira - UNIFRA- ASL
Ana Paula Fogaça Benchimol - UFSM

Premiados

1º Lugar

Se eu fosse um poema
Jacqueline Lopes Salgado Soares – Bauru/SP

2º Lugar

De Horizontes e Navios
Henriette Effenberger – Bragança Paulista/SP

3º Lugar

Um Quarto em Quatro Luas
Natan José Muniz Barreto – Londres/Inglaterra

Prêmio Incentivo local

Sobre Ele
Angela Nascimento da Silva – Santa Maria/RS

Menções Honrosas

1ª Menção

Gotejo
Lauro Martins Neto - Bauru/SP

2ª Menção

Vôo
Ricardo Mainieri- Porto Alegre/RS

3ª Menção

Super Herói em Quadrinhos
Julio Correa - Rio de Janeiro /RJ

Se eu fosse um poema

Se eu fosse um poema,
deixar-me-ia sucumbir à liberdade dos versos
ou à tentadora armadilha das rimas.
Enxertos de prosa seriam bem vindos
sintaxes distorcidas, talvez.
Seria assindético ou polissindético
e nadaria de braçada no caos das conjunções.

Se eu fosse um poema,
seria uma medusa a ostentar
versos e serpentes
e petrificaria
os leitores mais desavisados.

Se eu fosse um poema,
gostaria de caber na ponta de um alfinete
ao mesmo tempo em que, sentado na lua,
eu pudesse balançar os pés no universo.

Se eu fosse um poema,
seria concreto
sonoro
pulsante.
Seria calmo,
seria inquieto,
como um paradoxo no espelho.

Se eu fosse um poema,
seria uma ode de Píndaro,
um soneto de Petrarca

ou um haicai de Bashô.
Seria todo o consolo metalinguístico
infinito,
silencioso,
que abre fissuras nas horas.
Simulacro de sentido.

Se eu fosse um poema,
seria desembaraço,
seria coloquial.
Seria pintado,
mimeografado,
fotocopiado
articulado e reticente.

Se eu fosse um poema,
abusaria das anáforas
verteria aliteração.
Seria cratílico,
idílico,
itálico, etílico,
hiperbólico.

Se eu fosse um poema,
seria assindético
ou polissindético,
 tanto faz,
e nadaria de braçada no caos das conjunções.

Se eu fosse um poema,
não me importaria em ser jogado ao muro
estampado em faixas de tecido ralo,

tapumes disformes
ou impresso na terceira margem do tempo.

Se eu fosse um poema,
esfregar-me-ia nas folhas em branco
até que o sêmen do lirismo penetrasse
o invólucro do vazio.

Se eu fosse um poema,
sobreviveria aos que ignoram poesia.

De horizontes e navios

Em tempo de sumidouro, douro de pranto o olhar
e meu sorriso de ouro perdeu-se na beira-mar.

No cais que prende navios e que os solta em alto mar,
em horizontes vadios que nunca hão de chegar.

Vê! Há um navio à espera, mil braços a te acenar
e tu nem partes, nem ficas, nem somes... Põe-te a sonhar...

E quando sonho o teu sonho de horizontes e navios,
vejo que o que pensei ser mar, nem ao menos é um rio;

Não chega a simples regato ou fio de água corrente,
alguns pingos abstratos de gotas que não se sente...

Lágrimas do não chorar, adeus do não despedir,
no cais, o não atracar... Talvez o não sucumbir...

Um quarto em quatro luas

I - Quarto crescente

A lua é só um risco
que reconhecemos juntos,
um traço sobre a vidraça
do quarto que mal conheço.

E nessa esfera em formação,
a promessa de sóis noturnos
penetra o quadrado do quarto,
canteiro onde cresceremos.

Abraço-te e o breu se acende
quando o teu corpo me prende.

II - Quarto cheio

A lua atravessa a vidraça do nosso quarto
e não se corta.
Nossos corpos,
rios de sangue em leitos paralelos,
se confluem.

A noite dorme do lado de fora
e se derrama sobre nós.
Enlaçados um ao outro,
corpo a corpo,
quase almas,
nós ainda bocejamos.

Entre nós,
o silêncio que a tudo segue se infiltra
e vai cegando as falas, as sensações, os sentidos.

Sobra o sabor das bocas –
em cada boca,
o sabor da outra,
e o paladar de peles,
que só se apaga aos poucos.

III - Quarto novo

A lua filtra a luz de outro astro
e fura a vidraça de um quarto
onde tudo parece novo.

Esse silêncio entre nós não é mais a paz do após a sós,
mas o próprio embaraço de já nos sabermos sós.

Silêncio,
língua falada entre amantes
quando o amor perde a voz –
língua falada entre nós.

IV - Quarto minguante

A lua partiu a vidraça
do quarto de onde parto.
A noite mal começou,

mas já penetrou o quarto.
Lá fora acenderam as luzes.
Em mim tudo escureceu.

Acostumado à chama,
até segurei tua mão.
Mas nada clariaria
o escuro do coração.

Ao sair,
sorri,
reverberando saudades,
como quem ergue o braço
e deixa um adeus no ar.

Mas não te dou adeus,
te empresto.
Se esse é o fim da festa,
vou deixar frestas abertas
a improváveis voltas.

Gotejo

[...]

E essa é a chuva que recai sobre nós,
são os pingos e gotas

que repartem os perigosos trechos
dispersos entre vãos e vidraças

e manchados pela forte ação ,
a inexorável ação do tempo

essa joia que não para

que não para – e nem mesmo tem este querer

mas que pinga e molha

os olhos e as vistas

[embaçadas

com o quilate luminoso de quem sonha
assistindo

o longo

pulo

[do dia que cai

com as vistas, essas vestes que desnudam

tecem

e emudecem nossa intensa busca e sobrevida

na vontade de amar

VOO

Emoções sobrevoam
a ampla floresta da alma.

Mas não pousam.

Errantes se escondem
em tardes sem texturas.

Como pássaros
disformes
impalpáveis.

Tento recolhê-las.

Inútil
elas fogem em bando.

Espero o sol se pôr.

Quem sabe tudo se esclareça.

SUPER-HERÓI EM QUADRINHOS

Reconto os azulejos do banheiro
Perco a conta das gotas
que nascem da torneira prateada

Minhas ideias se confundem
com as idas e vindas das formigas negras
que esbarram nos meus pés

A toalha esticada sobre o basculante
o sabonete amarelo
o papel higiênico
o chuveiro elétrico
Sou a única peça estranha
no quadrado pintado de salmão

A porta não está trancada
mas tenho medo de girar a maçaneta

Deito no chão frio
Abraço o vazio
Beijo a pedra marrom

Sou flor só na pintura

Sou eu só por dentro

Sou super-herói só em quadrinhos.

Sobre ele

Não se apaixone por ele
Só porque te faz sorrir ou feliz.
Não se apaixone por ele
Só porque te faz elogios e não promessas.

Não se apaixone por ele
Só porque é o seu presente.
Não se apaixone por ele
Só porque você tem medo do passado.

Se apaixone por ele
Porque a sua presença é tão saudável quanto a sua partida.
Se apaixone por ele
Porque está preparada para deixá-lo ir se for necessário.

Se apaixone por ele
Porque é o errado e o certo ao mesmo tempo.
Se apaixone por ele
Porque as brigas sempre são mais engraçadas
Quando os dois estão errados e insistem em estar certos.

Ele irá te deixar.
E você também terá essa escolha.

Mas só se apaixone por ele,
Quando tiver a absoluta certeza de que seu sorriso
É o mais encantador do momento.
E que seu coração acelera cada vez que ele te beija.
E sua voz falha quando ele te olha.

E você fica sem graça com suas palavras.

Se apaixonar não é amar ou gostar.
É apenas se apaixonar pela pessoa errada,
No momento errado.
E torcer para que dê certo.

**XXXVIII
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

CRÔNICA

COMISSÃO JULGADORA:

Glivia Guimarães Nunes - UFSM

Eugenia Mariano da Rocha Barrichello - UFSM-ASL

Andrea Ad Reginatto - UNIFRA

Premiados

1º Lugar

Machado de Assis está?
André Telucazu Kondo - Jundiaí/SP

2º Lugar

Passo o Ponto
Marcus Vinicius Teixeira Quiroga Pereira - Rio de Janeiro /RJ

3º Lugar

Agonia Moderna
Edileuza Bezerra de Lima Longo - São Paulo /SP

PRÊMIO INCENTIVO LOCAL

Triste fim da Integridade
Luiza Moura Tavares da Silva - Santa Maria/RS

Menções Honrosas

1ª Menção

Sexta - feira da Remissão
Maria das Dores Oliveira - Ipatinga/ MG

2ª Menção

O Epitáfio
Sérgio da Silva Agra - Capão da Canoa/RS

3ª Menção

A Sorte mora no fim do Mundo
Paulo Cesar Pascholini - Piracicaba/SP

Machado de Assis está?

Visitei a casa de Machado de Assis. Quem me recebeu foi o seu Paulo, apoiado em muletas. Ele tinha perdido uma das pernas em um atropelamento. Nunca sequer recebeu um pedido de desculpas. Passaram em cima e seguiram em frente. Na época, ele vendia doces no semáforo. Descer e subir o Morro do Livramento ficou difícil, então, passou a vender doces na frente de sua casa. Batemos papo. Ele disse que havia várias famílias vivendo naquela casinha. “É tudo muito apertado”. Outros moradores saíram. Mais papo.

Eu queria encontrar Machado de Assis naquela casa no alto do morro. Tinha lido em um jornal que o fundador da Academia Brasileira de Letras havia nascido naquela humilde casa branca-encardida. Seria verdade? A própria Academia não reconhecia isso como um fato irrefutável. Muitos duvidavam. Dona Neuza espichou a cabeça branca lá de dentro e saiu pra bater papo. A conversa se alongou e ela pediu que trouxessem duas cadeiras. Sentou-se em uma, eu na outra. Era verdade. Dona Neuza afirmou que até dormia no mesmo quarto do Machado.

— A senhora conhece Machado de Assis?
— Pessoalmente, não.
— Mas já leu um de seus livros?
— Ih, quando era nova, nem tinha livros. Agora, também não.

Olhei de soslaio para o interior da casa, que sequer tinha realmente uma porta. Dava para ver apenas um corredor escuro, algumas roupas penduradas ali mesmo na treva. Como será que elas secavam ali? Alguns cães saíram, sem energia para latir para o visitante inesperado, sem pedir carinho. Não estavam nem aí pra nada. Crianças saíram ressabiadas. Distribuí os doces que havia comprado do seu Paulo. Foi uma festinha.

Ao descobrir que eu não era do Rio, Dona Neuza perguntou o que eu estava fazendo ali.

— Vim receber um prêmio de um concurso literário.

— Prêmio é bom. Quanto você ganhou?

— Vários livros.

— Livros?

— Sim. Os vencedores ganham vários livros de presente.

— Presente é bom – disse Dona Neuza, encerrando o assunto.

Conversamos mais um bocadinho. Estava na minha hora. Ela disse:

— Volte pra outra visita!

Fui à cerimônia de premiação, pensando nos moradores daquela casa. No dia seguinte, lá estava eu de novo, com o meu prêmio a tiracolo. Seu Paulo não estava. Deixei um livrinho na sua barraquinha, que sempre ficava ali na frente da casa, coberto por uma lona. Se ninguém roubava os seus quitutes, quem roubaria livros?

Ao invés de doces, naquele dia, as crianças da casa ganharam livros. Algumas cheiraram as obras coloridas, sem saberem ainda o tipo de doçura que encontrariam dentro delas. Talvez as crianças preferissem os doces do dia anterior. Li um pouquinho. Acho que elas descobriram que os livros também eram gostosos!

Perguntei se havia mais crianças na casa. Uma menina disse que sim, que era só bater na porta do primeiro quarto. Bati, mas ninguém atendeu. Ouvi choro de criança saindo lá de dentro. Bati outra vez. O choro parou um pouquinho, continuou, ninguém saiu. Passei alguns livrinhos pela soleira. Um minuto depois, o choro cessou. Mas a porta não abriu. A porta não abriu, mas a janela, sim. Lá, vi um menininho com o livrinho que eu havia passado pelo vão da porta. Ele abriu as páginas ali mesmo na janela. Abriu um sorriso. Quando os livros não conseguem

abrir portas, ao menos, abrem janelas.

Aos jovens da casa também dei alguns livros. Para Dona Neuza havia um exemplar especial: uma obra de Machado de Assis. Nem crianças, nem jovens haviam recebido os livros com tamanho entusiasmo. Dona Neuza, vivendo de passados, estava desacostumada a presentes.

— Esse é o primeiro livro que ganho! Ah! É o primeiro presente que me trazem! – e beijou o livro.

Se é verdade que Machado havia nascido e morado naquela casa no alto do Morro do Livramento? Não sei. Só sei que, quando Dona Neuza abriu o livro, Machado de Assis passou a viver naquela casa.

Passo o Ponto

Passo o ponto do imóvel, digo deste texto, ao primeiro que aparecer e se propuser a não rasgá-lo, a não jogá-lo no cesto; ao que fizer copy desk acrescentar-lhe coesão e coerência.

Passo o ponto do texto em bom estado, já digitado em Word com algumas benfeitorias gramaticais. Vale a pena uma visita e releitura para análise. Não aceito a intermediação de críticos ou ensaístas; por favor, tratar diretamente com o poeta. Trata-se de um texto em acordo com as reformas ortográfica, elétricas e hidráulica.

Passo o ponto, por motivo de viagem, mudança e frete; e aviso que algumas metáforas encontram-se inacabada. Tem localização privilegiada em antologia e em resenha críticas de suplementos. Aceito permuta por poema minimalista. Com acabamento de primeira na epígrafe e nas citações alheias, tem vista lateral para o modernismo e todos os pós; próximo de poetas intertextuais, mais do que de municipais, estaduais e federais, que continuam tirando ouro do nariz nos seus textos originais.

Passo o ponto de texto com sol da manhã e claridade nas analogias. Tem medidas amplas e estrofes espaçosas, com versos reversíveis que tanto dizem algo quanto o seu contrário. Tem vaga na escrita para o leitor visitante; escrito em dia com ISBN e o depósito legal.

Passo o ponto de um texto sem laudêmio, sem hipotecas, sem débito na dívida ativa e em dia com as academias. É só entrar e ler. Aceito oferta de poema-piada como valor de troca ou de epigramas em bom estado. Não se acha em inventário, nem em briga judicial de herdeiros por direitos autorais; com o IPTU e imagística em dia.

Passo o ponto de um texto sem luvas, com retorno garantido de leitores exigentes. Aceito a proposta de pagamento em parcelas ou troca por poemas de menos grau de conotação. Reformado por arquiteto que privilegia os correlatos objetivos; ideal para escritores iniciantes e pouco imaginativos; porteira fechada: Baudelaire, Rimbaud e Mallarmé livros de referência e dicionário analógico; direito à laje de mais duas estrofes sem mais-valia; com vista para o Cristo e ventilação antigongórica.

Passo o ponto de texto de interpretação ampla, com signos arejados, com vista eterna para a biblioteca de Borges, oportunidade única; antíteses; paradoxos e inversões planejados, infra-estrutura rítmica e janelas antirruído melódico; menor preço por sílaba metrificada do mercado; fotos no site dos classificados, na seção de lofts não líricos.

Inquilino notificado. Dispensar ensaístas; tratar direto com o poeta.

AGONIA MODERNA

- para conta corrente digite 1.
- ...
- para comunicar a perda de seu cartão de crédito digite 2.
- ...
- ou de débito digite 3.
- ...
- agora digite pausadamente o número de sua conta
- ...
- se for corrente digite 1,
- ...
- se for poupança digite 2
- ...
- se for para aplicação digite 3
- ...
- agora digite pausadamente o número do seu código de acesso
- ...
- para sua segurança, a sua ligação está sendo gravada
- ...
- anote o número do protocolo gerado por essa operação
- ...
- agora diga uma palavra-chave sobre o seu problema
- ...
- por favor, esta palavra é muito grande. Diga outra
- ...
- esta também não está dando a conexão
- ...
- desculpe, estamos transferindo a sua ligação para o Menu Inicial.

Nãããããão! Vai começar tudo de novo. Eu quero falar com um dos operadores, pelo amor de Deus. Não quero mais falar com uma máquina. Quero dizer, estou com os dedos cansados de...

- para conta corrente digite 1.

Bem, depois de quinze minutos, liguei novamente para o Banco. Diretamente para o *Ombudsman* ou Ouvidor, como queiram. Registre e minha indignação por apenas falar com máquinas e pedi para falar diretamente com um dos Operadores ou com a minha Gerente da conta.

Pela impostação que coloquei na voz e a tenho bem grave, finalmente consegui falar com uma pessoa, com uma gente, com um humano. A estas alturas até um E.T servia. Ainda esperei na linha. Bravíssima para não falar outra palavra, depois de cinco intermináveis minutos, fui finalmente, atendida por uma moça que...

- Bom dia, com quem estarei falando? No que posso estar lhe ajudando?

- Querida você “estará falando” com Edujaem Sued que não estará com saco para aguentar; depois de quinze minutos ouvindo uma máquina idiota, “estar ficando agora falando” com um ser humano que não sabe falar a própria língua. Quero, portanto, “estar falando” com a minha Gerente da conta, entendeu?

- Sim senhora, perfeitamente, eu estarei transferindo. Posso estar fazendo mais alguma coisa pela senhora?

Nem respirei e ela continuou persuasiva e dinâmica.

- Obrigada pela ligação. Ela está sendo muito importante para nós. Agora a senhora precisa estar esperando mais um pouco, pois estarei transferindo a sua preciosa ligação para a sua Gerente. Espero que a senhora esteja tendo um bom dia.

Agora, definitivamente, eu pensei que ela “estaria tiran-

do” um sarro da minha cara. De onde os brasileiros atuais herdaram esses malditos gerúndios precedidos do verbo estar?

Lembrei-me de Carlitos nos “Tempos Modernos”. Adoraria entrar pelo fio do telefone e... Ai que vontade de sair por aí apertando mil botões com um alicate, começando com os bicos dos peitos desta mocinha gerúndica (desculpem o neologismo), não com os dedos num maldito telefone.

E aí, Chaplin? Você “estaria suportando” esta agonia moderna?

Triste fim da Integridade

História de azares de um nacionalista: quem examinasse a sua coleção de livros veria com clareza a preferência pela literatura brasileira – Bento Teixeira, Gregório de Matos, Santa Rita Durão e os mais românticos José de Alencar e Gonçalves Dias, Policarpo Quaresma, personagem do autor Pré-modernista Lima Barreto, esforço-se para manter seus ideais e questionou constantemente deputados e o presidente Marechal de Ferro – tanta insistência resultou na morte do simplório brasileiro.

Não existe verdade, a partir do momento em que existem pontos de vista; e eles não são iguais : as divergências deveriam ser usadas para a obtenção de lucro intelectual na presença de bom – senso ,há a retirada das idéias alheias para o enriquecimento das próprias; na sua ausência, os argumentos utilizados atritam-se e geram conflito: as controvérsias vão prosseguir até que alguém silencie. Melhor do que o silêncio, é buscar pacificamente a exposição de cada pensamento, porque da mesma forma como não se quer alterar a própria opinião, o outro não quer ter a sua mudada- pode-se concordar,mas concordância não significa compreensão.

Mesmo com a oportunidade de negar suas crenças e evitar a morte, Sócrates preferiu beber cicuta e morrer envenenado do que corromper sua alma. Acreditava que a integridade deveria ser preservada em qualquer situação, mas seu triste fim não venceu aos que não aderiam às suas verdades. Já a conclusão de Quaresma, quando estava próximo da morte, foi de que deveria ter mentido, matado, e roubado durante sua vida, em vez de buscar a aprovação de seus ideais – a integridade matou Sócrates e foi morta por Quaresma. Agiram de formas opostas; nenhuma terminou em felicidade. Porém. Defender um ponto de vista não

há de ser motivo para arrependimento, mas teimosia deve.

Usa-se da autoridade na falta de argumentos {Quaresma e Sócrates sofreram ainda mais devido às suas posições sociais e à falta de poder} como fizeram os eminentíssimos-reverendíssimos-senhores-cardeais-inquisidores-gerais com inúmeros cientistas e filósofos: Galileu Galilei foi obrigado a abjurar, amaldiçoar e detestar seus supostos erros heresias, mas nem pela teimosia clerical, o Sol deixou de ser o centro do universo e a Terra parou de mover-se.

SEXTA-FEIRA DA REMISSÃO

Aconteceu na última sexta-feira Santa. Dezoito horas, estava sozinha em casa. O som da Ave-Maria de *Gounod* vinha de um rádio distante. A campainha soou estridente, ecoando em todos os cômodos da casa. Resolvi não atender, não esperava nenhuma visita e quem viria me importunar na hora do jantar? Vencida pela insistência do recém-chegado, fui à janela da sala, de onde avistava o portão. Uma voz alta vinha da penumbra:

– A senhora tem um pouco de comida pra me dar, Dona? Era um jovem de boné quem pedia do outro lado da grade. Vacilei sem saber o que responder e tinha que decidir em poucos segundos:

– Não... Não tem não...

– Nada, nem pão? Tô morrendo de fome, não tenho nada pra comer – insistiu, um tanto petulante.

Minha reação natural seria de pedir a ele para esperar. Tinha muita comida, bacalhau ao forno, com batata e palmito. Estava na hora de esquentar o jantar, não custava preparar um prato para um irmão faminto. Sobretudo, tinha medo. Como ia abrir o portão para entregar-lhe a refeição? E se ele me rendesse, me assaltasse?

– Não tem pão, nem biscoito? – Sua insistência me desconcertava, quase minava a minha resistência.

– Não tenho, moço... Tenho não...

Tinha comida, pão, biscoito e a arma da desconfiança com bastante munição. E se fosse um ladrão, drogado, inconseqüente? Podia ser apenas um viciado, realmente com fome, que ia receber o prato e comer, tranquilamente. Mas, “*coração dos outros é terra que ninguém pisa.*”

–Tá bom, valeu – Foi-se embora, parecendo não estar convencido da minha afirmação.

Tive vontade de fazê-lo voltar, oferecer-lhe a comida. O remorso se debatia contra as minhas defesas. Os jornais estavam repletos de notícias de ladrões que pediam água, para assaltarem nas casas. O que teria em mente aquele estranho? Não podia me arriscar. Minha paranoia ainda aumentou, quando vi que ele só pediu aqui em casa, não bateu às portas dos vizinhos. Foi-se embora, levando a minha paz e deixando-me um dilema lancinante. Negar alimento a um irmão, logo na sexta-feira da Paixão de Cristo! Certamente, incorria em pecado. Estaria Deus me testando?

Recordei-me dos tempos da infância, quando a nossa casa vivia de portas abertas, sem a necessidade dos cuidados de hoje. Os muros eram baixos. As visitas não precisavam avisar para aparecerem. Mesmo encontrando sempre o portão escancarado, gritavam lá de fora:

– Ô de casa!

Os mais íntimos iam entrando sem cerimônias. Havia sempre um parente, ou amigo para compartilharmos as refeições. Negar água e alimento a um pedinte era imperdoável. Fazer caridade era o lema de todo cristão. Um dia, minha mãe ficou indignada e extremamente triste, quando um mendigo pediu comida e jogou tudo fora, quando viu que ela não pôs carne na marmitta de alumínio. Tinha arroz, feijão, taioba, bolinho de ovo e o homem virou tudo, em um lote vago! Durante a quaresma, as imagens dos santos eram cobertas com um pano preto. Respeitavam-se as quartas e sextas-feiras com abstinência de carnes. Na sexta-feira da Paixão o povo prometia comer pouco e jejuar, entretanto, poucos não cediam à tentação do peruá frito, da farinha de amendoim, do leite gordo com café de rapadura e pão de queijo, fartamente servidos nessas ocasiões. Era um dia de

reflexão, de falar baixo. Não se ouvia música, nem varria a casa. E ai de quem proferisse um palavrão! Não apanhava, porque não podia bater em criança naquele dia, mas o inferno era lhe descrito em cores berrantes, com seus capetas, garfos e caldeirões fervescentes. Naqueles tempos, violência era coisa distante, quase ficção. Havia dementes e bêbados, que circulavam pelas ruas, quase sempre inofensivos. Eram vistos até com carinho e se tornavam lendas nas pequenas e tradicionais cidades mineiras.

Depois do conflito interno e da acirrada luta entre a minha bondade e a minha verdade, quietei-me. Deus não me pôs à prova, naquela sexta-feira Santa. Em sua onipotência misericordiosa, compreendeu que a minha atitude foi de prudência, afinal, **“a boca fala daquilo que o coração está cheio.”** Sinais dos nossos tempos de precaução e vigilância contra os nossos semelhantes. Infelizmente, tive que abdicar do **“quem dá ao pobre, empresta a Deus”**, dos tempos de outrora, pelo **“o seguro morreu de velho”**, do ano dois mil e quinze, depois de Cristo.

O epitáfio

“Mãe exemplar, mulher simples e bondosa, deixou um legado de humanismo, generosidade e exemplo de superação. Adorava dançar, cantar e trovar. Cheia de sonhos, gostava, mesmo, de bolinhos-de-chuva. Era estimada por todos. Quando não estava cuidando do jardim e das flores, adorava ficar à janela cuidando o ir-e-vir dos vizinhos. Dedicava o resto de seu tempo a tarefas religiosas”. “Extraordinário, inteligente, culto, exemplo de conduta ética. Sempre em contato com a natureza, era dedicado à família. Tinha satisfação em receber as visitas dos filhos e netos. Gostava de viajar de carro com os filhos e contar histórias para os vizinhos, apontando a imensidão dos céus e suas estrelas. Frequentava a missa aos domingos, gostava de conversar com as pessoas e prezava pela sua honestidade”.

Esta é a tônica, o lugar comum dos obituários estampados em nossos jornais diários. Os falecidos, invariavelmente, sempre foram “do bem”: generosos, éticos, bons pais, maridos fieis e esposas leais, sinceros amigos, caridosos e ricos em talentos artísticos, culinários, botânicos e musicais, exímias no crochê e no ponto-em-cruz.

Será que, quando do retorno à Pátria Espiritual, todos levarão na bagagem biografia tão beatífica, exemplar e generosa? Por que depois de morto o sujeito sempre é lembrado como “bonzinho”, quase digno de canonização?

O obituário redigido – post mortem, *por supuesto* – por familiares ou amigos parece ter como função prestar um empurraozinho no “passaporte verde” e no “visto” de entrada no Paraíso. Oremos! Amém!

Quero crer que, se o sujeito fosse honrado mesmo e – a exemplo do testamento feito em vida – deixasse redigido de

punho próprio seu obituário, dispensaria aos parentes eventuais apologéticas e constrangidas manifestações, conforme os quinhões destinados, de hipócrita saudade e bem-querer.

Para Carl Jung, médico psiquiatra suíço, colaborador de Freud, Persona significa máscara. A palavra vem do teatro grego, onde cada personagem utilizava uma máscara para construir seu personagem. A palavra personagem, por sua vez, surgiu da palavra persona.

A persona é como se fosse um papel para interpretarmos, para sermos vistos pelos outros. Jung percebeu que nós agimos de maneira diferente em cada ambiente social, de que precisamos ser aceitos para pertencer ao grupo, e temos que nos adaptar dependendo da circunstância.

Como exemplo: – Na faculdade eu sou aluno e quero mostrar aos meus professores que presto atenção, não converso, não falto, tiro notas boas; em casa eu sou filho, tenho que respeitar minha mãe, ajudar com alguns afazeres; com minha namorada tento ser perfeito em todos os aspectos. Cada um destes papéis é uma persona, uma máscara para o meu eu alcançar seu objetivo de ser bem visto e aceito.

Pode ocorrer de o indivíduo utilizar a persona de tal maneira que ele vive como gostaria de ser, e não o que realmente é. Exemplo: um policial que é tenente vive essa persona em todos os lugares. Em sua casa ele trata sua família como se estivesse num quartel general com regras, punições e tudo o mais.

Mas se por acaso eu viver sem persona? A pessoa não será aceita pela sociedade, não conseguirá se relacionar com alguma pessoa sequer ou viver em qualquer ambiente, pois jamais conseguirá se adaptar às circunstâncias, e jamais estará receptivo para novas posturas e pontos de vista.

Assim, voltando aos obituários, poderíamos imaginar a Roseana Sarney redigindo o de seu pai? Seria provavelmen-

te assim: “Sócio fundador e vitalício do Senado Federal, foi um homem generoso, ético, nunca “mudou de lado”. Deixa saudades eternas à viúva e filhos. Proprietário de metade do Estado do Maranhão do Maranhão (a outra metade deixa para Roseana)”. Imaginar-se a viúva Marisa Letícia, em comovido informe: “Luiz Inácio era um marido fiel, operário modelo, mesmo sem nunca ter lido um livro, chegou ao cargo máximo da República. Abstêmio, homem sem vícios, ingênuo, sempre confiou nos seus mais fieis amigos, de quem jamais soube algo em desabono. Não deixou bens a serem partilhados”.

Por isso minha esposa, de antemão, está encarregada de providenciar não o obituário, e sim meu epitáfio:

“Aqui jaz meu orgulhoso marido: narcisista, crítico, mordaz, irresponsável e egoísta. Varou madrugadas ao som dos violões, ao sabor dos bons vinhos e na companhia dos amigos de copo e de sempre. Constante, fiel, quis apenas glorificar o amor através de seus poemas e crônicas escritos em guardanapos de papel sobre as mesas dos bares. Louras, ruivas, morenas, sempre foram o ideal. Houvesse o que houvesse, amou em todas somente a mulher”.

A sorte mora num fim de mundo

Quantos de nós fazemos lá a nossa “fezinha”, nas mais diversas loterias, torcendo para que a sorte venha bater a nossa porta. E não é que, entra semana, sai semana, e nada dela encontrar o nosso endereço, não é verdade? Quem de nós nunca teve a curiosidade de saber onde ela reside? Aí pensei comigo mesmo: bem, já que ela não vem até mim, que tal eu sair a procura dela? Mas, de fato, onde será que mora a tal da sorte?

A dúvida persistiu por muito tempo, até que, por semanas e mais semanas acompanhando o resultado das loterias da Caixa Econômica Federal, eu pude encontrar pelo menos uma pista sobre ela. Toda vez que sai o prêmio de alguma loteria acumulada, especialmente a Mega-Sena, para um único apostador, é comum ouvir de qualquer cidadão: “Puxa vida; saiu para alguém que mora lá num fim de mundo!”

Então concluí: a sorte mora num fim de mundo. Se bem que o conceito de “fim de mundo” é muito relativo. Para quem mora no estado de São Paulo, como é o meu caso, qualquer pequena cidade dos estados das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, por exemplo, são o que popularmente se convencionou chamar de cafundó. Já para quem vive nessas regiões, nós do Sul ou Sudeste é que fazemos parte do fim de mundo.

Não me refiro às capitais ou cidades consideradas de grande porte. Quero dizer vilarejos que, muitas vezes, “nem constam do mapa”. São cidadezinhas sem qualquer infra-estrutura, que como costumam dizer, estão por conta do destino, dependendo da piedade divina, ou, ainda, entregues à própria sorte. E não é que a sorte tem cuidado bem delas? Basta acumular uma considerável soma em dinheiro em qualquer das loterias

existentes, que a “bolada” invariavelmente acaba saindo para um único apostador de um lugarejo qualquer.

Isso mesmo: a sorte costuma subverter qualquer probabilidade matemática, indo cair nas mãos de um cidadão que muitas vezes fez um, ou, no máximo, dois joguinhos. Com tanta gente vivendo nos estados mais populosos do país e, conseqüentemente, tendo o maior número de apostas, era de se supor que, matematicamente, seriam premiados mais apostadores das regiões Sul e Sudeste. Contudo, poucas vezes um sujeito dessas regiões leva a “bolada”. Não que apostadores desses estados não ganhem na loteria, mas, quando acumula, curiosamente sai para uma só pessoa de um lugar que nunca, ou pouco se ouviu falar. Às vezes chego até a pensar que a tal da sorte tem exercido um papel quase que social. Em razão da incompetência das autoridades, parece ter incorporado Nêmesis e sua justiça distributiva, chamando para si a responsabilidade de resolver o problema de concentração de renda. Dessa forma, tem voltado a sua atenção para os menos favorecidos, independente de qualquer prognóstico.

É bom ressaltar que em 2010, no concurso 1.155 da Mega-Sena, um único cartão teria sido premiado com pouco mais de R\$ 52 milhões, em Novo Hamburgo, considerada uma cidade de grande porte do Rio Grande do Sul. Porém, o dono da lotérica “Esquina da Sorte” alega que uma funcionária se esqueceu de fazer o jogo. Para cerca de 40 apostadores, a sorte deu as caras, mas acenou e virou a esquina, deixando todos, inclusive, pobres de esperança.

A despeito disso tudo, muitos chegam a colocar em dúvida os sorteios realizados pela CEF. Entretanto, eu não sou o tipo de sujeito que engrossa essa lista. Afinal, são realizados com presença de grande público e suponho que sejam fiscalizados e devidamente auditados. Tenho aqui comigo que os sorteios dos

concurso são 99% confiáveis. O tal do um por cento restante fica por conta de alguns desvios verificados ao longo dos anos. Para quem não se lembra, ou desconhece, vale recordar, por exemplo, o caso do já falecido ex-deputado federal João Alves, que ganhou na loteria cerca de 200 vezes. Vá ter sorte assim lá no cafundó! Pois é, geralmente é lá mesmo.

Ao ler tudo isso, o leitor poderia perguntar se por acaso esse cronista nunca vai à uma Casa Lotérica fazer sua “fezinha” de vez em quando. Mas claro que faço! Uma vez ou outra eu arrisco, sim! Aí, então, toda vez que eu fico aguardando na fila, esperando minha vez de fazer o jogo e sonhar com uma “bolada”, eu me encho de esperança e ilusão pensando: quem sabe a sorte se canse um pouco daquela vida pacata de cidadezinha e resolva vir para um centro mais populoso...

Poderia ser aqui em Piracicaba, por exemplo. Sendo assim, vá que de repente eu e a sorte grande nos encontremos um dia, heim?!

**XXXVIII
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

CONTO

COMISSÃO JULGADORA:
Liane Batistela Kist - UFSM
Luiza Casanova Machado - UFSM
Luis Adriano de Souza Cezar - UNIFRA
Prof. Felipe Freitag - UFSM

Premiados

1º Lugar

Segredos Coletivos
Mariana Salomão Carrara- São Paulo/SP

2º Lugar

Orquestra de Enxadas
Eder Rodrigues - Belo Horizonte/ MG

3º Lugar

21 gramas
Angelo Pessoa Martins - Nova Friburgo/RJ

Prêmio Incentivo Local

Velho Taura
Athos Ronaldo Miralha da Cunha - Santa Maria/RS

Menções Honrosas

1ª Menção

Corredor Seis
Anderson Farias Borba- Camaquã /RS

2ª Menção

Escultores de Sombras
Paulo Cesar Pascoalini- Piracicaba/SP

3ª Menção

Matilda e o Vento
Paulo Sérgio dos Santos Sena- Vitória /ES

Segredos Coletivos

Você, prosaicamente, procura o outro pé do sapato na pressa do elevador que você já deve ter chamado, termina o copo de leite, enxuga a mão na roupa, e é provável que não pense em nada, só em correr, e chegar singelamente, ao trabalho. E eu fico pensando que nunca houve sintonia, que a gente começou a ouvir uma música juntos, mas nunca encontrou propriamente a estação, e a música ficou lá, num discreto chiado, sem que a gente movesse o botão desse rádio nem pra frente nem pra trás. Ficamos assim em desajuste, na ilusão de que o importante é estar ouvindo, de alguma forma, esse som que a gente não consegue saber de onde vem, nem desligar, nem aumentar, nem arrumar.

A vertigem ataca o início de um sono vespertino. Quase dormir, mas despertar a tempo de concluir que se vai de fato dormir e que a sensação é de queda, como se o sono da tarde fosse um buraco, um salto do colchão para dentro da cama, uma escorregada na espiral infinita do universo das molas. É essa a cumplicidade que eu preciso ter com as pessoas, é preciso que elas também reconheçam nelas essa vertigem logo antes de pular para o sono, a cumplicidade nesses pequenos fenômenos íntimos. E você parece que escapa de todos numa total dissintonia.

Cumplicidade também nos fenômenos de infância, esses que vão nos compondo aos poucos. Você contornou todos eles, você parece que não tem os seus segredos coletivos. Esses segredos que eu chamo de segredos, porque ninguém fica falando deles; e de coletivos, porque muita gente sabe, todos sentem. A vertigem antes do sono da tarde, o perigo de uma mão surgir do fosso do elevador, tateando o buraco da ventilação, ou de aparecer mais uma pessoa na imagem do espelho, ou de um semiconhecido sentar do seu lado no ônibus, sem quase nenhum assunto; de

morrer de repente, com a roupa íntima não muito limpa a ponto de as pessoas da autópsia, do hospital, ou seus parentes concluírem que uma pessoa com esse cheiro, nem merecia de fato viver.

Talvez, esse segredo da morte sem banho não seja tão coletivo assim, mas de toda forma você não tem, nem esse, nem qualquer outro segredo fenomenológico, que nos coloque em sintonia ou cumplicidade. Você sai e volta sem que nenhum detalhe da existência tenha trazido você pra mim durante o dia.

No banho, o condicionador escapa em excesso na minha mão. Aperto o tubo instintivamente, criando um prenúncio de vácuo e encosto a boca do frasco na minha mão, recolhendo de volta o que não vou usar. O frasco suga o condicionador da minha mão feito um animal aos soluços, espasmos de afogamento, e fico pensando se você possui esse segredo coletivo, se você sabe recolher de volta o condicionador que saiu a mais, essa sabedoria que ninguém transmite, que vem da física simples, que foi se construindo em nós conforme apertamos frascos, experimentamos diferenças de pressão, e concluo que não. Você vive assim livre de empirismos, foge às sabedorias íntimas que não vêm nas notícias, nem nos livros e fico pensando se o mundo não se divide justamente entre pessoas que sabem colocar o condicionador de volta, assim nessa violência sofrida do frasco sufocando na palma da mão, a tomar fôlego com a boca emborcada no que ele próprio cuspiu, e pessoas que simplesmente jogam o excesso no chão, por não visualizar qualquer outra possibilidade. E nem sequer pensam que há pessoas que pensam nisso.

E então, você provavelmente está desse outro lado do mundo, o mundo das pessoas que não têm segredos coletivos e que jogam o excesso do condicionador no chão, ou mesmo enebam os cabelos; que não pensam que há pessoas que pensam nisso, não pensam que há pessoas que pensam na vertigem do sono da tarde e na aflição de olhar muito tempo um quadro de Jesus, te-

mendo que ele possa piscar e na angústia de não saber se aquela senhora que entrou no metrô já percebeu que é idosa há tempo suficiente pra não se ofender se você ceder o assento. Depois, na angústia de imaginar o dia em que alguém lhe ceder o assento pela primeira vez, e ficar pensando se você já terá se acostumado com sua própria idade, antes que alguém lhe surpreenda com isso, e no meio desse pensamento não ceder o assento, apenas levantar e sair, na esperança de que ninguém o ocupe, apenas aquela senhora que, talvez, ainda não seja tão senhora assim.

Você está aí, desse outro lado, no mundo das pessoas sem segredos coletivos e talvez esteja aí nossa dissintonia, esteja aí a razão de eu sentir tanta cumplicidade em todo o resto do mundo que não é você.

Daí eu chego do trabalho e você já está aí sorrindo com toda a sua leveza, e pelo menos eu posso imaginar, que quando você fica aí olhando a janela, não está pensando em todas as pessoas que vivem nesses tantos apartamentos e se perguntando se alguma delas não poderia te fazer mais feliz. Você não deve estar fazendo isso, porque é isso que muitas pessoas fazem em segredo coletivo, procuram outras janelas, onde mora uma felicidade ideal. Daí você vem na minha direção com um copo de alguma bebida e eu fico ouvindo esse zumbido que é a nossa musiquinha fora de sintonia, a música que a gente acaba gostando tanto de ouvir. Se um dia desaparecer, vai ficar um silêncio muito doído, mas eu também vou me acostumar, porque a gente vai se acostumando com os silêncios que as pessoas deixam quando vão embora. Difícil é se acostumar com a música fora de sintonia, que na verdade talvez sejam nossas duas músicas tocando ao mesmo tempo e a gente nunca tenha reparado nisso: estamos ouvindo coisas diferentes, juntos. Você me dá um gole do que está bebendo e tudo pra você parece estar perfeitamente bem.

Você entra no banho, e eu passo o tempo do seu banho, pen-

sando em perguntar o que você faz quando o condicionador sai em excesso, e fico pensando que você pode responder que isso nunca aconteceu, o que seria um completo absurdo, um sinal chocante de que você se adapta imediatamente às novas situações da sua vida, em qualquer quantidade. Ou você pode me responder que não faz nada, que só lamenta, e quando você sai do banho, eu concludo que não é seguro fazer essa pergunta, porque talvez eu queira continuar ouvindo nossa música sem sintonia, e que talvez você depois do banho dê alguma risada silenciosa olhando a tela do seu celular. Isso talvez seja algum segredo coletivo só seu, dessa sua parte do mundo em que eu não vivo. Quem sabe a gente possa viver assim sempre assim pra sempre.

ORQUESTRA DE ENXADAS

Pudera o mundo desafinar na altura que só o tempo alcança. Se eu soubesse, desde muito antes, que a melodia que nos enraíza nas coisas da terra seria a mesma a cavar os palmos para plantá-lo aqui, talvez tivesse mais força para desemperrar a porteira cicatrizada no brejo, onde eu tanto subia, quando criança e agora não consigo nem abrir por causa da tremura das mãos.

O olhar estranha os lugares que o corpo deixa de visitar, mas a paisagem não demora a se familiarizar com a gente. Basta um instante distraído para ela se disfarçar de colo e, sem mais nem menos, nos emoldurar com a desapropriada madeira da memória. A única coisa que posso assegurar é que aquele mesmo olhar que passou a infância espiando no espelho para ver se já tinha pena no contorno das costas, hoje mal conseguiu seguir a fileira de formigas graúdas, nem tampouco encarar o espaço farpado da cerca, emendado com força para nenhum sentimento escapar. Os cães de palha não latiram dessa vez.

Sempre quis colher a sobra das horas para desperdiçar entendimento às coisas, sem ter que me importar com o fim delas. Quando provei do fim nos lábios pela primeira vez, o som de uns instrumentos desacostumados de música solfejou pelos arredores, mesmo sem eu saber direito o que era. Mas isso já faz muito tempo e embora o regresso tenha ultimatoss do entorno, há ninhos que não devem ser desemaranhados. Acho que o pai foi o único que nunca se curvou a um fim propriamente desdito. Teve paradeiro desconhecido desde sempre. Lembro que eu punha uma enxada em pé, acertava o chapéu no cabo e de longe ficava imaginando a presença dele. Já a mãe voou cedo para os desaforos do céu. Disseram que depois dos agudos inalcançáveis com que inventou meu parto, foi reger o coral de azuis que nin-

guém sabe onde fica, mas faz asas de crepom para coroar no mês de maio.

Sendo assim, não teve outro jeito, a não ser recorrer ao padrinho de batismo que, sem nenhuma coincidência, era meu avô. Foi ele que depois me explicou, esfumando anos e mais anos na sombra que tragava pelos espectros da parede: “– *Fim é fim e pronto.*” Foi das poucas frases inteiras que disse no decurso de uma vida inteira. Ouvi isso quando parti pela porta da frente buscando entender porque a solidão cobre mais os pés de uns do que dos outros. No fundo, o fim só existe para quem fica.

Estes recuos desmemoriados de bacia, acorde e sopros agora costumavam minha última tarefa antes de desatar os nós. Buscar a roupa nova guardada com orgulho para o ensejo, não me pareceu custoso depois do acontecido. Só quebrava o pacto que uniu nossas distâncias durante tanto tempo. Mas o que é que não se estilhaça no mundo, além dos olhos do primeiro amor? Na época em que a roça espreguiçava dentro dos meus olhos, eu pouco sabia desses mistérios que abandonam ou se deixam abandonar, mas o silêncio já doía igual poema adotado pela gaveta.

Este silêncio que sempre toco era a única certeza que nos unia na mesa, no cigarro e na horta. Tanto, que ao atravessar a porteira, as pernas desobedeceram a força dos passos, quando um desafino longínquo ecoou pelas divisas confundindo a sensação. A imagem do velho nunca quis ser outra. Ele sempre teve a mesma feição. Satisfeito ou com mágoa até o derrame. Independente do que era ou deixava de ser, ia sempre com o chapéu na cabeça, a mesma camisa rasgada nas costas e a enxada descansando no ombro, como se fosse um instrumento necessário ao desarranjo dos pios. Seguia até se misturar à terra, espantando qualquer passarinho que quisesse furtar as sementes inchadas no

peito. Mas avô não é pai. E têm banhos que só demoram, porque é a batida paterna na porta que o guri espera antes de crescer. O vô era a estrada desabitada na serra, o leite da vaca tirado na hora e o mistério do queijo que ele dizia ser seu único milagre.

Tudo parecia resistir às estátuas de carvão e o terreiro respirava alheio como se cada parte jamais sentisse falta da outra parte que já não lhe é mais. Ao passar pela madeira carcomida da antiga porteira, tive que me escorar nos excessos da cidade para aninhar miudezas e não me comover como devia. Depois de tanto tempo, a mesma sonata de instrumento cortante me obrigou a continuar sem qualquer rastro facilitando os conformes. Aquele filme que todos dizem passar na cabeça como um convite de-selegante renunciando o fim, para o meu avô foi mais devagar do que eu imaginava ser uma câmera lenta. Lembro da lista de afazeres e do mesmo silêncio com que ele sempre respondeu minhas perguntas. O abismo entre nós durava o tempo de uma sopa até o dia de amanhã. Na vida têm coisas que não adianta guardar na banha para não perder. Depois de tanto tempo, sei que o precipício não diminui com a sombra da ponte erguida pela palavra lá no alto.

Fui descendo, enquanto uma melodia desaconselhada parecia estar cada vez mais perto do ouvido, como se lembrança fosse o esquecimento fazendo cócega. Cerzir as frestas da existência sempre foi tarefa para os que já não estavam. Não tem como a gente remendar a toa. Ou tem? De qualquer forma, a sombra das coisas parecia ser a mesma. Ferrar o gado, amolar a foice, espantar os ratos, tirar o corte, apartar as angústias, zelar pelos cupinzeiros, dar ponto no doce e reunir as enxadas.

Assim que passei pela porteira, segui pelo caminho infestado de capim. Em tempos remotos o trilho era aparado nas segundas e sextas. Caso esquecesse, o vergão nas costas me lem-

braria pelo menos até o natal. Se eu pudesse me livrar desses remendos, assim como do rancor enroscado nos ponteiros, recolheria logo a melhor roupa e sairia depressa. Não ousaria pretextos além daquela peça dobrada para esta hora, como um aviso que afasta o amarelão e as baratas. Partiria rápido se o fim fosse só um compromisso. Creio que se eu pudesse me ferir com o toque violento que contorna roçados, talvez nem me plantasse de novo, só para não ouvir o choro dos bambus. Nunca fui de insistir nesses restos que os outros adoram apelidar de lembranças, mas confesso que o confortável banquinho onde a gente des cansa depois que cresceu, desaba com a insuportável sutileza do adeus. Tenho meus muros protegidos por cacos e tudo que guardo é bem menor do que a escala em *dó* que os metais imitam. Já criança a gente sente as mesmas coisas que quando adulto. Só não sabe o nome. Desvendar o mundo tem desses desastres, principalmente quando se quer medir a leveza entre o sopro e a pontada. O Arrependimento que migra, às vezes, abranda a insistência em recorrer ao aceno, mas não há tantas curvas no caminho e pouco faz sentido atravessar o farpado, encher o terno de talco e sair correndo para não ver o mato invadindo a casa como se quisesse notícias. O sol já meio que entardecia quando forcei a dobradiça enferrujada da porta, enquanto o tempo cifrava o tal “fim” nas entranhas de uma flauta que, assim como o corpo, de uma hora para outra deixa de ser doce.

O assobio longínquo engatinhou detalhes que eu resistia sem qualquer triunfo. Cada palmo da casa fazia da inquietude custosa de ser, o caos necessário à ausência que eu não sabia impedir. O moedor de quirera, a casinha de taipa fedendo goiaba e as ratoeiras no assoalho eram gomos difíceis de virar suco. *Eu-criança* era um diabinho de asas. Lembro que tirava a vida dos gatos porque sabia que não lhes daria fim, já que eles tinham a

graça de ter sete. Morrer nessa época era como virar uma carta desnorreada pelas dádivas que engendram o rumo. Quando se é pequeno os mistérios são outros, mas a dor já guarda a dimensão do possível. Crescer foi me deixando no meio das distâncias, enchendo o meu corpo de cordas e tatuando o princípio das coisas na profundidade que perfaz a clave, junto ao supremo encaixe que une o cabo às mãos.

Invento lembretes como se uma chuva caísse e aguasse *os somentes* que meu avô plantou. Eu tinha um porquinho de gesso que a solidão estimou como amizade. Tapei o buraco das moedas, pus nome e segredava para ele tudo que a meninice duvidava. Contando assim parece que perde a doçura, mas a per-tura dele tinha mais açúcar do que pé-de-moleque. Menino do meu tamanho era difícil nessas bandas e meu avô era marmanjo demais para caber no meu mundinho. Chovia no dia em que o porquinho espiava da janela para anunciar a chegada do vô com o embornal vazio de engodos e grávido de maracujás. Foi um vento forte, capricho de deus, eu não sei. Ele desabou do para-peito e espatifou no chão tudo o que a infância jamais colecionou de mim. Foi a primeira vez que senti aquela fisgada no peito e o coração soprando para eu não chorar na frente dos outros.

Meu avô, com aquele costume antigo de engolir o choro, rezou relâmpagos antes mesmo de apagar a luz. “– *Deixa de ser bobo menino, era só um brinquedo de gesso. Do jeito que você sente, até parece que ele era gente*”. E era. Nas brincâncias de menino, vi que quebrar era também um jeito de morrer. Em vez de colo, o vô me batizou num castigo oferecendo a horta de ervas para capinar até a ponto de chá.

Não é fácil se mover pelos cômodos, quando eles estão cheios de coisas que não se pode ver. A gente esbarra no invisível das quinas, fere com o descuido, se enche das farpas que resistem

à agulha e inflamam despercebidamente, até as pessoas se confundirem com as coisas e algumas coisas substituírem as pessoas. Em cada canto, o insuportável do detalhe parecia moer com dificuldade os grãos de alegria que depois de triturados denunciariam a fartura do trato pela falta das galinhas. Tudo me roçava de um jeito, como se me resguardasse para longe, enquanto eu insistia, apesar dos pormenores que escancaram o quão agitado a gente vai ficando por dentro. O pito de palha, a parede de barro batido e o escarro que o vô deixava escapar quando o pretume das coisas embaçava na vista já não tinham o mesmo gosto. Hora em que a gente desiste e deixa passar os ciscos na peneira de feijão.

Fui ter tanto cuidado com as coisas que, ao menor impacto, eu desabava antes da sombra delas. Também já era um pouco maior, quando afugentei com estilingue, os pardais que bicavam o espantalho e levavam suas tiras do coração de pano. Perto dos pés dele, um filhote caído agonizou repentino com a asa colorida de sangue. Foram luas de desvelo para que ele arranhasse respiros e eu então voasse. Mas quando o deitei na mão para senti-lo prematuro na palma, acelerou tanto o peito que foi ao cume de até parar. Foi a segunda vez que a morte piou baixinho e afinou lonjuras que eu não sabia que caberiam em mim. Meu avô comemorou a saúde das hortaliças quando lhe abri o punho e segurei em algum lugar de dentro aquele acorde que na hora não saiu. Apertar as coisas que a gente cuida, às vezes, sufoca e faz o coração abreviar de tanto bater.

Pelo vão da janela, tomei coragem e de longe olhei a plantação onde colecionava enxadas para cobrir com roupa velha e proteger com chapéu de sol. Na sombra daquele espantalho em tecido curtido, eu lhe arremedava o abraço, mesmo ele sendo mais alto do que eu. O desafino que o vô entoava antes de ir

para o roçado ganhou dimensão e uma altura tão difícil de engolir que esquentei um café para confundir o sentido. Quando uma vez perguntei o que era saudade, o olho dele nem se mexeu. Ficou o dia inteiro estático e não aceitou nem a presença do cachorro próximo da cadeira. Para minha surpresa, no entrar da noite, piscando os dois vaga-lumes incansáveis do rosto, ele resmungou que saudade era quando um álbum de fotografias folheava a gente de trás para frente. Por causa do sem propósito da pergunta, fiquei encarregado da lavagem do capado durante toda a quaresma daquele ano, além de esvaziar os penicos antes que amanhecesse.

O silêncio com que o vô regia aquele ritual de enxada, obrigações e distância era difícil de prever. No cuidadoso afiado que recorta a terra, a raiz sempre sai despedaçada. A vida é um pedaço que pulsa, que estremece a gente de tanto sentir. Crescer foi doloroso, mas aquilo que a geada não mata, é só pôr no fogo que cura.

Vovô era um homem que só dividia silêncios. O resto não achava repartível. Miserava os bambus, as frutas maduras no pé e o fumo escondido que aprendi a pegar emprestado sem pedir. Quando sacrificou o pequinha, foi por causa de doença braba. Nem a morte do cãozinho de casa, ele dividiu. Eu já estava mais crescido, e de longe, fiquei espiando ele enterrar o bicho na sombra do espantalho e depois cantar uma música desafinada e tão sem expressão, que parecia nem sentir falta. De forma alguma permitiu que eu participasse. Quando ele saiu de lá, corri para me despedir do cão que, naquele deserto de coisas e sons, era meu divertimento, ainda que depois de tanto tempo ao lado do vô, ele tenha ficado bem parecido com ele. Ainda não sei direito se são as coisas que ficam parecidas com as pessoas ou se as pessoas com suas coisas. Independente da ordem, a sombra que vela o escoro é essencialmente a mesma.

Esperei ele sair e corri até lá. Ao redor da sombra finquei na terra as enxadas da fazenda e esculpi a família que sempre soou longe demais. Pus chapéu em todo mundo para se despedir do cão e depois deitei no chão com os olhos fechados para imaginar o pai, a mãe e o vô com os braços abertos vigiando os palmos de terra. O sentimento desafinou por dentro e escorreu pelo rosto a impossibilidade de lhe chamar pelo nome. Só abri os olhos quando escutei o vô espatifando as enxadas em forma de gente e jogando o pano sujo de cinzas para eu limpar a cara. A dor física nunca me doeu, mas foi com os dedos pretos de fumo apontando a casa, que ele me recolheu sem rodeios, para uma conversa de meias palavras. Neste dia, nós dois ficamos olhando o espantalho sozinho lá dos degraus, até que ele quebrou o gelo e sem nenhum apelo para certificar a barba que já cirandava no meu queixo, falou:

– Quando o choro embanana a cuca é porque chegou a hora do rumo. Pega tuas coisas, toma condução e vai.

– Mas e o senhor?

– Vai ter sempre a plantação e esses palmos de terra para vigiar.

Sua benção foi o endereço de um parente. Não esboçou qualquer tipo de emoção. O olho de novo nem se mexeu. Só lembro do franzido da testa, a mochila de tralhas e eu me virando antes de ir de vez.

– Então fica com Deus.

O vô ficou sem piscar e quase de imediato retrucou para encerrar de vez aquela conversa:

– Com ele não. Prefiro ficar sozinho.

Acho que a ausência de palavras fez do vô um menino cada vez mais cabisbaixo, e eu, um homem cada vez mais alagado de dimensões. Uma a uma as coisas vão sumindo e o dia em

que a gente se dá conta disso é pior do quando as coisas evidenciam que tudo se foi e só a gente está. No trajeto de ida, fui recuperando as manias de fazer pouco café, de juntar roupa de monte para lavar de uma vez, de fazer chá para curar a própria gripe. O vô sempre teve aquele jeito sozinho de não aceitar pôr tempero no arroz, de deixar frouxo o botão da gola, ao invés de pedir para alguém consertar e de não perguntar de parente vivo ou morto. Nunca fez questão de colorir o mundo com uma vírgula sequer. Nada de comemorar o dia de anos, desejar ano bom, tirar bicho do pé ou soprar cisco do olho.

A sonoridade que detalha o mundo seguiu inaudível aos meus ouvidos desacostumados com catecismos e longe, porque longe sempre estamos uns dos outros. Não tem sentimento que intimida a solidão quando ela se delicia do tempo, sem as órbitas que os outros nos obrigam. O silêncio que sempre nos cobriu não era muita coisa, mas nos unia de forma sincera e sem artificios, de um jeito que demora para entender. Aquela infância nunca me desceu pela garganta, até que a gente conhece comprimidos maiores e aprende a arte de engolir com um copo duplo de leite.

Ficamos muito tempo sem nos ver. Notícia era só a trazida pelos parentes distantes, os únicos que se atreviam naquele abismo que a proximidade ancorou aos pés da serra. O vô nunca quis anotar meu endereço depois de instalado, crescido e homem feito, assim como seguiu não fazendo questão de ninguém. Continuou construindo o seu mundo a partir da solidão das coisas. Há um limite intransponível entre um e outro que a gente só aprende a respeitar quando mergulha no mesmo poço. Não tem como falar da profundidade do rio olhando tudo da ponte. Um homem só entende a solidão do outro, quando tudo ao seu redor vai preenchendo de silêncio os espaços que se enfeitaram com a ilusão da palavra.

Apesar dos pesares, é no rito de passagem que o sentido vai cobrindo a falta que lhe mantém. Nasceu o meu primeiro e único filho, mas foi só com o nascimento do meu neto que as sombras das coisas começaram a se recolher para dentro delas. A gente abandona e vai sendo abandonado ao mesmo tempo. Foi com a casa esvaziada de palavras no deserto da cidade que passei a me lembrar do vô. Principalmente do raso dos olhos dele, quando me garantia que Deus morava no recheio das pamonhas, só para não ter que perder tempo me explicando.

De uma hora para outra os filhos se vão, as cartas não chegam, os amigos são enterrados, os inimigos não vingam, o corpo dói, o sono não vem, a filosofia cansa e a gente descobre que é melhor dormir com a lembrança de uma mulher do que com ela.

Depois que o tempo também escolheu o meu corpo para descansar, passei a exercer o silêncio como o jeito mais pontual de dizer que estava. Andava pelos cômodos devagar, desviando de mim mesmo e comecei a gostar de estar só, de cantar desafinado para mim, de evitar o olho no olho até no espelho. De uma hora pra outra, a gente acostuma a se deitar no horizonte das poucas coisas que continuam por perto, sem exigir nada mais que o silêncio como prova de intimidade. Quando todos se foram e a vida começou a ficar quieta, percebi que solidão era acordar com as marcas do próprio abraço. Foi quando, depois de tanto tempo, chegaram com ele acamado e a notícia do derrame. Então aconteceu o nosso desencontro marcado, depois de percalços, atropelos, filho, vida, ruínas, quilômetros e silêncios.

O derrame paralisou a parte contrária do coração dele. Se antes não falava muito por opção, agora era por rompimento. Vovô ficou vivo só de um lado e eu tive que inventar uma maneira de sentir a outra e virá-lo de hora em hora para não dar ferida.

No começo busquei retribuir a obrigação familiar que a tradição cobra. Não havia dentro de mim qualquer mágoa, além de uma admiração atrasada por ter sido forte e sozinho por tanto tempo. Nas idas e vindas de casa para o hospital, busquei oferecer o silêncio como prova do meu aprendizado. A rotina regrada com enfermeiros, cuidados e o horário dos remédios lhe dava todas as esperanças que a idade duvida. Foi no intervalo de uma dessas prescrições que percebi que os olhos dele pareciam querer dizer alguma coisa.

A sopa, o banho e o quarto pareciam feri-lo no que ele tinha de mais sagrado. Sempre admirei a capacidade dele de ficar sozinho e só eu podia intuir que o pior da doença era o fato de estar acompanhado. As doses, o banho de cadeira, alguém para ligar o rádio, alguém para trocar o soro. Antes o silêncio dele era calmo. Agora gritava comigo como nunca gritou. Suportei aqueles olhos silenciados, o corpo imóvel e sem cura por três meses e dois dias. Olhando firme para o único olho que ele ainda mexia foi que pedi para que piscasse duas vezes se quisesse partir.

A morte como um desejo me fez chover durante dias quando lhe empurrava a sopa pela sonda adentro e ele tentava acenar que não. Na recaída que teve, fui no horário de visitas e desliguei o aparelho sem me despedir.

Uma coisa é entender a hora de ir, outra é encostar o ouvido no peito de alguém e sentir da maneira mais silenciosa que a vida deixa, que o coração pausou de vez e nenhum assopro ou enxada é capaz de musicá-lo mais.

Agora que não há mais tempo, sobram desentendimentos para aliviar a dor do peito de quem fica. A morte espatifada no chão ou piando apertada na palma, represou tanta água nos meus olhos que um som vindo de fora arrastou os cacos daquele antigo porquinho e esvoaçou as penas do pardal que tive nas mãos. Só o silêncio é capaz de dizer o contrário.

Agora aqui, no mesmo aqui de há tanto tempo, me vem à vista o contorno do espantalho que sempre velou pelos avessos que o céu absurda. Já adulto, a gente sente as mesmas coisas que quando criança, só não consegue mais é apurar a arte de confundir o sentido. Não precisei fuçar muito para achar o terno azul listrado com cheiro de guardado e dobrado em quina. Apertei no peito e saí apressado para levar a tempo. Fui andando sem olhar para trás como se não tivesse aprendido com ele mesmo que solidão era o melhor e o mais dolorido dos poemas de Deus.

Saudade é a morte arranhando a falta que faz um coração de pano. Saudade é desfazer os braços abertos em posição de abraço e desfazer as tiras. Vontade de beber um remédio de mato para ver se cura, mas ainda faltava colar o comunicado nos postes, encomendar a coroa de flores e ajustar a roupa ao silêncio do corpo. Segui paralelo à plantação, ouvindo a orquestra silenciosa daquela cena onde eu voltava trazendo a roupa debaixo dos braços e, nas costas, uma enxada qualquer que achei largada num canto. A orquestra desafinou bem no ponto onde o coração soluçou a exatidão do corte. De longe, a fazenda deserta de espantalhos parecia acenar antes de se cobrir sozinha. Na porteira pus a enxada em pé, risquei nos palmos de terra um “v” e pela última vez pus o chapéu em cima do “o”.

21 gramas

Eu sempre fui alucinado por medidas, principalmente massa.

Daqui a exatos trinta minutos meu pai, que está ali frio, virará quatro quilos de cinzas. Eu ainda não chorei. Preciso esboçar certo comedimento, ordenou minha mãe antes de sairmos de casa, no meu quarto, em tom mínimo.

Na verdade eu não deveria estar abalado. Ultimamente andávamos bem distantes.

Já fui ateu, agnóstico e cheguei à niilista.

Minha mãe nunca acreditou em nada, só em dinheiro. Meu pai sim, dizia sempre que existia Deus e Cristo e Nossa Senhora e céu e inferno e tudo mais.

Cresci entre estes dois abismos. Sem irmão ou irmã, que colocasse uma ponte para que pudéssemos dar as mãos no meio do caminho. Talvez um puxasse o outro para lado oposto.

Talvez caminhássemos para um lugar mais fé e menos dor. Mas ele ou ela nunca houve.

Meu pai está logo ali. Terno impecável. Urna custosa. E no lenço de minha mãe, seco, um bordado com as iniciais dos dois. Que ela balance pra lá e pra cá. A fim de que todos vejam. Ela precisa demonstrar alguma dor. Pouca. Mas é urgente.

Meus amigos vieram. Estão preocupados comigo. Dizem que posso chorar. Mas me falta agora uma vontade verdadeira. Ela virá no quarto, à noite. Tenho certeza. Então a fronha servirá de alento e também mata-borrão.

Quanto pesa uma lágrima? Qual sua massa?

A cerimônia de cremação começa. O meu tio faz um discurso acanhado. Alguns choramingos enchem a sala. Um padre reza. Todos rezam. Menos eu.

O sócio de meu pai abraça minha mãe além do respeito.

A desconfiança de meu pai sempre foi velada. A minha, nunca existiu. Ela sempre foi certeza.

Agora o caminho estará livre para os dois. A esposa traída já se mudou para o interior, em busca do colo da mãe. Filhos, nunca houve.

Minha mãe me olha com seriedade. Sacudo a cabeça em tom de interrogação. Ela sacode a dela me ordenando que fique ao seu lado. Obedeço.

O sócio põe a mão em meu ombro. E como ela me pesa. Quanto deve pesar o arrependimento de trair um amigo?

A cerimônia acaba. O responsável informa a minha mãe que as cinzas serão entregues em até sete dias úteis. Ela finge chorar. Eu acho estranha esta burocracia empoeirada.

Voltamos para casa. O sócio de meu pai dirigindo seu luxuoso carro e minha mãe na frente dissimulando dor. Eu atrás pensado, pensando, pensando...

Certa vez um professor me disse que se eu continuasse lendo tantas coisas científicas ficaria vazio. Sem sentimentos. Oco a ponto de dar dó.

Ele estava certo.

Li demais. Tenho só vinte e dois anos e já li mais livros que muitos doutores. Dizem que sou super dotado. Diferente. Alguns dizem que sou autista. O que sei é que sou normal.

Confesso que me tornei niilista de tanto ler, ler, ler.

Qual será o peso de todos os livros que li?

Entramos em casa. O sócio diz que precisa conversar comigo e com minha mãe. Sinto um frio na barriga pensando que o desgraçado vai abrir o jogo assim, sem a menor cerimônia. Mas não. Minha mãe se senta, olha para mim com seus olhos secos e sorri.

O sócio propõe que eu vá fazer um passeio pelo mundo para esquecer a dor da perda de meu pai. Tudo pago por ele. Seis

meses rodando o mundo, se eu quisesse... um ano... mais que isso não, pois minha mãe ficaria deprimida. Fingi acreditar. Minha mãe me olha quase feliz.

Entendo tudo: a mulher traída longe, eu pelo mundo, um pai em cinzas e uma longa jornada de amor ardente para os dois. Aceito. Minha mãe chora de verdade e me abraça. Agora o choro é exato, pois eu fora do caminho também.

Acertamos o início da viagem para semana que vem. Vou percorrer os seis sextilhões de toneladas do planeta.

Pedi licença aos dois e subi para meu quarto.

Fiquei mirando minhas estantes abarrotadas de livros. No chão, espalhadas por todo quarto, aquele mar de revistas científicas em vários idiomas. Domino seis e leio em dez.

De súbito, não sei o motivo, lembrei-me que certa vez li num artigo científico que a alma existe. Duvidei da fonte. Cheguei a rasgar a revista. Um médico, não sei de onde nem quando, havia feito um experimento com alguns pacientes próximos da morte e com este absurdo exame calculou o peso da alma em exatos 21,3 gramas. Mania de um louco.

Tomo meu banho, mudo meu leve pijama e deito meus setenta quilos em minha enorme e pesada cama.

A luz do meu banheiro penumbra o quarto inteiro. Fico mirando a miniatura de um avião de chumbo que briga por um espaço entre os livros. Presente de meu pai. Eu tinha oito anos.

Eu disse, eu sabia. Minha armadura cai. A fronha é pouca para tanto mar.

E eu sei que apesar de cético eu vou lamentar e amar estes 21 gramas que me faltam na casa. Onde quer que eles estejam. Para o resto da minha vida.

Semana que vem estarei mais leve.

Velho Taura

O Velho Taura levantou cedo. Arrastou alpargatas pelas dependências da casa e foi para a cozinha preparar o café para os netos. Colocou a chaleira com água no fogão e cevou o mate. Gostava de matear solito.

Madrugava nas primaveras, despertava antes de o sol nascer. Eram nas manhãs os momentos de lembranças, sem as correrias dos pirralhos e os afazeres do genro e da filha antes de saírem para o trabalho. Os “recuerdos” vinham como faíscas de um tempo remoto e ficavam nítidas na mente os antigos anos de gaúcho do campo. Castração, rodeios, carreiras e tertúlias nos galpões. Introspectivo diante do chiar da chaleira, recordava as andanças pela pampa gaúcha.

– O tempo passou ligeiro para quem ainda briga com os anos! – falou baixinho e sorveu um gole do amargo.

Certa feita – há mais de três décadas – se atracou no ferro branco por causa de uma fogosa percanta. O adversário era um gurizote chimango e ele um Taura maduro sem lenço no pescoço. O piá era muito ligeiro, mas num instante de distração levou um corte fundo e fatal no abdômen. Os olhos arregalaram de pavor e a queda do jovem guasca foi lenta sobre o solo.

O sangue do rapazola jorrando como uma sanga em dia de chuarada, ainda, o atormentava. Após aquela pendenga, o Velho Taura se aquerenciou num rancho e nunca mais saiu para outras peleias. Nas noites de insônia via nitidamente os olhos faiscantes do chimango antes do último tombo.

A mãe do guri rogou uma praga diante do seu esquife. Disse que o assassino de seu amado filho pagaria muito caro. E que perderia tudo que tinha. Não viveria no seu mundo. Não teria mais um horizonte.

E isso parecia muito cruel. O Velho Taura não entendeu direito o que seria perder o horizonte. Mas o fato é que depois daquela contenda tornou-se um senhor pacato e de poucos amigos. Ensimesmado na vastidão da pampa. Constituiu família e teve uma vida sem sobressaltos.

Hoje, estava ali na cozinha lembrando e rememorando seu passado de campeiro. Vez por outra, assobiava um chamamé para lembrar os afagos de uma castelhana.

Colocou umas folhas de erva-cidreira no mate e foi para a sacada do edifício no 14º andar no centro de Porto Alegre. Como fazia todas as manhãs, tentou buscar a vastidão da pampa, mas foi em vão.

Em sua frente uma parede de concreto. Há anos que havia perdido a pampa... o seu horizonte de campeiro.

Corredor seis

A mulher volta ao supermercado tentando não demonstrar que estava nervosa. Por que alguém suspeitaria dela? Apenas por ser pobre e não ter passado com nada no caixa, quando esteve já duas outras vezes na manhã deste mesmo dia? Sim, já era o suficiente para um vigia querer expulsá-la do supermercado. Não usava roupas novas nem bonitas. Os cabelos estavam apenas presos e pouco cuidados. A bolsa, que segurava, combinava com a velhice do vestido. Da mesma maneira como fez pela manhã, passou pelos carrinhos de compras e pelos cestinhos rumo à área das frutas e legumes. Viu pelo meio do caminho o balcão de vidro da padaria repleto de bolos, doces, salgados fritos, salgados assados. Chegou a salivar e a encher a boca apenas com o cheiro que emanava do local. A senhora precisa pegar uma fichinha para pedir alguma coisa, senhora - explicou a moça uniformizada. Ela passou a mão nos olhos, no cabelo e na barriga e seguiu calada. Sentiu frio ao passar pelos produtos refrigerados, quando viu um vigia que circulava. Precisa de ajuda, senhora? Disse ele se inclinando em sua direção. Onde ficam as bolachas, moço? Perguntou ela já se condenando como se ambos não soubessem a resposta por serem já frequentadores do local. Corredor seis. A senhora quer que a acompanhe? Ela fez que não com a cabeça e seguiu a passo apressado para fugir dos olhos desconfiados dele. Ela, que estava de mãos vazias, desviou de pessoas com carrinhos de compra cheios de comida. A serra do açougue que ouvia de longe atrapalhou seus pensamentos, não sabia se imaginava ou se de fato ouvia de longe um choro de bebê. No meio do caminho, havia uma menina jovem, com uma roupa colorida de alguma marca de suco. Ela lhe ofereceu um copo com uns dois dedos de uma bebida amarela. A mulher aceitou. O suquinho

serviu apenas para lembrar da fome que a perturbava há horas. A menina ofereceu outro. Roxo desta vez. Bebeu e saiu envergonhada. Beberia todos e nada aconteceria. Já no corredor seis viu todas aquelas pilhas de bolachas, placas de preços, promoções, animaizinhos felizes. Olhou rapidamente a volta e abriu a bolsa. O barulho do zíper não poderia chamar a atenção de ninguém. No início do corredor, entrou um menino correndo e uma mãe atrás dele. Vem aqui, moleque! Ele virou e bateu com o braço em uma pilha de biscoitos derrubando tudo, atraindo os olhares para eles. A mãe ficou cheia de ira e de vergonha ao mesmo tempo. A mulher aproveitou o segundo em que não seria mais motivo de atenção de nenhum funcionário do mercado e enfiou a mão dentro da bolsa e tirou rapidamente um pacote de bolachinhas recheadas de chocolate intacto e de sabor nunca degustado. Colocou-o de volta junto das outras de mesma marca. Saiu às pressas do corredor seis, do mercado, sentou num banco em uma praça próxima e chorou.

Escultores de sombras

Com os braços apoiados na sacada do apartamento, observo um mar imenso de luzes que cintilam ao meu redor. Olhando para tudo aquilo, fica difícil imaginar como era o mundo antes do advento da eletricidade. Certa feita, eu li, em algum lugar qualquer, que a maior invenção do ser humano teria sido a energia elétrica. É bem verdade que, atualmente, existem coisas mais complexas, até mais extraordinárias, mas eu custo a imaginar outra criação mais imprescindível para os dias de hoje. O passeio visual prosseguiu sua navegação, até que as meninas dos olhos, curiosas, se detiveram por instantes em uma casa totalmente às escuras, sabe-se lá o motivo. Minhas divagações luminosas interromperam-se por instantes, me remetendo à minha meninice.

Lembro-me que naquela época, a falta de energia era de certa forma comum onde morava, especialmente quando a chuva mostrava-se mais vigorosa. Bastava a família estar acomodada na sala, assistindo à TV que, de repente, a escuridão invadia o ambiente sem ser convidada. Era inevitável deixar escapar aquele “ah!”, até hoje não sei ao certo se de decepção ou surpresa. Quando isso acontecia durante o dia, a pouca luminosidade natural não causava maiores dificuldades, mas com a chegada da noite meus pais precisavam lançar mão de outros recursos.

As crianças se juntavam principalmente próximo à mãe, querendo buscar abrigo, já que a escuridão trazia consigo uma atmosfera de insegurança e só um adulto era capaz de oferecer guarida para essa situação. Meu pai levantava-se e tratava de apanhar uma vela no lugar de costume e acendê-la com o estalar de um fósforo, que repousava na caixa, estrategicamente deixada ao lado do fogão. A vela era colocada sobre a mesa e, logo depois

que a chama se estabilizava sobre o pavio, a luz rasgava a penumbra e se espargia pelo ambiente, até que o brilho ficasse estampado nos olhares que se debruçavam em volta do móvel. Era essa uma das formas de se desencadear outro tipo especial de energia, que eu chamaria de “energia familiar”.

A vela pálida, devidamente posicionada sobre a mesa, abrigava dentro de si um barbante igualmente esbranquiçado, que perpassava todo seu interior até atingir o topo, de onde saía por milímetros para agarrar a chama fulgurante. Muito embora fosse referência, a vela não era o principal ponto a ser observado. As atenções todas estavam voltadas muito mais às sombras que nos rodeavam do que propriamente à claridade do pequeno círio. E assim, contrariando todas as leis do universo, presenciávamos um desses raros momentos em que a luz se rende brandamente à escuridão.

Então, para preencher o tempo, ora meu pai ora minha mãe, juntavam as mãos próximas à vela, numa atitude muito similar a de alguém que iniciaria uma oração religiosa e começavam a preencher de sombras a parede vazia, esculpindo figuras simplesmente encantadoras. Muito embora não estivessem rezando nada de convencional, vejo hoje que esses momentos não deixavam de ter conotação de sagrado.

No início, alguns objetos se apresentavam com a clara intenção de chamar a atenção dos presentes, que tratavam de fixar os olhares quase que incrédulos nas figuras, sem se darem conta de que os lábios acompanhavam o regalo dos olhos.

Mas quando os animais entravam em cena é que a festa se tornava completa e aumentava ainda mais o interesse, ficando quase impossível conter os risos que escapavam espontaneamente. O peixe punha-se a nadar no lago imaginário, para em seguida o cisne deslizar, bailando sobre as águas claras. O jacaré abocanhava a quietude e dava lugar a comentários inesquecíveis.

O elefante balançava a tromba e, numa referência a sua memória prodigiosa, vejo que é capaz de trazer à tona réstias do passado. As mãos paternas daqueles artistas mostravam uma habilidade incomum naquelas horas, movidas pela experiência de quem viveu a infância difícil sob a luz de lamparinas. Para esculpir as sombras, a sensibilidade era a ferramenta que escavava aquele painel de reboco, que suportava a nostalgia ali estampada. Numa atitude muito mais de admiração que imitação, tentávamos repetir com nossas mãozinhas seus movimentos, mas o tempo ainda não nos tinha dotado de igual destreza. Contudo, a falta de sincronia comum da idade era motivo muito mais de risos do que, propriamente de decepção.

Devido ao clima hospitaleiro, o vento se espremia pelo vitró, fazendo-se de penetra para assistir a tudo aquilo. Suas rajadas perdiam um pouco da força ao transitarem pelo ambiente e, em forma de brisa, aproveitavam a oportunidade para convidar a chama para dançar. Naquele instante, o suave balanço do fogo despertava os pássaros “empoleirados” num canto qualquer da parede, que se moviam como que alçando vôo à nossa imaginação. O burro mexia as orelhas e o cão abria a boca e, de tão cansado, colocava a língua de fora. Apesar da quietude, era possível de certa forma até mesmo ouvir o latido do tal cachorro que, vez por outra, ainda ecoa na minha lembrança.

A vela quieta encimada à mesa, consumia-se aos poucos diante da grandiosidade do momento. Quando a eletricidade demorava a dar o ar da graça, ela ia se apequenando sucessivamente, a tal ponto que a cera derretia-se em languidez pela vigília daquelas ocasiões mágicas, necessitando de mais outra para prosseguimento da empreitada. Então, mesmo relutando em sair de cena, a chama saltava para uma substituta sobressalente, que altivamente se posicionava no lugar de sua antecessora, seguindo claramente o mesmo roteiro.

Repentinamente, da mesma forma com que a energia elétrica se fora, ela voltava. Assim, as luzes tornavam a se acender, acompanhadas de outro “ah!”, dessa vez certamente de desapontamento. Então, os olhos começavam a contrair repetidas vezes, até se acostumarem forçosamente, mais uma vez à claridade. A invasão de luz, porém, culminava por sufocar a energia predominante até então, quando todos viam-se obrigados a direcionar seu olhar novamente para o objeto de 20 polegadas, ou, quando do adiantado das horas, caminhavam para as camas posicionadas no cômodo, que seria invadido pela escuridão, para que pudessemos repousar embalados pelos sonhos que se sucederiam. Ao mesmo tempo, um dos adultos curvava-se próximo à vela e, dando a boca o formato de um beijo, parecia estar sussurrando ao objeto que já era momento de adormecer também, depois de cumprir sua missão. Normalmente a chama resistia ao primeiro sopro, mas acabava por sucumbir diante do vento mais intenso. Então, o pavio agora desnudo, exprimia seu aceno através de um fio de fumaça em ziguezague retorcido.

É incrível como águas passadas conseguem mover as turbinas do tempo e são capazes de gerar esse tipo de energia e, apesar de seguirem seu curso natural, vez por outra terminam por desembocar num canto qualquer da lembrança, lavando, assim, por completo a alma de tanta saudade.

Quisera eu ter o dom divino da criação para que, quando farto de luzes artificiais, assim quando bem desejasse, numa atitude feito Gênesis às avessas, pudesse ordenar: “faça-se a escuridão”. E, quando ela se estabelecesse, eu, munido de uma vela, uma caixa de quarenta palitos e incontáveis lembranças, me inspiraria nas mãos iluminadas de meus pais para esculpir nas paredes que me rodeiam, as sombras que insistem em dar lume às minhas recordações.

MATILDA E O VENTO

Uma repetição sem altura. Toda vez que se ouvia o assovio do vento, Matilda rumava-se em direção à rua. Os pescadores da vila não gostavam daquele teatrinho. Não importava se estava se banhando, ou alisando o pelo, ou se aprontando pra trabalhar a casa, ou comendo angu e torresmo, nem quando estava lavando o pé, muito menos quando, parada, ficava horas sentada na calçada, esperando o nada, se bicava indo saber de onde vinha o apito. E não sossegava, enquanto não acabava o ventão. Matilda era só cabelo: ruiva e crespa mais parecia um enfeite. Adorava senti-lo balançar enquanto procurava a sela do vento. Sua risada rara misturava com o sopro e ficava até gostoso de ver. Ela correndo de um lado para o outro: *Me leva, carrega de mim. Carrega!* Gritava a mesma ladainha. Era tão folclórica aquela lambança. Matilda não cansava de repetir ao vento, mas ele nunca levava. Aquele barulhão todo e ele era surdo. A coitadinha sabia, que quando não havia mais apito, era porque teria de esperar outra carroça de vento. E Matilda voltava, ficava na calçada esperando e caladinha: nada. Doía vê-la entrando na casa. Aquilo era tão triste. De não rir. Não brincava, não se ouvia o som de Matilda. Parecia adulta, mulher sem carrossel. Ninguém sabia o que se passava no casebre. Apenas que o pai e a pinga às vezes amanhciam dormindo na porta, quase torta, onde Matilda sempre deixava aberta quando corria em direção ao assovio. *Carrega!* Eu já sabia que era ela. Aguda e reticente aquela vozinha. Era como se fosse hoje. Ninguém reparava na doidice dela, mas era tão garganta e veia saltada. Uma pintura riscada entre aquelas redes descansadas e barcos tombados da vila ventada. As unhas aranhavam o passeio da ventania, eu consegui até ver o estrago daquela briga de crianças. Matilda e o vento indo em direção

ao mar. Os pés dela saltando, às vezes se arrastavam por alguns passos. Não era pesada nem leve. Era do tamainho exato. Cabia. Eu torcia. O suor vinha aguado de fungação de choro. *Carrega de mim!* Repetia novamente. E sempre o mesmo repertório. Mas teve uma matinê que ele veio diferente. Calmo e carregado de coloridos. Não sei se era terra, se era sal ou peixe que voava. Era um redemoinho brilhante, diferente. Parecia um jogral. Não teve jeito. Matilda sabia que era a despedida. O vestidinho branco-bege e a cabeleira estavam crenes. Nem precisou fazer muito esforço e rumou alto. Uma ribanceira toda invertida. Matilda se foi com o vento como sempre sonhou. Pareciam a mesma coisa. Misturados. Era agora tudo alaranjado. Nunca tinha gostado de criança até aquele dia. Matilda tinha essa coisa que fazia a gente de besta e confundia as ideias. Uma saudade de banzo me veio logo no coração e depois nos ouvidos. Nunca mais vi Matilda. A vila ficou pequenininha e sem som desde então. Não se tinha mais teatro nem vento. Um castigo com certeza. Um calorão que deixava a gente desanuviado e com vontade de fazer besteira. Mas teve apenas um dia em todas essas pescarias, um dia, que ouvi novamente o som de vento. Os ossos não deixaram eu chegar até lá pra ver Matilda voltar. Mas não era. Ela ainda não quis voltar. Mas quem sabe chega outro aviso. E aí eu possa repetir aquela rezinha que aprendi: *Me leva, carrega de mim, Carrega!*

**XXXIX
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

CONTO, CRÔNICA E POESIA

39ª edição

SANTA MARIA
2016

277

**XXXIX
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

Edição 2016

Cezar Augusto Schirmer
Prefeito Municipal

José Haidar Farret
Vice - Prefeito

Luiz Carlos Avila da Silva
Presidente da Câmara de Vereadores

Marilia Chartune Teixeira
Secretária de Município da Cultura
Coordenadora Geral do Concurso

Josias Ribeiro
Secretário Adjunto da Cultura

Rosangela Beatriz Rechia
Coordenadora da Biblioteca Pública Henrique Bastide
Coordenadora Executiva do Concurso

Fernanda Silva dos Santos
Bibliotecária

Equipe de Apoio

Ana Rita Bandeira Marchesan, Leandro Bitencourt Gunsch,
Luciana de Aguilar Belizio, Roxane Angela Machado Erro, Tânia Regina
Salamoni Bomachar

Participaram XXXIX CONCURSO LITERÁRIO FELIPPE D'OLIVEIRA um total de 933 trabalhos provenientes de cerca de dezenove estados brasileiros: RS, SC, PR, PB, TO, SP, RJ, MG, ES, BA, AL, PI, CE, DE, GO, MA, MT, MS, RN e de dois países, Japão e Alemanha, assim distribuídos 344 contos, 219 crônicas e 370 poesias.

**XXXIX
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

POESIA

COMISSÃO JULGADORA:

Alexandre Flores – Escolas/ Marco Pólo/ Riachuelo/
Antônio Alves Ramos
José Vanderlei Prestes de Oliveira – ASL
Odemir Tex Júnior - CAPOSM

Premiados

1º Lugar

Testamento

José Carlos Santos Peres – Avaré/ SP

2º Lugar

O Cego

Denise Beatriz da Silva Reis - Santa Maria/ RS

3º Lugar

Lição Flórea

Adriano Wintter Sobrosa - Porto Alegre - RS

Incentivo Local

O Cego

Denise Beatriz da Silva Reis - Santa Maria/ RS

Menções Honrosas

1ª Menção

Despedida de Amélia

Éder Rodrigues - Belo Horizonte/ MG

2ª Menção Honrosa

Retrato em Dó Maior

Marcelo da Silva Rocha São Borja/ RS

3ª Menção Honrosa

Escrevo Meu Pai

Gabriel Santos de Araújo –Santa Maria / RS

TESTAMENTO

*(“Os pés do deserto me alcançam
Trazem recados das rosas migradoras”).*

Do que o silêncio permite nessa hora de sombras e sondas
resgato do calendário o tempo com suas luas e auroras
e tábuas de mares distorcidas pelos ventos do descuido.

De destino talvez as anamorfozes dos meus atos
na geografia torta de meus passos;

erros vieram com maçãs ofertando serpentes
ao andarilho que fui quando o caminho definia manhãs
e eu sentinela de quartéis abandonados desperdiçava o tempo
e o tempo nada mais era que passaporte falso de partida.

Nessa hora que o silêncio permite entre sombras e sondas
testemunho o sal do mar na primeira descoberta menino
tateando pés na areia: o horizonte me era tão possível...

A morte fez a primeira advertência na palma do paladar,
das mais sutis que outras foram facas afiadas.

Faço na agonia dessa hora liturgia de momento:
secura de mãos no aceno que nunca houve,
indiferença de passos num cais de gaiotas doentes;

o que trago para testemunhar cicatriza a parede do meu peito;
presas estão aves de rapina sem mais garras para se soltarem

Foi-se o cavalo selvagem dos meus pés e as mãos denunciam hoje
o vazio de parir um pertencimento que nunca tive;
que não tive quintais e nem rosas e nem esquinas.

O sal sugado foi a primeira reprimenda a quem buscava partir,
depois tantas camas visitadas e cadáveres de amores insepultos.

Do meu Testamento não retiro pontes e navios destroçados,
a culpa é para ser parida até o último sangue até o último sal.

Parto com côdeas recolhidas de janelas disputadas com pardais;
o choro triste de minhas putas tristes que alguém poetou
e os noturnos de Chopin nas horas em que saltava do 12º andar.

São as miudezas que me confortam nessa hora de sombras e son-
das:
didática de manhãs pastoreando esquinas;
desencontros e beijos suicidas sob marquises e chuvas;
imponência de casarios e sutileza de açucenas em varandas.

O que fica desse ofertório não se escreve em Testamento de papel
passado,
está nas dobras desses olhos que tantas mortes sepultaram antes
dessa;
decifrá-los é o enigma que ofereço aos meus: não peço perdão e
nem piedade;
se tudo tive aqui tudo fica: as manhãs, o pão, as mulheres e as
gaivotas;

o que levo é o intangível da epifania do pêssego ao orvalho numa
manhã
em que menino caminhava ao mar para abraçar o horizonte que
me fora salgado.

O cego

o olhar adita brilho ao subsolo d'alma
colhe as flores da palavra que se demora
na alcova do verbo raiz

recolhe a íris dos segundos e
de súbito espalha-se
sob a dormência das horas

o olhar abstrai horizontes
na urgência de calar sonhos
e limitar a voz
com frases ingênuas
sem profanar auroras

a lembrança é labareda
olhando para dentro
da rotina dos dias
- adrenalina - ao trânsito trêmulo
titaqueando as dores de agora

o olhar não basta
a silente poética
que solfeja devas

- chorem as rosas-
desfolhem as horas
o amor é engano
quando vê o que olha.

Lição Flórea

A beleza
Exige rigor,

um combate
pela delicadeza.

Prova

esse rubro
punho da rosa
na cara do caos.

Prova

essa fúria
(e o afinco
a demora)
com que labora o golpe
do perfume e da forma.

Prova

essa plástica
lutas das pétalas
contra o inexato,

ou esse corte
que unidas
desfecham
no tórax do
excesso:

súbito
preciso
fatal.

Despedida de Amélia

Amanhã , livrarei a anca dos apertos na cintura,
diante dos rumos que nunca vingaram
na minha mania de só olhar por frestas.
A porta da rua acordará cedo, como de costume,
mas não serei a serventia da casa.
Engolirei a fome pelos azuis que o céu contorna,
até enterrar cada trapo perdoado pelos séculos assim.
Rendado o mais estreito dos domingos,
desabam os altares onde aprisionei meus santos,
e para não incomodar teu sono, arranharei o samba
bem na parte que cicatrizou meu nome.
Nada de coque e sem provérbios de sempre,
já que poesia não combina com toalha de mesa.
Ainda que me falte a vista e os passos brindem incertos,
rasgarei a coleção de folhinhas de natal
até me despir de cada um dos afazeres.
Amanhã pregarei outro botão no seu corpo ausente,
desregrada pela fé onde sempre me dei graças
para nada ser perante as coisas.
Decerto que o passado cerzirá cada poente
despedaçado dessa labuta sem meios.
Depois de terços e mais terços encadeados
pela solidão que rendeu métricas e dança no pé,
escorrerei espelho adentro.
Tomara que ao menos metade de mim apareça
na dúvida dos reflexos e eu não tenha mais
que fazer das tripas, coração.

Manda fazer outra letra de música para cantar
lá no morro porque hoje afrouxo as pregas do vestido
e lá fora provarei de cada gosto, cheiro e lonjura
para ver se realmente Amélia era “de verdade”.

Amanhã e só a manhã me quer
nesta mulher que não mais aparecerá no fundo do teu olho
nem coroadas com o enxoval destronados de tuas rainhas.
Amélia se despede e sai rogada de promessas
para cobrir a velhice num vestido novo,
florido e sem goma dos guardados.
Nesta amanhã que chegará *milagres ou satisfeito*.
Trazendo o corpo de ontem disfarçado de manhã
e as flores do vestido na bandeja do seu café.

Retratos em dó maior

Eu faço versos como quem morre
De susto e um pouco a cada rima
Traço Quintanas que me comovem
Ouço Bandeiras em melodias

Aceno, aos poucos, e o que me sobra
São as mãos fracas, lenta agonia
Não tinha o rosto que tenho agora
Nem mais Cecília, nem mais poesia

Só tenho uns versos de desencanto,
Que o vento sopra e inventaria
Repiso folhas, recolho prantos,
E faço versos dessa afasia

Resta Leminski, em estilhaços,
Roda Vinícius, na uisqueria,
Drummond e Adélia em mudo abraço
Dançam no espelho, minha aporia.

Enceno fases, em meus retratos,
Nesses meus olhos, vistas vazias.
Enfim, meus versos são de quem morre
Mas deixam pronta a biografia.

Categoria: Poesia

Nome: Marcelo Rocha

Cidade Procedente: São Borja/RS

Escrevo Meu Pai

I

O pai anda dentro de mim
diluído no DNA do avô
no sedimento da terra
que gerações esquecem
debaixo das unhas
e de repente amanhã
nasce uma semente na palma da mãe
com o rosto do pai

Espiar a vida de um
é estar com todos antecedentes
e descobrir o crime do primeiro

Vou distante
Escuto tua voz quando falo
numa comunicação subcutânea
Somos gêmeos
Difere o número de células
e as porções de terra no corpo

Aquele seu casaco
vestirei numa noite de neblina
quando o trem nos separar e eu
sumir entre montanhas
levando o molde da caricatura dos nossos medos

Quando me pedirem passaporte
dou a vista de todos minha pele
para chegarmos juntos
do primeiro ao último
na próxima Estação do Nascimento

II

As roupas esquecidas no chão
sem força para voltarem ao armário
empenam a gota de suor do nosso silêncio

Não é possível voltar à escola
depois que os joelhos crescem
Parecemos de pé mesmo sentado

Copos d'água voltam cheios
porque achamos eterna a fonte
da juventude

Quando caminho no tempo do pai
sei que já existi
mesmo tendo gestos que não foram combinados comigo

No músculo saliente de cada retrato
cumprimento meus ancestrais
Mas talvez passássemos despercebidos numa grande
cidade

Assim nós, pai,
Não escutam os nossos talheres durante o almoço
Nem os alimentos saem iguais na mesma
tempera de fogo

Deve ser difícil se ver em mim
e não poder arrancar a própria raiz.

III

Te conheci
quando saí de casa
e precisei das barbas para pedir informações

Do álbum da nossa amizade
pude apenas levar uma 3 x 4
que me serviu de passaporte na alfândega da família

Na casa de negócios requisitei teu nome
Mas para dar xeque-mate me disseram
que o filho não diz da casa que vem

XXXIX
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA

CRÔNICA

COMISSÃO JULGADORA:
Giovani Pasini - ASL
Liane Batistela Kist- UFSM
Magda Luiza Kessler - UFSM
Valéria de Castro Fabrício - UFSM

Premiados

1º Lugar

Se eu pudesse escrever como nosso cão
Mariana Salomão Carrara - São Paulo/SP

2º Lugar

O Menino de Lá
Lygia Roncel de Rodrigues - São Paulo/ SP

3º Lugar

Meu Universo numa Nodoa de Café
José Ronaldo Siqueira Mendes – Mutum/MG

Incentivo Local

Sabe
Rafael Rossano Esmério Chiobatto Ferreira - Santa Maria/RS

Menções Honrosas

1ª Menção

Gerânio na Janela
Loreci Teresinha Demeneghi Batista – Cuiaba/ MT

2ª Menção

Calipígia
Maria Amélia de Amaral e Elói- Águas Claras/ DF

3ª Menção

Manual de Sobrevivência Contemporânea, Item 1
Ana Luiza de Figueiredo Souza – Niterói/ RJ

Se eu pudesse escrever como nosso cão

Se eu pudesse escrever do jeito que a nossa cachorra escreveria, talvez eu pudesse descrever o som exato da sua chave no bolso, que deve tilintar sempre do mesmo jeito quando o elevador estanca aqui no último andar. O chaveiro num ruído metálico que é tão seu que ela sempre sabe se é você chegando ou só mais um vizinho do andar.

Se fosse possível escrever do jeito que a cachorra escreveria, esse ruído da chave seria assim sinestesticamente você, mas só aquele você que vem da rua. Uma coisa que você traz quando vem do mundo lá fora, e que tem cheiro de metal, cheiro que talvez seja parecido com sangue, e que toca um sino discreto nos seus primeiros passos pra fora do elevador como se anunciasse que você está quase pronto para se tornar de novo parte da instituição preciosa do lar.

E então eu literariamente acrescentaria – mas só se eu pudesse escrever do jeito que a nossa cachorra escreveria – que esse ruído me põe ansiosa e ao mesmo tempo tranquila porque a crônica de todo dia deu certo, você venceu tudo isso que deve fazer lá fora, e voltou pra casa, e é por isso que é preciso correr até a porta e mostrar que o amor continua igual, antes que você possa avançar pela casa e pensar, por um segundo, que estava tudo bem enquanto você demorava.

Se eu pudesse escrever assim como a nossa cachorra escreveria, eu diria que você traz da rua o cheiro de tanta coisa, e que por alguns minutos eu me sinto sufocada pelo café de uma repartição que eu não conheço, fumaça, diesel, poças na barra da calça, e eu registraria também o cheiro furtivo de outros cães que você tocou nas calçadas. E eu diria que o seu cabelo endurecido do vento da bicicleta e a pele só um pouco molhada do calor e

a barba com o cheiro do sabonete do lavabo desse lugar que eu não conheço, eu diria que eu percebo tudo isso quase antes de você abrir a porta e que você seria pra mim a soma encantadora dessas informações que traz todos os dias.

E eu escreveria sobre a diferença da sua voz quando ela vem de cima e quando ela vem debaixo, e sobre a emoção que é deitar no seu travesseiro enquanto você não vê, porque é como estar em você, quase como ser você, todos os seus cheiros dos últimos meses amalgamados em plumas ou algodões embaixo de mim, e com tudo isso eu poderia te descrever como ninguém jamais fará, só alguém que pudesse escrever como a nossa cachorra escreveria sobre você.

E enquanto ela não escreve e enquanto estamos eu e ela aqui por acaso sem você, fico achando bom o confinamento humano do que eu possa escrever, e que eu não adivinhe o avançar dos seus chaveiros, nem os seus passos, e que eu não seja assim de tantas fidelidades e esperas, e que você chegue de repente e a gente faça junto esse espetáculo pra ela, esse show cotidiano que é tudo que ela conhece e mais ama, ela que não pode escrever sobre o que é essa casa quando não estamos aqui, esse lugar que deve ser o santuário máximo da liturgia canina.

Enquanto ela não escreve sobre você, conto pra ela, como se fosse uma novidade, que você vai chegar e a gente vai se jogar no sofá totalmente exaustos de tudo o que acontece lá fora, e que ela vai subir ao mesmo tempo nas nossas duas cabeças, pisando agitada na nossa cara, com o coração disparado como se a felicidade fosse tanta que não pudesse caber dentro dela, dentro de nós, nem dentro da casa inteira.

Chega logo.

O menino de lá

Às vezes brinco que o meu olho é anzol e jogo ele no rio a tarde inteira pra algum peixe vir beliscar. Quando vejo, a tarde e o rio passaram todinhos por mim e foram desaguar noutro lugar, aonde não dá pra ir a pé. Então volto para casa, que fica a cento e dois passos do rio, sem peixe nenhum: em cada bolso levo uma mão e, na cabeça, um vaivém de pensamentos à toa e também um entardecer que nem cabe no meu quarto, mas que ponho fatiado debaixo do travesseiro pra encaixar dentro de um sonho depois. Sempre dá certo.

Outras vezes brinco de pega-pega com o vento. Quando sinto que ele vem atrás de mim e alcança a barra da minha camiseta, driblo pra lá, driblo pra cá, e ele acaba zonzo no meio do pasto. Vez em quando sou eu quem corre atrás dele; ele vira à direita numa curva ou à esquerda numa fenda entre as árvores, eu sigo reto e voo barranco abaixo. Ele, lá de cima, chacoalha um ipê pra me avisar onde está e recomeçar a brincadeira, que nunca vai além das cercas do sítio, nós combinamos.

Em dias de muito sol, brinco de cabra-cega com as roupas do varal. Me enrosco nos lençóis ou nas toalhas, com os braços esticados feito os de um zumbi, e caio na grama todo embrulhado neles, transformado então em múmia. A grama, pra fazer chacota, gruda folhas secas e formigas nas roupas e em mim – tiradas a tapa depois pela minha mãe, que não acha graça em nada disso.

Pra passar o tempo, pego silêncios com as mãos e jogo pro alto – e cada silêncio eu vejo caindo, caindo, caindo como uma pena de galinha até se espatifar inteiro no chão e eu dar um grito. De mau humor, saio por aí chutando a ferrugem das latas, a preguiça das pedras, a bobeira dos sapos. Ou subo numa figueira

e emburro lá em cima, de braços cruzados – a mãe chamando lá embaixo e eu fingindo que não escuto nada nunca mais. Ou me meto no meio do mato, dos bichos, do pomar, ou fico olhando os gafanhotos bem de pertinho, alisando suas antenas com a ponta do dedo, assim ó.

Outro dia, por acaso enxerguei uns pedacinhos de estrela encaracolados nos pelos do Candinho, o cachorro daqui do sítio, e no rabo também. Quando ele me viu, o pedaço de estrela no rabo balançando fez ploc-ploc, ploc-ploc. O Candinho brilhava do jeito que um dia eu queria brilhar: a tarde batendo no marrom dos pelos dele com raios da cor de ouro que eu só tinha visto uma vez, no manto de Nossa Senhora. Arranquei um dos pedacinhos – bem pequeno, pra não lhe fazer falta alguma – e pus na palma da mão, assim no meio dela, onde está escrito um M de Maria: me senti um lampião aceso, a pele iluminada igual à do céu. Não doía nem ardia nem nada: eu inchava todo como se soprassem luz pra dentro de mim e eu quase explodisse num fogaréu. Era engraçado.

Fui correndo gritar pra mãe, que lavava roupa no tanque detrás da casa: sou uma estrela agora, mainha, vê só daí! Sacudi o corpo todo, aquela luz toda que não dava pra ela não ver, mostrando o pedacinho de estrela que arranquei do Candinho, numa gargalhada tão grande que minha boca não cabia dentro dela, esticada até quase rasgar as beiradinhas. Ela não gostou foi nada, pelo contrário: bravejou que o nome daquilo era carrapato – Joga essa porcaria fora, menino, ai que nojo! Eu escureci pro mulatinho que sempre fui, molequinho tantã, a cara chupada e cheia de pinta, e fiquei olhando estrela só de longe mesmo, sem poder pegar nenhuma, pra mãe não perder mais a paciência.

Tem vez, como agora, que sentado numa pedra eu vejo o céu molhar os pés no rio, que bate nas suas canelas. Beijando os pés do céu, o rio engatinha diante dos meus olhos – e segue

assim por debaixo da ponte, cortando no meio o sítio do seu Jair, que é aqui do lado. Vejo o vento se enrabichando com as folhas das árvores, como o gato aqui de casa quando trepa na cerca para tentar caçar passarinho. E a chuva eu vejo correr bem branquinha por aqui no seu vestido de noiva, com uma cauda enorme se arrastando pelas plantações de milho. As borboletas batem asas nos meus olhos e me ensinam cores, e o sol atravessa o teto do dia como uma lesma, pra depois cair pro outro lado da terra e a lua vir no seu lugar, amarrada num barbante como bandeirinha de festa junina. A lua fica ali no ombro direito do céu, indo bem devagarzinho pro esquerdo, e aí o dia recomeça.

Tem dia que eu leio meu próprio futuro nas pedras, e o futuro da minha mãe, do meu pai e de todos os meus irmãos, que são sete, sem contar o bebê que está por vir. Que eu dou nome pros ventos, pros rios, pros passarinhos, pras mariposas e pras cobras-d'água que aparecem na beira do lago. Que eu grudo o ouvido no chão e ouço o que ele tem pra me dizer sobre as coisas da terra, e são sempre ensinamentos tão compridos que à noite eu anoto no meu caderninho pra me lembrar e, quem sabe um dia, quando eu for grande, aprender. E tem manhã que eu queria pegar com as mãos o sol nascendo, puxar a cabeça do sol de dentro das árvores e correr até o alto de uma montanha com ele no colo, brilhando tanto-tanto que é para ver se mainha sai do tanque e olha para mim.

Meu Universo numa Nodoa de Café

Enxuguei a mancha de café que deixei cair na agenda de anotações de minhas ideias para futuras historietas, não tanto para preservar a agenda em si, que era uma dessas cadernetas de anotações de espiral, pequena, de custo não ultrapassante os três reais, mas para salvaguardar os pensamentos, ideias e trechos de cotidianidade que eu colecionava na minha passagem pelos ho-jes da vida. Hábito adquirido por osmose de Maiakovski.

O dedo ainda sentia alguma ardência, provocada pela xícara quente. Não possuo destreza para xícaras, isso é um fato que já comprovei drasticamente em calças, sapatos e toalhas de linho alheias, sendo essa a causa mor de as evitar, preferindo os copinhos Nadir Figueiredo ou os de massa de tomate, requeijão e até os potes de azeitona. Foi a minha sensibilidade ao fogo que gerou todo esse épico acontecimento nesse micro-universo de uma mesa em um café no Shopping Vitória, onde estive por dois dias em fevereiro de um ano desses, ao tentar dar o primeiro gole. No segundo, derramei café na bermuda, “É hoje!”, pensei.

Enxuguei a mancha de café que deixei cair na minha agenda, e o engraçado é que o guardanapo de papel que usei para minimizar a ação destrutiva do princípio ativo desse meu caos particular, nesse meu pequeno universo, após sua utilização reparadora, ficou estigmatizado como um daqueles cartões de teste Rorschach, é, igualzinho mesmo, só que na variação monocromática café marrom-tabaco, ao invés do preto.

Fitei aquele papelico, tentava desvendar quais formas poderiam me entregar como psicopata, facínora ou anti-cristo, dependendo de minha potencialidade. Vislumbrei uma das posições: parecia alguém com um capacete gigantesco montado em uma moto. Não gostei da imagem, até por que não piloto mo-

tos, na verdade, não dirijo carros nem caminhões, da bicicleta eu não sei o manuseio, muito menos qualquer meio locomotivo de tração animal. É...acho que não consigo conduzir nem mesmo essa minha vida calhambeque! Motivo pelo qual resolvi girar o guardanapo, e no sentido anti-horário, só para discordar de algo.

Agora, a imagem era a de um velho com a barba de Dom Pedro II no exílio. “Serei eu no futuro?”, evoquei, “Tão acabado assim? É isso mesmo? Será que a cafeomancia enxergaria isso em minha borra de café? Teria Machado pensado numa leitura de futuro pela mancha de café em um guardanapo de papel, ao invés de uma simples e reles cartomante?”. Bem, como não tenho o conhecimento próximo de ninguém com essas feições e, de vista, apenas tendo reconhecido uma leve semelhança com o Sivuca, como sócia desse borrão (mas acho que ele não vale), preferi dissipar essa nuvem indagativa e dar outra oportunidade ao acaso de se cirandar mais uma vez o lenço.

Na nova imagem, estarecido, como um refém do *The Walking Dead*, minha psique enxergou uma caveira com um prego enorme encravado nela, de baixo para cima, “Ah! Agora sim! Esse é o bom e velho Rorschach que conheço!”, refleti. Contudo, como não sou necromante, nem ritualista de magia negra, virei para a última projeção imagética que me restava, o mais depressa que pude, para me desvencilhar daquele “acredite se quiser”.

Olhei a figura, não acreditando. Mais de cinco minutos contemplativos se passaram, enquanto eu inculcava alguma lógica para aquilo. Encarei a mancha e, admirado, aceitei-a como sendo a minha imagem psíquica ou a imagética de meu ser. Não podia crer no que via: uma lâmpada, dessas elétricas, emanando energia em ondas de vapor, numa clara demonstração de ideia elucidativa. Uma prova randomicamente pictórica da genialidade humana. Uma premonição que culminou nessa crônica, ten-

do por resultado um texto oriundo de um acaso aleatório principiado por um acontecimento desastroso de um café derramado em uma folha de papel.

Reflexivo, pensei “E por que não? Se a vida, em si mesma, é uma sequência de ações ao acaso, se ela mesma se inicia com o acaso de apenas um entre milhões ser o mais rápido para reivindicar uma identidade corpórea mais significativa. E tudo, todos os acontecimentos, mesmo que pensados, planejados e intencionados, dependem da variante indesejada do *pode ser, mas quem sabe?*”

Aquela nódoa de café naquele pedaço insignificante de guardanapo me mostrou o poder de uma mente ao nos depararmos com uma mancha no branco papel de nossas vidas, valendo-se do momento para adquirir experiência, para aguçar a criatividade, para gerar ordem do caos.

Terminei minhas anotações e essa crônica aqui, paguei o café meio bebido (sim, pois a outra metade deixei toda espalhada naquela mesa!) e fui embora, satisfeito com o que havia coletado e anotado em minha agenda. Hoje, vez por outra, ainda abro a caderneta na página da mancha, só para ver se ela ainda está lá, se não se apagou. E quando a encaro e constato sua ainda existência, isso me dá uma felicidade danada, tal qual um bom café expresso.

Sabe

Sabe?

Sabe aquelas pessoas, mais lindas de tua cidade? Aquelas meninas, de olhos mais brilhantes, grandes... Inteligências cheias de audácia, Ideias que congelam qualquer galanteador. As de personalidade mais forte, Aquelas de atitude; que enfrentam qualquer barra, qualquer preconceito? As da minha cidade; não estão mais aqui. As filhas mais bem criadas! Mais mal criadas também... As princesas dos olhos, a alegria, o sorriso do calçadão... A boca do monte: calou-se!

Os amigos mais alegres, alguns dos caras mais bacanas que já conheci... Os galãs, que não conhecia! Mas, que até... já invejei, os caras que animavam a festa, que dançavam vanerão... Alguns que até não sabiam dançar; mas tinham uma lábia... Não estarão no próximo encontro! E quem saberá? Quando será o próximo. Quando teremos coragem, de erguer a cabeça, e pensar na diversão sem sentirmos o remorso, a dor da falta? Quando fará sentido?

Os alunos mais brilhantes da cidade em que moro, não retornarão, quando o recesso acabar. Os sacrifícios que foram feitos para manter o filho longe de casa, a saudade guardada em prol do futuro promissor... Perdeu importância, hoje a saudade explode! De forma incognoscível, antes do último abraço apertado, partiram sem o costumeiro planejamento, que envolvia a todos nos projetos calculados de como seria...

Ficamos nós perdidos, e embriagados na dor. Peso sobre os ombros que jamais sairá, mas como toda carga, com o tempo nos tornaremos mais fortes e a iremos suspender com maior dignidade, se hoje estamos curvados, devemos sim, apoiarmos-nos fisicamente, moralmente uns nos outros. Pois há vários que

aqui ficaram, que precisam de nosso apoio; precisam de alguma coragem refletida em olhos amigos, ainda que ela: A coragem; se apresente mergulhada em lágrimas.

Agradeço a todo instante, por aqueles que aqui estão, mas terei o resto da vida, para homenageá-los. E que eu não tarde! Que te abrace; quando sentir vontade! Que eu tenha coragem de dizer: EU TE AMO! Quando sentir amor; que tenha eu liberdade para confessar-me “a-pai-xo-na-do”. Que eu não perca a oportunidade de dizer, o quanto sou feliz de te ter como meu amigo, que eu possa esquecer as bobearas; e olhar nos olhos daquela menina que quero tão bem! E dizer o quanto me sinto bem a seu lado. De graça!

Por isso, da próxima vez que me encontrar; não estranhe se ganhar o abraço mais apertado que já te dei. Não me leve a mal se te beijar o rosto com carinho, não pense que estou louco, ao ver-me dizendo que te amo. Não me critique por parecer um idiota quando encontrar minha mãe novamente, por enchê-la de beijos, mesmo homem feito e criado. Não se surpreenda se descobrir que é muito mais importante pra mim do que pensava. E acredite me importo muito mais do que demonstro, sinto muito mais do que exponho, sofro muito mais do que confesso, amo muito mais do que revelo.

Gerânio na Janela

Minha avó era arcadinha. E com o tempo ia ficando cada vez mais miúda. Quando ela andava, parece que ia puxando o vento com os braços. Acho que era uma forma de manter o equilíbrio. O rosto vincado nunca se abria para um sorriso. Antes para um xingamento. Sempre em italiano. Xingava em italiano, rezava em italiano e conversava com ela mesma. Sempre em italiano. Quando ainda havia o *nono*, os dois *parlavam* baixinho diante do fogão de lenha, de vez em quando um ou outro alterando o tom da voz. E a gente sem entender nada da prosa que os consumia por horas a fio.

Minha avó era assídua na igreja. E isso dava nos nossos nervos. Minha irmã e eu tínhamos que nos revezar para acompanhar a avó às missas da matriz. Que raiva! Tanta coisa pra fazer! Jogar bolita com os meninos, montar casinha com as meninas, brincar de estátua, de roda e de passa anel. Não havia jeito! O jeito era dar um tempo na nossa vidinha de criança e assumir a responsabilidade de conduzir a vovó. Não era preciso pegar na mão dela, nem abraçá-la, nem nada. Bastava seguir ao seu lado, quieta. Quieta na ida. Quieta na volta. Ora eu. Ora minha irmã. E, para nosso desalento, assistir à missa fazia parte do pacote. Não havia rosário de súplicas que nos livrasse da obrigação. E, por acaso, criança tinha querer?

Minha avó não sabia dar carinho. E nem tinha como saber, coitada. Mulheres feito ela não eram criadas para acarinhar. Nem para serem acarinhadas. Filhos jorravam de seu ventre como fruta madura e a vida se resumia a dar-lhes de comer e ao marido, quando não à família dele. E lavar e passar e limpar e costurar e conjugar outros tantos verbos que o tempo delas se consumia no trabalho e a vida lhes sumia dos rostos desencanta-

dos. Uma sombra de amargura moldava seu semblante. Poucas vezes a vi desanuviada.

Mas daí que um dia ela mandou comprar um par de brincos de ouro para mim, outro para minha irmã. Era uma recompensa pelas marchas à catedral. Isso nos comoveu, embora preferíssemos uma guloseima, acho. E de repente me vejo saudosa da avó, do lenço estampado com o qual ela cobria a cabeça branquinha, do seu colchão de palha de milho, sobre o qual nos arriscávamos vez ou outra a fazer umas piruetas, e da sopa de macarrão – ah, a sopa de macarrão – que ela fazia como ninguém e que devorávamos com avidez no retorno da missa, sob a complacência dos santos que enfeitavam as paredes da casa.

A avó das minhas lembranças, queria tê-la por perto hoje, agora, quando também tenho eu brancos os cabelos, disfarçados pela tintura frequente. Queria poder compartilhar a minha maturidade com a dela. Aprender-lhe o idioma italiano e ensinar-lhe um pouco mais do português. Trocaríamos receitas, a deliciosa sopa dela pela minha torta de atum. Falaríamos de Deus e de nossas crenças, ela do catolicismo, eu do kardecismo. Iria abraçá-la e encher de beijo suas faces, e dizer que carinho é uma coisa para se dar e receber. E, então, nos conectaríamos pela internet, ela rimando outros verbos que não apenas coser, arrear e cozinhar. E, se sobrasse tempo, poderíamos plantar gerânios na janela.

Ah...

Calipígia

Tampouco era feia de rosto. Tampouco antipática. Tampouco tinha cabelos quebradiços ou desbotados. Tão menos ainda se esforçava para parecer o que era, por essência. Ai, que ódio! A mulher vestia-se somente de espontaneidade naquela microcalcinha dos diabos que fazia os glúteos perfeitos realçarem sobremaneira. E habitava nas costas dela uma tatuagem floral cuidadosamente disposta, como que se escorregasse de cima a baixo. Aquele *derrière* era algo simplesmente impossível de se desviar os olhos.

Nas revistas, no cinema e na TV, essas mulheres não me afetam. Podem até cansar de se exhibir, que não me abalam. Existe o santo *photoshop*. Existe lente aumentativa, diminutiva. Há manipulação da beleza. Há *marketing* bom pra valer. Há os cremes tapadefeitos e as cirurgias que reparam até falha na alma. Mas, ao vivo, a coisa muda de figura. Eu juro que vi o corpo perfeito. Mas eu não estava preparada. Deparei com aquela criatura justamente no vestiário da academia que frequento! Uma tormenta em plena manhã de segunda-feira, depois de eu haver me esgotado naqueles aparelhos deformadores, depois de haver subido na balança denunciadora do sorvete do fim de semana.

Então, eu a fitei com extrema força, como se fosse possível sugar-lhe todos os sublimes contornos. Eu a fitei com aquela inveja pura da pecadora embutida que não ousa se despir nem dentro do próprio armário. Eu a despi da tatuagem e da bunda linda, e ainda havia beleza nela que não acabava. Ambicionei despojar-me da mesma forma, e que em mim houvesse tamanha formosura. Porque ela estava bem tranquila, consciente das nádegas que tinha, em harmonia com a gordura zero, o circuito impecável, a nudez ideal.

A libertina não se abalou. Cumprimentou-me com educação e continuou enxugando o corpo que acabara de banhar. Conversava animada com as amigas de maromba, movendo graciosa os traços desenhados, em especial os seios a pino. Pontilhados de gotículas d'água desciam atrevidos pela tatuagem dorsal até a belíssima poupança rebotativa. Nada nela sobrava nem faltava; enquanto em mim restava a humilhação: eu era apenas eu, num corpo torto e lipidinoso — maxiceroula bege, tudo o mais coberto possível e, mesmo assim, salientando excessos —; enfim, eu não era aquela mulher feliz em sua microcalcinha vermelha. Ela podia desnudar-se para o espelho, para as amigas, para seu homem, para a plateia, diante do sol ou da lua. Imagino que já tenha se despido na arquibancada durante um jogo de futebol só porque sentia calor insuportável. Ela vive pelada, acredito. Nasceu para causar encanto, êxtase e desconforto.

Vênus estátua, tudo bem; mas remelexo durinho de perfeição viva, longe de mim! É meu direito nunca mais vê-la nua. É meu direito não ter o desprazer de reencontrá-la. Troco o horário da malhação, saio da academia, tranco-me num agasalho Adidas pra sempre, furo os olhos. Não mereço outra agressão da calipígia.

Manual de Sobrevivência Contemporânea, Item 1

Não estude, não leia, não busque informação diferenciada nem outros pontos de vista; não vá ao teatro, não assista aos clássicos – não leia os clássicos –, não se qualifique, não preste atenção à fala da criança ou da velhinha no ônibus. Isso tudo fará com que você tenha uma visão diferente das coisas, mais profunda, mais detalhada. E isso pode ser muito – muito – angustiante. A partir do momento em que a sensibilidade se aguça, não há volta. Pelo contrário. O mergulho só te levará a águas mais escuras e desconhecidas. Você vai querer saber mais, entender mais, questionar mais ainda. E isso vai apenas aumentar a angústia.

Angústia de perceber que as pessoas ao seu redor não dão a mínima para as perguntas que regem suas vidas. De constatar que o diretor ou o dono da empresa não são devidamente capacitados para seus cargos, mas jamais os cederão a quem mereça ocupá-los – e você (só você) saberá o motivo. De descobrir que aquele problema que há pouco era discutido na roda de amigos se ramifica em mais cinco questões, de ordens distintas, entrelaçadas pelas circunstâncias. E então torna-se impossível não transformar um simples diagnóstico em um debate detalhado, repleto de referências que muitos ouvintes não conhecem.

Seus momentos de alegria virão ao encontrar uma pessoa que pense como você, ou pelo menos parecido com você, em um único ponto que seja – à essa altura, já estará fazendo as maiores concessões. Mas eis que de repente, sem aviso, quando tudo parece bem e a sintonia é palpável, vocês discordam em um aspecto. Tão crucial para manter seus respectivos posicionamentos que é como se não concordassem em coisa alguma.

Você vai passar a preferir o silêncio. É melhor se calar para prevenir discussões vazias, onde um dos lados quer vencer e o outro (geralmente o seu) busca apenas dialogar. Muitas vezes esse silêncio será confundido com arrogância, timidez, desinteresse ou mesmo falta de conteúdo. Vão tomá-lo por irrelevante. A isso, lamento, você precisará reagir.

Sabe dos riscos – é uma torneira que, quando jorrar, levará muita coisa com a água –, mas também sabe que é necessário. O discurso está muito poeirento, os argumentos cheios de manchas.

E então você se levanta, abre a boca e as réplicas vazam, limpando os preconceitos, vícios e falácias da sala.

Isso bastaria para deixar qualquer um satisfeito, menos você. Sabe que a limpeza dura pouco. Eles são muitos, logo a sala torna a sujar. E ninguém quer fazer a faxina. Podendo escolher, quem as pessoas seriam, o passante ou o varredor?

A maioria escolhe ser passante – passageiras – e passa pelas discussões como se delas sequer fizessem parte, deixando um ou outro panfleto amassado ou papel de chiclete pelo chão. Você, varredor, empunhará sua vassoura e começará seu trabalho, ora mais depressa, ora bem devagar. Terá a mania de revirar o lixo alheio, com um Por quê? insistente na cabeça. A maior parte dos dejetos acabará na pazinha, dela para o carrinho, dele para o aterro. Uma parcela será enviada para a reciclagem. E algumas sujeirinhas você guardará consigo.

Um conselho: não se apegue. Você já terá cacarecos demais escapando dos bolsos, criar empatia pelas sobras alheias só vai torná-los mais pesados. Tente entender, nessa sua futura condição o ideal é ser concreto, não esponja. Aliás, o ideal mesmo é não chegar a esse nível de reflexão (inconformismo, curiosidade, chame como quiser). Há pouco ensinei como fazê-lo, volte alguns parágrafos.

Contudo, se por acaso todas essas advertências não surtirem o desejado efeito de impedimento, se não lhe causarem repulsa, asco ou temor por aquilo que você possa, um dia, vir a se tornar, insista. Insista em descumprir cada uma das instruções previamente listadas, sem olhar para trás. Fazer o que, a vida é sua.

Só não esqueça de me avisar assim que a transformação estiver concluída.

Sabe como é, ando carecido de uma boa conversa.

**XXXIX
CONCURSO LITERÁRIO
FELIPPE D'OLIVEIRA**

CONTO

COMISSÃO JULGADORA
Athos Miralha da Cunha - CESMA
Orlando Fonseca - UFSM
Vitor Biasoli - UFSM

Premiados

1º Lugar

Milena

Francisco Ricardo Brugni Cruz – Salvador/ BA

2º Lugar

Ultimo Domingo ao Mar

Éder Rodrigues - Belo Horizonte /MG

3º Lugar

Operação D. Quixote

Celso Antonio Lopes da Silva - São Paulo/ SP

Prêmio Incentivo Local

Dez e Cinquenta e Sete

Mariana Garghetti Buss - Santa Maria/ RS

Menções Honrosas

1ª Menção

Barcelona

Fábio Ritter - Santo Angelo / RS

2ª Menção

Juriti do Sertão

Eduardo de Paula Nascimento - Franca / SP

3ª Menção

Às Uvas e à Vida

José El- Jaick - Nova Friburgo/ RJ

MILENA

Da caverna do nosso castelo na praia (a muralha de areia que havíamos erguido nos abrigava do açoite do vento que vinha do mar) onde nos escondíamos das perseguições da avó, vimos quando os dois homens (um branco e um mulato) jogaram o negro para fora do saveiro e ele caiu de bruços a se debater na água rasa da maré vazante; como não conseguia levantar-se, os dois passaram a chutá-lo na direção das dunas, aproveitando-se os dois do movimento das ondas para rolá-lo com o menor esforço possível, até quando ele acabou de rolar igual rolaria um tronco de coqueiro ao sabor das ondas naquela praia deserta, iluminada apenas por uma tênue fatia da lua nova e pelo longínquo brilho das estrelas; vimos quando eles o ergueram e o negro tinha uma máscara a lhe encobrir o rosto e vimos que ambos os braços dele estavam voltados para suas costas nuas e as mãos estavam amarradas por uma corda que dava uma volta inteira em torno da sua cintura negra, e um outro negro ou mulato — que desembarcara em seguida, não o havíamos notado até então — esticava-o pela outra extremidade da corda, o que parecia servir para guiá-lo na direção dos outros dois que iam mais à frente, ao mesmo tempo que, se aproximando do homem subjugado, da outra extremidade da corda, dela se valia ele para usá-la como chicote, sendo que este mesmo mulato (ou negro) não cessava de açoitá-lo, e assim obrigava-o a manter-se de pé e seguir adiante apesar dos seus passos trôpegos, como se não passasse aquele homem de um animal selvagem que tivessem capturado e daquela maneira impiedosa era como o conduziam; vimos quando os dois outros homens (o branco e o mulato) conferenciaram entre si e arrebataram a corda das mãos do outro mulato (ou negro) e o manda-

ram de volta para o barco e um deles disse elevando a voz fique lá tomando conta da porra do saveiro, e depois de ter falado assim os dois arrastaram o negro para cima da duna onde começava a fila dos coqueiros e o outro disse aqui está bom, só queria ver a cara daqueles filhos-duma-puta quando encontrarem ele de manhã, e vimos quando mais uma vez o derrubaram, dessa vez utilizando-se do que parecia ser uma estaca, e usando-a como um porrete o espancaram espancaram espancaram ali mesmo e o chutaram chutaram chutaram onde bem quiseram e vimos que chutavam mais no rosto e nas costas e no peito e novamente no rosto — o tempo do massacre durou uma eternidade se medido pelo esforço que eu fazia para não respirar, ou para que minha respiração entrecortada se confundisse com o murmúrio ininterrupto e cadenciado do mar — até quando se deram eles por satisfeitos e o abandonaram caído na areia e pareciam felizes por ter feito o que fizeram e diziam coisas que eu não entendia direito (o medo de sermos descobertas me fazia urinar e tremer sem parar, mas eu nem me preocupava com isso e sim em não fazer o menor ruído) e ao mesmo tempo eles riam-se riam-se riam-se escancaradamente e entendi bem claro quando disseram só assim ficamos livres de filhos-duma-puta dessa espécie, o sacana teve o que merecia, vai servir de lição pros outros, agora vai ficar aí e virar pasto pros caranguejos e urubus, e falando o que eles bem queriam e sem parar de rir, afastaram-se e voltaram a entrar na água e embarcaram e partiram gritando ordens ásperas para o mulato (ou negro) que ficara tomando conta do saveiro, e só quando se distanciaram, saímos do nosso esconderijo, eu e Milena, então nos aproximamos do corpo do homem negro tombado na areia e fiz com que Milena tocasse nele e ele não se mexeu.

Olhei bem de perto para o que antes havia pensando fosse uma máscara a esconder-lhe o rosto, mas não havia máscara nenhuma e sim uma grossa mordança feita de trapos que tinha

começado a se desfazer em franjas e farrapos misturadas a coágulos de sangue e areia a lhe encobrir o rosto deformado, e aquele rosto, sim, era como uma máscara com olhos inchados projetados para fora das órbitas como os de um peixe morto, enquanto sua cabeça sangrava bastante: toquei nele (no rosto) e senti o sangue esguichar num jorro pegajoso por entre meus dedos: riscou o ar e circunscreveu um longo e ríspido arco e com avidez foi sorvido, sugado, mal pousou na areia, e no ponto exato em que nela pousou, ali, naquele ponto, a areia ficou subitamente opaca, sem refletir o brilho da lua nem das estrelas, então assustei-me quando o homem produziu um som, um longo estertor borbulhante e entrecortado por outros sons e silvos, como se das suas entranhas fosse brotar súbita explosão e viesse a recair sobre minha, nossas cabeças, um castigo que descesse dos céus ou emergisse dos infernos e nos atingisse e nos marcasse o corpo (e a alma) com o emblema malévolo daquela noite, marcando-nos assim para sempre pela nossa ousadia, e senti de novo a mesma sensação de medo que me fizera silenciar e tremer e urinar sem parar e Milena também teve medo, eu juro que teve, então nos agarramos num abraço e nos afastamos dali como dois grauçás assustados, a correr desorientadas e descalças sobre a areia, açoitando-a sem querer com o movimento brusco dos meus pés, sobre o corpo do homem morto, ou melhor, do homem que julgávamos estivesse morto, e eu nem sentia que podia sufocar Milena, apertando-a daquele jeito contra meu peito, ao mesmo tempo em que lhe pedia por tudo de mais sagrado e que mais amasse nesse mundo ficasse calada, jamais dissesse para ninguém ninguém ninguém o que tínhamos visto nem o que fizéramos naquela noite, e Milena não dizia nada, somente me olhava (um par de olhos azuis que só sabiam olhar e piscar por detrás de suas longas pestanas de seda), tampouco ela disse coisa alguma quando desfiz com os pés a muralha do castelo que havi-

amos construído para nós duas naquela noite, o mesmo castelo tantas vezes construído, destruído e reconstruído, (não passava de um buraco cavado na areia molhada da praia) onde nos refugiávamos da ira da avó, e somente quando não houvesse vestígio algum de que estivéramos lá, o abandonávamos — daquele nosso castelo, por uma última vez, antes que o destruíssemos, olhamos para além dele e de novo olhamos e vimos o quanto era real, real como um pesadelo, aquele vulto negro e imóvel estendido ao pé do coqueiral —, portanto apressamo-nos em vestir nossos vestidos, porque eu estava nua e Milena também estava, era assim que nos refugiávamos no interior de nossa muralha, nuas, para que a areia não penetrasse nas dobras do tecido (os vestidos de Milena eram sempre iguais aos meus, modelados e costurados pela mãe com retalhos que sobravam quando ela os costurava para mim) e não nos denunciasse, sim, estávamos nuas porque era como preferíamos ficar quando estávamos a sós sem que ninguém pudesse nos ver e censurar, e era assim, nua, que tantas vezes eu a mantinha apertada contra meu corpo e a sentia úmida e quente pousada entre minhas coxas, ou comprimida contra meu sexo, ou apertada contra meu peito, contra minha carne nua suave e macia e dourada pelo sol e tocada pelo vento —, ou melhor, depois que eu a vesti (era sempre eu que a vestia), voltamos correndo, esfogueadas, furtivas e silenciosas como duas sombras, para meu quarto, o quarto da nossa casa na vila, onde a velha e rabugenta avó não cessava de nos perseguir, isto é, cessou de nos perseguir, sim (mas não a mim), somente quando achou que havia definitivamente nos separado, e achamos melhor que ela acreditasse que sim, que conseguira, e tudo o que tínhamos a fazer era esperar para que ela acreditasse que eu a esquecera em definitivo (a Milena), era a única maneira dela (da avó) jamais descobrir e assim impedir aquelas escapadas noturnas para o nosso refúgio no castelo de areia da praia agora tão distante, por-

que ela, a velha, insistentemente nos vigiava e nos separava, a implicar comigo pelo hábito de andar comer brincar dormir juntas, eu e Milena, abraçadinhas, cúmplices e confidentes como desde que me entendo éramos, as duas — a mãe, jamais nos separou —, até quando ela, a velha, entendeu que não era mais possível ficarmos juntas porque pecávamos contra Deus, contra a igreja, contra os homens, contra tudo, arrebatando-a de mim e para que eu a esquecesse, a Milena; desde então me obrigava a ajoelhar-me com ela (com a avó) todas as noites antes de dormir, e a rezar as rezas do seu infundável rosário de contas e eu era obrigada a ouvir suas lamúrias e queixas e súplicas e graças e hosiannas e salve-rainhas e atos de contrição e creio em Deus-pai e dezenas de Ave-Marias e agora e na hora da nossa morte, amém, e depois me repreendia, eram longos sermões e ameaças, eu não teria salvação, era uma perdida, perdida como minha mãe, uma perdida, está ouvindo, todas as outras crianças da vila se afastariam e não brincariam comigo jamais, eu, indigna, tudo isso entrando por um ouvido e saindo pelo outro, enquanto só olhava em volta, aflita, sem atinar em qual lugar da casa ela a havia escondido; mas sem que ela soubesse eu a havia reencontrado (a Milena) no fundo do velho armário do quarto transformado em socavão de guardados que antes pertencera a minha mãe, em meio aos trastes mofados e quase decompostos pelo tempo foi onde a avó a escondera, de maneira que, após percorrermos todas as rezas de seu rosário e fingir que dormia, eu a retirava de lá e escapávamos, as duas, para nosso refúgio, o nosso castelo de areia, onde ficávamos a salvo dos olhos vorazes da velha avó que viviam a buscar-me pelos quatro cantos da casa, também naquele socavão dos seus guardados, no quintal, ou por onde quer que fosse que eu estivesse, e vigiavam-me, a cada instante, mesmo quando eu estava entretida com os outros meninos e meninas, como ela mesma me incentivava, a correr e brincar

com elas, os meninos e as meninas da vila, como ela queria, a velha — enquanto Milena jazia esquecida entre trastes mofados e imprestáveis no fundo daquele socavão, ela julgando que eu de fato a houvesse esquecido, lá onde ela achava que o medo do pecado ou minha falta de argúcia não a reencontrariam nunca mais —, embora ela não soubesse que enquanto brincava tinha o pensamento voltado unicamente para Milena, somente Milena, muito mais que antes, e cada passo que dava, cada sorriso, cada brincadeira consentida, tudo era, em pensamento, intensamente compartilhado com Milena (como esquecê-la?). Porque era impossível que alguém me separasse da minha querida Milena, mesmo sendo a avó, portanto era bom que ela continuasse pensando que assim escondida onde a escondera, estaríamos, ambas, protegidas e a salvo do meu amor; por causa desse amor Milena fora violentamente arrancada dos meus braços, eu me desfazendo em súplicas e lágrimas enquanto ela, a avó, apenas lembrava-me de todos os castigos e dos ferros e das brasas dos infernos a consumir por toda eternidade o meu pobre corpo de menina frágil tomado pela febre e por todos os tormentos consequentes daquela separação: meu sono por noites seguidas foi inquieto, cheio de terrores e temores, o pensamento continuamente avassalado por imagens de todos os castigos que por dias e noites povoavam meus sonhos, e não satisfeita vinha ela, a avó, arrancar-me dos meus delírios (estaria eu possuída?), para que não pecasse mais, e me obrigava a ficar de joelhos com ela para exorcizar-me e arrepender-me do meu amor por Milena, ou do que quer que fosse de impuro e maldoso conforme ela entendia, que me levara mais de uma vez a escondê-la sob os lençóis de minha cama, quando tudo o que desejava era o consolo de somente sentir seu corpo colado na almofada macia do meu corpo, senti-la a compartilhar da minha carne e do pulsar do meu sangue para só assim preencher-se e animar-se o seu pobre corpi-

nho mirrado com o calor do meu, ou para deliciar-me, enrubes-cida, sentindo que minha umidade a deixava também úmida e que meu rubor a aquecia, então éramos levadas por lembranças de mangabas e cajúes suculentos, e de pinhas colhidas ao sol e do gosto agridoce das mangas e pitangas do quintal que sangravam abundantes ao baterem contra o solo, rachando-se em feridas como minha boca ferida rachada pela febre, aquelas pitangas rubras como o rubor das minhas faces, não, não, manchadas de negro, não, como as negras manchas de minha alma, assim dizia-me a avó, sua voz áspera repetindo repetindo repetindo você é parecida nessas coisas com sua mãe o mal se corta pela raiz não vai crescer dentro da minha casa como uma perdida igual a ela, coitadinha, cuidado ela pode ouvir é só uma criança abandonada pela mãe — outra voz dizia, em minha defesa —, ela que ouça a mãe se foi pelo mundo como uma qualquer, sem saber jamais distinguir entre o bem e o mal — fosse lá o que queriam dizer com tudo isso, como mais tarde fui aos poucos entendendo e encaixando nos seus devidos ou indevidos lugares, mas pouco importando nada disso agora.

Tudo porque gostava de deitar-me nua com Milena, porque nuas nos divertíamos, como nos divertíamos naquela noite antes de assistirmos o homem ser espancado quando nos aconchegamos escondidinhas no nosso castelo de areia, e depois da visão do homem morto voltamos furtivas para meu quarto e nos atiramos juntas na cama, e na manhã seguinte não mais a encontrei ao meu lado, tampouco a encontrei no fundo do socavão onde ela (a avó) a escondia de mim, como nunca mais a encontrei em parte alguma da casa, inútil toda a procura, jamais voltei a vê-la depois daquela noite e muito menos voltei a tê-la nos meus braços, e na manhã seguinte, e por dias e dias depois daquela noite, nossa casa, a vila, todas as casas da vila, todas elas, transpiravam um ar estranho e estranhos movimentos dos seus

moradores eram pressentidos: não nos deixavam (as crianças) sair para brincar e os homens e as mulheres da vila pareciam evitar-se uns aos outros, embora quando conversavam o faziam entre sussurros, e a estranheza entre eles faziam-nos — assim me parecia — moverem-se como bonecos e bonecas amedrontados dentro das suas próprias casas, e desse mesmo jeito se comportavam nas ruas quase vazias da vila, e nada diziam nem comentavam diante de nós, ou melhor, diante de nós (as crianças) silenciavam e não nos davam nenhuma resposta nem explicavam o porquê de não podermos ir brincar fora de casa, nem chegar até a praia, muito menos colher os frutos selvagens dos quintais, cajus, pinhas, araçás e mangabas, e por dias e dias continuaram do mesmo jeito, insensíveis aos nossos apelos, como se conjurados pela premência do medo, refratários ao sentimento de indignação que nos avassalava e determinados ao silêncio diante de algo tão terrível que perturbava e ameaçava o recatado equilíbrio do cotidiano de suas vidas. De maneira que, diante desse algo terrível, tudo que achavam que precisavam e deviam fazer era dominar e controlar nossa agitação e curiosidade infantis, quando tudo o que conseguiram não foi outra coisa senão deixar-nos mais intrigadas, inquietas e curiosas, a suspeita percorrendo cada olhar, a invenção habitando cada pensamento, menos para mim, que do meu esconderijo no castelo de areia (não estará a própria vida sempre à espreita, vigilante, por sobre os muros de um castelo de areia?) tinha visto o homem negro ser assassinado — essa a palavra maldita que todos pronunciavam entre sussurros, primeiro os adultos, os homens, as mulheres, chegando depois até às crianças aquela palavra quase impronunciável —, de modo que continuei fingindo que de nada sabia, de nada entendia, aquele segredo foi jamais revelado (nem por Milena), embora continuasse sem compreender, como ainda hoje é difícil compreender, tantas recriminações e ameaças e a evocação da

avó de pecados e culpas por causa do meu amor por Milena, o íntimo elo entre uma menina e sua boneca, e mais o quanto terem eles se calado, a ponto de nenhuma voz ter jamais se levantado para exorcizar a violência que ceifara a vida de um deles, como também por nenhum deles ter se erguido contra o pecado e a culpa de se deixarem intimidar e nada terem feito diante do assassinato de um homem, o homem negro que vi ser assassinado naquela praia (como tantos outros homens negros e brancos e mulatos que todos os dias são assassinados e cujos corpos jazem sobre areias, ou encobertos pela lama dos barrancos, ou tombados sobre a neve, ou em qualquer outro lugar desse mundo que a avó dizia ser de Deus), ou melhor, vimos, eu e Milena. E é por ela, a quem jamais esqueci, por ela a quem revejo perpetuada em cada novo encontro meu, ela, ressuscitada em carne e osso e desejo, em mim incorporada e exaltada de prazer em cada ritual para expiação dos meus pecados e das minhas culpas, as cometidas e as por cometer; por ela que está presente na convocação de cada novo pecado e de cada nova culpa; por ela que sinto como um ente próximo que vem comungar comigo o ímpeto fugidio de cada reparação, no sabor indizível de cada carícia insana e em cada doação do meu corpo; por ela que me refaço em cada homem negro branco ou mulato por quem me apaixono como uma perdida e a eles me entrego, sedenta pelo jorro de vida que brota de seus corpos cansados suados, jorro que sorvo avidamente com o meu próprio corpo (igual vi naquela noite o sangue esguichado espojar-se e ser sorvido pela areia morna e generosa da praia), sedenta como sempre vivi tomada pelas lembranças daquelas noites da infância já tão distante.

Ultimo Domingo ao Mar

Mar
quando ouvir o que digo e achar que rezo,
venha como uma onda que perdoa
e arranca de mim o deus
que eu pensava ser de areia.
Mar
quando responder ao meu adeus,
volta com os braços sujos de sal,
Sussurra aqueles ditos de espera
e me faça viver a calma de um abraço-deserto
Num breve instante entre nós.

I

Sentia-se como um cartão postal dobrado, existindo no pesar de quem amassa os lugares e os corpos por onde já pisou. Pedaco de um papel fotográfico qualquer. Pele sem muito sol. Qualquer coisa guardada no fundo de uma outra: um bilhete, um pequeno poema, um desenho distraído antes da morte. Qualquer sentimento dormente a esperada morna eternidade. Uma foto era a sensação dele de ser. Talvez ainda existisse alegre num porta-retrato de estante. Desses que recebem e se despedem da visita com o mesmo sorriso. Algo assim: entre pequeninos recortes e que agente guarda para não ES esquecer e a tristeza de um postal que só lembra paisagem. Assim era.

Ele tinha a dobradura desses cartões. A sola lisa calçava delírios que nunca ultrapassavam a proteção dos calçados. Jamais descalço. Sentira a terra quando criança. Agora prescrevia desses medos de ser tocado. Era só pensar no mar que sua boca já salgava. Era adormecer com pensamento em água e amanhe-

cia úmido. Concha lavada de pérolas. Corpo sem nada dentro. Um homem que não gostava de palavras de despecho. Nunca tinha escrito ditos como nunca, adeus, volta. Não provara dessas palavras que bendiziam distância e nem das que traziam proximidade, Não teimava em principiar levantes pro já premeditar o tamanho dos fins. Gostava do que era pequeno. De se sentir pequeno. Guardava tudo como se uma coleção o livrasse de se perder em blocos do ser sozinho. Gostava do que podia ter nas mãos. Do que podia acumular nelas pelo simples fato da coletânea. As pequenas coisas são as únicas que sorvem o calor da gente. Anseio por jardim da infância. De imenso: só o mar que guardava no bolso. As fagulhas de areia que impediam que ele sentisse nas partes vivas do coração, aquele céu virado de água e superfície.

II

Naquele dia, as ruas estendiam a imensidão de um mar cinzento que se expande em vias do concreto e asfalto de puro piche. A tarde ainda mal acenava. Pessoas de todos os rumos correndo para estarem nas horas certas. Os carros enfileirando demasiada pressa, mas quase nunca se atrevendo ao atrito. Túneis e curvas. Uma pausa para dormir. Uma praia para o amor que urge. Roupas ao chão e o corpo aportando descanso num sossego moleque, que escapa para uma pelada antes de seguir para o findar do dia. O sol morria no horizonte e o Rio continuava um rio intenso, imenso de águas que se juntam num carnaval rotineiro que antes de fazer enredo, brinda a saideira da vez.

Ele olhava tudo da fresta da janela. As paisagens das centenas de cartões que tinha remoíam na sua cabeça. Conhecia to-

dos os lugares pelos cartões. Das bordas litorâneas às florestas fechadas do rosto. Das estátuas prosaicas ao deserto de nós. Tudo próximo aos seus dedos, escancarado a um palavrear intelecto que tinha acumulado segundo os estudos que cravava nas noites para compensar as luminárias que lhe faziam companhia. Às vezes sentia tudo era natureza morta. Mas logo um calor vindo das esquinas, dos encontros daqueles que em trânsito desperdiçam mais um dia de mar o encharcava. Coisas que aclamavam como aquele janeiro em demora, mas que já fazia sentir o carnaval soprar. Alegria pequena, dessas que agente vasculha e quando encontra, percebe que a vida pulsa mesmo sem fantasia. Os braços abertos eram promessas dos postais. Ele ardia em cada abraço não dado, em cada onda que acenava de longe, o medo de quebrar nas pedras, a fronteira entre molhar-se e continuar em vão.

Sete horas. Ele mal percebeu que a noite havia invadido seus deslizes. Guardou todos os pertences como se depositasse saudades numa garrafa. Dessas que às vezes o mar leva sem dúvidas por regresso. Todas as suas coisas estavam meramente arrumadas em suas respectivas ordens, gavetas, armários, cabides, envelopes, caixas suspensas, embrulhos, catálogos. Nunca estiveram assim.

III

Caminhou até o espelho e vestiu sua nudez em pausas substanciais. Foi se cobrindo lentamente como quem sabe para o que se arruma. Lá fora provavelmente o calor latente faria lhe explodir os poros sempre tencionados e fechados. Estava feliz ou era o espelho que desvendava um sorriso? Ouvia um resto de música, começo de noite, tiros suando e escorrendo pelo morro que descia perto. Um rio sempre existiu dentro do meu bolso. Dormia junto dele nas suas madrugadas sozinhas e acordava as-

sustado, numa ressaca que fazia tomar café com a calma de quem só espera.

Secou-se e logo já estava impecável no terno que cheirava guardado e tinha riscas de giz. Colocou os sapatos cuidadosamente nos pés, depois de batê-los contra o chão e expulsar os restos de areia que sempre migravam para lá. O gato se atreveu a lustrar os calçados e ele de uma forma estranha aprontou o colo para acariciá-lo de jeito ensaiado, mas jamais exposto num palco nu. Invejava os pêlos sujos do animal. As patas de ontem. O imundo da barba. O corpo sorrateiro dormindo sempre. A noite revirada nos telhados e desmaiada no cume dos tapetes. Era o gato que lhe falava da vida. Que lhe miava dos pulos que ele só conhecia pelos livros. A liberdade do bichano doía nele. O sexo cansado do felino era uma afronta para seu desejo cativo. Sentiu o focinho da sua pequena companhia conquistada a custa de muita ração e lhe sussurrou qualquer coisa impossível de se ouvir.

IV

Sabia pouco do Rio postal e escolhera aquele dia para esse encontro. Vivia no rio do quarto. Num represar de águas paradas que nunca se arriscam. Água que fede a profundidade imóvel do seu represar. Líquido que vai criando barro, lodo, esperas. A ameaça das vidraças, quando fatalmente se ofereciam, faziam com que ele às vezes recolhesse numa paria de poucos, que visitava nas que quisesse ir. Por isso não lhe falavam, não lhe paravam, não lhe bebiam. Da vida, colecionava miudezas. Tinha tudo:

De selos a conchas sem cor. De maços de cigarros a tampinha de cerveja. Era engraçado, embora não soubesse disso. Vi-

veu ali como um homem a existir no paraíso sem se dar por isso. A noite ligava para números que não conhecia. Na sua coleção tinha inúmeros comprimidos que sorteava ao léu dos minutos, como afronta para um verso medido ou uma coragem furtiva a desviar suas insônias.

Até ligavam, mas ele dispensava conversas. Foi vivendo para dentro, como certas flores do campo que quando tocadas se fecham num gozo só delas. Teve sim as mulheres que quis, deitadas na posição que fosse e também os homens que lhe fazem gozar como deus. Mas do desejo que guardara apenas os momentos de ânsia para lembranças ao acaso. Depois da epiderme do corpo, ninguém atíça a alma, Ela sempre fica, regando um coração aflito que pede para sentir. Até descobriu os cigarros, e tinha dessa companhia nas horas da aflição nossa de cada dia, nos anos que foram se acumulando, na barba que engrossou na moldura da face, nos aniversários que mentia para esquecer. Era um homem comum: belo se saísse. Amante se ficasse. Mas não forjava itinerários. Foi perdendo o viço da descoberta. Foi mantendo a cidade junto com a multidão que lhe furtou o sabor de festa. Era apenas ele: um homem que lia diários antigos e já não escrevia nada, nem poemas. Jogava bilhetes minúsculos nos dias de chuva, mas ninguém lia. Ninguém se molha num dia desse, nem em qualquer outro.

V

Depois de passar o olho para cada pedaço daqueles arranha-céu, trancou a porta e saiu para o encontro. Tinha óculos escuro. Medo de se afogar nos olhos de um qualquer. Foi andando pelo calçadão que abrigava uma pequena multidão. A primeira vez que viu o Rio no poro úmido de suas praias, teve certeza que

viveria ali. Rodeado de poemas em cada esquina. Os sinais, a brisa, os corpos de areia. Tinha vindo de Minas justamente por isso. Pelo e para o mar. Minas sempre cercadas por montanhas, aprisionava todas as vontades em colinas que não se desprendiam nunca. E como se não bastasse, ouvia vozes ou maresias que lhe sopravam convites ao ouvido. Impossível se reter dentro de si. Tinha uma ânsia tão grande pelo oceano que ultrapassou as extensas colinas e um dia foi, com malas e coleções a completar. Conhecia só os rios do sertão veredas, e jamais imaginou que todos eles juntos formavam aquele imensidão absurda de água farta.

De Minas trouxe sua coleção de pedras que ganhava preciosidade no intento dele. Duas garrafas grande de bolinhas de gude que reluziam o fico da infância e outros laços. E tantas outras coleções pequenas, de folhas, de figurinhas coladas no álbum das gomas de mascar, de retratos do chocolate, caixas vazias, lápis de cor, linhas, folhas coladas no caderno de desenho, insetos preso no isopor da escola. Uma coleção de grãos. Tanta coisa pequena que cresceu o homem, mas ficou o menino.

Depois de ceder ao desejo de sentir o mar por perto começou a ouvir aquilo que era só um sopro de voz como um pedido aceso. Um grito sufocado saindo de um lugar que ele não premeditava. A ânsia maior em colecionar pequenitades não cedeu àquele ensejo de outrora. O mar lhe causou medo. Quase nem pegava conchas. Viveu ali perto, mas nunca conseguiu provar do sal que ameaçava seu sono. E quando os compromissos do homem apertavam o menino que dormia nele, passava horas rememorando cadernos antigos, tentando acender a coleção a coleção de caixas de fósforo em forma de dominó. Foi criando barba grossa e como se surpreendeu com um mundo crescido, não expunha vontades. Vivía como tinha de ser. Dizia precisava

assinar. Beija o que se mostrava urgente. Um homem como tantos, aterrorizado pelo mar que não descansa e sobre tudo sozinho nos momentos de “preciso-estar”. O mar.

Se soubesse que ao redor dele, s pessoas já estava tão crescidas, talvez na tivesse vindo.

Vencendo as lembranças que vinha disposta como num álbum certificou-se de ter deixado tudo certo. Já havia acertado as contas do aluguel e condomínio. Pediu o corte de luz que provavelmente aconteceria na segunda. O bichano tinha ficado incomodado com a caixa de madeira que tinha comprado e na qual o havia trancado. Ma seria por pouco tempo. A velhinha do andar de baixo sempre o chamava nas noites de mormaço, só para lhe tratar e sentir um pouco dos miados. O preço da solidão.

Ficaria feliz inclusive com o bilhete pregado na caixa: “Não solto pêlos no colo, mas deixo um calor de filho.” Irrecusável. Ficaria bem.

VI

Naquela noite o mar bravo prateava sem fôlego naufragos da lua que suspira. Gemia prazeres de amante que por muito tempo não se ouvia.

Ele lembrou ainda que seu desejo mirrou no mesmo instante que se sentiu um deserto úmido, ainda que tão próximo aos mar. Mas viveu ali . Dormindo perto dele, mas conservando distância. Água ou areia: o silêncio é sempre o mesmo as mesma vozes soprando no seu ouvido coisas que ele ainda não entendia, e só agora pareciam clarear nos rastros que não deixavam. Ele ficou dando voltas no calçadão até tudo se esvaziar. Enumerou as luzes que se acendiam nos edifícios e se sentou próximo a areia.

Ficou ali, parado, como somente os homens sozinhos ficam. Pela primeira vez sentia o corpo do mar tão perto. Andara tanto que ficou com as pernas cansadas e com as horas gastas. Falta pouco para meia noite. Na rua, somente aqueles que vagam, aqueles que não esperam tanto. Quase ninguém. Sentiu um aperto no peito. Lembrou-se de Minas. Do Gato. Da infância nos olhos. Sempre fora um homem em superfície. Nuca tivera a coragem humana de se entregar a nada, nem ao mar que lhe era tão íntimo e tão distante.

E foi andando. Pela primeira vez não sentia a areia como estrangeira. Não tirou também a roupa nem os sapatos. Foi andando em linha reta. Uma friagem igual a que sentia no começo dos invernos que passava no interior. Tinha uma excitação de homem-deus. Não compreendia ainda as vozes, mas agora senti que estavam mais perto.

Aos poucos ia esquecendo das cartas que não escreveu, dos telefonemas que discou apenas nas insônias de geladeiras. Do sorriso que nunca fora seu companheiro, do álcool que nunca fez parte do seu carnaval. Lembrou da casa arrumada como se esperasse por alguém. As coleções espalhadas, cores, papéis, cartolinas, vidrilhos, peças de um quebra cabeça sem encaixe. As miudezas dele espalhadas num formato de parque, num esboço de jardim, infância ou sentimentos adulterados. Recordações dos copos sempre vazios, das paisagem que agora dormiam

Na distância da natureza em sono, da fresta da janela por onde imaginava grandezas que já não existia.

Sentiu o mar por entre as pernas. Ninguém ali. Sozinho sempre fora a sua maneira de estar junto. No ouvido: um sopro da última luz. Centelha de quem nina para dormir também. E chorou o amor que não fez, os vinhos que nunca abriu, os presentes que nunca enviou, os anúncios que colocava no jornal e

não recebia respostas, O cinema que deixava antes do filme acabar para que não o surpreendesse emocionado ou estado de paixão.

Minas tinha seu jeito. O Rio era o desejo de ser. E no meio, o mar que ia lhe cobrindo o pescoço. (Solidão não precisa de luminosidade. O escuro basta para sua ardência).

Ainda olhou para atrás, mirando Cristo no alto do morro. tinha ciúmes daqueles braços sempre abertos. Queria que os fechasse sobre ele. Sentimentos que não se juntam e morrem antes de nós. Quis gritar alguma coisa, mas as águas abafaram seus ditos. Não tinha motivos para grandes feitos e nem par continuar sendo.

E continuou andando, num filme rápido e continuo que o fazia lembrar das miudezas do dentro e sumindo junto ao domingo que se inundava. Sentindo o mar pelo corpo todo. E uma voz salgada que longe das montanhas entoava um acalanto antigo.

Lembranças daquelas coleções de criança pequena que a gente nunca completa. A não ser quando dorme.

VII

Todo mundo fala da beleza do mar mas a maioria nunca ultrapassou os limites da areia.

Operação D. Quixote

“Há o amor, é claro. Mas há a vida, sua inimiga.”

Jean Anovith (dramaturgo e cineasta francês).

A armadilha do Miranda estava preparada. Fora somente o tempo de rodopiar a chave e os policiais, à paisana, apareceram fechando o cerco. Os agentes o algemaram em alvoroço, enquanto Miranda, num silêncio constrangedor, mantinha-se acocorado no estreito cômodo, com um olhar cabisbaixo e desolado, acompanhando os chutes fortes e certos que derrubavam os seus cavaletes, as latas de tintas, pincéis, tecidos, a mesinha, uma banqueta e outros apetrechos do seu local de trabalho. Aos gritos, os agentes intimavam o pintor de faixas: - *Vamos, seu merda, me dá um nome!...*

Lá fora, quase uma dezena de carros policiais com suas sirenes ligadas já aguardavam a saída do pintor, ainda bem assustado e temeroso dos futuros acontecimentos. Fosse um Dom Quixote nessa hora, Miranda transformaria seus pincéis em lanças pontiagudas e espadas implacáveis; dos seus lápis inocentes, que se acomodavam no *porta-trecos* sobre a mesinha, Miranda faria zarabatanas com setas envenenadas pelo *curare*, ou atiradeiras de miras precisas..... quem sabe ainda, dali, do seu ateliê de pintura, um cubículo sem reboco, com estreiteza de dois metros por um e meio, onde, mal cabiam as faixas estendidas; quem sabe, dali, do seu cômodo sublockado, Miranda criaria os vestígios de uma grande esplanada, um campo de relva, feito clareira aberta em meio à floresta, para que pudesse como Dom Quixote, El Cid, Amadis de Gaula, Cavaleiro Paimeirim e outros antigos cavaleiros andantes, combater o bom combate e escorraçar de vez os seus opressores; enfrentar seus algozes em campo aberto, mas não sem antes anunciar a façanha ao som

de trombetas e clarins, como uma aventura necessária à vida, de quem se distanciava um pouco em busca de novas dimensões ...

Conhecesse algum dia todos os escritos do trágico *Cavaleiro da Triste Figura*, Miranda, por certo, usaria da mesma descrição que o “*Manco de Lepanto*” dirigira a si mesmo: “*este que aqui vês, de rosto pontiagudo, de cabelo castanho, testa lisa e desembaraçada (...) os bigodes grandes, a boca pequena, os dentes nem miúdos nem grandes, porque não tem senão seis, e estes mal acondicionados e pior postos, porque não têm correspondência uns com os outros...*”

Mas, aprisionado entre as paredes do estreito corredor, em meio a seus objetos de trabalho espalhados pelo chão, Miranda, atirado ao solo por várias vezes, já cansado da pancadaria vinda das mãos fortes e ágeis dos agentes, para que ele, Miranda, abrisse o bico, entregasse a eles, os agentes, alguém de cima, o líder, o mandante, o mandão, o déspota; cagüetasse um nome, se preciso; e agisse sem pena, sem piedade e sem dó... Ali enjaulado, Miranda, quase em comoção, completaria para si mesmo de uma maneira nada exemplar: “*Este que aqui está, digo, este que aqui vês, trôpego, arruinado, exposto hoje ao vexame público, desenganado, um miserável traste em mãos alheias, um cachorro morto que continua a ser chutado, sem que qualquer culpa tenha nesta vida... este, este sou eu, Miranda Martins cujo primeiro emprego foi o de estafeta na Gráfica Moderna de São Paulo. Depois, depois quase uma vida como impressor gráfico. Eu, o Miranda, a quem sempre diziam: Anda, Miranda, anda!*”

Pois, ali, sozinho no barracão da gráfica, Miranda compunha os seus textos sentindo um medo danado da morte. Medo de morrer ali, esquecido e solitário, sob o som alto e continuado da impressora Minerva. E quem se daria conta da minha morte, ali? Quem? Eu, Miranda Martins, impressor gráfico há quase trinta anos, desaparecer como uma frase inacabada? Não. Que deus me poupasse desse destino a cumprir nos blocos de im-

pressão.... Pra fugir do gélido medo da sua última jornada, Miranda, como quem conversasse consigo mesmo, vivia a repetir pra quem passasse na rua, insistia em gritar para quem surgisse na calçada da Moderna: *Ottmar Mergenthaler!... Otto Mergenthaler!...*

Para os agentes, Miranda esclareceu que *Ottmar Mergenthaler*, o *Otto*, era o inventor da linotipo, uma máquina de composição, que fundia em chumbo, as linhas inteiras de tipos em um único bloco, na verdade, insistiu Miranda, a quem a chame de *A oitava maravilha do mundo!*... Miranda explicou ainda que ‘tipo’ se referia às letras do alfabeto, aos sinais e todos os outros caracteres usados para se criar palavras, sentenças, blocos de texto, etcetera e etcetera; Esclareceu também para os agentes que a sua função, antes da linotipo, era organizar as letras para o bloco de impressão nas máquinas tipográficas. Assim que as antigas impressoras perderam lugar para as *offsets* perdera, também, o emprego na Gráfica Moderna... Miranda reiterava para os homens da lei, que hoje era apenas um pintorzinho de faixas de rua.... Jurava pra Deus nosso Senhor que no dia de ontem fizera, sim, aquela faixa inocente. Uma faixa com uma mensagem de amor. Fizera o serviço com todo o carinho a pedido de um motoqueiro que nem mesmo o capacete havia tirado da cabeça. A moto, verde oliva, ficara ali mesmo, junto ao meio-fio da rua.

Mas os agentes retrucaram que *Tudo bem, Miranda*, entretanto, a mensagem era um “*SALVE*” para uma contra-ofensiva comandada pelos presos, diante da proibição de visitas íntimas. Ou ainda, uma represália à linha dura do governo, que impedia a saída de presos no *Dia das Mães*. Portanto, ele, Miranda, a pessoa jurídica, fora entregue aos policiais como o local onde se produziu a faixa solicitada pelo motoqueiro. Agora, ele, Miranda, a pessoa física, dava pinta de não querer facilitar as coisas. Custasse o que custasse, mas tinha que ter um nome. Assim, disseram

os Agentes. Algo não se encaixava, diziam. Faltava alguma coisa nesse texto. A frase completa estava sem sentido. Carecia de coerência. Toda oração merecia sujeito e predicado. Uma letra, quem sabe, *Seo Miranda de merda!*... Uma crase, um acento grave, que seja; uma linha a mais que realce os contornos dessa historiazinha mal contada, *Seo Miranda*. Por isso, mano, abre o bico!... Cagüete, alguém, vamos!... Vomite um texto completo, com início, meio e fim, *Seo bosta!*... Aponte o caminho dessa narrativa. Diz aí, *Seo Miranda*, quem é o protagonista, o herói; onde está o sujeito, *Seo Miranda*? Não faça a gente perder a compostura. Vamos, Seo merda, me dá um nome, um nome!... Anda, *Seo Miranda*, anda!... O sujeito simples, que seja, *Seo Miranda*; o verso livre, incisivo, direto, a nota de rodapé que tudo esclarece, Seo Miranda. O parágrafo que falta pra dar sentido à conclusão... Vamos, *Seo Miranda*, não temos aqui a vida inteira!...

Miranda, já quebrado e alquebrado, com hematomas visíveis no corpo, suado e torturado física e psicologicamente, via apenas surgir-lhe na mente as páginas de uma antiga brochura que imprimira na Moderna: Dom Quixote! Sim, Dom Quixote de La Mancha, o romance de Miguel de Cervantes. Claro que se lembrava. Seo Bielo, o Editor, pedira urgência na impressão. Miranda recordou-se de uma *prova de página* que lera para revisão. Lembrava-se até mesmo da fonte utilizada: maiúsculas e minúsculas em *Garamond, corpo 12, romano*. Bons tempos na gráfica moderna, onde se imprimia até livros, pensou Miranda. E sem que se desse conta saiu lhe da boca num sussurro alto: Dom Quixote!... Voltou a repetir aos brados e sem compostura: Dom Quixote de la mancha! ... Enquanto Miranda vomitava o nome do eterno cavaleiro andante, os agentes policiais, atônitos e boquiabertos, reuniam-se numa espécie de Assembléia de avaliação, algo como uma banca examinadora que fixasse pontuação para a adequação ao tema, encadeamento das idéias, co-

esão, ortografia e dificuldades gramaticais. E, rapidamente, os agentes chegaram a um veredicto: foram unânimes em afirmar que avançaram! Miranda não era um reles pintorzinho de faixas, nem um inocentezinho pra inglês ver... Não!... Hoje ele estava ali, contribuindo, entregando o ouro sobre a mais recente e perigosa facção surgida no interior do sistema prisional. Sim, os agentes, agora, estavam prontos para uma nova investida. Agora, tinham um nome. Agora, era escancarar as portas para a imprensa. Reverenciar a descoberta. Afinal, não basta só botar o ovo. É preciso cacarejar: ***Dom Quixote! ... Operação Dom Quixote!***...

Não havia dúvidas de que a facção ou já existia ou estava sendo plantada nos corredores do presídio. ***Dom Quixote!***... Algo como uma luta da ralé contra os gigantes controladores do cárcere; algo como uma proposta de implosão do sistema prisional; ou ainda um combate sem trégua aos promotores e agentes da lei!... Sim, concluíram os Agentes: naquele 11 de setembro surgia um novo modelo de célula, inclusive com uso de amigos, parentes, *pilotos* e celulares: ***Operação Dom Quixote!***... Pois, agora, Seo Miranda, mais um pouco e o senhor já pode seguir livre....Só não se sabe até quando, não é mesmo, Seo Miranda? Quem sabe até quando? Pois vamos ficar no seu pé, Seo Miranda. Queremos saber quem mais faz parte dessa organização. Que se cuide, pois, Seo Miranda, se quiser viver mais 29 anos e seis meses e 15 dias, ou quem sabe até se aposentar, coisa que não lhe aconteceu na Gráfica Moderna, onde o senhor começou como um Estafeta.... “*Pesquisamos tudo, Seo Miranda*” disseram os agentes.... na verdade, uma espécie de menino de recados, um *office-boy*, já que *Estafeta*, diziam que era o nome que se dava pros meninos lá em Portugal.. Isso, Estafeta era em Portugal, aqui era mesmo *office-boy*, *nós somos mais americanos – disseram os Agentes*. Miranda sentia-se, mesmo, reduzido a um mero pintorzinho de faixas. Um homenzinho desastrado, que ainda no

camburão policial, contemplava pela porta semi-aberta, os sinais da destruição em seu cubículo de trabalho. Doía-lhe ver tanta coisa espalhada pelo chão ou atirada a esmo pelos chutes dos agentes... Estava lá, também, o peso que colocava sobre as anotações, um pedaço de madeira rígido, e nele, na chapa de metal, o desenho invertido de uma Águia, que Miranda guardara desde os tempos da Moderna. Bastava um cliente olhar pro objeto, e Miranda discorria contente: *“Ah, é um clichê. Uma chapa para impressão em relevo, usada nas antigas tipografias. Olha só, aqui a tinta não entra. Aqui entra. Quando a chapa pressiona o papel, pronto! A águia surge soberana a cortar o céu”*. As Veraneios dos agentes já manobravam na rua estreita. Lá dentro, no interior do veículo, Miranda revia o filme daquela manhã de Setembro. Chegara ao terminal de ônibus e ali, como todos, dera-se conta do tamanho do estrago. Sentira que a cidade estava mesmo de joelhos: incêndios em garagens públicas, carros metralhados, coquetéis molotov nas delegacias, bombas caseiras estourando vidros, ataques relâmpagos nas bases móveis da Polícia, caixas eletrônicos carbonizados, ônibus incendiados, gritos, correrias, tiros e bombas na madrugada inteira....

Miranda lastimou as cenas e ouviu do noticiário que as escutas telefônicas, grampeadas pela polícia, apontavam para um *“SALVE GERAL”* e a senha teria sido uma faixa de rua como tantas que se vê nas esquinas da grande cidade. De acordo com a escuta monitorada, a frase escrita na faixa, teria sido o *“sinal verde”* para a reação dos comandados. A referência na tevê, fez com que Miranda desviasse os olhos para o bar. - *Uma frase de amor!...* - insistia a repórter. *“Uma frase de amor!”* - Miranda repetiu para si mesmo. Pudesse olhar com mais atenção, teria percebido que quando a frase espocou na tevê, o texto da repórter acentuou-lhe uma sonoridade carregada de culpa. Pelo menos era assim que seus batimentos cardíacos se manifestavam. Miranda sentia-se cúmplice do que enxergava e ouvia. O olhar de Miranda ao longo

do caminho parecia denunciá-lo com exclusividade às centenas de trabalhadores que ali caminhavam. Na sua mente vinha-lhe, insistentemente, o texto escrito no papel rascunho que havia esquecido sobre a mesinha, seguro pelo peso do clichê tipográfico. Exceto, Miranda, quem ali, nela, naquela relíquia dos tempos tipográficos, quem ali colocava a mão? Ninguém. Ah. Isso não!... Quem melhor que Miranda saberia desatarrachar os cilindros? Quem, senão Miranda, conseguia ouvir a cadência daquele relógio suíço na hora de uma boa impressão, quem? Já às cinco da tarde, Miranda reservava uma hora inteira até o horário da Ave-Maria na Rádio Nacional, para a limpeza das peças da impressora, enquanto *Bielo*, o operador da Linotipo, não cansava de lhe dizer *“Veja bem, Miranda, quem diria que a Linotipadora foi inventada em 1884 nos Estados Unidos, por um Alemão, hein? E sabe quem é pai do Linotipo? Sabe? Bielo, o operador da máquina e gerente da gráfica, deixava a resposta no ar, mas finalmente, com seu vozeirão rachando pelas paredes do barracão, entregava o nome do criador: OTTMAR MERGENTHALER!... OTTO MERGENTHALER!...*

Enquanto seguia apressadamente para o cômodo sublocado onde pintava as faixas, Miranda relembrava o quanto agora os tempos eram outros. Miranda lembrava-se também que desenhara as letras sobre o fundo branco do tecido. A mensagem, essa havia destacado em vermelho-vivo, cor quente, cor da paixão. As letras ganharam assim um jeitão *bold*, pesadas, com um ligeiro filete em preto, que era pra saltar aos olhos da *Musa*. Pois não fora assim, o pedido? Então o motoboy, o motoqueiro, que nem tirara o capacete, não implorara pelo máximo empenho pra lhe atender um desejo do coração? Miranda lembrou-se ainda do cliente-motoqueiro, parado bem ali à sua frente, sem mesmo se mover, deixando escapar apenas a voz arranhada, gutural, bem de dentro, emitindo sons tal qual as letras precisas de uma composição tipográfica, com todos pingos e os is que o

levaram a suspeito número um do fatídico 11 de setembro. Hoje, ali jogado no camburão, Miranda como quem ocupasse o lugar em sua antiga bancada na Gráfica Moderna, via-se compondo o texto com as suas letras de chumbo. Uma linha. Uma palavra. Uma frase. A oração completa. À sua frente, os agentes riam, comemoravam os passos a seguir para a nova investida na facção Dom Quixote.... Conforme Miranda lhes dissera, faria tudo pra agradar o cliente, o motoqueiro, o motoboy. E então, repetiria em alto e bom som as palavras que ouvira do falso Motoboy, e bem alto para os agentes que riam e riam e debochavam ainda em sinal de comemoração. “ - *Porcelana fina, Seo pintor... Uma Diana, essa mulher!... Pois quero fazer a ela uma surpresa, Seo Pintor. Amanhã bem de manhãzinha, a faixa estendida lá na esquina. Ali, bem ali na avenida por onde ela passa todo dia. Tem cargo de Secretária, Seo Pintor. Quero as letras bem grandes... Assinar não é preciso, não... O Anjo me conhece. Delicadinha que só vendo. Uma princesa, Seo Pintor. Preciosa como um objeto raro que se guarda na cristaleira. Ela, fosse de vidro, Seo Pintor, seria um Murano, translúcido e colorido, com traços feito a mão, coisa de artesão que se consagra soprando belezas com a cana de vidreiro. Fosse uma paisagem, Seo Pintor, habitaria os campos resplandecentes do amanhecer... Cuido que nunca se quebre esse vaso Chinês, Seo Pintor...Nunca!.. Essa mulher, eu carrego aqui no meu coração... Pois escreve aí nessa faixa com as letras grandes, Seo Pintor, bem grandes, assim, assim ó: BI-BELÔ, EU TE AMO!..*

Ainda que os Agentes não lhes desse a mínima, Miranda esclarecia que até rira de si mesmo diante do trabalho que fizera, e confessou que “*para um tipógrafo-minervista até que se saíra muito bem como um pintor de faixas!*”. Miranda explicou que desenhara as letras sobre o tecido branco. A mensagem, essa, destacara em vermelho-vivo, a cor da paixão. As letras ganharam assim um jeitão *bold*, pesadas, com um ligeiro filete em preto,

que era pra saltar aos olhos da amada, da *musa* do motoqueiro. Pois não fora assim, o pedido? O motoqueiro não implorara o máximo empenho pra lhe atender um desejo do coração? Alheios e indiferentes, os Agentes todos, como fosse um pacto, um sinal codificado, uma combinação prévia, uma estratégia armada para dar início à *Operação Dom Quixote*, depois de muitas idas e vindas rodando com seus possantes veículos, chegaram ao local combinado em silêncio gradual e profundo. Calaram-se, simultaneamente, naquele cenário de relvas, como um campo aberto, tal qual uma ampla clareira à espera de novos acontecimentos... Silenciaram-se, todos, todos a um só tempo, remoendo aquela frase reiterativa: - Dom Quixote!... Operação Dom Quixote!... Os Agentes sentiam na própria carne, a dor daquele golpe fulminante: Operação Dom Quixote!... Por isso, o revide àquele nome que colocara a cidade em *pé-de-guerra* naquela manhã fatídica *de setembro*, era, pois, inevitável. O avesso do avesso do avesso, disseram!.. De olhos vendados diante dos Agentes, e desatento às urdiduras todas daquela manhã, Miranda amaldiçoava o dia, sentindo um suor frio percorrer-lhe a espinha, enquanto tentava compreender aquele momento cruel, regado a respirações abafadas, ofegantes, ali, bem próximo de si. Instantes depois, os risos. De um lado, os gestos e vozes dissimuladas dos Agentes, em chacotas, a chamá-lo aos gritos, de forma alternada e incessante: *anda, Miranda, anda!..* e de outro, uma seqüência ruidosa de sons metálicos, os gatilhos em preparativos *pipocando* ao seu redor, como um som em perspectiva, quase *surround* à sua frente, continuamente...

DEZ E CINQUENTA E SETE

Ela andava apressada. Em uma mão levava um copo de café quente e na outra uma pilha papéis e pastas. Finalmente chegou ao escritório em que trabalhava, cumprimentando brevemente os funcionários que já haviam chegado. Em uma manobra arriscada, equilibrou o café sobre a pilha de papéis e tirou do bolso de seu blazer a chave da porta, que anunciava, em uma placa mais chamativa do que gostaria, “gerente administrativo”. O café balançou perigosamente durante o processo de vultear a chave. Decidiu ser mais prudente. Segurando o café novamente, abaixou a maçaneta de maneira desajeitada, com o auxílio de seu cotovelo, e empurrou a porta com o quadril. Largou o copo cuidadosamente sobre a mesa e em seguida fez o mesmo com os papéis. Fechou a porta. Sentou-se. Fechou os olhos e respirou fundo. Buscou o café com a mão, errando o cálculo da distância e atingindo o copo com o braço. Exclamou algumas maldições, enquanto erguia o objeto caído e desviava do líquido quente que escorria sobre a mesa em sua direção. O desastre poderia ter sido maior se o líquido houvesse sido vertido na direção dos importantes papéis dispostos sobre a superfície de madeira. Procurou em seu armário algumas toalhas de papel e deixou que absorvessem o líquido indesejado na madeira e no piso. Voltou a sentar-se e massageou suas têmporas com carinho. O dia havia começado mal.

Respirou fundo mais uma vez e decidiu pôr-se a trabalhar. Estendeu o braço até a primeira gaveta da escrivaninha e dali retirou a agenda na qual anotava seus compromissos mais importantes. Folheou até a página desejada, onde várias coisas estavam escritas. Porém seus olhos foram imediatamente atra-

ídos para a linha anterior àquela que indicava “23:00”. Em caligrafia cursiva impecavelmente desenhada com tinta vermelha chamativa, leu:

22:57 Encontro com a morte

Riu, nervosa, quase como reflexo. Depois, parou. Encarou a página a sua frente por alguns momentos, estática. Sentiu uma sensação de vazio interno, quase como se algo dentro de si estivesse sendo sugado por uma intensa força que experienciava pela primeira vez. Seu cérebro simplesmente havia deixado de processar informações. Continuou encarando a página. Depois, maquinalmente, abaixou a agenda até a mesa e levantou-se. Não sentia como se fosse ela própria comandando seu corpo. Sua mente acompanhava toda a cena, mas na posição de espectadora. O corpo se movia instintivamente. Abriu a porta e chamou o guarda do turno da manhã de maneira mais agressiva do que gostaria. Não havia percebido que estava com tanta raiva. Mas agora sentia claramente o seu corpo vibrando, transbordando com tal vil sentimento.

O homem aproximou-se com olhar preocupado. Ela perguntou se o guarda da noite havia reportado algum tipo de invasão à sua sala. Ele negou. Ela explicou a situação e pediu que ele buscasse imagens da noite anterior nas câmeras de segurança e lhe informasse se qualquer coisa estranha aparecesse nas filmagens. Ele saiu, então, dirigindo-se diligentemente ao setor de segurança do prédio para cumprir a tarefa que lhe havia sido designada. Ela chamou a atenção dos funcionários, que de suas mesas ergueram os olhos para a mulher irritada. Ela jurou que se alguém ali fosse o responsável pela brincadeira sem graça, as consequências seriam terríveis. Eles trocaram olhares confusos enquanto ela batia a porta de sua sala com violência.

Pelo lado de dentro, a mulher apertava a maçaneta com força. Percebeu que sua mão tremia e, no mesmo instante, percebeu que com a raiva competia o medo. A escrita escarlate em sua agenda não estava lá no dia anterior, quando conferiu os compromissos do dia seguinte e guardou o objeto na gaveta, logo em seguida recolhendo seus pertences e deixando para trás a sala trancada. Seria aquilo uma brincadeira de mau gosto? Uma ameaça de algum cliente ou funcionário insatisfeito? Sofreu um sobressalto quando o toque estridente do telefone ecoou pelo cômodo. Do outro lado da linha, o guarda lhe informava que absolutamente nada de anormal havia sido capturado pelas câmeras durante a noite. Ninguém havia entrado na sua sala. Seria então esse cliente ou funcionário invisível ou capaz de atravessar paredes?

Apoiou os cotovelos na mesa e deixou as mãos cobrirem seu rosto. Ficou assim por alguns minutos. Disse para si mesma que aquilo só poderia ser uma brincadeira. Não poderia ser levado a sério. Era preciso trabalhar! Precisava ocupar sua mente e assim parar de pensar bobagens sobre coisas que não existiam. Puxou alguns contratos pendentes em sua direção e começou a analisá-los. Não demorou para que o episódio da agenda fosse varrido de sua mente e seu lugar fosse ocupado por complexas cláusulas e termos. E as horas no relógio seguiram avançando.

No horário do almoço, a mulher já estava tranquila. Almoçou com alguns outros funcionários e contou a história em tom divertido. Estava esclarecida a cena que fizera na manhã. Seus colegas encararam o fato com graça e também com preocupação. Era preciso descobrir como o responsável havia executado tal pegadinha, afinal era uma sala trancada e vigiada. Aconselharam-na a tomar especial cuidado ao sair do trabalho. Ela respondeu, com segurança, que não era necessário. Afinal, se alguém realmente quisesse lhe fazer algo não anunciaria a hora

exata para que ela se prevenisse! Os outros deram de ombros. Fazia sentido, afinal. O intervalo chegava ao fim e aos poucos cada um voltou ao seu posto e às suas tarefas. Inclusive ela.

Porém, conforme as horas da tarde foram passando, o som do relógio tiquetaqueando pareceu ficar mais alto e o movimento dos ponteiros, mais rápido. Sua concentração acabou e cada linha dos contratos que lia se perdia em algum canto nebuloso do seu cérebro. Começou a se sentir ansiosa e apreensiva. Eram cinco horas. Disse pra si mesma que estava tudo bem e que aquilo era apenas cansaço. Pegou o telefone e ligou para seu noivo, perguntando se ele poderia buscá-la às seis e meia, horário em que saía do escritório. Alegou que estava com saudade e queria passar uma noite agradável com ele. Tentou convencer-se disso no processo. Ao mesmo tempo, negou a si mesma que sentiu alívio quando ele lhe disse para esperar em frente ao prédio no final do expediente.

Passou o resto do tempo fazendo atividades que requeriam menos atenção do que a análise de documentos. Continuava dispersa, e sua apreensão aumentava cada vez mais. Quando o relógio marcou seis horas, decidiu abandonar de uma vez qualquer atividade. Tamborilou os dedos na mesa, checkou o celular, folheou uma revista que alguém havia deixado em sua sala. O tempo parecia não passar. Levantou-se, decidindo sair mais cedo. Guardou os pertences mais importantes na bolsa e preparou-se para sair. Antes de abrir a porta, porém, parou. Voltou-se e encarou a mesa por alguns segundos. Não saberia dizer, caso alguém lhe perguntasse, qual razão a levou a retroceder, abrir a gaveta, retirar dali a agenda que lhe causara tantos problemas e guardá-la em sua bolsa com cuidado. Ao sair, finalmente, da sala, apertou a bolsa contra o corpo em um gesto protetor. Algo lhe dizia que por alguns dias não sairia de perto do objeto. Trancou a porta, conferiu duas vezes se estava realmente trancada e saiu.

Em seu caminho para a saída do prédio, conversou com alguns amigos, com o guarda e com o porteiro. Relutou em abandonar completamente a companhia das pessoas. Quando finalmente chegou à rua, já passava um pouco das seis e meia. Esperou um pouco, observando o movimento. Impaciente, começou a andar de um lado para outro. Procurou em sua bolsa uma caixinha de chicletes que sempre carregava consigo e colocou um deles na boca. Mastigou algumas vezes e sentiu-se irritada, enojada. Foi até a lixeira mais próxima e cuspiu-o com violência. Checou o relógio: seis e quarenta. Parou novamente, cruzando os braços e batendo um dos pés no chão em um ritmo cadente, no qual passou a prestar muito mais atenção do que o necessário. Isso lhe distraiu, causando uma espécie de transe, como alguém que começa a prestar atenção no barulho do relógio. Percebeu que mais uma vez contava o tempo involuntariamente. Toc. Toc. Toc. A cada batida um segundo se passava e mais próxima ficava do compromisso marcado em vermelho vivo nas páginas de sua agenda.

Começou a sentir mais uma vez a sensação de vazio lhe preencher, mas foi abruptamente desperta de seu devaneio perigoso pelo som alto de uma buzina. À sua frente, um carro preto estacionado revelava pela janela aberta um rapaz que gesticulava freneticamente. Era seu noivo, tentando lhe chamar a atenção com uma expressão confusa. Embarcou no carro e justificou sua ausência momentânea com cansaço. Pensou em contar-lhe sobre a agenda, mas algo lhe impediu. Talvez não quisesse mais pensar sobre o assunto. Foram até a casa dela, onde tomou um banho relaxante, que pela primeira vez no dia lhe proporcionou a sensação de tranquilidade. Decidiram então que passariam a noite na casa dele. Colocou em uma bolsa maior tudo o que precisaria e a agenda. Abriu a porta do apartamento e deixou seu noivo sair primeiro. Quando estava prestes a fechá-la, ergueu os olhos.

O antigo relógio de parede pelo qual era verdadeiramente apaixonada marcava oito horas. Sentiu seu coração bater com força. Pela primeira vez na vida, o objeto que lhe era tão caro causou-lhe medo.

Fechou a porta com uma batida seca e caminhou rapidamente até o carro, onde seu noivo já lhe esperava com o motor ligado. Dirigiram-se até a casa dele. Depois de algum tempo conversando, enquanto assistiam a um programa qualquer na televisão, o rapaz sugeriu que saíssem para comer algo. Um restaurante japonês havia aberto na quadra ao lado, e ele estava curioso para conhecer o lugar. Ia negar, pedir que ficassem em casa, dizer-se indisposta. Porém ela mesma havia dito, no telefonema que fizera mais cedo, que gostaria de voltar a fazer coisas diferentes, pois o trabalho de ambos estava tomando-lhes muito tempo. Foi a melhor justificativa que pôde pensar para a urgência do encontro e não podia contradizer-se agora. Não sabia por que, mas não queria lhe contar o verdadeiro motivo de sua comoção. Aceitou, por fim. Alcançou o controle que estava na mesinha à sua frente para desligar a televisão enquanto ele procurava sua carteira. Apertou o botão vermelho e, antes de a tela ser consumida pelo absoluto negrume, no seu canto direito um relógio digital marcava nove horas e trinta minutos. Jogou o controle no sofá como se ele houvesse lhe queimado a mão.

Andaram com as mãos entrelaçadas até a esquina e dobraram à esquerda. Descendo a quadra, na esquina seguinte, chegaram ao seu destino. O lugar era agradável e, apesar de pequeno, estava lotado. O barulho de pessoas conversando, a música que era emitida pelas caixas de som localizadas nos cantos do estabelecimento e o cheiro delicioso de comida tiveram na mulher um efeito calmante imediato. Relaxou. Sentou-se, fez o pedido e conversou animadamente. Esqueceu-se completamente do dia, que começou da pior maneira possível, da agenda e

do compromisso que ela, em escarlate, lhe avisava que teria em menos de duas horas. Esqueceu-se, principalmente, de marcar o tempo. Quando terminaram a refeição e as bebidas que acompanhavam, levantaram-se. Pagaram a conta e dirigiram-se para a saída do estabelecimento. Pela primeira vez no dia, ela não olhou para o relógio que estava acima da cabeça da moça simpática do caixa. Sua distração impediu-a de ver que ele marcava dez horas e cinquenta minutos.

O casal subiu a rua lentamente, dessa vez tomando o tempo para olhar as vitrines no caminho e comentar sobre o sapato horrível, o vestido caro, o relógio bonito ou a qualidade do atendimento de tal loja. Ele apertou a mão dela. Ela o olhou e sorriu. Nesse momento algo na vitrine de uma livraria lhe chamou a atenção. Era uma agenda igual à que carregava na bolsa. Antes que pudesse pensar em qualquer coisa, a voz de seu namorado soou ao seu lado. “Que horas são?” ele perguntou. Ela automaticamente ergueu a manga do casaco e consultou o delicado relógio de ouro que sempre levava no pulso direito.

“Dez e cinquenta e...” ela não conseguiu terminar a frase. Por um momento teve a impressão de que o chão havia-se aberto sob seus pés e foi tomada por uma sensação inexplicável de desespero. O visor digital marcava 22:57. Depois de um segundo que pareceu durar uma eternidade, sentiu a mão que segurava a sua soltar-se. Virou-se, e o tempo parecia passar em câmera lenta. Seu noivo havia lhe dado as costas e caminhava em direção à rua, olhos fixos em algum ponto na calçada do lado oposto. Ela ergueu os olhos, tentando identificar para o que ele olhava. Uma forte luz ofuscou-lhe a visão. O rapaz, porém, não se deteve. Ela se sentiu paralisada. O tempo pareceu parar completamente, bem como seu coração. Ouvia, ao longe, uma fredda brusca. Um baque seco. Uma arrancada violenta. Um grito desesperado. Reconheceu sua própria voz. Quando deu por si, estava ajoelhada

no meio da rua. Ao longe, dois pontos vermelhos, lanternas de um carro negro que se confundia com a escuridão da noite, desapareciam em uma esquina qualquer. O corpo a sua frente estava imóvel e sujo de terra e sangue. Seu rosto estava encharcado de lágrimas e o gosto salgado em sua boca imitava a sensação terrível que lhe acometia o peito.

Com as mãos trêmulas, ligou para uma ambulância, formando com dificuldade as palavras. Deitou a cabeça no peito do rapaz estático. Nada. Absolutamente nada. Afastou-se. Sentou-se no asfalto. Apoiou-se nos braços e jogou a cabeça para trás. Gritou. Sabia que havia pessoas nas janelas e outras ao redor. Elas falavam alguma coisa, provavelmente perguntavam se ela estava bem, mas ela não ouvia nada. Abaixou os olhos novamente e fixou-os na direção em que seu noivo olhava antes do acidente. Lá, escorada displicentemente em um poste, estava uma figura vestida com roupas casuais, mas de um tom negro surrealmente intenso. Ela não conseguia enxergar seu rosto. Usava um capuz preto e a posição sob a luz do poste lançava uma sombra sobre toda a face. Porém, a mulher teve a impressão de ver ou talvez de sentir que na face, escondido, estava pintado um sorriso diabólico. Eram 22:57 e ela tinha um encontro com a morte. Ninguém havia dito que era com a dela.

Mais uma vez o tempo pareceu desacelerar. Percebia pelo canto do olho a luz estroboscópica da ambulância se aproximando. Percebia também a movimentação das pessoas ao seu redor. Percebia, ainda mais claramente, o corpo inerte à sua frente. Porém não era capaz de desviar seus olhos da figura encapuzada. As mãos, que antes estavam escondidas no que pareciam bolsos da calça que vestia, moveram-se. Eram brancas como cera e não pareciam possuir qualquer sangue pulsando por suas veias. Em meio à cena que se desenvolvia em câmera lenta ao seu redor, elas se moviam com rapidez. Uma das mãos parou, aberta, como

se a pessoa lesse algo nela. A outra imitou o movimento de folhear páginas. Em um instante, a mulher entendeu. A sensação de câmera lenta chegou ao seu final. O mundo acelerou novamente. Ela, violenta e desesperadamente, livrou-se de mãos que tentavam ajudá-la a levantar-se. Gritou pra que a soltassem. Estendeu o braço até a bolsa que havia sido esquecida, caída, ao seu lado. Pegou a agenda na mão e folheou até a página marcada em escarlate. Sentiu seu corpo gelar. Com olhos assustados, levantou a cabeça, procurando a figura vestida de negro. Ela havia desaparecido. A agenda caiu de suas mãos enquanto as pessoas ao redor finalmente conseguiam levantá-la. Em estado de choque, sem conseguir reagir, a mulher foi levada para longe.

Nas páginas do objeto aberto no chão, lia-se, caligrafia cursiva impecavelmente desenhada com tinta vermelha chamativa e letras garrafais:

22:57 Encontro com a morte

FOI UM PRAZER.
ATÉ BREVE.

Barcelona

Meu Deus! Sei que há muito não te agradeço por nada, mas considere que também não tenho pedido nada. Só quero que o padre não descubra sobre minha prisão. Que as lembranças que ele tenha de mim sejam as de antes de tudo isso acontecer. Que ele pense que ainda sou aquele guri que deixava a todos bobos fazendo suas embaixadinhas no pátio da escola. O pátio lamacento da escola, naquele campo de futebol com apenas algumas folhinhas de grama querendo sair no meio da terra vermelha. A terra vermelha... seu cheiro após a chuva que eu nunca mais sentirei. Ah, meu Deus, que o padre não saiba...

Lembro-me ainda hoje quando o padre Lucas me deu a primeira bola de futebol; eu a acariciei como se ela fosse um cachorrinho de estimação. Para um menino, uma bola de futebol é o melhor presente que podem dar. Imediatamente comecei a brincar, chutei, driblei o padre, que quase tropeçou nas próprias pernas, que mais pareciam umas varetas finas. Dei risada da cara dele e emendei algumas embaixadinhas, querendo fazer graça. A vó Lurdinha não gostou muito. Gritou lá de dentro de casa que ainda iríamos quebrar o vidro. Prometemos jogar na rua, com os moleques. O padre às vezes parecia moleque também. Tinha seus 35 anos e me levou para morar com a mãe dele quando meus pais me deixaram abandonado na igreja, com apenas três anos. Vó Lurdinha é como eu chamava a mãe do padre. Não me lembro dos meus pais. Talvez eu seja uma cruz de alemão com pelo duro. Tenho os olhos meio claros, quase verdes, cabelos castanhos, mas a pele é parda. Eu acho que tinha uns sete ou oito anos quando ganhei essa bola. Na escola, já jogava como

ninguém, sempre de atacante, na pior das hipóteses de meio campista, não aceitava outra posição. Rivalizava com um menino riquinho da outra turma, o Elias, mas minha equipe ganhou a maioria dos campeonatos que joguei contra a dele. Quando o time dele ganhava, ele se gabava de que derrotou o time do “adotadinho”. Eu tinha muita raiva desse moleque. Não foram poucas vezes em que tiveram que nos separar rolando pelo campo como dois cachorros ferozes que se enfrentam, desses que nem baldes de água fria separam.

As brigas eram um pouco culpa do padre. Parece ingratidão de minha parte dizer isso, mas cansei de pedir que me pusesse numa escola pública. Eu não dizia nesses termos, mas o que pensava é que lá estariam os pobres-diabos como eu. Mas o padre fazia questão de que eu estudasse na escola católica, a única escola privada do povoado, que ficava lá nos confins do Rio Grande do Sul, na fronteira com a Argentina. Lá eu cresci. Se eu nasci lá, não sei. Nem sei de qual ventre vim quanto mais de qual cidade.

Acho que o futebol foi para mim uma maneira de amenizar meu isolamento na escola. Se eu fosse *nerd* e rico, já acabariam comigo; imagine então se eu fosse um *nerd* e ainda por cima pobre, estando na escola só por ser o protegido do padre? Seria devorado vivo. Como me destacava jogando, ganhei certo prestígio entre a turma do fundão, digamos assim. E até que quando cheguei à adolescência não foi tão difícil perder a virgindade, pois as garotas nessa idade sempre correm atrás dos esportistas, assim como os garotos esportistas só aceitam sair com as mais bonitas. Claro que nenhuma quis me namorar realmente a sério, não teriam como levar para casa e apresentar aos pais o garoto que a mãe do padre criou. “Esse é o Kelvin, meu namorado”,

diria a garota. “De que família ele é?”, devolveria o pai. Não tinha como, em um lugarejo com cinco mil habitantes a pergunta “de que família você é?” ainda tem um peso, sabe? Soa ultrapassado, eu sei, mas é assim. Eu sinto que é.

Eu estava com 16 anos quando vieram me contar uma novidade que mexeria muito comigo. Um colega de escola me procurava ansiosamente, encontrou-me na margem do rio Uruguai observando o barqueiro que levava os carros e caminhões para a Argentina e voltava; enquanto eu observava, também jogava pedrinhas no rio. Falta do que fazer em uma tarde quente de janeiro. O que o Joca vinha dizer era que Elias não ia mais voltar à escola quando chegassem as aulas, em fevereiro. A princípio uma boa notícia; se por um lado eu perderia um rival que me instigava a jogar ainda melhor e superá-lo sempre, por outro, era alguém que não me respeitava. O que me deixou irritado, com inveja mesmo, foi o motivo: o pai dele havia conseguido uma vaga nas categorias de base de um dos principais times de futebol de Buenos Aires. Desse modo, talvez, o guri ainda poderia chegar ao time principal. Desdenhei:

– Grande coisa! Eu queria jogar é em Barcelona. Olha se tem cabimento: os jogadores argentinos vêm aqui jogar no Inter e no Grêmio, e o bobão vai pra lá – argumentei.

– Ah, mas a gente está na fronteira, deve ser por isso. Talvez o pai dele achasse mais fácil – defendeu Joca.

– É, pode ser, mas não ponho muita fé – finalizei, sem esconder o ressentimento.

Eu sabia que jogava muito mais que o Elias, por mais que ele também fosse bom. Todo mundo enchia minha bola, falavam que eu era uma “pulga”, como costumam dizer os argentinos

quando surge um jogador que ninguém consegue segurar. Várias vezes os professores de Educação Física comentaram que eu deveria cair nas graças de um olheiro. “Se não estívéssemos nesse fim de mundo...”, lamentava um, “alguém ainda vai te descobrir”, acreditava outro. Mas era o Elias que tinha pai rico para conseguir, sabe-se lá como, enfiá-lo nas categorias de base em Buenos Aires. Eu tentava me convencer de que o sucesso dele não era tanto; afinal, Messi estava em Barcelona; Agüero, na Inglaterra; outros tantos jogadores argentinos habilidosos, aqui no Brasil.

Também aos 16 anos comecei a trabalhar. O padre e a vó Lurdinha não queriam, diziam que eu tinha que apenas estudar. Mas eu não gostava muito de estudar; às vezes ficava em recuperação. Matemática era meu ponto mais fraco; tenho quase certeza de que nunca reprovei por que o padre deve ter interferido a meu favor com as professoras. Várias vezes tirei a nota exata que precisava para não repetir. Além de Educação Física, conseguia me sair razoavelmente bem em Português, Geografia, História... nada que envolvesse cálculos. Mas o fato é que eu queria mostrar que podia fazer algo sozinho. Consegui virar ajudante em uma borracharia. Ganhava pouco, mas, pelo menos, não precisava mais pedir dinheiro para a vó, que já fazia muito por mim e era bastante carinhosa, o que era o principal e o que mais me faltava na vida por ser órfão. Acho que como o único filho dela virou padre e ela não teria netos, colocou todo seu amor de avó em mim. Mimava-me, fazia a comida que eu gostava, não me exigia que fizesse nada em casa, mas eu fazia questão de ajudar. Era o companheiro dela, que já era viúva. O padre, sempre envolvido com a paróquia, pouco tempo tinha, mas, quando aparecia por lá, sempre me dava atenção e jogava bola comigo e com os moleques da rua. Eu gostava muito mais dos garotos da rua que dos colegas de escola; pareciam mais comigo. Quem me dera tivesse ido ao colégio com eles.

Eu comecei a fazer uma pequena poupança com o que não gastava; embora ganhasse pouco, também gastava pouco, já que o essencial eu tinha em casa. Meus gastos eram em alguma festinha, algum calçado novo lá de vez em quando. Minha poupança era por que eu pensava em jogar longe daquela cidade. Sim, eu ia ser jogador; era meu destino, algo me dizia; eu sabia que tinha estrela para isso. O tempo passou e chegavam notícias de Buenos Aires; Elias ia bem, parece que já havia até jogado no time principal, substituindo um titular por alguns minutos, e isso apenas com 17 anos. Ele iria longe, comentavam. Era o assunto do povoado; até um jornaleco de fundo de quintal que havia por lá destacou em sua capa o sucesso do filho pródigo daquele fim de mundo. De mim ninguém falava. Joguei o campeonato do lugarejo com os adultos, reunindo os times de várzea do centro e das comunidades da zona rural. Fui o artilheiro, ninguém disse nada.

A vontade de ir embora cresceu muito com tudo aquilo. Eu estava no último ano do Ensino Médio. O padre queria que eu fizesse faculdade em Uruguaiana, a maior cidade da região da fronteira no Rio Grande do Sul, mas eu não queria. “Faça Educação Física, tenho certeza de que você vai se dar bem”, dizia ele. Mas eu achava que já sabia o suficiente: escrever bem, fazer meia dúzia de cálculos e o bastante de Geografia para saber que não era naquela região que eu queria estar.

Comecei a pesquisar na internet maneiras de ir jogar fora, mesmo sendo pobre como era. A idade também começava a pesar; com 17 anos a maioria dos que vão jogar já estão nas categorias de base de algum clube. Era agora ou nunca. Virava as madrugadas no computador da sala da casa; a vó Lurdinha se preocupava que eu pudesse estar vendo o que não devia. “Tu

não estás vendo pornografia não, né, piá?”, perguntava. Eu só ria e dizia que não; estava pesquisando e pensando em meu futuro. Ela sorria, mais tranquila, certamente pensando que tinha algo a ver com os estudos. De repente, encontrei o que buscava: um empresário que apostava em novos talentos. Bastava pagar uma quantia de dois mil reais e ele levava para São Paulo, para passar uma temporada em sua concentração. Lá, os garotos seriam observados pelos olheiros dos grandes clubes do país e do exterior. Na foto de entrada da página, um moleque dando a mão para um empresário espanhol, ilustrando o contrato que acabavam de firmar. O homem, com um bigodinho fino, mais parecia ator das novelas antigas que a vó Lurdinha assistia à tarde do que empresário de futebol, mas, mesmo assim, tudo aparentava ser real. A questão seria como dizer ao padre e à vó que eu iria embora atrás de um sonho.

Criei coragem alguns dias depois e falei com os dois. Eles acharam tudo muito estranho. Eu disse que isso era normal; olheiros sempre vêm ao Brasil atrás de novos talentos, e o empresário era apenas a ponte. O padre quis falar com ele antes, ligou e acabou convencido de que estava tudo certo. Os meninos iam para São Paulo, ficavam em um alojamento, jogavam em um campo que havia por lá, e olheiros os observavam. Os melhores seriam contratados por clubes, que poderiam ser nacionais ou estrangeiros, os que não fossem selecionados dentro de um mês eram reconduzidos para suas cidades de origem. Nada de mais, nada estranho. Mesmo achando tudo muito arriscado, eles acabaram concordando. Vó Lurdinha me deu um escapulário para proteger no pescoço, o padre me deu uma Bíblia que pus na mochila, junto com as roupas. Levaria dois dias praticamente para chegar, mas estava feliz. O futebol me levaria ao topo, onde eu deveria estar, e não o imbecil do Elias.

Ao chegar à Rodoviária do Tietê, já me esperava o seu Souza, como era conhecido o empresário. “Você deve ser o grande Kelvin”, disse ele, sorrindo de um jeito canastrão. Fiz que sim com a cabeça. Fomos ao carro dele e, de lá, para o alojamento, num prédio velho de apartamentos no centro de São Paulo, perto da Praça da República. Achei estranho o lugar; parecia um cortiço e não um alojamento para futuras estrelas do futebol. Ao chegar lá, fui encaminhado a um quarto com três beliches; eu era o sexto morador do quarto. Os meninos já haviam jogado muito, mas até agora nenhum deles tinha sido escolhido. Uns queriam jogar nos grandes times de São Paulo, outros, como eu, sonhavam mais alto, queriam ir para o futebol europeu. Entre todos os quartos, deveria haver mais de 20 garotos. Alguns vinham do Nordeste, outros de Minas Gerais e Goiás, e só alguns poucos do sul. O seu Souza e a mulher dele cuidavam de tudo pessoalmente, desde alimentação até o transporte para os jogos, o que me pareceu estranho: alguém tão importante, que lidava com empresários do mundo todo, não ter funcionários que cuidassem disso. O campo onde jogávamos, com alguns observadores na plateia, era afastado do centro, não sei em que bairro de São Paulo; era um campo qualquer, desses de bairro, e muito pior que o da escola onde estudei. Totalmente precário, quase sem grama; não me parecia um lugar onde empresários do futebol mundial fossem escolher jogadores. “Eles sabem que garotos pobres jogam melhor que os ricos; isso não tem nada a ver”, disse-me um dos meus colegas de quarto quando questionei. Mas, por mais que me dissessem, e que eu tentasse dizer a mim mesmo, que era tudo normal, as coisas iam ficando cada vez mais estranhas. Quando fez duas semanas que eu estava lá, vários que chegaram antes de mim já haviam voltado para suas cidades, com as mãos abanando, por não terem sido selecionados pelos empresários. Parecia-me estranho que ninguém fosse escolhido. “Você já conheceu alguém selecionado? Não sabia que era tão raro assim”,

perguntei a outro garoto. “Mas você é chato, sô! Tá com minhoca na cabeça?! Não tenta passar por outros não! Claro que é difícil ser selecionado; tem que ter calma”, disse ele com sotaque mineiro.

Mas, infelizmente, eu estava certo. Logo ao começar minha terceira semana por lá, numa manhã fria de julho, a polícia invadiu o apartamento. Vinham atrás do falso empresário. Souza fazia um teatro no qual olheiros, na verdade cúmplices, assistiam a gente jogar, mas, ninguém nunca era escolhido. As famílias dos garotos pagavam dois mil reais, ele levava para lá, mantinha todos em condições precárias e tirava um bom lucro disso. Findo o período de um mês, mandava os meninos embora, alegando que não tinham talento suficiente.

O seu Souza e a mulher foram presos; os garotos, encaminhados para um abrigo, e de lá iriam para suas casas. Minha única preocupação era que o padre Lucas ficasse sabendo disso pela imprensa. Sondei o terreno; liguei para ele, perguntei da vó Lurdinha. Tudo estava bem por lá. Ele questionou como estava tudo em São Paulo; eu menti que estava bem. “E já sabe quando vai para Barcelona?”, brincou, eu disse que esperava que fosse logo e rimos. Eu não pretendia contar o que tinha acontecido, e nem voltar. Dei um jeito de fugir do abrigo; disse que ia dar uma volta e já regressava. Peguei a mochila que tinha e pus o essencial. Como não éramos prisioneiros e sim vítimas, não tive problemas para me deixarem sair para supostamente passear. Eu tinha algumas economias ainda. Quando viajei, o padre e sua mãe fizeram questão de pagar tudo, da passagem ao dinheiro da inscrição. Tudo que eu havia economizado estava comigo. Fui para um hotel vagabundo, mas mesmo sendo barato, não teria dinheiro para passar mais do que uma semana lá. Eu pensava em ver se algum time de São Paulo estava fazendo alguma espécie de

peneirão para tentar a sorte; seria o único jeito que eu ainda teria para jogar, já que completaria 18 anos em agosto. Depois que completasse a maioria, dificilmente algum time ainda iria me querer como principiante.

À noite, resolvi sair; fui ao puteiro onde havia ido algumas vezes com os colegas de quarto nos tempos em que estávamos no alojamento. Ao chegar, a cafetina que atendia no balcão, uma mulher que devia ter entre 45 e 50 anos, muito maquiada e com cabelo ondulado, artificialmente louro, recebeu-me sorridente. “Gauchinho! Ainda por aí? Eu soube o que aquele velho miserável fez! Eu nunca fui com a cara daquele velhote”. Pedi um trago e expliquei minha situação, que para mim não era tão fácil voltar para casa, que eu não tinha pais e que não queria decepcionar o padre nem a vó Lurdinha, que confiaram em mim. “Mas não foi culpa sua!”, disse ela; eu expliquei que, de certo modo, sim, já que apesar de eles terem ponderado, eu não quis ouvir ninguém e vim; além disso, eu queria triunfar, não voltaria tão fácil. O problema é que meu dinheiro ia acabar logo gastando com aquele hotel. Ela se compadeceu, sei lá por que motivo, e me disse para ir morar nos fundos do puteiro. Assim eu vigiaria o lugar quando estivesse fechado, já que não havia seguranças permanentemente, apenas os vigias na porta nos horários em que estava aberto. “Para mim vai ser bom também, pegue suas malas e venha amanhã mesmo, de manhã, quando vem um ‘viado’ que limpa aqui para nós, eu deixo avisado”, disse a cafetina. Eu aceitei, passei aquela noite só bebendo e conversando com a dona do bordel, acabei nem indo me enroscar com nenhuma mulher. No outro dia, peguei minha mochila e fui para morar na zona. Ao chegar lá, o rapaz que limpava, o “viado”, como dizia a dona, abriu, usava um *short jeans* socado no rabo e uma camiseta branca colada; para mim, foi a visão do inferno, mas vai ver alguém gosta desse

estilo, pensei. Ele falava comigo olhando para minhas pernas, já que havia esquentado no oscilante inverno paulistano, e eu estava de calção. Pernas de jogador devem mesmo chamar a atenção, conclui. Ele me mostrou onde eu ficaria. Era uma dependência estilo de empregada, que ficava no pátio dos fundos. Só eu moraria lá. Estava tudo uma bagunça, o colchão estava jogado no chão. Dei um suspiro e comentei: “Então vou arrumar isso aqui e tirar um cochilo, já que acordei cedo”. O moço, que me disse se chamar Marcos, interrompeu falando: “Não, não. Eu limpo para você. Só me deixa limpar a zona primeiro; depois venho para cá”. Fiquei resabiado, pensando que ele pudesse querer algo em troca, algo que eu não daria, mas ele não falou nada sobre isso. Depois de esperar um bom tempo, já quase meio-dia, estava tudo em ordem.

O puteiro decadente tinha cerca de 10 mulheres; variava, algumas iam, outras chegavam. As mais disputadas eram as jovens, mas havia algumas com mais de 30 que mentiam estar ainda em seus vinte e poucos anos. Nenhuma era menor de 18 anos; não que dona concordasse com essa restrição, mas não queria problemas com a polícia. Os sofás do *hall* de entrada eram estofados em roxo e as cortinas vermelhas, destoando completamente um do outro, sem qualquer senso de combinação. O bar, no estilo *whiskeria*, com a frente com um preto brilhoso. Uma bola de prata luminosa no centro, como as de boates antigas, e muita fumaça do cigarro. Os quartos onde os clientes eram atendidos eram separados do resto apenas por cortinas vermelhas, as camas com lençóis roxos, para seguir a linha dos sofás. A maioria dos clientes era de velhos aposentados, ou então garotos com a mesada dos pais. Com o tempo descobri que as meninas preferiam os garotos. Por mais que muitos não soubessem transar direito, os velhos babões eram irritantes para elas; fora que que-

riam ficar mais tempo. “Eu merecia um diploma de psicóloga”, brincou uma delas certa vez, explicando que tinha que ouvir as queixas dos clientes mais velhos sobre as esposas e problemas de trabalho.

As garotas moravam em apartamentos num condomínio no centro, a poucos passos dali. Devo confessar que comi quase todas, e de graça. Elas gostavam de mim. “O único bendito fruto, já que o Marquinhos não conta”, disse uma, rindo. Elas eram muito fofoqueiras, mas eu me divertia; diziam que o Marcos era apaixonado por mim, por isso mantinha sempre meu quarto limpo e lavava minhas roupas, o que não era seu trabalho. “Se eu pedir pra esse ‘viado’ lavar minhas calcinhas, ele pega e atira elas sujas na minha cara”, disse certa vez uma das garotas. Pelas putas soube por que dona Zulmira, a cafetina, gostava tanto de mim. Quando jovem, ela abortou duas vezes, e, em outra gravidez, ela teve o filho, porém o abandonou recém-nascido. Ela teria confessado que eu lembrava esse filho, pois, quando contei minha história, ela recordou a dela. Além disso, o filho abandonado deveria ter aproximadamente a minha idade. Eu notava que Zulmira gostava muito de mim, o que despertou certo ciúme de um homem com quem ela tinha um relacionamento, um tal Agenor, de uns 40 anos. Alto, forte, negro, cabelo pixaim com entradas, ele me olhou atravessado por um bom tempo, até que um dia as coisas começaram a mudar.

– Quero que você trabalhe comigo – disse Agenor. – Zulmira tá me enchendo o saco para te ajudar, e eu não quero desagradar minha Zuzu – completou.

Perguntei do que se tratava o trabalho. Ele riu de minha ingenuidade e disse: “Digamos que compra e venda de produtos

usados”. Eu aceitei, afinal estava lá já há mais de meio ano e só ganhava um salário mínimo por mês da cafetina. Antes de começar a trabalhar com Agenor, fui bater às portas dos principais clubes de futebol paulistas. Seria minha última tentativa. Na maior parte deles, nem recebido fui. Num dos que me receberam, ouvi a realidade nua e crua: “Rapaz, peneirão é pra garotos de até uns 15 anos. Desculpe, mas com 18 você já está velho para isso, não acha?”. Eu não achava, mas fazer o quê?

Logo na primeira vez que sai com Agenor para trabalhar, percebi do que se tratava o “emprego”. Ele vendia produtos roubados, principalmente de automóveis. Eu pensei em desistir, mas não tinha escolha. Naquele mundo em que eu estava vivendo era assim mesmo, e qualquer recusa seria interpretada como ingratidão de minha parte. Os meses passaram, os anos passaram, e eu estava cada vez mais envolvido no crime. Já havia feito assalto à mão armada em banco, explodido caixas eletrônicos, mas logo um mês depois de completar 21 anos, eu ficaria muito abalado. Pela primeira vez matei alguém. Foi em um assalto; íamos roubar um automóvel, quando o motorista ameaçou reagir. Um comparsa gritou “Atira, porra!”; tremendo, eu o fiz. Cheguei em casa, sempre nos fundos do puteiro, e tirei o escapulário que a vó Lurdinha me deu antes de ir embora. Não era mais digno de usá-lo, larguei-o sobre a Bíblia que o padre me deu e que ficava no criado-mudo ao lado da cama. Eu falava com o padre e com a vó por telefone. Obviamente tive que contar que meus planos de virar um grande jogador tinham ido por água abaixo, mas mentia sobre o que estava fazendo em São Paulo. Disse que trabalhava como vendedor.

Alguns meses depois do assassinato, eu tive que ir ao meu povoado no Rio Grande do Sul, com autorização de Agenor, que afinal de contas era meu chefe agora. Vó Lurdinha havia

morrido de um infarto fulminante. Eu não poderia deixar de ir; talvez ela tenha sido a pessoa que mais me amou na vida. No Rio Grande do Sul, vi gente que não via há muito tempo, inclusive Elias, que apareceu no velório. Já adultos, fomos civilizados e trocamos algumas palavras. Ele contou que não conseguiu ser mais do que um reserva no time no time grande onde estive, quando o contrato terminou não quiseram renová-lo. Só sobrariam equipes pequenas para ficar em Buenos Aires, assim, ganharia muito pouco e não valeria a pena. Voltou para o povoado e estava estudando Engenharia Agrícola em uma universidade da região, ia e voltava todo o dia de carro, e, quando se formasse, cuidaria das terras do pai.

Naquela viagem, falei pouco com o padre; ele estava muito triste, e eu fiquei apenas um dia, entre o velório e o enterro. Fui de avião até Porto Alegre e, de lá, até Uruguaiana, também de avião. Em Uruguaiana, aluguei um carro e fui até meu povoado. Todos se surpreenderam, eu contei que tive que fazer minha habilitação em São Paulo por causa do trabalho. Contei meia dúzia de mentiras sobre o suposto emprego. A viagem serviu para perceber o quanto fui imbecil de ter motivado minhas ações pelo sucesso de Elias, na verdade falso sucesso, e ter ido embora tentando ser famoso. Sonhava com Barcelona, mas nunca cheguei nem perto de lá. Se eu tivesse me conformado em apenas jogar futebol, poderia ter começado por algum time do interior do Rio Grande do Sul, sem tantos riscos, e quem sabe, se fosse bom como eu achava que era, ainda chegaria o dia que interessaria aos times de Porto Alegre. Tentava entender por que fiz tudo aquilo. Um dos motivos foi competir com Elias, meu desafeto, que agora estava de volta ao povoado para ser agricultor o resto da vida. Outro motivo foram meus pais. Sim, meus pais que me abandonaram pequeno. Sonhava com o dia em que estivesse jogando

em Barcelona e, então convocado para defender a seleção brasileira, fariam reportagens sobre minha história na tevê. Quando ouvissem que fui criado por um padre e sua bondosa mãe em um lugarejo próximo a Uruguaiana, meus pais saberiam que era eu. Minha mãe pensaria que, se tivesse ficado comigo, poderia agora dizer para as amigas que seu filho era jogador da seleção. Meu pai, se gostasse de futebol, pensaria nas vezes que poderia ter jogado bola comigo e no orgulho de poder estufar o peito e dizer para todo mundo que o filho era um jogador famoso. Arrependidos, iriam me procurar, pediriam perdão. Eu olharia nos olhos deles, perguntaria por quê? Dependendo da resposta, talvez os perdoasse. Gostaria que sentissem orgulho de terem me posto no mundo. Mas a realidade era outra. Se eles soubessem no que me transformei, teriam certeza de que fizeram bem em me abandonar.

Na volta a São Paulo, eu estava com cada vez menos vontade de continuar naquela vida. A viagem à minha terra mexeu muito comigo. Quando cheguei, Agenor já tinha mais de suas missões para mim; mandou-me com uns comparsas explodir um caixa eletrônico. Quando estávamos esvaziando o caixa recém-explodido, de algum modo, a polícia chegou muito rápido, bem antes que pudéssemos pegar sequer metade da grana. Meus dois comparsas entraram no carro, eu fiquei parado ali com algumas notas na mão. “Vamos idiota! Quer ser preso?”, gritaram meus colegas de crime. Sim, eu queria. Não me movi dali. Eles arrancaram e fugiram; um carro de polícia saiu em perseguição, mas não os alcançou. Eu fui detido e levado ao presídio.

No presídio, logo nos primeiros dias, avistei ninguém menos que o Souza. Especulei com o pessoal o que ele fazia ainda por lá. Surpreendia-me que ainda estivesse preso pelo que fez alguns anos atrás, já que no Brasil ninguém ficava detido muito

tempo. Os rapazes com quem conversei contaram que Souza estava de volta; na realidade já havia saído e aprontado de novo. Novos golpes. Seu Souza não me reconheceu; eu estava muito mudado dos 17 aos 21 anos; ganhei corpo, me vestia de um modo diferente também. Um dia, no banho de sol, fui direto a ele, que me olhou sem entender o que eu queria. Peguei uma faca que consegui com um rapaz da cozinha e dei oito facadas nele; os outros só observaram; ninguém interferiu. Eu só disse que era pelo que ele me fez. “Isso é para não brincar com os sonhos das pessoas, seu verme”. Souza morreu, e eu fiquei mais encrencado do que já estava até aqui.

Vou ser condenado, agora mais do que nunca, já que, além dos assaltos, tenho dois assassinatos nas costas. Deus! Não estou te pedindo para ser absolvido, nem pelos homens e nem pelo Senhor. Estou condenado. Só peço que o padre não saiba. Ele vai me procurar, e o que vai pensar? Será que devo ligar para o Marcos e pedir que entre em contato com o padre e minta que eu morri? O que eu faço? Só conto com o Senhor para isso: que o padre não descubra que estou preso e que sou um assassino. Ah, mais uma coisa, essa menos importante, mas se puder, já que nunca consegui jogar em Barcelona, ajude-me ao menos a me tornar o craque do futebol aqui no presídio. Por favor. Amém.

Juriti do Sertão

Mauro estacionou o potente carro à frente do Copacabana Palace e desceu apressadamente. Deu a volta e abriu a porta para a agora esposa Diana. Estendeu-lhe a mão e ajudou-a a sair do veículo. Entregou a chave ao porteiro e recordou-se de sua origem humilde e do quanto esforçara-se para conquistar a confiança do patriarca da família Gouveia que, concedeu-lhe alto cargo dentro de seu império empresarial. Voltou-se para a bela Diana e, ao erguê-la em seus braços, à porta da suíte nupcial, sussurrou.

– Enfim, a felicidade!

Empurrou a porta e deitou-a na imensa cama da suíte. Abriu o champanhe e serviu-o nas taças de cristal. Brindaram um “até que a morte nos separe” e beijaram um ardente beijo artístico de final de novela.

– *Ôxente*, agora chega! – exclamou Vitoriano, dono do boteco e da única televisão do pequeno vilarejo engravado no sertão do Ceará — novela é tudo assim, acaba em beijo. Essa já acabou, graças ao *Padim Ciço*. Agora é todo mundo pra casa que eu vou desligar o gerador.

– *Péra* mais um bocado, seu Vitoriano. Deixa ver a propaganda da novela que vai começar – pediu a sonhadora Conceição, filha de dona Maria dos Perdões.

– Tem nada de *péra* não. – Respondeu Vitoriano.

– Então deixa assistir a *reprirse* amanhã? – arriscou a menina.

– *Ôxe*, menina, tá ficando *abirobada*, é? Vai pra casa que sua mãe deve tá te esperando. É só isso que ela faz depois que seu pai foi pro sul, atrás de serviço, e nunca mais voltou. – Esbravejou Vitoriano, enxotando a menina.

Era fato, Maria dos Perdões era mais uma entre as inúmeras viúvas de marido vivo do sertão nordestino. Seu homem, buscando vida melhor, partira há mais de oito anos prometendo que retornaria a buscar a família assim que ajuntasse algum. Nunca voltou. Sequer passou endereço. Quando o pai partiu, Conceição ia pelos seus nove anos e pouco entendeu. Todavia, pelos dias de hoje, sentia como se a estocassem de peixeira ao falarem do pai. Quis discutir com o dono do bar e defender a mãe, mentindo que o pai voltaria e que escrevera recentemente. Conteve-se, no entanto, pois dependia da televisão do rabugento Vitoriano para deixar aquele mundo maldito e sonhar com a bela vida dos astros de novela. Fitou-o com raiva, engoliu-a e despediu-se.

– Agradecida, seu Vitoriano, pela televisão. E até amanhã.

– Arre, toma *tenência* e arriba daqui, Conceição!

Virou-se, partiu e, depois de poucos passos, sentiu o sertão silenciar com o desligar do motor a diesel que rodava o gerador. Era noite sem lua e Conceição tirou a vela do bolso do vestido, acendendo-a para alumiar o trilho. O movimento da luzinha pulsante misturava Conceição aos desnorteados vagalumes a desviarem dos espinhentos juazeiros. Ao meio do caminho, avistou outrem, também alumiano o trilho com vela e a caminhar em sua direção. Pensou, no repente, ser dona Maria dos Perdões que cansara de esperar e vinha ao seu encontro.

– É ela não! Mãinha nunca cansa de esperar. – Murmurou.

Apagou a vela e estacou-se atrás de moita de mandacaru. Abaixou, colheu pedra e pôs-se a esperar o desconhecido.

– Pode sair daí que eu já te vi, Juriti! – gritou o caminhan-te, ainda de longe.

– Se chegar perto eu te môo no pau, Bacurau. – respondeu Conceição, reconhecendo a voz. – o que ta fazendo aqui no meu trilho?

– Eu sabia que você tava no seu Vitoriano, pra ver o fim da novela. Esperei ele desligar o gerador e vim topar você. Foi bonito o fim da novela, foi? – perguntou Valdeci que, junto de seu pai, eram os vizinhos mais próximos de Conceição. Criaram-se juntos e por tantas vezes o pai de Valdeci dividira os escassos suprimentos com dona Maria dos Perdões, depois que o marido daquela partiu.

Valdeci vivia a chamar Conceição de Juriti, a pomba roxa que vive em voos curtos escondendo-se pela caatinga. Chamou-a assim, pela primeira vez, quando brincavam de esconde-esconde nalgum ressecado milharal. Buscava-a moita por moita, pelas quais ela passava rapidamente. Quando a encontrava, gritava:

– Pode sair daí que eu já te vi, Juriti.

Conceição, por sua vez, apelidou-o Bacurau, o pássaro sertanejo cujos olhos brilham no escuro. Justificou o apelido dizendo que Bacurau era passarinho esquisito e amuado, que nem Valdeci. Mas, na verdade, gostava mesmo era do jeito brilhoso com que ele, vez em quando, fitava-a.

– Um sonho! – respondeu Conceição, suspirando ao lembrar-se do beijo ardente entre Mauro e Diana.

– E foi, foi? Teve beijo?

– Claro! Já viu fim de novela sem beijo?

– Nunca vi fim de novela, pai num deixa. — comentou Valdeci, baixando a cabeça. – e foi que jeito? Conta!

– É fácil explicar não. – respondeu Conceição, avexada em falar naquele assunto. – você nunca vai entender daqueles beijos mesmo.

– E nem quero! Pai diz que televisão é de Deus não, e que novela só presta pra deixar moça perdida.

– E desde quando seu pai entende de beijo? O máximo que ele deve entender é de cabra e de mula, depois que sua mãe morreu quando estava te parindo. – respondeu Conceição, indignada com o comentário do sujeito.

– *Ôxe*, e tá pensando que é quem pra falar do pai dos outros? – satirizou Valdeci, referindo-se ao pai de Conceição.

– Olha aqui, seu Bacurau, se não parar com essa conversa eu vou é te abrir uma pereba na cabeça com essa pedra aqui, seu filho da moléstia.

– Vai ter que me alcançar primeiro – gritou o rapaz, virando-se em correria trilha afora e sendo prontamente perseguido por Conceição, que, pouco depois, nem se recordava do motivo da peleia. Chegaram esbaforidos onde o trilha se dividia e sentaram em tronco velho para recuperarem o fôlego.

– Acho que vou pro Rio de Janeiro. – Disse Conceição, cabisbaixa.

– Oh, diacho! Destrambelhou, foi? – exclamou Valdeci.

– Cansei de comer jerimum com jabá.

– E vai comer o quê nessa lonjura?

– Frutas da estação no café da manhã. – Respondeu Conceição, suspirando.

– Endoidou de vez!

– Doido é você, enxerido.

– E vai como?

– Pego carona.

– E dinheiro?

– Arrumo serviço no Hotel Copacabana. O Mauro também era pobre, trabalhou e subiu na vida.

– Que Mauro?

– O da novela.

– Tudo mentira!

– Mentira pra você que não sonha e vai ficar enfurnado o resto da vida aqui nesse *beléléu*. – esbravejou Conceição.

Percebendo a determinação da amiga, Valdeci cessou a discussão por uns instantes e arriscou um último argumento:

– E dona Maria dos Perdões? Vai deixar ela sozinha?

– Não vou fazer igual ao meu pai, se é isso que você quer saber. Não dou um ano e eu e mãinha vamos estar nos pés do Cristo Redentor, olhando aquela belezura de cidade lá embaixo. Ficaram em silêncio. Valdeci com o coração no pescoço. Conceição com a cabeça nas nuvens. Despediram-se e cada qual tomou um rumo no trilho da vida que ali bifurcava.

Dias depois, Conceição deixou bilhete para a mãe, despedindo-se e pedindo a bênção. Dizia, no pequeno pedaço de papel, que não faria igual ao pai e que, exatamente um ano depois, no dia 05 de novembro, estaria esperando-a as 5 horas da tarde junto à imagem de Nossa Senhora, na Igreja do Rosário em Fortaleza. Escolheu aquele ponto ciente de que era o único que a mãe reconheceria, afinal, peregrinara até lá tempos depois que o marido partira, para fazer promessa por intenção de sua volta. Quem levou, na época, foi o pai de Valdeci que vivia a socorrer a pobre Maria dos Perdões nos momentos de aflição.

Partiu a pé, rumando à BR 116 e, chegando lá, logo pegou carona com caminhoneiro que vinha transportando sal de Mosoró com destino à capital carioca.

– A sorte está rindo pra mim, seu moço. — Disse Conceição, ao subir na boléia.

Contou-lhe quase toda sua miserável estória e pouco se incomodou quando percebia os olhares do atencioso motorista a fitar suas pernas. Ao anoitecer, pararam às proximidades de Salvador, em posto à beira da estrada.

– Hoje vamos de rodízio! A ocasião é especial. – gritou o motorista.

Os sonhos, por vezes, nos cega. E foi com virgindade que pagou os rodízios e os mais de dois mil quilômetros rodados ao lado do sempre atencioso motorista.

– Foi pra mim que a sorte sorriu, cabritinha. – Disse ele, ao dar uns trocados para Conceição e deixá-la na movimentada Avenida Brasil, já no Rio de Janeiro.

Sentiu o estômago embrulhar e a vontade era de vomitar os rodízios e o ódio na cara daquele verme. Fitou-o com raiva, engoliu-a e despediu-se:

– Agradecida, seu moço, pela carona.

Aprumou-se, passando as mãos pelo corpo a desamarrotar o vestido e pôs-se a caminhar, perguntando onde ficava o hotel Copacabana Palace. Parou defronte a suntuosa fachada e repassou de memória toda a cena do final da novela, iniciando caminhada em direção ao saguão do hotel.

– Calma ai, mocinha. Onde pensa que vai? – perguntou o segurança,

– Vim do norte e estou procurando serviço, seu moço. – justificou Conceição.

– Pra arrumar serviço aqui, caboclinha, você tem que falar pelo menos duas línguas. Você sabe? – perguntou o homem.

– Sei não, seu moço.

– Então, some!

Conceição saiu e sentou do outro lado da Avenida Atlântica, onde permaneceu por horas a sonhar com o dia em que seu galã a carregaria até a suíte nupcial.

É pena que sonho não encha barriga e, para sustentar-se enquanto aguardava a realização do seu sonho, Conceição sujeitou-se às imposições da cidade grande.

– Qual o seu nome, caboclinha? – perguntou a dona de um bordel qualquer.

– É Conceição.

– Com esse nome vai espantar clientes, filhinha. Tem algum apelido?

– É Juriti.

– Juriti já é melhor. Vamos chamá-la de Juriti do Sertão – disse a mulher.

Conceição sorriu acabrunhada e entusiasmada por ter um nome artístico.

– Vou logo dizendo que você fica com 30% do que ganhar.

– E quanto vai ser, mais ou menos?

– Muito mais do que seu pai te deu até hoje, senão você não estaria aqui.

Sentiu o estômago embrulhar. Fitou a mulher com raiva, engoliu-a e disse.

– Combinado sim senhora. Agradecida pelo serviço.

O primeiro ano passou depressa e impedida pela cafetina de retornar ao sertão, Conceição escreveu carta à mãe, adiando a promessa para o ano seguinte. No outro ano, adiou novamente, repetindo o adiamento por mais alguns anos. Nunca recebera resposta às suas cartas, todavia, jamais deixou de enviá-las.

Quando completou 23 anos, a Juriti do Sertão já não rendia muita coisa nas boates e foi obrigada a apresentar-se em acampamentos de obras. Em meio a uma dessas apresentações, acreditou ter reconhecido as feições de um homem que a assistia. Aproximou-se e, quando o sujeito colocou uma nota de dois reais em sua tanga, reconheceu naquele bêbado mal cheiroso o próprio pai. Quis nele vomitar toda a angustiante espera da mãe. Porém, a rudeza da vida agregara resistência a seu estômago e conseguiu apenas juntar um pouco de saliva, intentando cuspi-la na cara do traidor. No exato momento que armava a cusparada, olhou fixamente nos olhos do pai e viu o reflexo da filha que também abandonara Maria dos Perdões, jurando e descumprindo as mesmas promessas do traidor que ali estava. Conceição, travestida de Narciso sertanejo, engoliu a própria saliva como engolissemos espinhos de juazeiro. Ergueu-se e saiu do palco em meio aos protestos dos peões.

Naquele mesmo ano, no dia 04 de novembro, juntou o pouco dinheiro que tinha e comprou passagem para Fortaleza. Desceu na rodoviária por volta do meio dia do dia 05 e rumou à Igreja do Rosário. Aproximou-se da estátua de Nossa Senhora, à

frente da igreja e chorou ao lembrar-se da peregrinação da mãe para rogar pelo pai.

– Teria ela vindo rogar por mim também? – perguntou-se.

Passou algumas horas ali, esperando pelas cinco da tarde. Queria, ao menos naquele dia, cumprir o compromisso que deixara escrito no bilhete de despedida. À quinta badalada do sino, levantou-se, fez o sinal da cruz e intentou caminhada em direção a rua. Foi quando viu outrem, de feições claramente reconhecíveis, caminhando a seu encontro. Conceição deu meia volta e quis se esconder.

– Pode sair daí que eu já te vi... Conceição.

Não era dona Maria dos Perdões. A voz era masculina, mas também não era o seu Bacurau...

– Seu Vitoriano? – exclamou Conceição, perplexa.

– *Ôxente!* E num é que você veio. – disse o dono do boteco, sorridente.

– Cadê mãinha?

– *Ôxe*, menina, soube não? Dona Maria dos Perdões enfadou-se de esperar. Morreu meses depois que você foi embora. Pai de Valdeci quem cuidou do enterro.

Conceição chorou, mas não muito. No íntimo, pressentiu a morte da mãe pelas cartas sem resposta. Enxugou os olhos e perguntou pelo pai de Valdeci.

– Foi morrendo de coração arrojado depois que Maria dos Perdões se foi. Gostava tanto de amparar sua mãe que quis cuidar dela lá pras bandas do céu.

– E Valdeci?

– Arre égua! Esse *Abilolou* de vez. Ficava de dia andando atrás das moitas gritando as juritis; de noite, acendia vela e andava de cá pra lá nos trilhos do sertão. Vez em quando aprontava uma correria doida e depois falava sozinho o resto da noite no lugar onde os trilhos apartam. Um dia, quando os mandacarus *fuloraram*, ele rodeou de flor o toco velho que fica perto do trilho

e chamou pedrada na cabeça, abrindo pereba que sangrou até ele esgotar.

Conceição não chorou. Sequer sentiu o estômago embrulhar. Apenas manteve-se catatônica por alguns minutos. Depois, perguntou:

– E o senhor, seu Vitoriano, veio fazer o que por aqui?

– *Ôxe*, menina, fiquei foi é sozinho demais naquele sertão, num sabe. Achei o tal bilhete no bolso do Valdeci e todo ano eu venho pra mor de vê se você aparece. *Vorta* pra lá, Conceição, que eu te juro que num desligo mais a televisão.

E foi naquele momento, à frente da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Fortaleza, que Conceição tomou importante decisão em sua vida...

Juriti pegou dois copos, que ainda guardavam resquícios de rótulos raspados, e encheu-os com a cidra espumante raramente vendida no boteco. Entregou um deles a Vitoriano e brindaram o “até que a morte nos separe”.

– Quer que eu dance pra você? Quer? Carcará rabugento.

– *Ôxente*, mas eu quero é por demais, num sabe? – respondeu Vitoriano, enquanto deslumbrava-se com o corpo seminudo da rapariga. – Quando eu morrer, juro que boteco e televisão ficam só *procê*, minha Juriti do Sertão.

Juriti terminou aquela cena em um ardente beijo muito longe de ser artístico. No outro dia, boteco e televisão já eram só de Juriti, que mandou pintar na fachada:

BOITE COPACABANA PALACE

Às uvas e à vida

O acaso é a desgraça dos criminosos. Minha experiência de mais de duas décadas na advocacia, tentando livrar das grades todo tipo de pilantra, me confere esta certeza. Por mais que eles planejem, eis que, de repente, surge um imprevisto, toca um telefone, mia um gato, escorrega um sapato, falta luz, cai uma carteira, range uma tábua, perde-se uma chave, tropeça um pé, rasga-se o capote, encosta-se na buzina, esbarra-se num mendigo, escapa um espirro, clareia um relâmpago ou – como no caso do oboísta Olavo César de Almeida Costa – vem um imprudente ciclista na contramão e o delito, arquitetado e ensaiado durante meses ou anos, em todas as minúcias, passo a passo, derrui por um nada. É a desgraça dos criminosos e a salvação da polícia e da justiça. Se não fossem os acasos a quantidade de crimes perfeitos seria inumerável, pois são inúmeras as mentes que se dedicam a empreitadas ilegais. E o sucesso obtido incentivaria ao crime outras mentes privilegiadas, aumentando a estatística de maneira insuportável. O acaso é, portanto, o elemento essencial da vida em sociedade, da sobrevivência da humanidade, da salvaguarda da civilização.

Não fosse o acaso, Olavo César talvez morresse de velho e só então os vizinhos – e conseqüentemente a polícia – saberiam que sua mulher não estivera todo aquele tempo no apartamento, ouvindo música ou assistindo à televisão, como ele sempre afirmara.

E, não fosse o acaso, mais uma vez, de o fato ter ocorrido na semana da escandalosa compra de votos e apoio de congressistas pelo Poder Executivo, as reportagens sobre o oboísta acidentado haveria de ganhar espaço bem maior na imprensa.

Olavo César de Almeida Costa, 43, é integrante da Or-

questra Sinfônica. Reside na rua Maria Angélica, quase esquina com Alexandre Ferreira, no Jardim Botânico, onde foi atingido pela bicicleta de João Carlos de Souza, entregador de compras do supermercado. O rapaz, movido por um misto de afoiteza e imprevidência, resolveu cortar caminho, trafegando na contramão, e acabou atropelando o oboísta pelas costas.

Na queda, Olavo César bateu com a cabeça no meio-fio e perdeu a consciência. Removido ao Hospital Miguel Couto, foi constatado traumatismo cranioencefálico e o paciente precisou ser submetido a cirurgia de urgência para contenção de grave hemorragia cerebral.

A seção policial dos jornais alimentava o assunto diariamente com novas informações colhidas no hospital, na delegacia e com os vizinhos do acidentado. E assim o público leitor ficou sabendo que Olavo César, ao recobrar a consciência no quarto dia de internação, se surpreendeu com as algemas que o prendiam à cama hospitalar e arregalou quanto pôde os olhos estreitados pelas pálpebras inchadas ao ser interrogado pela polícia sobre o paradeiro de sua esposa Rebeca.

– Sabe aquele caso do marido atropelado que fingia viver com a mulher? – perguntou Silvana, minha secretária, sem qualquer preâmbulo, como sempre faz. É um defeito, se assim se entender, porém dos poucos que possui. Confirmei com a cabeça e ela prosseguiu: – Pois é, ele quer contratar nosso escritório para defendê-lo.

– Então, por favor, tome as providências de praxe.

Não seria necessário dizer mais nada. A experiência nos levou a estabelecer uma norma no escritório: guardar as edições dos jornais por trinta dias, antes de descartá-las. Desse modo, quando nos chega um cliente cujo problema foi divulgado pela imprensa – e essa é uma ocorrência corriqueira – já temos em

mão um bom material para começar. Os repórteres policiais são espertos e pertinazes, muitas vezes até abusam da paciência de testemunhas, parentes e vizinhos de vítimas e suspeitos à cata de detalhes capazes de manter vivo o assunto durante vários dias após as manchetes do primeiro momento; contudo, acabam colhendo praticamente tudo que houve ou que se julga ter havido antes, durante e depois do incidente. Para a seção de direito penal de minha firma essas matérias constituem valioso dossiê, que nos poupa tempo e trabalho de pesquisa e entrevistas. Silvana sabia o que fazer, tomaria as providências de praxe: recortaria todas as matérias publicadas nos jornais sobre o assunto, desde o início, e colocá-las-ia aqui na minha mesa.

Assumo os casos badalados na mídia. Os outros distribuo entre meus assistentes. Mandei Silvana descobrir por que fomos escolhidos por Olavo César para representá-lo em juízo. Dez minutos depois ela entrou na sala com uma pasta contendo recortes de jornais e com a explicação obtida:

– Nosso escritório foi indicado pela doutora Valéria, que não lida com crime. Ela é advogada do condomínio do edifício onde o sujeito mora. Parece que ela gosta da gente. É o terceiro cliente que nos manda, com o aval de que somos os melhores.

– Telefone para ela e pergunte se podemos nos encontrar no hospital para conversarmos juntos com o cliente.

Quando Silvana trouxe a confirmação do encontro para o mesmo dia, às 16 horas, eu já havia lido tudo que os maiores jornais da cidade publicaram sobre Olavo César desde o acidente.

Como fazia todas as tardes, o oboísta saía às compras no supermercado e padaria. Na volta fora atropelado pelo ciclista-entregador. Ao chegar no Hospital Miguel Couto foi identificado por documentos que portava e o Serviço Social entrou em

contato com a síndica do prédio em que morava, após incontáveis telefonemas não atendidos no apartamento da vítima. As insistentes batidas na porta do 804 também foram em vão, levando a síndica, com apoio de alguns outros condôminos, a solicitar a ajuda da polícia. Receavam, no primeiro momento, que Rebeca, a esposa de Olavo César, uma mulher cheia de manias e temores, houvesse sofrido algum tipo de ataque com a demora do marido. Surpreenderam-se todos ao verem o apartamento desabitado, porém com a televisão ligada e em alto volume. E era óbvio que nenhuma mulher decente morava ali: havia DVDs pornográficos na mesinha de centro, desavergonhadamente à vista de todos. Além disso, as roupas e sapatos de mulher encontrados nos armários eram antigos, completamente fora de moda, evidenciando anos e anos de ausência feminina no lugar.

Sentia-me mal com aqueles artigos. Desagrada-me constatar como estamos vulneráveis à indiscrição humana. De repente, por um nada, a casa de uma pessoa é invadida; sua privacidade, violada; e seus pequenos mas vexaminosos segredos, escancarados ao mundo.

Uma dúzia de depoimentos concordantes levaram a polícia e os condôminos à conclusão óbvia: a mulher não morava ali havia muito tempo. Os vizinhos do oitavo andar e dos andares próximos, sétimo e nono, deduziram, frente às evidências, que havia anos vinham sendo enganados por Olavo César, um homem tão elegante, discreto e – ninguém podia negar – bonito, com a história de que a esposa sofria de síndrome do pânico e por isso não saía de casa em hipótese alguma.

Como ele trabalhava à noite, em concertos da Orquestra Sinfônica, permanecia em casa durante quase todo o dia, sempre pronto a atender interfone, telefone, correio, o que fosse. Sempre às tardes se ausentava, por brevíssimo período, para fazer compras.

Uma das vizinhas, na reportagem do segundo dia, declarou que às vezes ouvia o casal conversando, um chamando o outro, mas logo foi convencida pelo marido de que, na verdade, eles ouviam apenas a voz de Olavo César, nunca a de Rebeca. “Você não se lembra, Leonora – instigou o vizinho –, da vez em que comentamos isso com ele, no elevador, e ele disse que a mulher, pessoa de natureza já bastante delicada, com a doença tinha ficado deprimida e falava sempre muito baixinho?”

Os artigos da véspera, ilustrados com fotos do entregador de compras, sorridente e com uniforme de outro supermercado, davam conta das reviravoltas na sorte do afoito funcionário: no mesmo dia do acidente fora despedido por justa causa, com a pecha de infrator e desajuizado. Entretanto, graças a ele, afinal, levantou-se o véu da misteriosa história de um provável assassinato. De um dia para o outro transformou-se de vilão em herói e foi contratado, pelo supermercado concorrente no bairro, para o cargo de supervisor auxiliar.

A colega Valéria beirava trinta anos de idade e vestia-se com simplicidade próxima ao desprovemento. A vida não devia estar lá essas coisas para o lado dela.

– Prefiro que você ouça a história da boca do próprio cliente – ela falou. E fomos ouvi-la.

Era difícil acreditar que uma trombada de bicicleta fizesse tanto estrago. O paciente estava com o crânio enfaixado, o rosto inchado e o braço esquerdo paralisado. Com esforço e em voz baixa explanou sua versão da história. Embora narrada com aparente sinceridade, eu tinha certeza de que ela jamais convenceria a polícia.

O oboísta nos contou que a mulher, por quem era apaixonado, saíra de casa havia onze anos e nunca mais retornara. Sumira sem quê nem por quê. Ele tinha certeza de que havia

partido por vontade própria, embora não pudesse imaginar a razão, e que nada de mau acontecera com ela, pois levava consigo uma mala cheia de roupas e outros objetos seus; além disso, sacara aplicações financeiras e contas conjuntas que mantinham em dois bancos.

– E por que – indaguei, escondendo qualquer expressão de ironia na voz e no semblante – você fingiu viver com ela até agora?

– Vergonha – respondeu sem vacilar.

E contou que nos primeiros três dias do desaparecimento da esposa ficara tão atordoado, sem entender o motivo daquele ato jamais imaginado, que, quando um ou outro vizinho indagava por ela, ele dizia que estava gripada, de cama, e eles acreditavam de pronto. E não havia por que duvidar: sempre fora um homem discreto, educado, condômino exemplar, um artista, pessoa sensível.

– Além disso – Olavo César não se pejou de dizer –, até hoje sou um sujeito que qualquer mulher deseja como marido. Modéstia à parte, sou bem apessoado, instruído e, embora não ganhe o que todo bom artista deveria ganhar, tenho uma profissão digna e admirada. O que diriam se soubessem que esse indivíduo havia sido abandonado pela mulher, com apenas três anos de casados? O que pensariam de mim? Que explicação haveria para isso, se nem eu sabia o que dizer?

O desprestígio aterrorizava-o. A vergonha, o pavor de se transformar em alvo de chacotas e risos impedia-o de comunicar o acontecimento aos vizinhos. E quanto mais se passavam os dias, mais difícil ficava falar a verdade e mais rotineira e facilmente manavam as fabulações. Os dias se passavam e ele repetia a história da reclusão da esposa por motivo de doença. Vencida a gripe, sobreviera uma enfermidade crônica que haveria de impe-

dir a esposa de sair de casa para sempre. Qual melhor que a síndrome do pânico, que prescinde de idas a laboratórios e hospitais para tratamento médico? Em pouco tempo, todos os conhecidos, cientes do problema psicológico de Rebeca, acabaram aceitando e compreendendo a triste situação. As frequentes indagações sobre o estado dela, obstinadamente inalterado, foram substituídas por cortesias e burocráticas recomendações e votos de breve restabelecimento.

É lógico que necessitou simular a presença da mulher no apartamento nas poucas horas em que ele precisava se ausentar. Deixar a televisão ligada era a mais fácil e corriqueira estratégia. E ele ficava pouco tempo fora, sem que isso significasse sacrifício, pois era caseiro por natureza.

A ficção vivida durante alguns anos logo se confundiu com a realidade e se incorporou aos fatos cotidianos, à verdade insofismável das vicissitudes com as quais somos obrigados a conviver. Quando Olavo César despertou do coma e se viu algemado, custou muitos segundos a conceber que vivera uma mentira todos aqueles anos.

A polícia não acreditava numa palavra daquela história. Nem ela nem ninguém. Só Olavo César. A seu favor havia apenas um argumento: a falta do cadáver. Não era um detalhe de-simportante. Contudo, embora dificultasse o convencimento do júri para uma condenação, por tempo merecido, a assassinos de semelhante calibre, a ausência do corpo da esposa, da materialidade, não haveria de impedir a prisão do oboísta, nem que fosse pelo crime de falsidade ideológica, por fazer declaração falsa para alterar a verdade sobre fato juridicamente relevante. Ele poderia mofar na prisão, de um a cinco anos, além de ficar sujeito ao pagamento de multa.

Aceitei representá-lo no tribunal. Basearia a defesa na

falta de evidências de assassinato e na compreensível, embora pueril, atitude do cliente de tentar preservar sua imagem... sua imagem de quê? Pensaria depois, com mais calma.

Após 46 dias de internação, Olavo César recebeu alta do hospital. As sessões diárias de fisioterapia para recuperação dos movimentos do braço esquerdo precisariam ser continuadas em regime ambulatorial. E, em liberdade, aguardaria o julgamento. Numa manhã chuvosa de abril, duas semanas depois da alta, Silvana abriu a porta de minha sala e descarregou:

– Tem aí uma mulher que quer falar com você. Não marcou hora, mas diz que é importante.

– Mande entrar.

O perfume ocupou todo o espaço, aderiu a cada molécula do ar na sala e invadiu-me as narinas, pulmões, corpo inteiro e arrepiou-me a pele. Delícia. Aspirei novamente. Inebriante. Levantei-me e cumprimentei a mulher de aproximadamente 35 anos, morena, queimada de sol, cabelos e olhos castanhos.

– Bom dia – ela retribuiu. – Eu sou Rebeca, ex-esposa de Olavo César de Almeida Costa.

Demorei algum tempo fixando o olhar tranquilo e seguro da bela ex-esposa de meu cliente. Tudo nela – especialmente o olhar, os gestos, o porte – exalava segurança e determinação. Era difícil alguém não se deixar cativar por ela. Confesso não ter sido exceção, apesar de sempre haver tido o cuidado de não me envolver emocionalmente com mulheres ligadas aos processos de que trato. Por fim, falei:

– Sente-se, por favor. Foi ótimo a senhora aparecer. Vai livrar seu marido, desculpe, seu ex-marido da cadeia.

– É... – ela anuiu, desviando os olhos para a janela à sua esquerda.

– Parece que a senhora não está muito entusiasmada com isso.

Ela voltou a me olhar com a segurança de antes.

– O senhor é muito perspicaz. Tem razão. Nem sei direito por que estou aqui. Custei a me decidir. Vim mais por uma espécie de obrigação moral ou coisa parecida.

– Posso saber o motivo dessa indecisão?

– É simples: ele não merece. E eu refleti muito se não seria mais justo ele passar algum tempo na prisão. – Suspirou, puxou a saia que ameaçava mostrar mais que os joelhos surpreendentemente roliços no corpo esbelto, e completou: – Mas já me decidi: estou pronta para fazer o que o senhor quiser. – Pela primeira vez seus olhos perderam a plácida firmeza. Ela baixou a cabeça, perturbada com o que dissera, mexeu-se na cadeira e corrigiu: – Quer dizer, estou a sua disposição para irmos à delegacia ou onde for preciso e mostrar que Olavo César é... que ele não é um assassino.

– Tive uma momentânea impressão de que a senhora ia dizer que ele é inocente, mas acabou desistindo.

– Ninguém é inocente, não é mesmo?

– Depois de certa idade, uns dois meses de vida – brinquei –, acho que não, a senhora está certa. – Ela sorriu. Descontraiu-se. Os dentes eram brancos e alinhados. Perfeitos.

– Por favor, não me chame de senhora. Estou me sentindo uma velha, quer dizer, mais ainda do que sou.

– Tudo bem, desde que você não me chame de senhor, está bem? – Ela sorriu e anuiu com a cabeça. Eu prossegui: – Você está preparada para enfrentar as perguntas do delegado e do juiz? Algumas podem ser indiscretas demais. Eles vão querer tudo muito bem esclarecido.

Rebeca se acomodou melhor na cadeira, respirou fundo e indagou:

– O quê, por exemplo?

– Além da suspeição de homicídio, pesa sobre Olavo César a acusação de falsidade ideológica. Ele simulou sua existência

dentro do apartamento durante todos esses anos de separação. Ele mentiu aos vizinhos, os fez de bobos. Decerto estão revoltados. Talvez o delegado e o juiz queiram outras explicações, saber dos detalhes. A imprensa também. Vão querer saber onde você estava, o que aconteceu...

– Isso não! – ela clamou, interrompendo. Baixou a cabeça, alisou a saia sobre as coxas e ergueu novamente os olhos. – Vou contar a você tudo que aconteceu. Vou contar o que nunca contei a ninguém. Mas com uma condição: você manterá segredo sobre dois pontos. Concorda? – Fiz que sim com a cabeça, sem lograr esconder a hesitação. Rebeca insistiu: – Promete? – Prometi. – Ninguém, além de você, que é o advogado e tem o dever de manter sigilo, em respeito à ética profissional, deverá saber por que saí de casa. Você dirá que saí por motivos particulares e fui viver em outra cidade, e que os detalhes relativos a esses fatos não influem em nada no esclarecimento do caso. Isso não basta?

– Acredito que sim.

Rebeca levantou os olhos acima de minha cabeça, decerto em busca de imagens guardadas na própria memória havia anos, e, num tom de voz baixo e suave, narrou o que aconteceu.

Onze anos atrás, sua irmã viera de São Paulo com a filha e o marido passar alguns dias com ela aqui no Rio de Janeiro. Rebeca adorava recebê-los. O apartamento de dois quartos era suficiente para ela e Olavo César, um casal sem filhos, e apertado para as visitas, que não se importavam, acomodavam-se nele de qualquer jeito, inundando-o de constante alegria. Naquela ocasião, ficaram uma semana. No último dia, de manhã, ela e a irmã saíram, em companhia do cunhado, para ajudá-lo a escolher lembranças que desejava levar de presente aos pais e irmãos paulistanos. Na volta, enquanto o casal punha as compras no carro,

ela subiu ao apartamento e, sem ser notada, viu Olavo César com a sobrinha de seis anos no colo, ele de sunga e a menina de vestidinho curto, e ele... ele... Eu objetei, intervindo na vacilação de Rebeca, ponderando que, em situações como aquela, às vezes é muito difícil discernir libidinagem de carinho afetuoso normal de um parente adulto em uma criança. Mas ela replicou, incisiva, que os homens podem ter dúvida, mas as mulheres nunca têm, elas sabem, só de ver, num relance, o que é amor e o que é safadeza. Não questionei mais seu ponto de vista: sua segurança não admitia dúvidas.

– E o que você fez?

– Dei três passos atrás, na ponta dos pés e, com a voz mais natural que consegui, gritei: Isabela, olha o que titia trouxe para você. Ela veio logo, com aquela carinha de sempre, rindo, pulando, ávida pelo sorvete de morango que eu lhe trazia todas as manhãs. Fiquei grudada nela até a hora de partirem. Na despedida, abraçada a minha irmã, sussurrei no seu ouvido que ela não deveria voltar ali enquanto Isabela fosse pequena. Ela se assustou, quis se soltar de meus braços, me olhar nos olhos, mas eu não deixei, me agarrei a ela, bem forte, nossos rostos colados, e cochichei no seu ouvido que não se preocupasse, estava tudo bem, podia acreditar em mim, mas exigi que me promettesse, houvesse o que houvesse, ficar longe dali até Isabela se tornar uma jovem apta a se cuidar, roguei que confiasse em mim, como fizera até então, e deixasse por minha conta as providências que precisavam ser tomadas. “Você promete?”, eu perguntei, séria, quase brigando. Ela relutou, mas acabou concordando, movendo a cabeça junto à minha. “Jura?”, insisti. “Juro”, ela assentiu, com a voz embargada.

Rebeca me confessou ignorar, naquela ocasião, o que ia fazer. Estava transtornada. Esforçava-se para se controlar, mos-

trar-se natural, mas o coração batia forte, descompassado, ecoando nas têmeoras, dificultando a respiração. “Tenho que me acalmar para poder raciocinar”, pensara. “Nada de tomar decisão apressada, no calor da raiva.”

– A primeira idéia, vou ser sincera a você, foi matar Olavo César. Não de um modo planejado, tipo envenenamento. Não. Quis matá-lo a porretadas ou facadas. Mas consegui me refrear. Pensei em minha irmã e em Isabela. Estavam a salvo. Pensei em mim. Não podia me prejudicar por causa de um canalha pervertido. Foi aí que brotou a idéia de deixá-lo, largar aquela podridão, ir para bem longe, apagar tudo aquilo de minha vida, ser outra pessoa, renascer.

E assim fez. Passou o resto do dia e os dois dias seguintes agindo com a naturalidade habitual. Não queria que Olavo César, depois, pudesse relacionar sua atitude à patifaria cometida por ele. Receava alguma desforra contra a sobrinha ou a irmã, maquiada pela mente doentia do calhorda. E também seria uma forma de castigá-lo, ferindo seu mais precioso bem, a soberba, a presunção de ser um sedutor incomparável, humilhando-o ao incutir-lhe eterna dúvida sobre a causa da fuga. A probabilidade de ter sido preterido por outro homem haveria de corroer-lhe as entranhas e a alma pelo resto da existência. Foram dois dias e meio de minucioso planejamento da partida e instalação dos alicerces para a nova vida descortinada. Escolheu o lugar para onde iria. Redigiu o bilhete para acertá-lo em cheio: “Sei tudo de você: um passo em falso e vai se ver na cadeia, para o prazer dos tarados. Sei tudo de você e você não sabe nada de mim.” Foi ao banco, abriu uma conta individual e transferiu para ela aplicações e depósitos de contas conjuntas. Reservou passagem e hotel e, numa manhã de bastante sol, enquanto o marido caminhava na praia, exibindo-se, vaidoso, aos olhos do mulherio carente,

ela arrumou a mala, telefonou para a irmã, dizendo que daria notícias, deixou o bilhete na mesa e desapareceu.

– Fui para Portugal. Hospedei-me num hotel em Lisboa e me empenhei na descoberta de um jeito de me estabelecer por lá. Consegui. A situação econômica do país, na época, estava difícil. Ao fim de três semanas surgiu a oportunidade de investir como sócia numa quinta próxima ao Porto, a qual estava a necessitar uma injeção de capital. Você conhece Portugal? A cidade do Porto?

– Conheço alguns vinhos de lá.

– Gosta?

– Bastante.

– Talvez tenha tomado algum dos meus – ela disse, sorrindo, orgulhosa. – Quem sabe?

– Se ainda não tomei, vou querer tomar.

Rebeca continuou sorrindo e assegurou:

– Vai ser por minha conta. Faça questão.

Aceitei a oferta, rindo com ela.

Combinamos nos encontrar, à tarde, defronte à delegacia, para ela se apresentar e dar seu depoimento.

Foi mais rápido do que esperávamos. Nenhum vizinho apresentou queixa de haver sido enganado pelo réu. Rebeca, de sua parte, mostrou documentos de identidade e prestou depoimento: disse que não residia mais no Rio de Janeiro e que soubera por noticiários das acusações ao marido, de quem estava afastada havia onze anos. Suas declarações foram redigidas, ela leu, conferiu e assinou.

Meu trabalho se encerrava com êxito. Sem saber ainda, meu cliente se livrara das suspeitas e acusações. Ofereci-me a Rebeca para levá-la de carro até o hotel onde estava hospedada. No trajeto, elogiei seu gesto. Afinal, eu mesmo tinha dúvidas se

meu cliente merecia sair ileso daquela história. Se não merecia punição por assassinato e por mentir aos crédulos vizinhos por mais de uma década, ao menos deveria amargar alguma pena pela nojenta lascívia flagrada por Rebeca. Ela conjecturou durante algum tempo e falou:

– Em vez de vir direto para o Rio, desembarquei em São Paulo. Queria visitar minha irmã. No princípio não sabia exatamente qual atitude tomar. Quis ver Isabela, conversar com minha sobrinha querida, sondar seu espírito. Fiquei satisfeita. Está com 17 anos, feliz, saudável. Estou certa de que não percebeu a maldade, onze anos atrás. Estuda, é inteligente, tem namorado, ou namorados, não sei, hoje em dia as coisas são diferentes de minha época. Só sei que está muito bem. É uma garota linda. Tenho comigo uma foto que ela me deu. Quer ver?

Tirou da bolsa, esperou que eu parasse o carro num sinal fechado e me mostrou. Não pude conter a observação:

– É linda, sim. – E aproveitei a deixa: – Parece com a tia.

Rebeca sorriu. Fez uma pausa e continuou:

– Consegui o que queria. Preservei a integridade e o equilíbrio mental e emocional de minha família e acho que a de outras também. Olavo César, pelo visto, de um jeito ou de outro, pagou pela torpeza feita: vive sozinho, mal, afundado em mentiras e agora, além de desmoralizado e com a auto-estima em frangalhos, parece que não vai mais poder tocar seu oboé, mesmo se recuperar alguns movimentos da mão afetada. Enquanto ele se arrasta nessa vidinha miserável, minha família vai muito bem, obrigada, e eu também, lá longe, em paz com minhas uvas.

Parei na frente do hotel e cobrei a promessa:

– Quando iremos saborear o Porto? Hoje à noite?

– Pode ser – ela aceitou, animada.

– Pego você aqui, às vinte horas, está bem?

À noite, sentados à mesa do restaurante com vista para a enseada de Botafogo, Rebeca suspirou e disse:

– É a paisagem mais bonita do mundo.

– Também acho, mesmo sem ter visto o mundo inteiro.

Você tem coragem de deixar isso aqui, de novo?

Ela tentou sorrir, mas não conseguiu. Baixou os olhos. Foi salva pelo garçom.

– A carta de vinhos – pedimos juntos e rimos.

Deixei a escolha por conta dela, é claro. Era especialista. Sabia tudo de lá.

– Duas Quintas Reserva? – perguntei, depois que o garçom nos serviu. Com a taça na mão, quis saber: – É seu?

– Não. É de um vizinho.

– Vamos brindar a quê? – instiguei.

Rebeca hesitou, refletiu um pouco e, esquivando-se de qualquer alusão que soasse comprometedor, sugeriu:

– Às uvas e à vida?

– Às uvas e à vida! – saudei, tocando sua taça com a minha.

Quase não falamos. Conversamos com os olhos durante todo o jantar. Ao fim da sobremesa e com a segunda garrafa já pela metade do saboroso vinho da região do Douro, enquanto ríamos não sei de quê, segurei suas mãos. Por poucos segundos, permitidos por ela. Macias, elogiei. Uso luvas para trabalhar, ela explicou.

Meio zonzo, deixei o carro no estacionamento e pedi um táxi. Moro sozinho, murmurei no seu ouvido. Vamos para o meu apartamento? Não, ela respondeu baixinho. Essas decisões precisam ser tomadas com a cabeça no lugar e a minha está nas nuvens. Amanhã? Minha pergunta ficou sem resposta.

Dormi nas nuvens, onde a cabeça de Rebeca flutuara. De

manhã, no escritório, olhava para o telefone a cada minuto. Não saí para almoçar. Não podia arriscar. No meio da tarde, Silvana deu duas batidas na porta e entrou, sem esperar resposta.

– Um garoto veio entregar isso aqui pra você – falou e pôs o presente em cima da escrivaninha.

Era uma garrafa de vinho do Porto. Colado à caixa cilíndrica, um envelope. Abri e retirei o bilhete.

Meu amigo,

A paixão, nós sabemos, é um fogo intenso e abrasador, mas efêmero. Apaga-se logo, com a posse do objeto ou do ser desejado. O amor, embora bem mais suave, semeado e conservado com paciência, compreensão, tolerância e carinhos (como se faz para abtenção de um bom vinho), é duradouro, às vezes imperecível. Sou bem-aventurada. Retorno ao Porto, onde me esperam dois amores cultivados com muita serenidade, cuidado e ternura: um vinhedo e um português.

Adeus.

Importante evento literário de Santa Maria

É com grande satisfação que a Editora UFSM apoia a publicação do Concurso Literário Felipe D'Oliveira, que chega a sua 39ª Edição, sendo um importante evento literário e cultural de Santa Maria.

O presente livro conta com os trabalhos premiados nos quatro últimos concursos (2013-2016), totalizando 82 trabalhos, distribuídos entre crônica, conto e poesia, os quais foram selecionados a partir de uma criteriosa revisão feita por professores e pesquisadores da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) e da Academia Santa-Mariense de Letras (ASL), a quem agradecemos pela dedicação, acuidade e pelo comprometimento.

A Editora UFSM tem orgulho em apoiar esta publicação no ano em que lança a segunda edição da obra completa do poeta Felipe D'Oliveira, antiga reivindicação da comunidade. Temos a convicção de que resgatar a obra de Felipe D'Oliveira - o qual partiu tão cedo - e qualificar cada vez mais o concurso literário são fundamentais para a preservação de nossa identidade cultural, bem como fundamentais para valorizar e respeitar personalidades que com seu trabalho, dedicação e altivez contribuíram para engrandecer o nome da nossa cidade.

Por fim, reiteramos a todos os envolvidos no Concurso Literário e nesta publicação os nossos sinceros cumprimentos desejando que ações como essas sejam cada vez mais presentes em nossa cidade. Reafirmamos ainda o compromisso institucional da Editora UFSM de apoiar as atividades que contribuam para o desenvolvimento cultural e literário.

A todos uma boa leitura!

Prof. Dr. Daniel Arruda Coronel

Diretor da Editora UFSM

Membro da Academia Santa-Mariense de Letras (ASL)

Paulo Afonso Burmann
Reitor da UFSM

Paulo Bayard Dias Gonçalves
Vice-Reitor da UFSM

Daniel Arruda Coronel
Diretor da Editora da UFSM



